



Museu de Arte da UFC - MAUC

EXPOSIÇÃO VIRTUAL

**ARTE EM
TEMPOS DE
COVID-19**

Museu de Arte da UFC ~ MAUC

EXPOSIÇÃO VIRTUAL

ARTE EM TEMPOS DE COVID-19

15 de abril a 15 de maio de 2020



FORTALEZA
2021

Exposição virtual arte em tempos de COVID-19

© 2021 by Museu de Arte da UFC - Mauc

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora do Centro Universitário Christus – EdUnichristus

R. João Adolfo Gurgel, 133 – Cocó – Fortaleza – Ceará

CEP: 60190 - 180 – Tel.: (85) 3265-8100 (Diretoria)

Internet: <https://unichristus.edu.br/editora/>

E-mail: editora01@unichristus.edu.br

Editora filiada à



Revisão de Texto

Elzenir Coelho Rolim

Capa

Andressa Chaves de Oliveira

Programação Visual e Editoração Gráfica

Andressa Chaves de Oliveira

Jefferson S. F. Mesquita

Ficha Catalográfica

Ficha Catalográfica elaborada por Tereza Cristina Araújo de Moura – Bibliotecária – CRB-3/884

M986e Museu de Arte da UFC - MAUC.

Exposição virtual Arte em Tempos de COVID-19 (15 de abril a 15 de maio de 2020) [recurso eletrônico] / Museu de Arte da UFC - MAUC. - Fortaleza : EdUnichristus, 2021.

463 p. : il

15.860 Kb; e-book - PDF

ISBN 978-65-89839-06-4

1. Exposição virtual. 2. Arte. 3. COVID-19. I. Título.

CDD 779

CENTRO UNIVERSITÁRIO CHRISTUS

Reitor

José Lima de Carvalho Rocha

EdUnichristus

Diretor Executivo

Estevão Lima de Carvalho Rocha

Conselho Editorial

Carla Monique Lopes Mourão

Edson Lopes da Ponte

Elnivan Moreira de Souza

Fayga Silveira Bedê

Francisco Artur Forte Oliveira

Marcos Kubrusly

Maria Bernadette Frota Amora Silva

Régis Barroso Silva

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

REITOR

Prof. José Cândido L. B. de Albuquerque

VICE-REITOR

Prof. José Glauco Lobo Filho

DIRETORA DO MUSEU DE ARTE

Graciele Karine Siqueira

FICHA TÉCNICA

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Graciele Siqueira

IDENTIDADE VISUAL E COMUNICAÇÃO

Núcleo de Comunicação

Coordenação

Kathleen Raelle de Paiva Silveira

EDITAL / EXPOSIÇÃO / COMUNICAÇÃO

Elaboração Edital

Graciele Siqueira

Helem Cristina Ribeiro

Kathleen Raelle Silveira

Saulo Moreno Rocha

Bolsistas

Arthur Afonso de Castro

Hellen Maria Maximina Vasconcelos

Talita Késsia de Sena

Thaís Lúcio Nicolau

Organização Documental

Auricélia França de Sousa Reis

Saulo Moreno Rocha

AÇÕES EDUCATIVAS

Núcleo Educativo

Coordenação

Saulo Moreno Rocha

Bolsista BIA

Isaac Sharon Martins Cardoso

Bolsista Arte

Andressa Chaves de Oliveira

Bolsistas PIBI

Adrielly de Fátima Rodrigues Lima

Clotilde Mariana Campos Santos

Natyelle Martins da Silva

Raíssa Freitas Alves

Thainá da Silva Mota

Programa de Voluntariado

Bruna Santos de Oliveira

Carla Bianca Amarante Correia

Carlos Kelvi Costa Araújo

Caroline do Socorro da Silva Gomes

Eliel Vitor de Freitas Santos

Certificação

Davi Loiola

Saulo Moreno Rocha

Thiago Nogueira

Parceiros Externos

Projeto de Extensão Escola Arte Livre

(Famed/UFC e Artes/IFCE)

Prof.^a Dr.^a Lia Sanders

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-

Graduação da Unichristus

Prof. Dr. Marcus Kubrusly

Editora Universitária Unichristus



SUMÁRIO

- 11 Mauc em tempos de pandemia e sua primeira exposição virtual
- 13 Arte em Tempos de COVID-19
- 15 Gestão e transformações no Mauc
- 17 O Museu de Arte e a documentação do presente pandêmico
- 21 O Núcleo de Comunicação do Mauc na exposição Arte em tempos de COVID-19
- 23 Arte e Educação Museal em tempos de pandemia
- 25 O Arquivo do Mauc e a exposição Arte em Tempos de COVID-19
- 27 Obras e Artistas
- 431 Convocatória
- 437 Impressões e comentários: artistas participantes da exposição Arte em tempos de COVID-19
- 455 Arte e Educação Museal: depoimentos de educadoras(es) que atuaram na exposição Arte em Tempos de COVID-19

Simplesmente... Virtual!¹

Uma oportunidade única e,
Repleta de cores e formas,
Em um fascínio singular...
Coberto de suavidades e
esmeros,
Para um tempo de reflexão,
Sem ilusão, mas com essência!
Misturando brilho e harmonia,
Em toques de sublimação,
Inspirados em fases e gestos,
Salpicados de uma certa razão!
Um tempo de enxergar e
Vislumbrar... Esculpidos ou
Gravados...
Os tons, os sons, os ritmos.
Um espaço para um abraço,
E um suspirar em lágrimas...
Obras de longo compasso e

De extremidades vivas!
Foi um espaço aberto...
Não por cortinas ou portas,
Mas por visualizações
dispostas!
E vimos e rimos e sentimos...
Emoção! Razão! Admiração!
Foi um tempo do prazer,
De um querer...
E torcer por muito mais.
Foi o espaço que ligou,
E um instante se juntou,
Em perspectivas de imagens...
E nos olhares aguçados,
Ficou um gesto parado...
Como de uma contemplação e,
Outros mistérios intrigados
Com nuances, caprichos e

Saudades...
Porém, de um tempo fértil,
Com requintes nostálgicos,
Descobrimos outros horizontes,
E o que nos restou...
Um colorido de sentidos
E de formas
E de contatos...
O tempo nos foi grato,
Por ser e estar no espaço,
Onde se realizou tão imensa
obra,
E, de expectativas paralelas,
Para um futuro encontro,
Com todas as nossas emoções...
Concretizadas!

José Alfredo Albuquerque

¹Ao longo de dois meses de exposição virtual, tivemos um público leal e que esperava ansiosamente pelas postagens. Neste grupo, destacamos a presença de José Alfredo Albuquerque, servidor técnico-administrativo da UFC, poeta e pessoa sensível às artes e à dor humana. Jofre interagiu em todas as postagens e trouxe e confrontou o seu olhar e seus sentimentos, apresentou-nos ao Mauc e ao público, de forma poética, sua forma de olhar para a produção artística produzida em tempos de pandemia. José Alfredo foi convidado para dar voz e ser a voz do nosso público nesta publicação, em que ele representa mais de 20 mil seguidores virtuais do Mauc. A presença dele neste e-book reforça nosso compromisso em escutar aqueles (as) para quem trabalhamos e para quem pensamos diariamente como fazer um museu de arte e universitário mais humano, mais acessível e mais inclusivo.

Mauc em tempos de pandemia e sua primeira exposição virtual

O Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará-Mauc começa a ser sonhado, durante o Modernismo cearense, no final da década de 1940, por modernistas das letras, das artes e da educação. Sua natureza é esta: é ser moderno, é ser vanguarda!

Gestado e nascido entre as décadas de 1950 e 1960, o moderno e antenado Mauc ganha forma por meio dos anseios e das reflexões de um grupo de intelectuais, gestores, políticos e artistas. Nasce dialogando com o sacro, com o popular, com o pop e com o erudito, fazendo valer o lema da Universidade “o Universal pelo Regional”.

Passou por mudança de sede, de estrutura física, de modelo expográfico, de modelos de gestão e segue vivo e atento às discussões modernas da Museologia, da Arte, do Patrimônio e da Educação, lugares em que circula com elegância, segurança e desenvoltura.

O Mauc finda o século XX alinhado com as tecnologias e inovações modernas desse período. Embriona e lança de dentro da casa (idealização do então diretor da época com um grupo de bolsistas curiosos e inovadores) uma página eletrônica arrojada, que, em 1999, disponibilizava grande parte do acervo artístico da instituição (antes da compreensão da Lei do Direito Autoral); toda a memória das visitas agendadas dos grupos, das aberturas das exposições, dos lançamentos de livros (possível de fazer o download); toda a memória das exposições realizadas com disponibilização de catálogos, recortes de jornais e fotografias, além das ações e conteúdos atualizados da instituição.


Paralelo às suas ações no “mundo real”, até 2014, essa página eletrônica funcionou como uma extensão física no único canal virtual do Museu de Arte da UFC e contava com

dois profissionais que cuidavam dos detalhes desse espaço expositivo. Nesse período, muitos museus já contavam com suas páginas eletrônicas modernas e antenadas às mais novas tecnologias disponíveis no século XXI. Sem medo de dar um passo atrás, o Mauc retira sua página da rede e volta a flertar com a tecnologia possível de mantê-lo ligado aos seus visitantes virtuais: cria sua primeira conta em uma rede social, o Facebook.

Entre 2018 e 2019, o Mauc dá mais alguns passos discretos, porém significativos. Rumo às novas conexões e relações virtuais, cria seu perfil no Instagram, um canal no Youtube, uma página no Flickr e relança seu site. Em cada um desses canais, o Mauc vai mostrando suas faces e expondo-se para o mundo...uma exposição sobre si, apesar de falar muitos dos outros. É um Museu que se abre para as exposições físicas, mas que se preocupa em trazê-las para o mundo virtual, como uma forma de aproximar quem está longe da instituição.

Em 2020, o mundo físico pede pausa, um vírus invisível a olho nu nos faz desacelerar, e o mundo virtual ganha mais velocidade e informação. Estamos todos conectados ao mesmo tempo e em uma mesma rede. A arte (plástica, musical, literária, poética, fotográfica, cinematográfica) é vista como o novo oásis para a alma, em face das incertezas e do medo do distanciamento social, do isolamento, da doença e do luto.

A pouco mais de um ano para completar 60 anos de atividades ininterruptas, o Mauc, para suas atividades físicas, “fecha suas portas” e se conecta, de forma visceral, ao mundo virtual. Consciente do seu lugar de vanguarda na história da museologia brasileira e ocupando, também, a função de observador do mundo real alheio, toma para si



a responsabilidade de convocar os artistas cearenses ou nascidos no Ceará para integrar este novo momento do museu e da humanidade e lança a Convocatória para a Exposição Virtual - ARTE EM TEMPOS DE COVID-19. O Mauc é fruto de muitas mãos e mentes criativas, surgindo assim a parceria com o Projeto de Extensão Escola Arte Livre (FAMED/UFC E ARTES/IFCE) e com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Unichristus.

A primeira exposição virtual do Mauc é para a instituição um marco histórico, mas é para sua equipe, para os artistas e para o público a possibilidade de reforçamento dos vínculos preexistentes e o estabelecimento de novos, resultando na constante renovação do Museu, da Arte e da Sociedade.

A finalidade e os objetivos desta exposição estão bem definidos: 1) promover a valorização diária da arte e dos artistas cearenses ou residentes no Ceará; 2) disponibilizar, nas redes sociais do Mauc, um conteúdo diário sobre os artistas participantes, uma minibiografia e a sua produção

artística contemporânea; 3) manter atualizado o público que usufrui dos serviços prestados pelo Mauc (físico e virtual) sobre o cenário artístico em tempos de pandemia; e 4) manter a saúde mental dos artistas e da sociedade.

Por fim, Mauc, Escola Arte Livre e PRPPG-Unichristus se unem em prol da arte e em prol da vida! E, parafraseando Nise da Silveira, famosa psiquiatra brasileira e “mãe” da arte como terapia, “é necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade.”

Fiquem bem e, se possível, fiquem em casa!

Abril, 2020.

Graciele Siqueira
Museóloga e Diretora
Museu de Arte
Universidade Federal do Ceará

Arte em tempos de COVID-19

*“A voz do poeta necessita ser não meramente o registro e o testemunho do homem
– ela pode ser uma das escoras, o pilar para ajudá-lo a subsistir e prevalecer.”*

Willian Fulkner

E se andássemos tão adoecidos que uma pandemia fosse a única forma de parar um globo que já não girava bem? Saúde e doença são inerentes à vida, mas nada nos comove mais que a morte. Vínhamos acostumados a situá-la em um fim distante de nós e dos nossos. De repente, a pandemia da COVID19 coloca a morte à nossa espreita e em toda parte. Amargo remédio.

Estamos agarrados ao mundo da forma que conhecemos. Cultivamos velhos conflitos, perpetuamos padrões. Assim agimos por inércia e, convenhamos, por falta de imaginação. Temos dificuldade em conceber uma vida diferente da que levamos. Mais que representar nossas dores, a arte pode nos ajudar a antever o mundo que ensaiamos construir e pavimentar nossas almas para as imperativas transformações.

Esta não seria nossa primeira oportunidade de renascer após um flagelo. O Renascimento, cujas transformações nas artes, na filosofia e nas ciências foram essenciais para desenvolvimento de todos os campos da

sociedade, tornou-se ainda mais pujante após a peste negra.

A dor de grandes crises nos obriga à reinvenção. Incapazes de enxergar além do nosso umbigo, atentamos agora para o invisível. E não é que a arte capta o invisível, o indizível, o inefável! A arte traduz o espírito do tempo e descortina o porvir.

Se cada um não resolve mais do seu jeito, como estabelecer relações mais humanas? O que queremos conservar e o que não mais encontra espaço em nossas vidas? Como os tempos de Covid-19 pairam sobre a produção artística contemporânea e o que ela nos revela? O Museu de Arte da UFC abre espaço virtual, como requer a circunstância, para que elaborem as respostas.

Fortaleza, 12 de abril de 2020.

**Lia Sanders
Marcos Kubrusly**

Gestão e transformações no Mauc

Nos últimos anos, por meio de um trabalho coletivo e cuidadoso, o Museu de Arte da UFC vem reformulando suas políticas de gestão em diversos níveis. Essas mudanças resultaram não apenas na ampliação de sua equipe como também de sua rede de parceiros, multiplicando os projetos. A música ocupou os espaços do Mauc com mais frequência, oficinas das mais diversas técnicas trouxeram o público para fazer arte conosco, implementamos políticas de acessibilidade, implantamos o projeto educativo, consolidamos o núcleo de comunicação; e programas de formação interna nos levaram a conhecer outros que, como nós, trabalham pela arte e pela cultura. O Mauc construiu, portanto, um ambiente propício à inovação e à participação de sua equipe e do público nas suas ações.

Todas essas mudanças, que, nem sempre foram trilhadas facilmente, sem que esperássemos, nos fizeram mais preparados para 2020, o que desafiaria, mais uma vez, a nossa capacidade de inovar a relação do Mauc com o público.

Fechamos as portas em 17 de março de 2020 diante da pandemia de Covid-19. Mas, apesar dos receios, a equipe abraçou este projeto nunca pensado, nem planejado, de manter o diálogo do Mauc com seu público em tempos de isolamento social. Assim, surgiu a Exposição Virtual Arte em Tempos de Covid-19, fruto de uma parceria em outro projeto e também do desejo de estar com nosso público em meio a tempos de isolamento.

Do ponto de vista da gestão, podemos afirmar que

essa iniciativa trouxe uma experiência enriquecedora sobre o desenvolvimento e a implementação de medidas de curto e médio prazo em face de um cenário social inesperado. Essas soluções nos permitiram, em meio a pandemia, continuar realizando nossa missão de “Produzir conhecimento através da arte, compartilhando experiências inspiradoras e envolventes de acolhimento, preservação, pesquisa e inovação para promoção do patrimônio cearense e da UFC”.

O formato virtual nos mostrou que, dentro de suas especificidades, o trabalho necessário para sua realização não é menor em relação à montagem de uma exposição física. A construção da convocatória envolveu esforços da administração, do Núcleo Educativo e do Núcleo de Comunicação do museu e foi norteadada pelo desejo de ser abrangente dada a pluralidade que a própria arte traz em sua essência. Mas, para além deste objetivo, Arte em Tempos de Covid-19 nos conta sobre o lugar da arte em nossas vidas em momentos críticos, deixando um importante legado registrado e acessível às futuras gerações.

Esperamos logo poder fruir da arte nos espaços do Mauc com o nosso público, arte em tempos de reencontro e renovação de nossas perspectivas e esperanças para construirmos juntos novos caminhos para cultura em nosso estado e em nosso país.

Helem Cristina Ribeiro de Oliveira Correia
Administradora do Museu de Arte da UFC

O Museu de Arte e a documentação do presente pandêmico

O que será do futuro? Que futuro queremos, sonhamos e o que teremos? O devir, como sempre, é uma incógnita. As noções de tempo, que não são universais, mais do que nunca, são embaralhadas em um jogo complexo de emergências e refigurações que ora nos fazem acreditar que estamos vivendo realmente coisas absolutamente novas; porém, em outras circunstâncias, no mesmo presente, confrontam-nos com fatos que pensávamos superados, mas que teimam em ressurgir. No meio disso tudo e na particularidade de cada coletividade social, questões são colocadas, respostas são oferecidas e ações são postas em marcha, em uma sociedade anestesiada e sufocada por inúmeras novidades e ações nem tão novas. Assim, as reflexões sobre o papel dos museus, da memória e do patrimônio nunca mobilizaram tantas pessoas em diferentes partes do globo. Afinal, o que é o museu? A quem e a quais interesses servem? Quais papéis e funções cumprem em tempos ditos “normais” e em tempos pandêmicos? Como serão no “novo normal”?


Desde 16 de março, com as portas fechadas, com base nas medidas adotadas para o controle da pandemia do novo coronavírus, o Museu de Arte da UFC, assim que entrou em quarentena, colocou a si uma série de questões e também desafios. São perguntas difíceis, mas urgentes e necessárias, mobilizadoras e mobilizantes de novos fazeres e pensamentos. Enquanto, dia após dia, somos surpreendidos pelo número alarmante de mortos, luto e luta se imbricam na persistência pela vida - pessoal, institucional e coletiva.

Os museus estão respondendo de diferentes maneiras ao tempo presente e aos inúmeros desafios que

ele nos apresenta. Da produção e divulgação de conteúdos nas redes sociais digitais, passando pelas campanhas de apoio e mobilização social levadas a cabo pelos museus comunitários, temos visto uma movimentação intensa e extensa. A Semana de Museus de 2020, inteiramente online, foi um bom termômetro da vivacidade do campo museal brasileiro, apesar dos inúmeros revertérios de um 2020 atribulado, complexo e cheio de contradições. Contudo, nem todas as notícias são boas, e as demissões, afetando enorme e significativamente os educativos, apontam para um cenário delicado, de crescente esvaziamento e desmonte das políticas públicas e de desamparo às instituições que, por sua vez, repassam o ônus da crise àqueles e àquelas já tão vulnerabilizados: as trabalhadoras e os trabalhadores.

O Mauc, como instituição pública, mantido por uma universidade, sofreu pouco os abalos gerais observados no campo. O fechamento das suas portas implicou uma reorganização de sua existência, mas não aconteceram demissões, o que, diante de tudo que temos observado, é um alívio. Entretanto, foi tempo de repensar o museu, a sua dinâmica e pôr em marcha novas formas de existir, de se conectar com a classe artística e com os públicos. O tempo pandêmico exigia uma digitalização de nossa existência e assim procedemos, dentro das possibilidades e limitações de nossa atual realidade.

A Exposição Arte em Tempos de COVID-19 nasceu, pois, do desejo de estarmos próximos, mesmo que no distanciamento físico. Foi organizada com a dedicação e o rigor que também empenhamos em outras formas de expor; afinal, uma exposição por via digital proporciona



muitas possibilidades. Neste texto, pretendo detalhar, mesmo que brevemente, alguns aspectos técnicos e operacionais da produção da mostra, especificamente com relação à documentação das obras expostas e sua importância.

A documentação é uma função e uma prática fundamental em qualquer museu. Podemos compreendê-la como os modos pelos quais as instituições organizam e representam as informações associadas aos bens culturais que salvagam; portanto, é parte significativa da musealização, ou seja, do processo que faz com que certas evidências do mundo, selecionadas, sejam incorporadas às coleções. Um objeto, seja qual for, dissociado dos seus aspectos informacionais, torna-se empobrecido, seja para fins de comunicação, de educação ou de pesquisa. Assim, as práticas documentais nos museus alimentam novas pesquisas que, por sua vez, realimentam o sistema documental, produzindo ciclos incessantes de informação com potencial para a geração de conhecimento e do novo, terreno fértil para as práticas educativas e para a construção colaborativa de sentidos.

Com isso, de modo mais amplo, podemos pensar que o museu é sempre uma forma de documentar o Real, por meio de fragmentos de mundo valorados e aos quais se atribui musealidade, ou seja, um valor distintivo que orienta as práticas de seleção, colecionamento e preservação. Quando atribuímos musealidade e colocamos em marcha as operações técnico-científicas museológicas, compomos, com outros agentes e agências, modos específicos de nos relacionarmos com o mundo, de representá-lo e de perpetuá-lo, sempre fragmentário, mas virtualmente totalizante. Cada fragmento de nossa existência guarda a potencialidade de múltiplas leituras e olhares, de infindáveis possibilidades de apropriação

nos circuitos difusos e, muitas vezes, (i)mapeáveis de circulação, usos e abusos de bens culturais.

No caso de nossa exposição, o processo de musealização foi desenvolvido com base em uma convocatória pública, lançada à sociedade, mais precisamente, aos (às) artistas. Como critérios, não foram definidos elementos de uma curadoria restritiva, mas foram acolhidas todas as inscrições recebidas, desde que respeitados certos princípios, conforme o item 5.3 do edital, que dizia “Conteúdos que incitem violência, preconceito, racismo, pornografia ou que desrespeitem a imagem de pessoas e instituições não serão aceitos para integrar o projeto e serão excluídos.” Também, em sintonia com sua missão, recorte territorial e capacidade técnica, o museu limitou a participação aos (às) artistas nascidos ou residentes no Ceará. Trata-se de um outro recorte seletivo.

Definida a convocatória e publicada em nosso site e redes sociais, o trabalho continuou a todo vapor nos bastidores. Em parceria com a colega Auricélia França, técnica em arquivos do Mauc, fizemos, inicialmente, uma verificação das inscrições enviadas, de modo a identificar inconsistências e responder às pessoas com o pedido de complementação, caso necessário. O sistema de documentação museológica foi criado com os recursos que tivemos à nossa disposição: tabela de Excel e pastas com a identificação de cada artista, no drive da conta de e-mail que utilizamos.

A Coleção Digital Arte em Tempos de COVID-19 reúne, portanto, todas as obras enviadas e aceitas para a exposição. A cada artista foi atribuído um número de identificação - respeitada a ordem de envio da inscrição - e cada um(a) recebeu uma pasta específica, na qual eram adicionadas as imagens das obras e a foto da(o) artista.

Na tabela Excel, tínhamos os seguintes campos

para inserção dos metadados:

número de entrada: numeração geral, sequencial, que identifica cada imagem na coleção;

número de registro: utilizamos um sistema alfanumérico (combinação de letras e números) - ex.: ATC-MAUC-001 - sendo ATC a sigla para Arte em Tempos de COVID-19, MAUC a sigla do Museu de Arte da UFC e a numeração, sequencial, com a possibilidade de comportar desdobramentos (partes de uma mesma obra). O desdobramento foi importante, visto que alguns artistas enviaram mais de uma imagem de uma mesma obra, focalizando diferentes detalhes ou perspectivas. Nesses casos, utilizamos o desdobramento, identificando as distintas imagens por um único número seguido de letras minúsculas, ex.: ATC-MAUC-001a, ATC-MAUC-001b, etc;

autor(a): nome da(o) artista;

título: título que nomeia as obras enviadas, atribuído pelo(a) autor(a);

técnica: identificação da técnica artística empregada na produção da obra;

dimensões/duração: medidas das obras em centímetros, pixels (quando nato digitais) e duração (caso dos vídeos) em minutos ou segundos;

ano: ano de produção da obra;

texto do(a) artista: pequeno texto escrito pelo(a) artista sobre sua obra, os significados, sentimentos e sensações ao produzi-las. Trata-se de um depoimento, muito importante para pesquisas e para a interpretação da produção;

data de recebimento: data em que o(a) artista enviou a inscrição;

data de registro: data em que a obra foi registrada na coleção;

data de publicação nas redes sociais: data em

que a obra foi publicada nas redes sociais do Mauc;


responsável: técnico responsável pelo registro, no caso, o museólogo.

Em foram os campos básicos para fins de documentação. Importante registrar que esta foi uma primeira etapa que possibilitou a organização e representação de informações, servindo à produção deste Catálogo e, posteriormente, poderá servir a pesquisas e também a desdobramentos documentais significativos para o museu e para o sistema da arte.

Nas suas perspectivas de registro e colecionamento, os museus operam sempre por recortes. Certamente não é diferente com a Coleção Arte em Tempos de Covid-19 e a exposição realizada em meios digitais. Ao material que documentamos deverá ser, no futuro, acrescida toda uma gama de outras informações, relativas às interações e diálogos dos públicos com as obras, portanto, às dinâmicas de circulação e recepção. Em um mundo de tanta digitalização, operam os museus em novas chaves, reinventando funções e seus próprios modos de atuar, revendo e reorganizando suas linguagens e gramáticas expositivas e seus horizontes sociopolíticos.

O presente ainda é de assombro, dúvidas e receios. O futuro é um campo ainda mais aberto e permeável ao imprevisto e ao descontrole - desconhecido. De nossa parte, como um museu de arte universitário, cremos ter feito parte de um movimento mais amplo de documentação desse momento pandêmico, construindo possibilidades para o registro e a elaboração de narrativas e discursos que serão, também, parte do nosso dever coletivo, de nossa memória do presente.

Tanto a arte como o museu vivem movimentos acelerados de transformação e mutação. Esperamos que tais disrupções produzam novas realidades, menos



herméticas e assimétricas, mas mobilizando uma construção coletivizada, generosa e comprometida com a vida. Eis, pois, um dos nossos grandes desafios: transformarmo-nos, permanentemente, contribuindo com a crítica sistemática e contundente às políticas de morte e construindo um porvir fraterno e justo por meio da memória, do patrimônio e da arte, reconhecendo, nas pessoas e

nas suas poéticas, o valor primordial a ser reconhecido, preservado e valorizado.

Saulo Moreno Rocha

Museólogo do Museu de Arte da UFC

Coordenador do Núcleo Educativo

O Núcleo de Comunicação do Mauc na Exposição Arte em Tempos de COVID-19

Durante a pandemia da Covid-19, o Núcleo de Comunicação do Mauc (NC-Mauc) precisou se ajustar ao novo ritmo para continuar levando conhecimentos e informações ao público que acompanha o museu nos seus meios virtuais, esse foi um desafio já amenizado quando a exposição "Arte em Tempos de Covid-19" surgiu como uma forma de conseguirmos manter o Mauc aberto de alguma maneira, pois a ideia de expor todos os dias uma nova obra nas redes sociais do Museu daria ao público a presença do Mauc. E, mais do que isso, a exposição deu ao público a presença da arte em suas variadas expressões, possibilitou a percepção do momento por outros ângulos e, para o NC-Mauc, foi mais uma forma de cumprir a missão do Museu em levar arte de forma gratuita e o mais acessível possível.

Kathleen Raelle Silveira

Assistente em Administração da UFC e coordenadora do Núcleo de Comunicação do Mauc.

Nessa exposição do Mauc, percebi como a arte é acessível e como ela tem um poder imenso de expressão. Identifiquei-me bastante com muitas obras sobre esse tempo de pandemia, que traziam, de forma muito sensível, o que muitos estão sentindo nesse momento. A arte tem essa possibilidade de expressar o que nem sempre as palavras conseguem. Foi muito interessante ver os diversos olhares sobre esse período e o quão diversa e popular é nossa arte.

Hellen Maria Maximina Vasconcelos

Estudante do Curso de Jornalismo-UFC e bolsista do Laboratório Audiovisual do Museu de Arte da UFC (LAMauc), projeto do Programa de Promoção da Cultura Artística (PPCA-Bolsa Arte) da Secretaria de Cultura Artística da UFC.

Com o início da pandemia e o fechamento necessário dos museus, eu fiquei muito feliz pela iniciativa do Mauc em realizar uma exposição virtual e manter essa forma de contato com o público, mesmo que a distância. Quando a demanda da identidade visual chegou, procuramos manter a linha de informações mais claras e diretas, adotada na comunicação das redes sociais do museu, mas sem perder um toque artístico. Para isso, seguindo as orientações e referências passadas, utilizei uma mancha que remete a uma pincelada. Sobrepondo essa mancha, têm-se o nome da exposição e informações adicionais, como o período de inscrição e os nomes dos (das) artistas. Adotou-se uma paleta de cores que foi aplicada nas postagens diárias como capa para as obras.

Talita Késsia de Sena

Estudante do Curso de Design-UFC e bolsista do projeto "Mauc: uma nova recepção estética" vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da UFC.

Arte e Educação Museal em tempos de pandemia

Vivemos no contemporâneo intensas modificações provocadas pela pandemia de COVID-19 que assola todo o mundo, com impactos significativos em todos os campos e em nossas vidas. O Núcleo Educativo do Mauc, após o fechamento das portas do museu, medida importante para contenção da pandemia, continuou sua atuação, buscando reinventar-se, diariamente, e manter-se próximo dos públicos, também tentando alcançar os não públicos do Museu de Arte.

Mais do que nunca, o cenário pandêmico evidenciou a importância da arte para todas e todos. Em casa, isolados (as) fisicamente, mergulhamos em lives, ouvimos muitas músicas, assistimos a filmes, interagimos com obras de arte pelas redes sociais e também escrevemos e inscrevemo-nos no mundo digital. Foi um desafio imenso reposicionar o papel do museu e de seu educativo para além das ações tradicionais que marcam o nosso saber-fazer cotidiano, como as visitas mediadas às exposições, as oficinas e encontros artísticos. Foi necessário refletir coletivamente e traçar novas rotas.

Assim que passamos às atividades remotas, iniciamos um Ciclo Formativo em Arte, Educação e Museologia, com duas reuniões semanais e muitos debates e reflexões sobre as questões pertinentes à nossa existência como NEMauc. Foram sendo construídas propostas de atuação e de mediação artístico-cultural em tempos de digitalização da vida e do fazer arte e museu.


Por meio de vídeos diários, publicados nos stories

do perfil pessoal de cada educador(a) e repostados pelo perfil do Mauc, atuamos irradiando e compartilhando questões e reflexões sobre as obras presentes na exposição Arte em Tempos de COVID-19. Foi uma oportunidade rica de conhecer novos (as) artistas, os seus pensamentos, produções e saberes. Foi igualmente um desafio, pois implicava expor-se, em se colocar diante da câmera e projetar-se para os públicos, prática não muito comum para grande parte da equipe.

As ações de mediação museal online oportunizaram diálogos entre educadores(as) e artistas e com pessoas dos círculos mais próximos de cada um(a), além de trocas entre as(os) integrantes do NEMauc. Foi necessário criar uma rotina e uma metodologia para a gravação. Significou romper com a monotonia do isolamento, envolvendo preparação física e emocional, estudo, diálogo com a obra do (a) artista, criação de um roteiro, gravação, envio ao coordenador, postagem - o contato com o mundo externo por meio das ferramentas digitais.

Foram muitos os ganhos e os desafios de nossa atuação na primeira exposição virtual do Mauc. Temos como marca o desenvolvimento coletivo e cooperativo de nossas ações, metodologia de trabalho que se mostrou essencial para que conseguíssemos reinventar nossas formas de ser e existir como Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC. Nossos agradecimentos a todas e todos as (os) artistas, aos públicos e viva a arte e a cultura!

Núcleo Educativo do Mauc - NEMauc



Adrielly de Fátima Rodrigues Lima
(Bolsista PIBI - Graduanda em Biblioteconomia – UFC)

Andressa Chaves de Oliveira
(Bolsista Arte - Graduanda em Design – UFC)

Carla Bianca Amarante Correia
(Programa de Voluntariado - Graduada em História e mestranda em História Social/UFC)

Caroline do Socorro da Silva Gomes
(Programa de Voluntariado - Graduanda em História – UECE)

Clotilde Mariana Campos Santos
(Bolsista PIBI - Graduanda em História – UFC)

Eliei Vitor de Freitas Santos
(Programa de Voluntariado/LAPEArte - Graduando em História – UECE)

Isaac Sharon Martins Cardoso
(Bolsista BIA - Graduando em História/UFC)

Natyelle Martins da Silva
(Bolsista PIBI - Graduanda em Letras/Libras – UFC)

Raíssa Freitas Alves
(Bolsista PIBI - Graduanda em História – UFC)

Saulo Moreno Rocha
(Museólogo e coordenador do Núcleo Educativo do Mauc)

Thainá da Silva Mota
(Bolsista PIBI - Graduanda em História – UFC)

O Arquivo do Mauc e a exposição Arte em Tempos de COVID-19

Em 1957, o museu inicia suas atividades no Salão Nobre da Reitoria da Universidade do Ceará, onde esteve em exposição “Retrospectiva de Raimundo Cela e Vicente Leite”, sobre a curadoria e supervisão do Reitor em exercício Antônio Martins Filho.

Em 25 de junho de 1961, o Museu foi oficialmente instalado. Em sua exposição de inauguração, obras de renomados nomes foram trazidas para abrilhantar a população, como as de Francisco da Silva, Raimundo Cela, Sérvulo Esmeraldo, Barrica, Barboza Leite, Carmélio Cruz, Estrigas, Heloísa Juaçaba, Inimá, J. Figueirêdo, Jean-Pierre Chabloz, Lúcia Galeno, Nearco Araújo, R. Garcia, R. Kampos, W. Catunda e com a coleção do Museu de Arte da Universidade do Ceará de Gravura e Arte Popular.

Durante sua gestão como Reitor, Martins Filho define, como uma das políticas culturais para o recém-criado museu, uma política de aquisição de obras de artes, materiais bibliográficos, que ocorrem por meio de compras com envio de pessoal para aquisição do acervo que hoje compõe a coleção do MAUC e que é referência em várias áreas do conhecimento. Nesta mesma época, também teremos o início da formação de uma biblioteca dentro do museu.

Tendo como missão promover a valorização do patrimônio artístico do Ceará por meio da preservação, da pesquisa e da comunicação de seu acervo, visando ao acesso irrestrito e ao desenvolvimento das artes do estado, o MAUC conta com um acervo na área de artes plásticas, em que se destacam, na literatura da área, as coleções de Antônio Bandeira, Chico da Silva, Raimundo Cela, Descartes Gadelha, Aldemir Martins, Jean Pierre Chabloz, Xilogravura e Arte Popular (estampas, matrizes de xilogravuras, esculturas

em madeira e cerâmica do Ceará, Bahia e Pernambuco). O MAUC ainda possui uma coleção de arte sacra e gravuras e desenhos estrangeiros.


Dentro da estrutura do MAUC, existem três tipos de acervos de naturezas distintas: arquivístico, bibliográfico e museológico.

O acervo arquivístico do MAUC é de cunho histórico-institucional, ou seja, possui documentações que remontam a história do museu desde a idealização do Reitor Martins Filho até os dias atuais.

Uma das principais metas dos setores de arquivo das instituições públicas consiste em garantir ao usuário o acesso à informação solicitada de forma segura para o documento, para o profissional responsável e para o pesquisador, por meio de ações rotineiras de preservação de acervo. Além de atender à demanda externa, a instituição precisa garantir o acesso da demanda direta da administração/ órgão ao qual está vinculada.

Para que o documento seja preservado por um período de tempo mais longo, é necessário oferecer aos pesquisadores interessados as informações contidas sob sua guarda em condições de manuseio ou garantir que o conjunto passe pelo processo de digitalização completo.

Garantir a preservação e a difusão da informação é uma das obrigações das instituições que trabalham com a temática da memória. Para tanto, é necessário encontrar soluções seguras (políticas de acervo) de processamento técnico de coleta, guarda, higienização, organização, acondicionamento e difusão de seus acervos, bem como garantir o suporte à pesquisa técnica, administrativa e financeira produzindo, recolhendo, selecionando e



arquivando documentos gerados de maneira organizada. Isso significa que, para ter todo esse suporte, as instituições devem possuir uma boa gestão arquivística, a fim de obterem um maior controle sobre as informações que produzem e/ou recebem, racionalizar os espaços de guarda de documentos, desenvolver com mais eficiência e rapidez suas atividades, atendendo com qualidade os pesquisadores e cidadãos.

Dividimos em fase a metodologia que utilizamos na triagem e organização das documentações da I Exposição Virtual durante a pandemia, são elas:

primeira fase: separação e reconhecimento documental

Na primeira fase, foram realizados o Check list, a identificação, a separação e enumeração das documentações, visto que algumas inscrições estavam incompletas. Durante essa fase, isso nos possibilitou um amplo conhecimento de cada artista e obras por eles enviadas.

Segunda fase: identificação documental e separação por pastas

Nessa fase, foram realizadas a identificação e a enumeração dos documentos e obras enviadas pelos artistas. Essa numeração será para identificação das pastas no setor

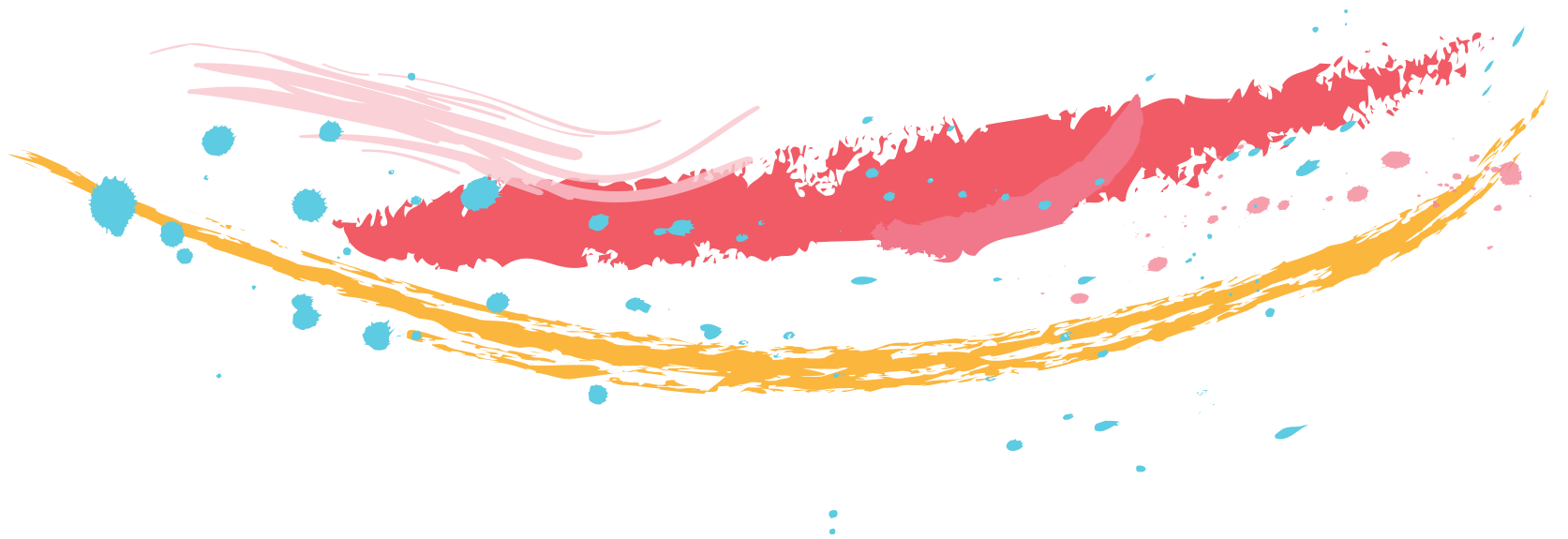
de arquivo. Cada artista receberá uma pasta no banco de dados virtual e também na pasta física. Essas pastas serão separadas por ano e data da exposição e arquivadas compondo o acervo de pastas de exposições realizadas no Mauc, ocorridas em 2020. Posteriormente o acesso se dará de forma rápida e precisa.

As pastas da I Exposição virtual comporão o acervo institucional de exposições realizadas pelo Museu datada desde 1957 (pré-museu), onde as exposições eram expostas no salão nobre da Reitoria. A partir de 1961, o Mauc é construído e inaugurado, realizando, a partir de então, suas exposições em seu interior.

É essencial ressaltar que o projeto da I Exposição Virtual durante a pandemia torna-se relevante, por possuir documentações de extrema importância histórica, por se tratar de obras produzidas durante o isolamento social, fato atípico vivido por todo o mundo durante o primeiro semestre de 2020 e de relevância temática para a sociedade e para o pesquisador.

Auricélia França de Sousa Reis
Técnica em Arquivos do Museu de Arte

OBRAS E ARTISTAS



GERSON IPIRAJÁ



Nasceu em Fortaleza, dedica-se à pesquisa e ao ensino da gravura; participou de inúmeras exposições pelo Ceará, Brasil e estrangeiro. Vamos destacar as cinco últimas: Monólitos - Museu Jaguaribano - Aracati/CE - (2020); Panorâmica Gráfica (25 anos de atividades) - Museu de Arte da UFC (2019); Festival de La Gráfica - México (2019); International Print Biennial Varna - Bulgária (2019 / 2011); International Contemporary Engraving Biennial Ploiesty - Romênia (2019/2017/2015/2013/2011).



Batalhas que se travam no universo sutil (série)

Técnica: desenho/ nanquim e grafite sobre papel Fabriano.

Dimensões: 23 cm X 13 cm.



Batalhas que se travam no universo sutil (série)

Técnica: desenho/ nanquim e grafite sobre papel Fabriano.

Dimensões: 23 cm X 13 cm.

Dando continuidade às pesquisas plásticas e gráficas que venho desenvolvendo, neste momento, para além do medo terráqueo, desenrolam-se num universo que está para além desta compreensão, batalhas, entre forças que penso serem indescritíveis nas palavras. A



Batalhas que se travam no universo sutil (série)

Técnica: desenho/ nanquim e grafite sobre papel Fabriano.

Dimensões: 23 cm X 13 cm.

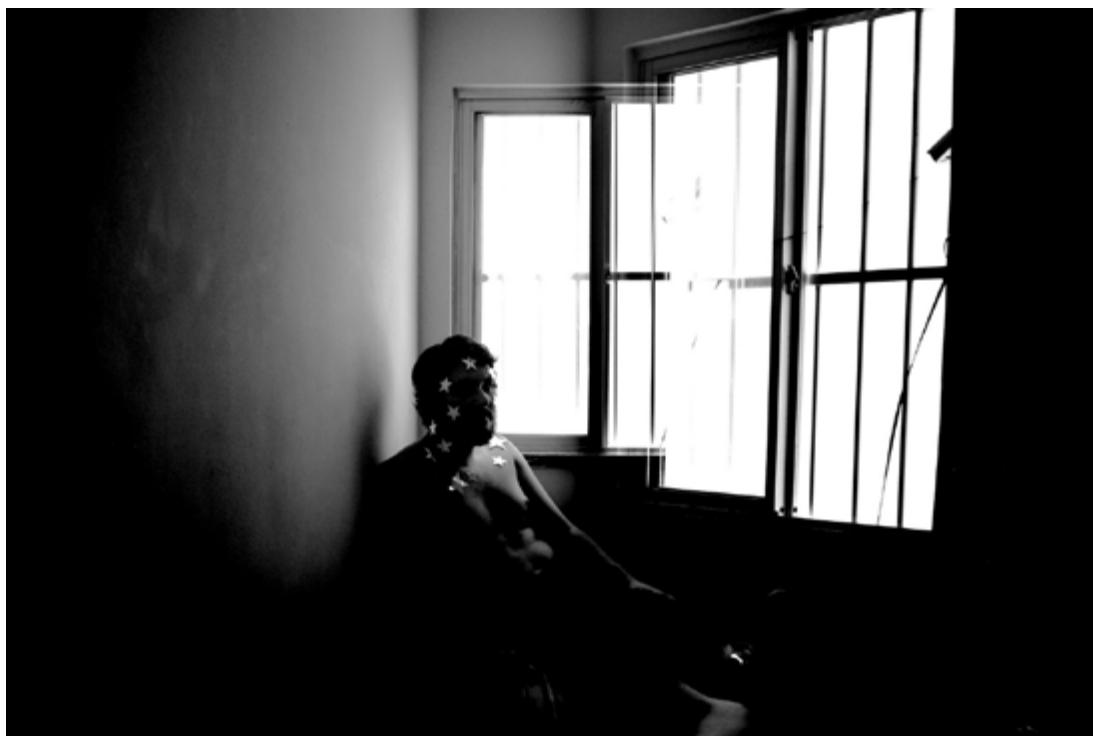
pesquisa simbólica das ancestralidades que venho desenvolvendo se pretende a uma força e uma carga signífica desses referenciais dos

mundos imagéticos e sutis , canalizando a consciência criativa para conectar-se a estes.

TATIANA TAVARES



Professora de Arte. Formada em Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal do Ceará, Campus Fortaleza – IFCE. Atualmente cursa especialização em História da Arte na Estácio. Faz pesquisa no campo da História da Arte e Fotografia. Na perspectiva fotográfica, tem uma relação mais próxima com a fotoperformance. Busca participar de movimentos na cidade de Fortaleza onde há difusão da fotografia, em especial para fortalecer as mulheres que são fotógrafas. Já participou de algumas exposições dentro e fora do estado do Ceará.



Estrela cadente #2
Técnica: fotografia digital.
Dimensões: 6000 x 4000 pixels.




Estrela cadente #2

Técnica: fotografia digital.

Dimensões: 6000 x 4000 pixels.

As duas imagens, realizadas dentro do apartamento da fotógrafa, querem trazer à tona a solidão. Somos solitários desde antes o isolamento por causa da

COVID-19. A vida na contemporaneidade já nos traz essa forma de viver. Edward Hopper nos mostrou isso em suas inúmeras pinturas. Hoje, forçosamente



paramos para nos dar conta dessa solidão que carregamos que não podemos mais maquiá. Já o título da imagem, Estrela cadente #2, quer mostrar de forma lúdica que a solidão nem sempre é um

sinônimo de tristeza ou apenas algo sombrio, afinal, como viver em sociedade se não começamos gostando da nossa própria companhia?

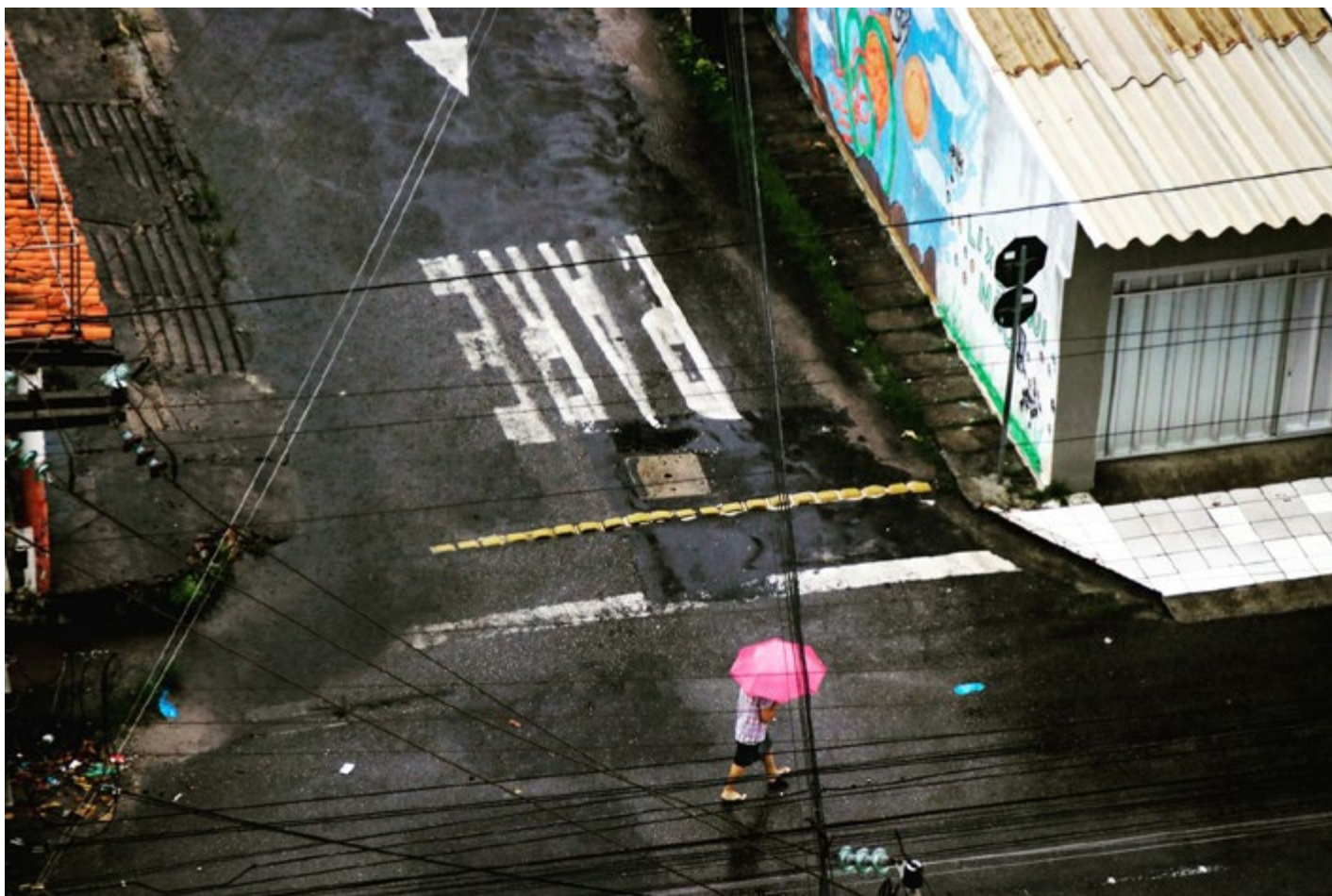
CLÁUDIO RODRIGUES



Professor de literatura brasileira no Departamento de Literatura da UFC, amante da fotografia; reside no Ceará há seis anos.



Na Cadeira de Balanço
Técnica: fotografia.
Dimensões: não especificado.



O meio é a mensagem

Técnica: fotografia.

Dimensões: não especificado.

Desde o início da quarentena, tenho fotografado a cidade da sacada do apartamento ou da cobertura do prédio. Na primeira semana da quarentena,

porém, em um domingo, saí pela cidade pensando no romance Ensaio sobre a Cegueira, de José Saramago, e fotografei alguns lugares que estão



Feira de domingo na Avelino

Técnica: fotografia.

Dimensões: não especificado.

cheios de gente no fim de semana (as duas fotos do dia 22 de março). Outro ensaio publicado também no Instagram chama-se "Revisitando

mitos" no qual olho para a cidade em quarentena e penso em mitos clássicos do mundo grego, africano e indígena.

FRANCISCO IVO



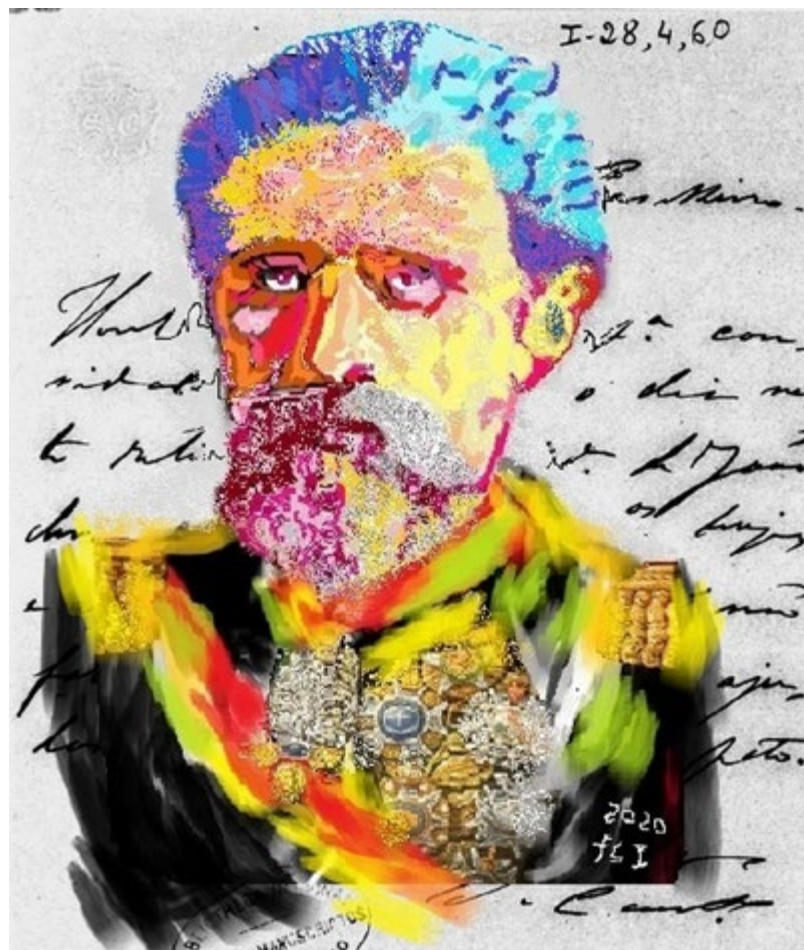
Cearense de Fortaleza, estudou desenho de arquitetura no Colégio Lourenço Filho e no curso Acrópolis de desenho, também em Fortaleza, onde veio a produzir suas primeiras pinturas nos anos 1980, tendo a Arte Naif como inspiração. Em 1987, concluiu o curso de Geologia e, em seguida, mudou-se para o Rio de Janeiro, fixando residência em Niterói. Nesse período, cursou aulas de pintura na Sociedade Brasileira de Belas Artes (SBBA), no Rio de Janeiro. Desde 2016, participa de exposições individuais e coletivas; entre as quais, destacamos: Individual no North Shopping Maracanaú/CE (2020); Coletiva no Museu do Sertão – Mossoró/RN (2019), Coletiva no Circuito de Arte Contemporânea de Curitiba – CACC – Curitiba/PR (2019).



Freire Alemão
Técnica: arte digital.
Dimensões: não especificado.

Trabalho de arte digital de dois membros da Comissão Científica de Exploração do Ceará Oitocentista e um painel inspirado em desenhos

do artista José dos Reis Carvalho, desenhista da comissão, complementado com detalhes de obras de minha autoria, as quais deram ao painel uma



Barão de Capanema
Técnica: arte digital.
Dimensões: não especificado.

cara da fauna e da flora do Ceará. Esta série digital contempla Francisco Freire Allemão (naturalista, médico e botânico, além de presidente da

comissão) e Guilherme Schüch, primeiro e único barão de Capanema (naturalista, engenheiro e físico) foi o responsável pela seção de geologia do



Natureza viva

Técnica: arte digital.

Dimensões: não especificado.

grupo. Este trabalho sobre a Comissão Científica do Ceará Oitocentista (1859 a 1861), tem por objetivo aproximar os naturalistas do público mais jovem, por empatia, ao modernizar as figuras

históricas desses homens das ciências e mostrar o quanto já se fez em nome das descobertas científicas em nosso país.

JOÃO VILNEI



Artista. Doutor em Arte e Design pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (2017), com apoio por financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia FCT/POPH/FSE, Mestre em Criação Artística Contemporânea pela Universidade de Aveiro (2010) e bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Universidade Federal do Ceará (2007). Professor adjunto do curso de Design Digital (2015) e permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes (2017), ambos da Universidade Federal do Ceará. Integra o Laboratório de Investigação em Corpo, Comunicação e Arte - LICCA/UFC, registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq, e o Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade - i2ADS/FBAUP. Participou do "Projeto Balbucio" durante toda a sua existência (2003-2011), coletivo de artistas brasileiros que dedicou grande parte da sua produção à investigação das interseções entre corpo, comunicação e arte [www.balbucio.com].



Performance

Este trabalho é um desdobramento de "The artist isn't present", com versões apresentadas em Berlim-ALE (2013), Torres Vedras-PT (2014), Flórida-EUA (2015), Penafiel-PT (2016) e Lousã-PT (2019). O projeto nasceu como uma paródia da exposição e filme da artista Marina Abramovic, "The artist is present", e, em sua primeira versão, consistia em um cartaz que era apresentado nos eventos nos

quais, por algum motivo, João Vilnei não pudesse participar. Nesta versão, o público poderá invocar o artista, ausente desta vez por causa da COVID -19, por meio de uma videochamada via Skype. Para isso, basta adicionar o perfil "joaovilnei". De casa, em Fortaleza, o artista, caso tenha conexão e esteja disponível, estará presente.



NATALY OLIVIER



Pintora, poeta e escritora cearense. Desde criança, praticava sua escrita, assim como o desenho e a pintura, encontrando, nos livros e na arte, um mundo do qual se sentia parte, usando a arte para se expressar. Pelo amor à literatura, entrou na faculdade de Letras da UECE, em 2014, e seguiu pintando paralelamente. Participou de uma exposição coletiva em Maracanaú, em 2018, e publicou seu primeiro livro de poesias “Palavras Grudadas nas Paredes da Alma” em 2019. Sua arte é de um teor sensível, que carrega sempre uma parte de si.



Oceano de Estorvos
Técnica: óleo sobre tela.
Dimensões: 30 x 40 cm.

Oceano de Estorvos reflete os pensamentos negativos que temos e que acabam nos consumindo. A figura representada acaba se tornando esses pensamentos, esse oceano que

devora o que vê na frente. E a escolha do azul foi justamente porque denota tristeza, melancolia. Gosto muito da natureza e sei que nela há muito conhecimento, muita sabedoria.



Procura da seiva

Técnica: óleo sobre tela.

Dimensões: 40 x 50 cm.

A *Procura da Seiva* remete a essa busca da seiva da árvore, do gene. Um teor existencial, de entender a si mesmo, suas complexidades um pouco melhor.



Destilo do casulo

Técnica: óleo sobre tela.

Dimensões: 40 x 50 cm.

Destilo do Casulo seria a quebra de seu mundo fechado. De alguns paradigmas. Brinquei um pouco com o lúdico, remetendo à fantasia com as cores e as libélulas modificadas. A posição da figura toda

comprimida em si reflete esse casulo, essa busca de voltar ao que era seu. Mas o mundo, o externo acaba invadindo o seu mundo trazendo-o à tona.

LIA SANDERS



Artista plástica, psiquiatra, professora universitária e escritora. Formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com doutorado em Neurociência Cognitiva / Psicologia pela Humboldt Universität zu Berlin (Berlin School of Mind and Brain), Lia Sanders é professora de Psiquiatria da UFC, onde coordena o projeto de extensão @escolaartelivreufc, e da Unichristus. Morou vários anos em Berlim, onde teve a oportunidade de fazer cursos de pintura e de participar de exposições coletivas e individuais. No Brasil, tem participado de exposições coletivas, entre as quais podemos citar: Fortaleza - Cores da Cidade, no Instituto Dragão do Mar de Arte e Cultura (2015), Novos olhares para Monalisa, no Museu do Ceará (2018), NossArte (2018, 2019) e Adjetivo Feminino (2020) no Mauc.



Mundo de regeneração
Técnica: acrílica sobre tela
Dimensões: 120x120cm.

Mundo de regeneração retrata o homem que se ajoelha diante da praga invisível. É uma súplica aos céus para que nos alivie o peso da pandemia e nos regenere.



A reinvenção do planeta
Técnica: técnica mista.
Dimensões: 100 x 100 cm.

A reinvenção do planeta coloca a família como célula-mãe para o recomeço após a Covid-19. A família é a família humana que agora se une diante da pandemia.



Arte em tempos de corona
Técnica: pastel sobre papel.
Dimensões: 22 x 24.8cm.

Arte em tempos de corona traz o vírus a desafiar nossas células, nossos pulmões e nossos corações. Os traços pueris carregam a esperança do recomeço; as cores enérgicas, a força de que precisamos na batalha.

MARIANA LETÍCIA



Só as coisas rasteiras me celestam

Mariana Letícia, 20 anos e moradora da Jurema. Como estudante de Artes Visuais, utiliza a arte, não como fuga, mas como encontro com essa realidade que desce rasgando ou vira nó na garganta. Denomina-se como amadora e faz registros fotográficos do cotidiano, do banal, não tem intuito de ter fotos posadas. Reinventa-se por tudo o que subentende como fazer artístico e vai tentando sobre(viver) no meio desse caos.



Teus rastros

Técnica: fotografia.

Dimensões: 3120 x 416 pixels.

Teus rastros. "Busco teus rastros pela cidade. nos passos de outrem. nas risadas de uma desconhecida. sinto teu perfume pelos bares. misturado ao suor dos jovens e as bebidas que servem de fuga. Outrora éramos nós dois percorrendo essas mesmas ruas, tropeçando entre calçadas, rindo de coisas de que nem me lembro, mas que, na época, tinham um teor de importância. Enquanto caminho pela noite, me



"Quem mora na rua também faz home office?"

Técnica: fotomontagem.

Dimensões: 720 x 720 pixels.

pergunto onde você estaria agora e se, também, estaria nessa busca. em vão. por rastros meus." "*Quem mora na rua também faz home office?*" Engraçado, o Estado é quem mais mata e agora tá preocupado se a população vai morrer de fome. eu queria era ver político tendo que sobreviver com um auxílio de 600 reais. Em tempos de pandemia é que vemos quem morre e quem só vira estatística. no Brasil? quarentena é luxo."

CAMILA VAS



Cearense nascida em Fortaleza, bacharel em Biblioteconomia pela UFC e estudante do curso de Artes Visuais no IFCE, dedica-se à investigação do subjetivo e das emoções humanas através de analogias entre a natureza e o comportamento humano tendo como base suas experiências.



Autorretrato [eu nunca mais vou dormir]

Técnica: lápis de cor.

Dimensões: 210 x 297 mm.

Durante a quarentena minha rotina mudou, mas não somente a minha, na vizinhança todos os barulhos e movimentos antes resguardados a horários predeterminados agora se tornam uma sinfonia incessante durante todo o dia. Como

resultado, minha insônia voltou e com ela todos os sinais de cansaço e olheiras. Essa mudança em meu corpo me fez refletir sobre as mudanças que experimentamos; nenhum de nós será o mesmo depois disso, muito menos nosso corpo.

MARCOS KUBRUSLY



Médico nefrologista, professor universitário no Centro Universitário Christus - Unichristus. Há mais de trinta anos, utiliza-se da arte como válvula de escape do dia a dia, pintando, principalmente, em momentos de angústia e incerteza. Não tem hábito de expor suas obras, apesar de colocá-las sempre nas paredes de sua casa. Esta é uma das poucas vezes que decidiu mostrá-las ao público.



Confinamento
Técnica: técnica mista
Dimensões: 30 x 42 cm.

A obra transmite por meio de uma “lágrima de sangue” o sofrimento social e psicológico relacionado ao confinamento representado pelo

emaranhado de “galhos pretos”. Os olhos fechados traduzem a ideia de aceitação, apesar de tanta dor.



Amparo

Técnica: técnica mista

Dimensões: 30 x 20 cm

"A obra transmite que nosso consolo verdadeiro em momento de adversidades vem de DEUS. De braços abertos nesta pintura, ele ampara todas nossas

lágrimas representadas aqui pelo escorrer natural dos pingos de tinta, dando-nos motivos para agradecer e aumentar nossa fé e esperança por dias melhores.



Esperança

Técnica: pastel.

Dimensões: 20 x 30 cm.

O desenho mostra a imagem serena de Jesus recebendo, de portas abertas, as pessoas que, de forma repentina, tiveram sua passagem para “casa eterna”. Todo este momento de desespero da

humanidade é levado à esperança, representada pela criança no centro com um sorriso singelo, segurando, em suas mãos, o símbolo da paz.

MÁRIO SÉRGIO FREITAS



Nasceu em Fortaleza, tem formação em Geografia; é amante das artes plásticas, em especial, das pinturas impressionistas com suas variações de estilos e técnicas. Desde a adolescência, interessou-se por desenho e ilustrações; no entanto, somente a partir de 2014, decidiu praticar e estudar pintura em tela, notadamente na temática paisagística. Iniciou os estudos com a técnica acrílica e, posteriormente, resolveu dedicar-se ao óleo, com o qual realizou cursos de aprimoramento e refinamento, tendo recebido aulas de grandes nomes da pintura paisagística nacional. Atualmente, pratica pinturas em óleo, aquarela e guache, com singular interesse pelas temáticas de paisagens naturais e suas variações regionais, paisagens antrópicas, ornitologia ilustrativa, além de variadas abordagens guiadas pela imaginação, curiosidade e vontade inesgotável de experimentar novidades e aprender.



Corrupião
Técnica: óleo sobre tela.
Dimensões: 20 x 25 cm.



Sairá-militar

Técnica: óleo sobre tela.

Dimensões: 20 x 25 cm.

A peça faz parte de uma série “Ornitologia Ilustrativa do Brasil”, que abrange pinturas que retratam pássaros tropicais brasileiros, dedicando-se especialmente às

espécies do norte e nordeste do país onde, invariavelmente, as cores de suas plumagens encantam aos olhos do observador. Dotado de uma



Sete-cores

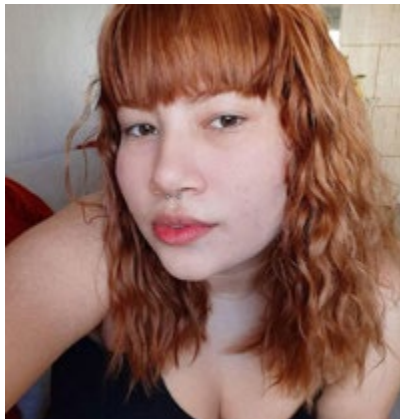
Técnica: óleo sobre tela.

Dimensões: 20 x 25 cm.

beleza singular, o corrupião é um pássaro que vive em quase todo o Brasil, além de outros países da América do Sul. Com sua inconfundível plumagem negra e tons

vermelho-alaranjados, consegue imitar cantos de outros pássaros. Pintura realizada em 5 de abril de 2020, durante a quarentena do Covid-19.

MELZIER



Melissa Morais Prates (Melzier) considera o Ceará seu lar desde que morou em Fortaleza, em 2012. Recentemente, voltou do Maranhão para cursar Design na Universidade Federal do Ceará. É apaixonada por toda forma de manifestação de arte, principalmente, em relação à pintura, seja manual, seja digital. Tem preferência pela pintura de rostos humanos, pois apresenta um fascínio pela mistura de tons que há sobre uma mesma pele. Importante salientar que a autora também preza pela própria voz de suas artes e aprecia ouvir suas diferentes interpretações.

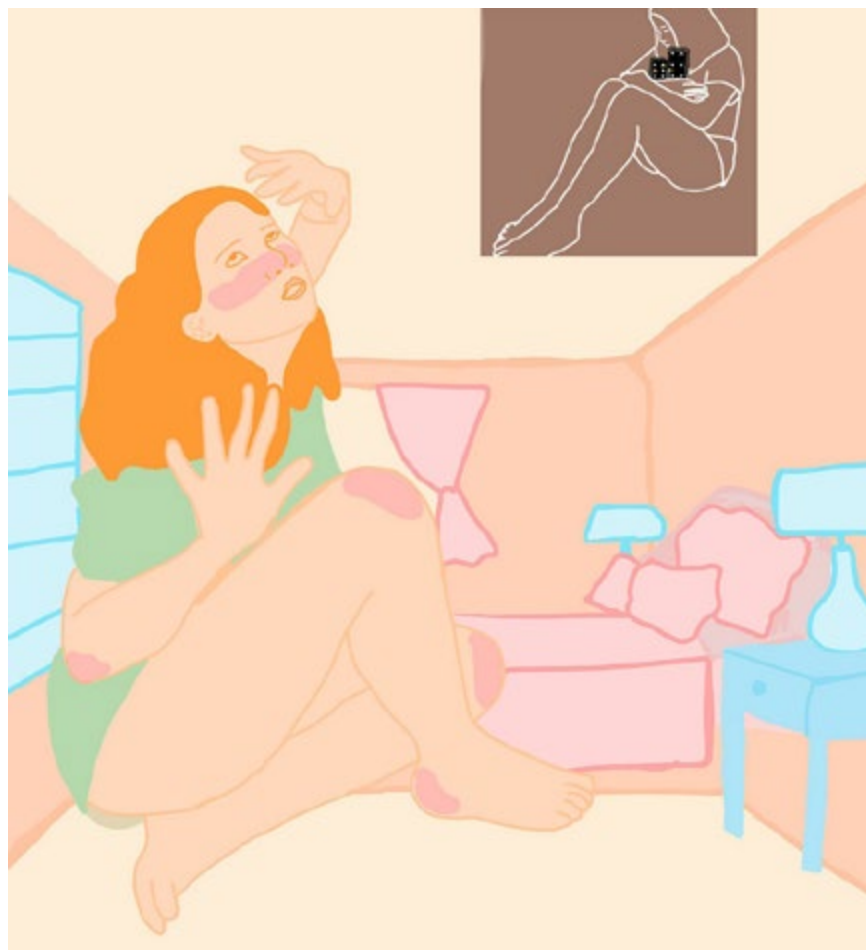


Pedços do meu eu

Técnica: arte digital (Photoshop).

Dimensões: 19,79 x 22,58 cm.

A obra trata de uma garota perdida psicologicamente em meio a tudo o que está acontecendo, inclusive, perdida de si mesma à procura de seus pedços para completar-se novamente.



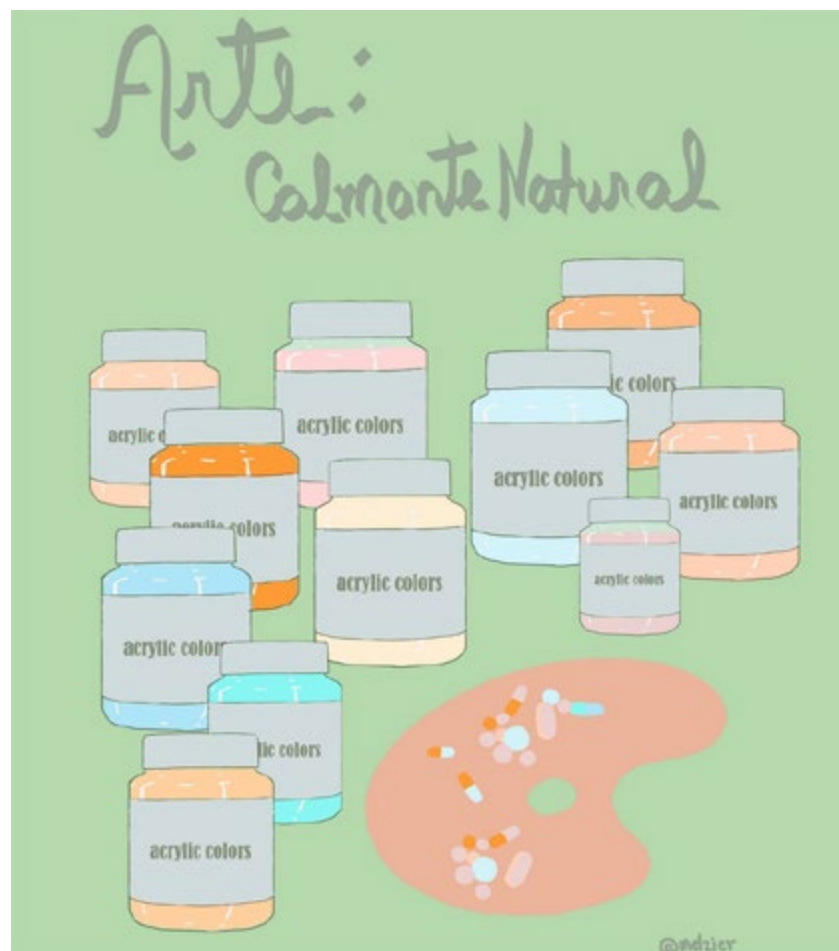
Pedaços do meu eu

Técnica: arte digital (Photoshop).

Dimensões: 29,7 cm x 32,39 cm.

A obra retrata uma garota que mal cabe no próprio quarto, como se a casa não fosse mais suficiente para acolhê-la. Ademais, há um destaque dela

tentando proteger prédios com as mãos, mostrando preocupação com outras pessoas.



Pedaços do meu eu

Técnica: arte digital (Photoshop).

Dimensões: 29,7 cm x 42 cm.

A obra mostra o que tem me acalmado perante a tudo o que está ocorrendo, a arte sempre foi o meu descanso e paz.

DIANA FERREIRA TELES



Nascida em Fortaleza – Ceará, bacharel em Estilismo e Moda pela Universidade Federal do Ceará desde 2007. Atuou como designer de moda por dez anos no mercado local e nacional. Atualmente, é graduanda do curso de Biblioteconomia da UFC. Possui interesse nas áreas de Ciências da Informação, Arte, Cultura, Museologia, Documentação, Lógica de programação e Biblioterapia. Apropria-se da linguagem artística do desenho e da ilustração como forma de contar histórias e dar vida aos sentimentos e impressões pessoais sobre o mundo, por meio de cores e traços que habitam no seu imaginário pessoal.



Mundo interior

Técnica: desenho sobre papel Kraft.

Dimensões: 21,0 x 29,7 cm.

Experiências anteriores mostraram-me que voltar-se a adversidades, apesar de todos os dias parecerem

para si mesmo, é o melhor "remédio" para superar as iguais: domingo é domingo! Relaxa e se cuida!

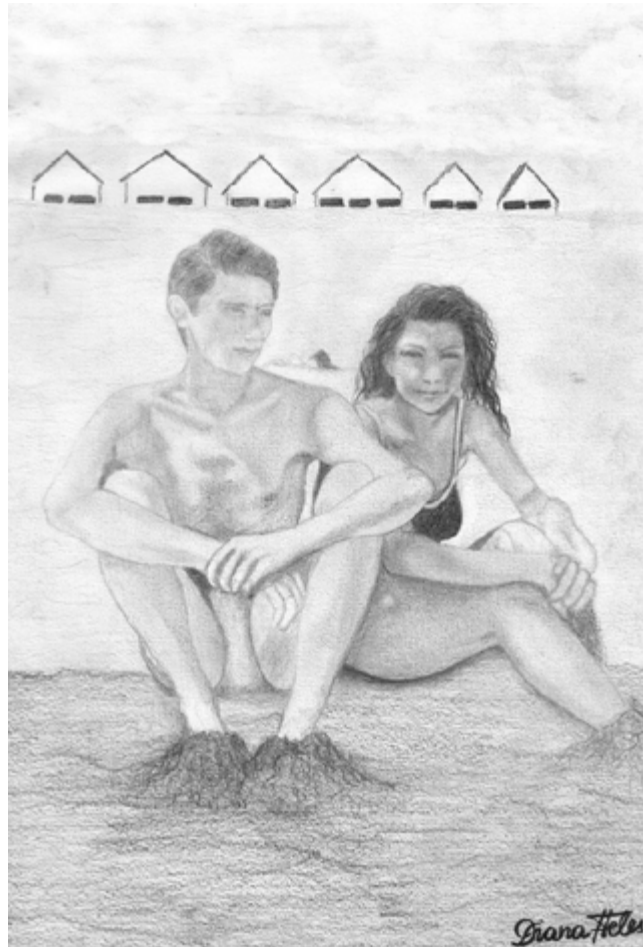


Luto manifesto

Técnica: desenho sobre papel Kraft.

Dimensões: 21,0 x 29,7 cm.

Por todos os que perderam a vida por causa da "gripezinha".



Saudades de estar perto

Técnica: desenho sobre papel Kraft.

Dimensões: 21,0 x 29,7 cm.

Movida pela saudade causada pelo distanciamento social, tentei traduzir em traços, luz e sombra o amor que sinto por eles: mamãe e papai curtindo uma praia em 1971.


SÉRGIO HELLE



Sérgio Helle desenvolve um trabalho em que mescla as mais novas ferramentas digitais com tradicionais técnicas de desenho e pintura. Com 32 anos de carreira, foi um dos primeiros artistas cearenses a utilizar o computador como ferramenta artística, tendo realizado, ainda em 1995, sua primeira exposição em que participou com infogravuras. Com a gravura *Paixão*, ganhou o Prêmio Gravura do Salão de Abril, em 2001. Sobre ela, registra Herbert Rolim, no livro *Salão de Abril – De casa para o mundo do mundo para casa*: “Foi o primeiro caso de infogravura, que aparece nos registros do Salão de Abril, reconhecido como categoria.” Com esse trabalho, o artista foi convidado para participar da III Bienal do Mercosul, naquele mesmo ano. Já realizou 15 exposições individuais, entre as quais destacamos: *PARADISUS* (Fortaleza, Itália e Portugal, 2018, 2017 e 2016); *FRAGMENTA* (Fortaleza, 2016), *ACQUA* (Salvador, 2015, Curitiba, 2013 e Fortaleza, 2010).




Abraço
Técnica: Infogravura.
Dimensões: Indefinido.



Fiz este trabalho para oferecer à população, disponibilizando o arquivo em alta resolução para que as pessoas pudessem imprimir a obra, sem tamanho definido. Foi disponibilizado, em redes sociais, no dia 31 de março, com o seguinte texto: “Em 1985, pinteí o meu primeiro abraço. Estava vendo um filme quando uma imagem me encantou. Na hora, dei um pause e desenhei o que via na TV.

A primeira individual, em 1988, chamava-se ‘Abraços’, um tema que revisitei treze anos depois na exposição ‘Abraço de Cinema’, já utilizando o computador como ferramenta de trabalho”. Em um tempo em que um gesto tão essencial não é recomendado, tenho feito novos trabalhos, como sempre, por meio de cenas de cinema e de TV. Queria oferecer este abraço para todos. Por um



mês, vai ficar disponível o arquivo em alta resolução. Link: <https://we.tl/t-OuzxS59TbJ> Feito a partir de uma cena da novela "Amor de Mãe" com a magnífica atriz @malugalli . Você pode guardar o arquivo para imprimir em fine art quando os birôs de impressão reabrirem, imprimir na sua casa, como preferir. Será

um trabalho sem tiragem nem tamanho definidos. Quando tudo isso passar e for novamente seguro nos abraçarmos, disponho-me a marcar um encontro em que vou assinar os trabalhos impressos por vocês. Espero que o abraço virtual que ofereço em breve tenha o calor da sua presença.

JÚLIO MACIEL



Fortalezense, pode ser considerado um artista multimídia, atuando nas artes plásticas, no teatro, no rádio e no vídeo. Durante os anos 1970 e 1980, fez várias exposições coletivas e recebeu prêmios de desenho, tanto no Salão dos Novos, quanto no Salão de Abril. Na X Unifor Plástica, levou o prêmio de Instalação e, segundo a crítica Radha Abramo, “o artista demonstra plenamente sua maturidade plástica e conceitual.” IstoÉ, jan. 87.; expôs, também, no Salão de Pernambuco. Nas décadas de 1980 e 1990 realizou várias performances plásticas nos salões locais. Participou de inúmeras exposições; entre as quais, destacamos a de 2018 e 2019: Ano 15 (Fortaleza); Terapoint, individual (Fortaleza); Pigalli, (Fortaleza); Heclectik- Art, Exposição Internacional (Portugal); e A OBRA (Fortaleza).



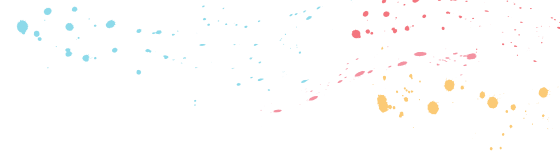
Creação versus criação

Técnica: pirografia sobre mdf.

Dimensões: 60 x 60 cm.



May the peace be with you
Técnica: pirografia sobre mdf.
Dimensões: 70 cm (diâmetro).



Durante o período de quarentena, alguns materiais ficaram difíceis de se obter; então, o artista se dá conta de que uma simples folha de mdf e um velho pirógrafo podem auxiliá-lo na intensa vontade de estabelecer um diálogo com outros isolados, neste ambiente pandêmico. Assim, ele se abre à profusão de mensagens a fluírem, freneticamente, nas redes sociais, e o tema, então, se delinea. Ressurgem Deus, o medo, o patriotismo e a ciência. Tudo imbricado a desafiá-lo. O Slogan do governo Federal, o avanço da violência, o discurso armamentista e a imensa dicotomia que se criou no país. Tudo isso se mistura e cria um cenário escatológico a exigir do artista sua fala, seu verbo. Em sua “oficina”, manipulando seu parco material, o artista divaga e propõe duas obras, com a mesma técnica: pirografia sobre placa de fibra amadeirada. Daí resulta: CREAÇÃO VERSUS CRIAÇÃO, uma instalação em que é a distribuição de três “braços”: o do Creador, o da Criatura e o de sua Criação. Estão dispostos em uma formação triangular a dialogarem com uma quarta peça de formato circular, posicionada no baricentro do triângulo. A intenção é levantar um debate acerca da humanidade e sua simbiose com a chamada inteligência artificial. Em síntese: Deus “Crea” o homem; o homem “cria” a máquina; e esta o destrói.

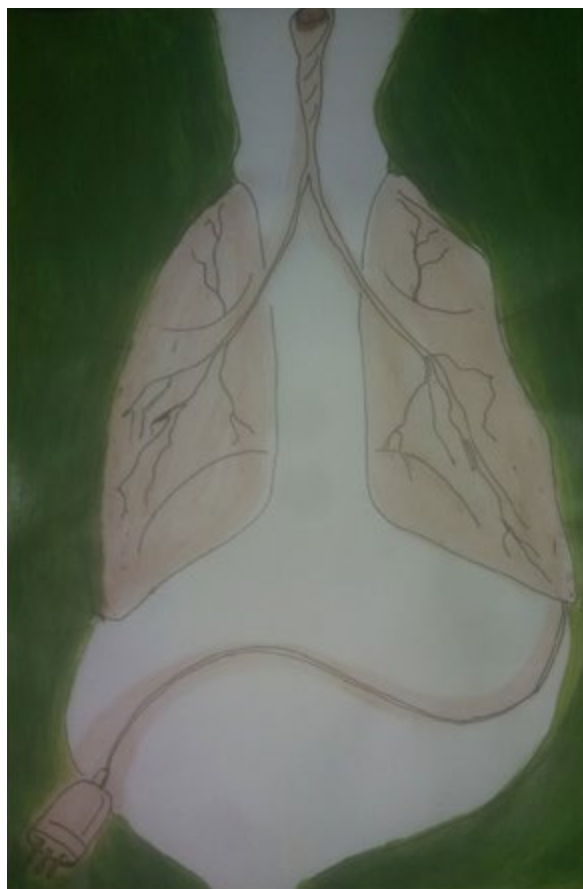
Embatem-se o Creacionismo e o Criacionismo! As peças, em separado, têm o seu valor estético, mas a instalação a ser contemplada na parede da galeria propõe a discussão, por meio de uma visibilidade expandida, exigindo um posicionamento filosófico do observador. Na obra MAY THE PEACE BE WITH YOU, em um octógono regular de 70 cm, sob a mesma técnica, o artista apropria-se da existência de uma espécie de “guerra santa” que parece ter-se instaurado no país, em que os atores, em um cenário de isolamento, que, muitas vezes, lembram “estados de sítio,” discutem apoiar ou não um discurso tomando partido em uma contenda política, envolvendo facções político-religiosas com ares apocalípticos. Assim, o artista vale-se de simbologias contrárias e, isto é, a estética das Catedrais Europeias com seus vitrais em confronto com artefatos da guerrilha urbana, como o “Cocktail Molotov” criado pelos filandezes em 1939, durante a invasão pela União Soviética. O resultado é o momento fotografado pelo “olho histórico do artista” como meio de denúncia desse instante “pré-explosivo” por que passamos. Não se trata, portanto, de um libelo antirreligioso, e, sim, da constatação da convivência antagônica de certos segmentos da sociedade moderna.



LUCAS ARAÚJO



Mestrando em Artes pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Licenciado e Especialista em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Professor de Língua Portuguesa – Seduc, CE. Escritor. Poeta. Artista Visual. Atualmente pesquisa e desenvolve o conceito de Pretografias.



Pulmões da Terra

Técnica: pintura. Acrílica, nanquim e pigmentos extraídos das cascas da Aroeira e da Ameixa sobre papel.

Dimensões: 21 x 29,7 cm.

Pulmões da Terra é uma provocação para que pensemos a vida, de modo que entendamos a limitação dos nossos corpos diante do organismo vivo que é a Terra. Uma obra embebida em um devaneio verde-musgo que nos leva à profundidade

de nossas casas-corpos. Um ultimato, um fica em casa que tem como uma das finalidades nos propor repensar nossos valores, enquanto sociedade, diante da atual situação de pandemia por coronavírus a qual estamos vivenciando.

JONH HERISSON



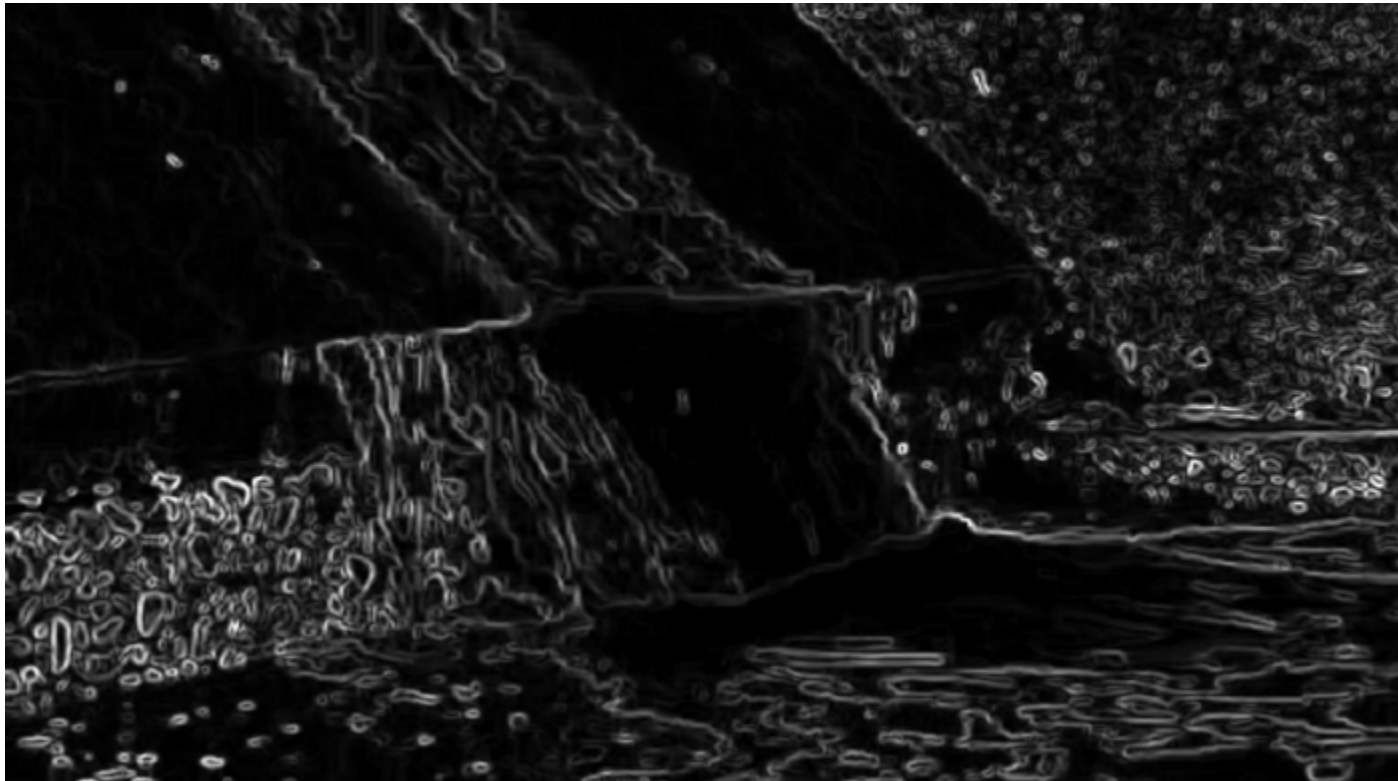
Jonh Coutinho, nascido em Morada Nova, estuda Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Ceará, tendo sua poética transpassada por questões políticas e sociais.



As emoções de um cabritinho


Técnica: vídeo.

Duração: 41 s.



Contra Corrente
Técnica: vídeo.
Duração: 1:47 min.





As *emoções de um cabritinho*, esculpido pela luz, em nove fotografias, um filhote de cabrito, aos poucos, deixa-se revelar. Nas primeiras fotografias, quase não é possível identificá-lo; sua silhueta é desenhada na escuridão; a baixa luminosidade somada às poses do animal demonstram sua timidez e desconforto em face da lente da câmera. Ao decorrer dos registros, a luz aumenta gradualmente, como também ele se acostuma aos poucos com a situação. Na última captura, podemos observar a docilidade e a simpatia do animal, que parece sorrir, equilibrado em pallets e envolto na relva, tendo uma parede de cimento áspera ao fundo. *Contra Corrente*, no vídeo, piabas nadam

contra uma intensa queda d'água, buscando as águas calmas de um rio. Os efeitos aplicados pelo artista, no começo do vídeo, reduzem tudo o que é capturado a linhas contrastadas, para acentuar o movimento, tornando-o ainda mais perceptível. No decorrer da obra, os efeitos mudam, deixando de representar a realidade para apresentar, por meio da abstração, seus significados subjetivos. O caos, a inquietação, a inconformação, a persistência e a esperança são invocados, retratando a utopia, o medo e a esperança que o momento atual proporciona. <https://www.instagram.com/p/B.VnROVFRL7/>.

LAURA FIGUEIRÊDO



Sou servidora técnico-administrativo (Assistente em Administração) da UFC, desde 2011. Atualmente, estou lotada na PROINTER. Particpei da 1a Exposição Nossa Arte 2018 (Mauc) e, também, da 2a Exposição Nossa Arte 2019 (Mauc).



Kaoso

Técnica: colagem.

Dimensões: 30 X 41cm.

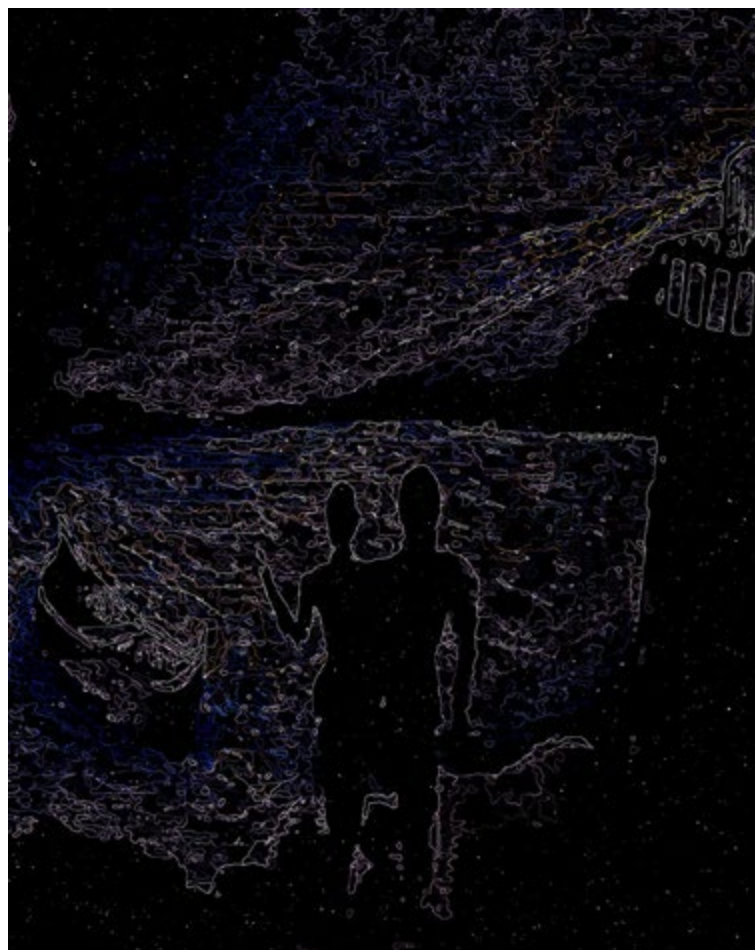
Kaoso (significa Caos - título da obra está escrito em esperanto; língua que foi criada com o intuito de unir os povos.). Nessa obra, mostro o mundo em tempos de Covid19 e de quarentena, as dúvidas sobre seu surgimento, as mortes em massa, o homem preso ao medo do que virá... de um futuro incerto; a natureza

tentando tomar fôlego e se reconstruir. O Papa aparece como nosso conforto espiritual, mostrando que o único caminho para a salvação do mundo é o Amor! Mostro, também, o lado sombrio do momento político/social que vive o Brasil em tempos de pandemia: a população está entregue à própria sorte!

ANGÉLICA GADELHA

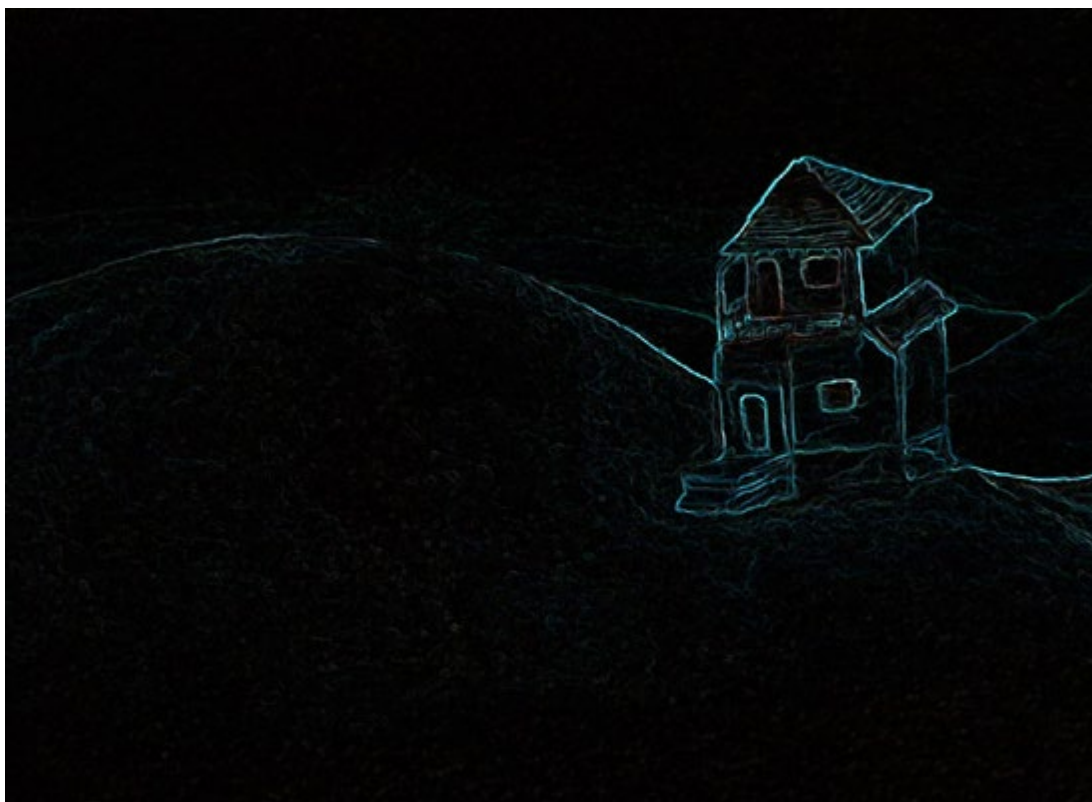


Angélica Gadelha - Angad, é psicóloga de abordagem junguiana e artista em formação. Iniciou suas experimentações artísticas em 2006, época em que aproveitou o material de pintura a óleo para plasmar sentimentos, pensamentos e fantasias que exigiam expressão. Atualmente estudante de licenciatura em Artes Visuais do IFCE e mestranda do programa de pós-graduação em Artes do IFCE, participa de projetos relacionados ao ensino e vivências em arte em contextos de saúde mental, a saber, @escolaartelivreufc e @projetoamente.ifcefortaleza, além dos atendimentos no @baobaterapeutico.



Farol

Técnica: aquarela com finalização digital.
Dimensões: 10 x 15 cm.



Isolamento

Técnica: aquarela com finalização digital. Dimensões: 10 x 15 cm.

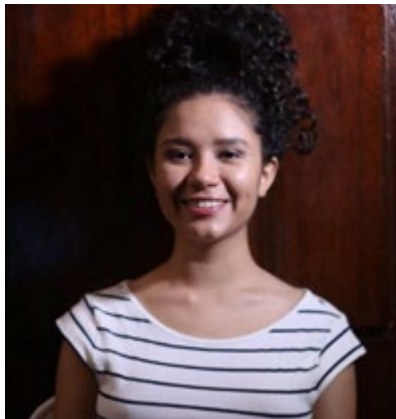


Nesse período de quarentena, de introversão, de guardar-me com meus próprios diálogos, de ouvir meus silêncios, muitas imagens latentes se manifestam com maior vividez. É costumeiro na minha prática profissional - a psicoterapia pela abordagem junguiana - sugerir a observação dos sonhos. Considera-se seu discurso uma valiosa fonte de autoconhecimento. Que melhor proveito tirar de uma quarentena, senão se ouvir? Aí está o fundamento dessa série de imagens que se seguem. Ela é composta de aquarelas apressadas, manchadas entre textos de relatos oníricos. A primeira data do dia 23.3.2020. Envio uma e outra, dentro da limitação desta convocatória. O meu interesse vígil pela arte digital me fez utilizar desses rabiscos para treinar comandos recém-conhecidos do programa Illustrator, aproveitando tal recurso para tornar sua estética mais evocativa de uma

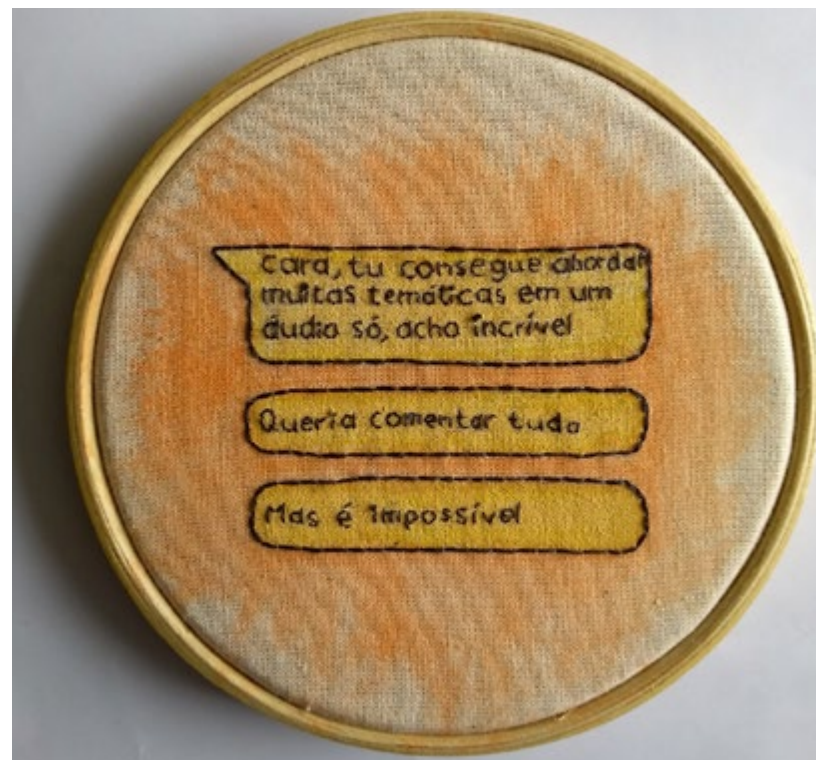
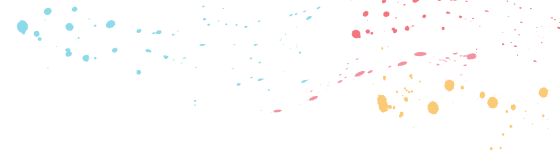
realidade onírica. Os originais em aquarela possuem, aproximadamente, o tamanho de 10x15cm, sobre papel casca de ovo ou vergê. É valioso o parto artístico dessas imagens oníricas, primeiramente porque nos voltamos atenciosamente para as produções da própria fantasia – estas mesmas que se interpõem com autoridade entre nossas cotidianas atitudes conscientes. Executar detalhes, observar sentidos, transformar o indizível em visível... Não há dúvidas de que o “produto” que pode ser construído nesse período de introversão é de um ganho incomensurável, talvez uma firmeza de espírito antes desconhecida, uma sensibilidade sobre nossas próprias urgências que nunca acessaríamos absortos nas rotinas barulhentas... Ou simplesmente o alívio de parir uma imagem que estava pressionando por atenção.



HAILLA KRULICOSKI



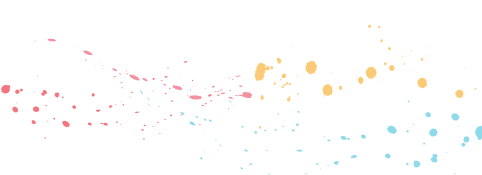
Hailla Krulicoski, graduanda em Ciências Sociais na Universidade Estadual do Ceará, é formada pela Escola de Idiomas Aslan em inglês. Atualmente, é artesã autônoma e participou da oficina de bordado do grupo de extensão Iluminuras da UFC, no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. Além disso, é brincante da Orquestra Solar de Tambores do Grupo Maracatu Solar.



Mensagens que marcam: sobre carinho e afeto
Técnica: pintura em aquarela e bordado livre.
Dimensões: 12,5 cm (diâmetro).

“Mensagens que marcam: sobre carinho e afeto” faz parte de mensagens bordadas durante a quarentena, recebidas via redes sociais. Saber sobre o bem-estar do outro não é aval para paixão. Expressar o óbvio. Entender que a intensidade

alheia não desrespeita a sua - que o sofrimento é coletivo - e a carência também. Infinitivos esses, para além da quarentena. Que sejam frases soltas, ou que faça sentido na medida que lhe cabe.



TÉRCIA MONTENEGRO



Tércia Montenegro é fotógrafa, escritora e professora do curso de Letras da UFC, onde também coordena o Visada – grupo de investigação do texto visual. Como fotógrafa, participou de algumas exposições individuais e coletivas, tendo recebido, em 2009, o prêmio Unifor Plástica nesta categoria. Desenvolve projetos de interlocução entre linguagens, promovendo aproximações entre literatura, performance e visualidades, sobretudo.



Formas de dançar (série fotográfica)

Técnica: fotografia.

Dimensões: 30 x 40 cm.

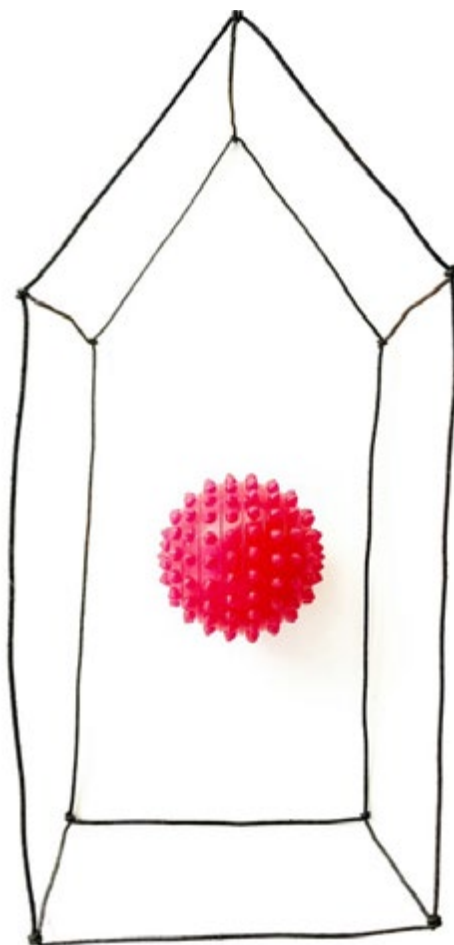
Formas de dançar” faz parte de uma série fotográfica mais ampla, que discute a situação da mulher em várias circunstâncias, com o seu corpo-alvo de tantas violências sociais. Durante a quarentena provocada pelo coronavírus em Fortaleza, este

trabalho – produzido em 2 de abril de 2020 – fez com que eu, na solidão de minha casa, pudesse me conectar com a dor e a história silenciosa de muitas outras mulheres pelo mundo.


RAQUEL MORANO



Raquel Morano, Arquiteta e Urbanista, pós-graduada em Projeto Bioclimático e Sustentável; Mestra em Arquitetura e Urbanismo. Metida a fotógrafa e desenhista.



O que cabe
Técnica: fotografia.
Dimensões: 35 x 35 cm.



Dizem que podemos ir para qualquer lugar se deixarmos o pensamento ir... Hoje bati na porta de cada um dos meus amigos. Dos amigos de infância até os com que firmei uma relação mais recente. Apesar do sorriso no rosto ao abrir a porta, em todos eles, encontrei nuances de preocupação, cansaço, enfado. Transgredir regras pelo pensamento é algo que sempre fiz, e, por isso mesmo, abracei e toquei cada um deles. Uns me retribuíram com um forte abraço, outros recuaram. Alguns relataram a forte atividade criativa e atividade de articulação para

ajudar aqueles em situações de vulnerabilidades, outros frustrados com a impotência de não poder/ saber como ajudar, frustrados com a pressão em casa, com filhos, pais... Outros saudosos e solitários. Alguns perderam pessoas queridas, e um silêncio ecoou em nossos olhares marejados. Alguns me convidaram para entrar. Alguns sentaram em frente à porta pelo lado de dentro, e eu sentei em frente à porta pelo lado de fora. Escutei. Escutei. Escutei. As palavras mais ditas foram: saudades, pressão, difícil, reconectar, tempo. Posso até criar uma frase:

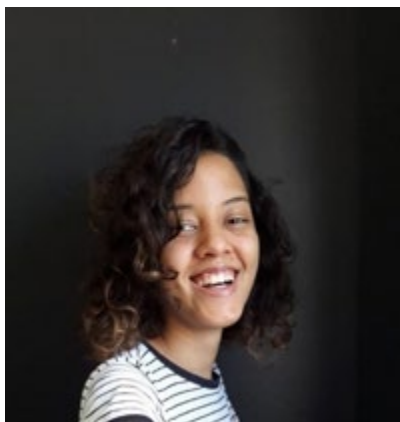


“Saudade do tempo em que tudo não era tão difícil, que estávamos livres da pressão; será que tudo isso teve o propósito de nos reconectar? O tempo parece não passar, mas há quanto tempo pedimos mais tempo? ” Fiz com cada um, uma corrente de pensamentos bons que, talvez, só signifique algo para mim. 1: não se cobra tanto! 2: tudo bem dormir ou não conseguir dormir; 3: faça lives e assista a elas quantas vezes for preciso para desabafar e escutar seus queridos; 4: tudo bem não conseguir criar; 5:

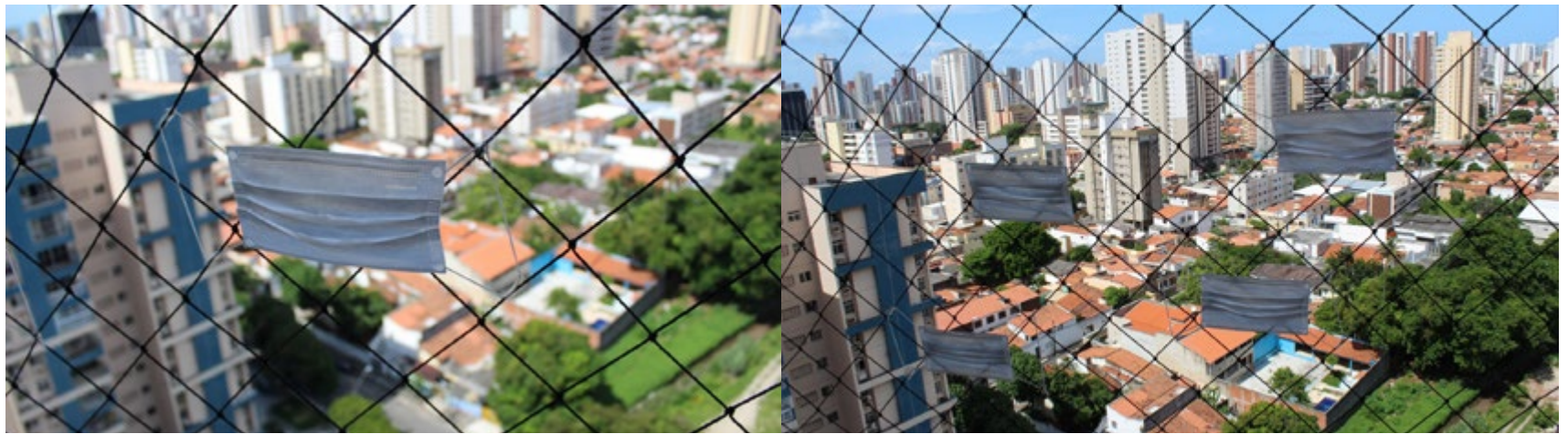
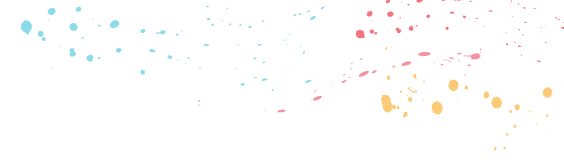
chorar vai lhe fazer bem; 6: você está salvando vidas ao ficar em casa; 7: lembrar de agradecer a sua cama.; 8: ore pela manhã e ao se deitar, se não acredita em Deus, emana pensamentos bons para aqueles a quem você ama; 9: lembrar dos abraços; 10: viaja pelo pensamento; 11: vai passar. Por fim, e já cansada de caminhar por aí... encostei a palma da minha mão bem no meio da porta de entrada da casa de cada um. Por que fiz isso? Como um símbolo de proteção e presença. Estou aqui, mesmo não estando.



MURIS



Marina Murial mora e estuda em Fortaleza. Formada em Design Gráfico pelo Centro Universitário UNIFANOR | WYDEN e cursa licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE. A artista também atua como estagiária voluntária em designer no Laboratório de Tipografia do Ceará, que está localizado na Universidade Federal do Ceará – UFC. Participou da exposição Fruto Nosso que ocorreu na Imagem Brasil Galeria.



Sociedade Doente

Técnica: fotografia.

Dimensões: 1920 x 1080 pixels.

Dizem que a janela traz luz e esperança para essa “Prisão Domiciliar”, porém me leva a uma reflexão será que a verdadeira prisão não estaria lá fora? Porque vemos uma sociedade acometida de uma

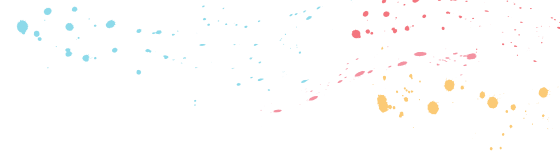
doença que se espalha de forma frenética, não estou falando da Covid-19, mas da mecânica de produção desenfreada que passa por cima do senso de humanidade.



JADED V.



Beca -ou Becky- nasceu no Rio, cresceu em Fortaleza, na companhia dos avós. É Otaku, Gamer, Artista Digital e Geógrafa. Participou da coletânea *Paginário* (Aliás Editora, 2019), foi responsável pela diagramação, ilustração e concepção visual do e-book livre *Manifesto Balbúrdia Poética: 80 tiros* (2019, CJA Editora) e da Coletânea *Laudelinas* (Nada Studio Criativo, 2020) ambos disponíveis para download no projeto colaborativo *Mirada*(www.miradajanela.com). Atualmente trabalha com edição de vídeo do projeto *Literatura & LIBRAS* e, enquanto seus gatos dormem, escreve para as revistas do Medium *Ensaio sobre a Loucura* e *Fale com elas* sob o Pseudônimo de Jaded.



Série Diários de Quarentena - Dia 3

Técnica: pintura digital.

Dimensões: 1008 x 738 pixels.



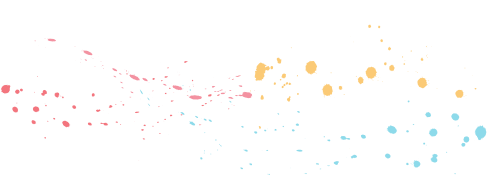
Série Diários de Quarentena - Dia 28

Técnica: pintura digita.

Dimensões: 1008 x 1188 pixels.

A série Diário de Quarentenas aborda mulheres no contexto de isolamento social, os sentimentos, sensações que este período tem causado como também os diferentes cenários do dia a dia. A série começou como uma forma de lidar com meus próprios sentimentos sobre a quarentena,

principalmente com a retirada dos ônibus metropolitanos em especial em relação a consultas médicas, já que faço acompanhamento psiquiátrico em Fortaleza e, em relação a meu parceiro, que também mora na cidade, enquanto eu sou de Caucaia.



MÁRIO SANDERS



Mário Sanders, artista plástico, designer gráfico e ilustrador. Natural de Aquiraz, destacou-se no meio artístico cearense com sua participação no grupo FRATURA EXPOSTA, movimento que transformou a cena cultural de Fortaleza, por meio de exposições, instalações e happenings no final dos anos de 1980. Participou de diversas exposições, destacando-se as coletivas, com o grupo Fratura Exposta, Exposição Internacional de Esculturas Efêmeras, Prêmio Pirelle de Pintura Jovem no MASP e nos principais Salões de Arte Contemporânea do Brasil, recebendo algumas premiações como Salão de Abril, Unifor Plástica, Listel Teleceará e Salão Norman Rockwel do Desenho e da Gravura em Fortaleza, Mostra do Desenho Brasileiro em Curitiba, Salão de Arte Contemporânea de Pernambuco. Participou de três individuais: Galeria Tukano, Mauc-CE e Galeria Contemporarte todas em Fortaleza. Premiado em inúmeros salões de arte, destacamos o 2º Salão Norman Rockwel do Desenho e da Gravura – Fortaleza (1996); XIV Unifor Plástica – Fortaleza (2007); 69º Salão de Abril – Fortaleza (2018).



não.me.toque.me

Técnica: bordado sobre toalha 100% algodão.

Dimensões: 28 x 46 cm.

Agora em 2020, comecei uma série de bordados, utilizando umas toalhas que minha mãe há muito tinha me presenteado. São bordados que tratam as relações afetivas, por meio do "toque" nesse

período de epidemia. Trata-se de negar, de forma afirmativa, a relação entre as pessoas, como um desejo proibido do contato físico e sensorial.

LIANDRO ROGER



Liandro Roger, ilustrador e designer em busca de ideias inteligentes e estilo gráfico bem-humorado. Enquanto freelancer, já desenhou para agências de publicidade, desenvolvedores de jogos e companhias educacionais, incluindo a Proko, empresa norte-americana de cursos de arte. Esteve envolvido em produções originais como o jogo indie “Lionel, the Guardian” (Playable Creatures, 2019) e o webcomic “Atravessando a Rua”, que desenvolveu como parte de sua pesquisa de pós-graduação. Ensina sobre desenho, design e criatividade no curso de Sistemas e Mídias Digitais da Universidade Federal do Ceará e publica suas criações cartunescas em “www.liandro.art”.



Dark

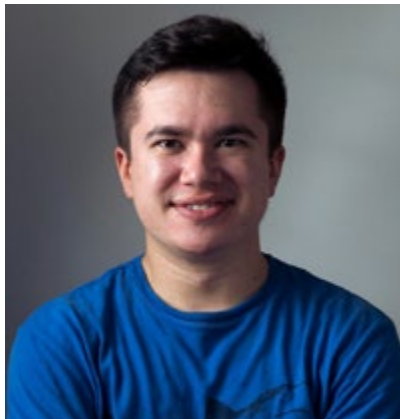
Técnica: pintura digital.

Dimensões: 1600 X 985 pixels

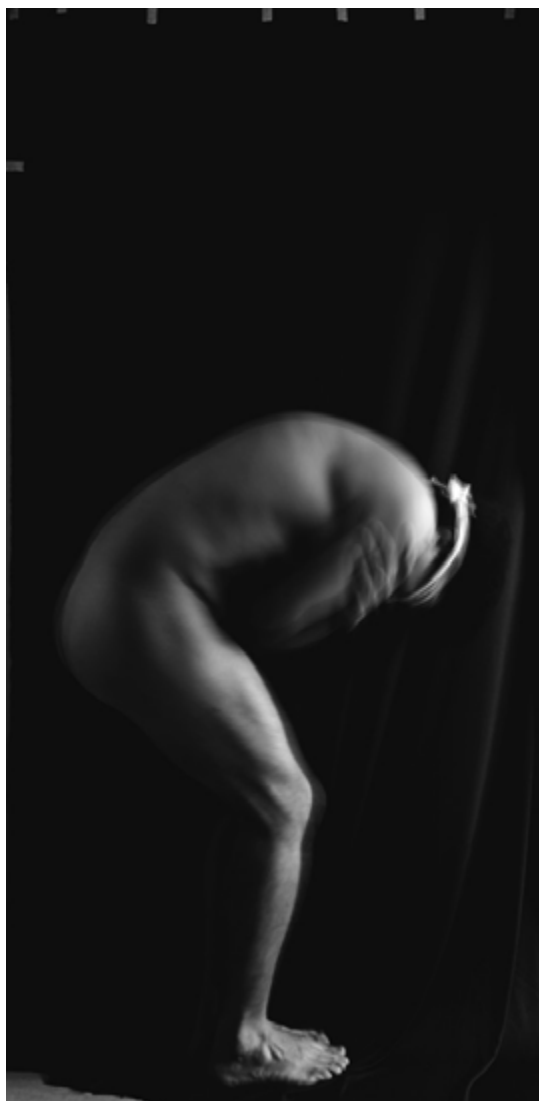
"Dark" é um cartum produzido digitalmente ao estilo de uma pintura tradicional. Brinca com a ideia de existirem monstros embaixo da cama, um medo comumente enfrentado por crianças. O menino deixa a luz acesa ao deitar para não ficar sozinho no quarto escuro, mas isso não impede que "algo" embaixo da sua cama se manifeste: "Ei, garoto! Você poderia, por favor, apagar a luz?" O

estilo tipográfico do texto sugere que a voz que se dirige ao menino é assustadora, mas deixa a cargo do observador interpretar se seria realmente um monstro, a imaginação do garoto ou, quem sabe, um irmão ou amigo querendo lhe pregar uma peça. A pintura foi produzida de 17/03 a 02/04/20 e publicada em 04/04/20 no endereço <https://www.behance.net/gallery/94832517/Dark>.

JAN FRAGA



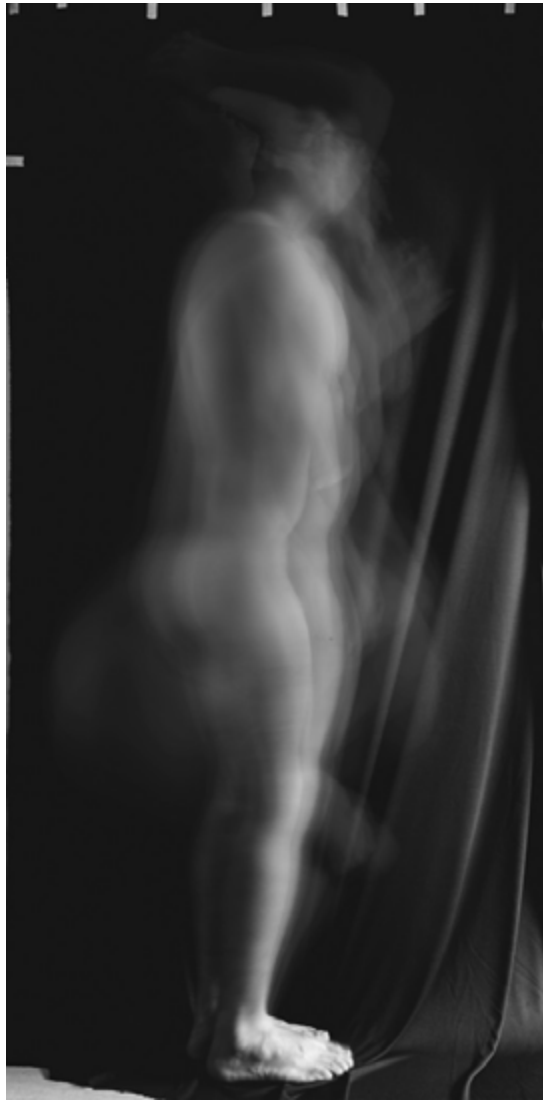
Fotógrafo há três anos na cidade de Fortaleza. Participa da empresa "Coqueiral Foto e Vídeo" e tem-se concentrado, no último ano, em ensaios que envolvem a natureza.



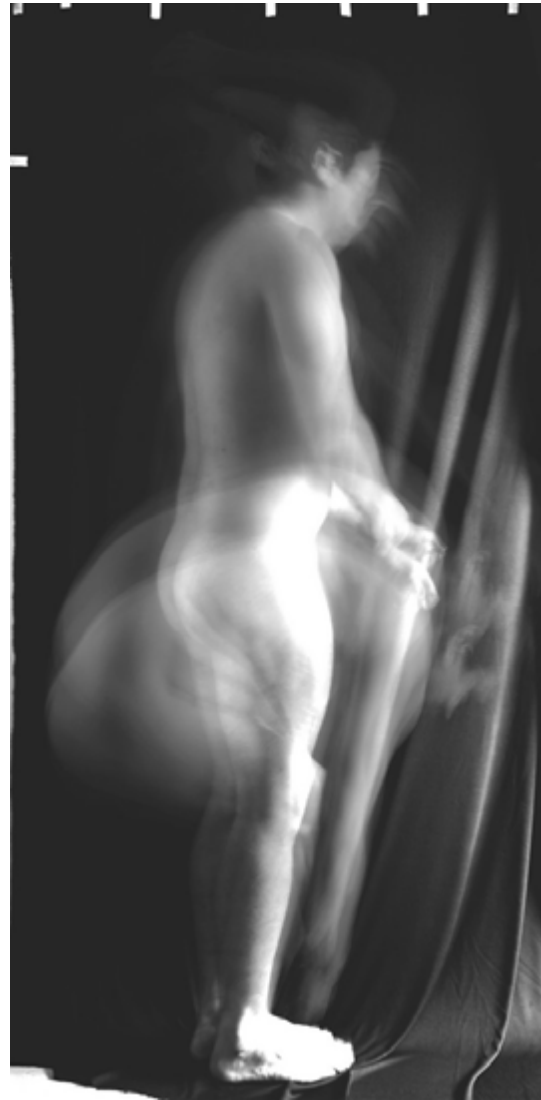
n=1

Técnica: fotografia.

Dimensões: 2533 x 5152 pixels.

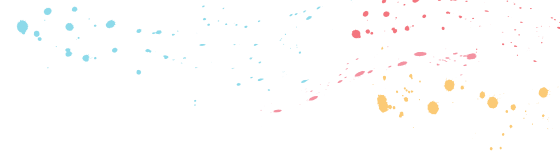


n=14
Técnica: fotografia.
Dimensões: 2533 x 5152 pixels.



n=maior que 30
Técnica: fotografia.
Dimensões: 2533 x 5152 pixels.





Na minha inscrição, envio três imagens (JPG, 2533x5152), nomeadas na sequência de “n = 1”, “n = 14” e “n = maior que 30” (todas de abril de 2020). Os nomes indicam o número de fotos que estão compiladas/ sobrepostas na imagem. Os números também fazem alusão ao número de dias que já se passaram desde que o Estado do Ceará está sob quarentena por causa da COVID-19 – e de como não sabemos quando ela terminará. Só se espera que esse processo coletivo e individual se torne mais claro. Visualmente, é uma solução que traduz o sentimento vivido pelo artista no período, expresso pelo texto abaixo: “n > 30 Tímido, nunca me mexi muito. Não

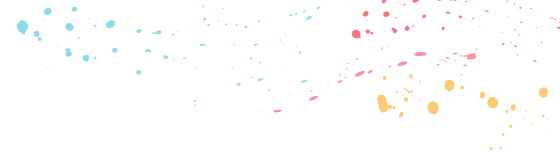
tenho muita consciência corporal. Ao longo dos anos me esforcei para interagir com o mundo. A câmera fotográfica contribuiu com o processo: aponto para fora, para os outros. 15 de março: quarentena. Além da minha janela, não posso apontar para coisas muito diferentes do lado de fora. Os prédios e telhados não se movem. Lembro da venda que coloquei em mim. Pra dentro. Arrisco. Tiro. Leva tempo. Não é mais confortável como outrora. Tempo. Me mexo, mas não posso sair do lugar. Tempo. Quarentena. Quanto tempo? Não sei, só sei que já passaram mais de 30. Não sei quantos serão. Estou de quarentena. Estava de quarentena de mim. Quero entrar. Tempo”.



TITO FLÁVIO



Nascido em Ubajara, CE, mora em Fortaleza. Aprendiz da experiente artista carioca Ana Carvalhedo, também estudou em São Paulo com os mestres da pintura Marcus Cláudio, Alexandre Reider e George Mend. Teve aulas de desenho com Alex Oliver e de pintura com Jackson Cristiano. Faz parte dos grupos de estudo da Galeria Multiarte com a professora Ana Valeska, e do Coletivo Vestigium, grupo de artistas em Fortaleza. Tem obras expostas na Galeria Vestigium. Produz pinturas a óleo.



Papa Francisco
Técnica: óleo sobre tela.
Dimensões: 70 x 70 cm.



Lembranças de meu pai
Técnica: óleo sobre tela.
Dimensões: 50 x 70 cm

Papa Francisco. Palavras do Papa: Que todos trabalhem por esta palavra que hoje não é bem aceita: solidariedade! Somos uma única família humana. Que cesse toda hostilidade bélica. Que o esforço conjunto contra a pandemia nos faça reconhecer nossa necessidade de fortalecer os laços fraternos. Nestes dias começam a ser vistas

as consequências da pandemia, como a fome. Já começamos a ver o "depois". É um escândalo que ainda haja fome e desnutrição no mundo! Sabemos da fome, mas essa informação não vai ao coração. Vivemos na indiferença! *Lembranças de meu pai.* Pintura feita usando duas casas como referência: a primeira casa onde meu pai morou e a última.



CLÁUDIO VIRIATO



Nasceu em Fortaleza no dia 1..de janeiro de 1956, pintor principalmente figurativo, estudou desenho e pintura na UNIFOR com o professor Eduardo Oliveira; desenvolve seus estudos na arte da pintura nos Studios do pintor JSILVA e, em São Paulo, no Plein Air Studio atelier de formação artística. Realizou exposições na Livraria Leitura e CDMAX. Participa do Coletivo Vestigium com exposições na galeria Vestigium.



Nossa Senhora Desatadora dos Nós

Técnica: acrílica sobre tela.

Dimensões: 120 x 90 cm.

O corona vírus representa nossos pecados cotidianos em uma corda de nós e a quarentena nosso castigo, pedimos a Nossa Senhora

Desatadora dos Nós sua interferência desatando nossos pecados nos livrando do vírus.



São Francisco rogai por nós

Técnica: acrílica sobre tela.

Dimensões: 100 x 90 cm.

Senhor, fazei-me instrumento da vossa paz Onde
houver ofensa, que eu leve o perdão Onde houver
erro, que eu leve a verdade Onde houver tristeza,

que eu leve alegria Pois é dando que se recebe É
perdoando que se é perdoado E é morrendo que se
vive Para a vida eterna.



A moça na quarentena
Técnica: acrílica sobre tela.
Dimensões: 120 x 90 cm.

As horas não passam. A companhia silenciosa do gato. As flores murcham. A bebida não ajuda a esquecer. A moça olha para o vazio. Solidão agora tem nome de quarentena.

ESTÊVÃO LIMA



Estêvão M. Lima é músico, instrumentista, arranjador, artista em suas múltiplas facetas, escritor, radialista comunitário, formador, administrador de empresas, entusiasta de tecnologias educacionais, segue na vida se reinventando e a realidade ao seu redor transmitindo a alegria e esperança por meio de sua arte e demais dons.



Resser

Técnica: desenho.

Dimensões: 18 x 14 cm.

Quantas vezes nos pegamos sem esperança? Desolados, nos sentimos fragmentados. Toda a nossa realidade se distorce e, se espalhando por nossa percepção, nos leva a olhar de uma maneira diferente, de um jeito novo para reencontrarmos o que nos significava e, nos guiando para algo que nunca havíamos visto, nos proporcionando um novo

encontro conosco mesmo, nos ressignificando. Depois desse vírus, quem seremos nós? Qual será a nossa relação conosco, com as pessoas que nos cercam, com o mundo em que habitamos e nos acolhe? A despeito de tudo isso, algo é certo: A ESPERANÇA existe, e o futuro está lá, à nossa espera, independentemente da pessoa que iremos nos tornar.

JOÃO MIGUEL LIMA



Sociólogo e artista visual, residente em Fortaleza. Pesquisador do Laboratório Artes e Micropolíticas Urbanas - LAMUR, vinculado à Universidade Federal do Ceará (UFC), e integrante do coletivo Zineteca de Fortaleza.



No meio disso tudo, estar apaixonado é vital

Técnica: bordado e máquina de escrever sobre papel pólen.

Dimensões: 10 x 15 cm.

Paixão, corrente elétrica que impulsiona e faz vibrar todas as partes do corpo, até a ponta dos dedos, até a a borda do beijo, e extravasa em busca de conexão. É uma questão de corpo-território. Nestes tempos sombrios, alguns regozijam do contato físico; outros, desafiados pelas distâncias,

contorcem-se para suspender geografias e inventar a utopia do encontro, agarrados à força do pensamento, do desejo, da comunicação. Do sonho compartilhado. Experiências pessoais e de conhecidos com essas conexões são insumos para criar e compartilhar pequenos bordados.

BEATRIZ SOARES



Beatriz Soares é estudante de Design Moda pela Universidade Federal do Ceará, atualmente em mobilidade acadêmica na Faculdade de Belas Artes de Granada, na Espanha. “Aposta 2019” pela coluna Vida & Arte do Jornal O Povo, a artista já participou de eventos como a CowParade, CasaCor e Revista Arte Ceará. Foi aceita em 2020 na School of the Art Institute of Chicago com reconhecimento de Distinguished Merit Scholarship.



Ela senta e pensa

Técnica: arte digital.

Dimensões: 500 x 2100 pixels.

A obra remete a um momento de pausa e reflexão em meio ao que se passa no mundo em 2020. [...]. Apesar do peso do tema, a figura é composta por cores vivas e alegres, que remetem a esperança. A mão no rosto sugere saudade, das pessoas, da

liberdade, do contato físico. A cadeira, um destaque da imagem, representa a casa e o nosso espaço na quarentena. Esse momento de pausa nos faz cooperar com o tempo e nos torna mais conscientes dos nossos vínculos e valores.



A banda

Técnica: arte digital.

Dimensões: 1277 x 1862 pixels.

Em pleno século XXI, o mundo foi surpreendido por um inimigo inesperado. Hospitais superlotados, a perspectiva da perda de entes queridos, o medo, a insegurança, a incerteza. Mesmo no tormento, ou talvez justamente pelo tormento, o ser humano é capaz de surpreender e produzir beleza. Beleza visível e sensação invisível como armas de enfrentamento. Foi o que se viu em janelas e sacadas. A arte trazendo

um alento em um momento difícil em que a dor precisa ser aliviada. A arte como mecanismo de ligação entre as pessoas. Entre o artista que expressa seus sentimentos e a plateia que se alimenta deles e os digerem, cada um conforme sua necessidade. Um axé, um samba, um clássico, um jazz. Um cajón, um violão, um trompete, uma tuba, um alaúde. Um sorriso. Uma dança. Uma esperança.



Bia.

Vibração

Técnica: arte digital.

Dimensões: 1499 x 2059 pixels.

Obra inspirada em um dos versos do Poema "Minha Cidade", de Cora Coralina: "Minha vida, meus sentimentos, minha estética, todas as virações de minha sensibilidade de mulher, têm, aqui, suas raízes."

ARTHUR SIEBRA BARRETO



Arthur Siebra Barreto é nascido no Crato, em 1997; e, atualmente, reside em Fortaleza. Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestrando no programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFC (Ética e Filosofia Política) com a seguinte pesquisa: "Natureza e Modo de Vida no Cinismo Antigo". Possui interesse, atuando em temáticas como Filosofia Antiga, Ética e Estética, sob uma perspectiva da filosofia enquanto modo de vida. Realiza pesquisas com ênfase em Filosofia Greco-Romana, possuindo estudos mais dedicados ao cinismo, epicurismo e em autores esporádicos como Espinosa, Ludwig Feuerbach e Henry David Thoreau. No âmbito artístico, é pintor e se dedica ao estudo de pinturas do período barroco (com ênfase em Rembrandt), neoclassicismo do século XIX, o realismo russo (século XIX), e o movimento artístico - contemporâneo chamado Kitsch, idealizado pelo pintor Odd Nerdrum (1944). Em sua obra, trabalha com temas referentes à condição humana sob uma perspectiva de composição clássico-realístico-simbólica no âmbito e em defesa da pintura figurativa enquanto arte democrática. Participou de exposições na Faculdade Paraíso (FAP), em Juazeiro do Norte; "Mostra ICA" e "Soterramento" (2018), no Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará - UFC.



Estudo Sobre a Morte I (observação)

Técnica: acrílica sobre papel.

Dimensões: 21 x 29 cm.



Estudo Sobre a Morte II (observação)

Técnica: acrílica sobre papel.

Dimensões: 21 x 29 cm.

A morte, que também representa a destruição, passagem e mudança, é um aspecto da vida, o qual é fundamental para a sua continuidade. É constante, imanente, iminente e inevitável.

Tornou-se um tema ainda mais relevante neste atual momento de pandemia em que vivemos. Assim, penso que a morte não pode ser negligenciada em nossos pensamentos a menos



Estudo Sobre a Morte III (observação)

Técnica: acrílica sobre papel.

Dimensões: 21 x 29 cm.

que queiramos estar sempre à mercê do espanto, e longo sofrimento ao ver seus processos manifestados pela doença e envelhecimento. O tema merece um novo olhar, afastado de todo

medo e superstição, para a sua desmistificação, a fim de imprimir em seu conceito o seu aspecto fundamental e consolador: sua naturalidade no curso da vida.

LEO SILVA



Leo Silva é fotógrafo, escritor e morador da Comunidade do Santa Filomena, já fez duas exposições referentes a seus trajetos, Simples-Cidade Simplicidade que traz, nas imagens, boa parte das comunidades que compõe o Jangurussu, Meninos de Deus referente ao grupo de futebol da comunidade. Participou como coautor por meio de suas fotografias do livro SARAL #2 com Talles Azigon, tem escritas publicadas no e-book Vozes do Jangu e no livro Poetas de Lugar Nenhum – Sarau da B1, e escritas publicadas em sites e blogs.



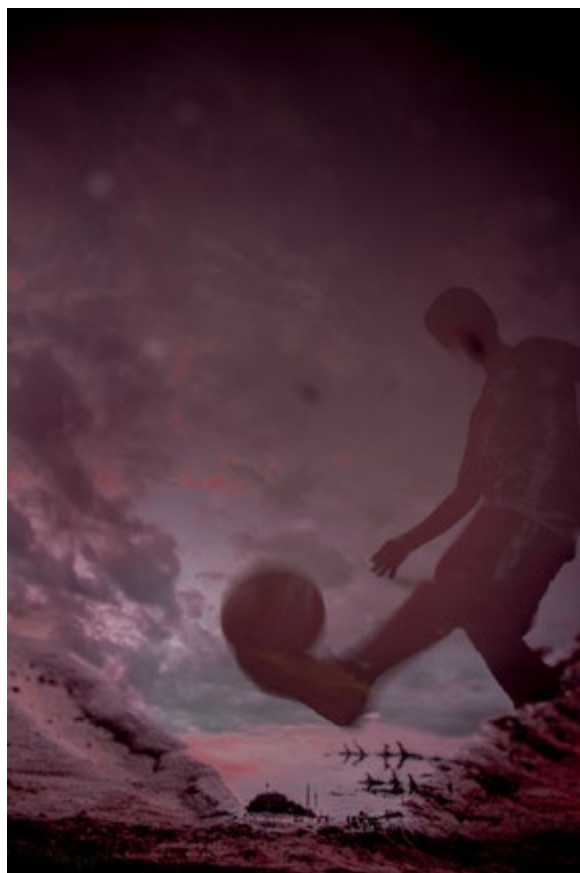
A Cidade e a Lama (série)

Técnica: fotografia.

Dimensões: 40 x 60 cm.

A cidade e a Lama é uma série fotográfica em que, nos reflexos, são revelados a cidade. Nessas imagens impressas na lama, estão os prédios, a gente, as correrias e algo: a cidade. Nesta, está de tudo, principalmente, a gente, mesmo que a

gente se torne outras cidades pela grande divisão proporcionada nisso tudo. Entre as comunidades que formam os bairros, a lama se torna o fruto dessa cidade, que, muitas vezes, é pensada por “pessoas” que acaba sendo eleitas e que “pensam



A Cidade e a Lama (série)

Técnica: fotografia.

Dimensões: 40 x 60 cm.

no povo". Que acham que tudo o que fazem é o melhor para ela, sem diálogo com a comunidade e o povo que ali está. Isso é a lama. Principalmente, por pensarem em executar obras no processo de politicagem, essa gente é a lama da cidade, em

que fazem pouco estudo sobre o local, o solo e "os seus" projetos. No final de tudo, mais a frente, teremos uma real visão do que foi tal "obra", principalmente quando ela se volta, em que casas foram demolidas, açudes e lagoas foram



A Cidade e a Lama (série)

Técnica: fotografia.

Dimensões: 40 x 60 cm.

“tampadas”, onde tal hora nasce um prédio e, em tempo de chuva, essa água volta e ocupa o espaço que é dela, a cidade. Nessas fotografias,

há ruas, prédios, gente, casas e de tudo um pouco mais. A Cidade.

SOL OLIVEIRA



Sol Oliveira (Solysmar Oliveira De Carvalho). Artista Plástico, ilustrador e Collagista, autodidata. Em 1997 deu início ao seu trabalho artístico. Sempre em estudo e pesquisas a fim de aprofundamento nos conceitos da arte e da estética, buscando expressar-se melhor no seu fazer arte. Seu estilo versátil vai do figurativo, a paisagens e o abstrato; a art collage sempre faz parte de seu repertório na mescla de estilos e materiais nas suas criações. Participou das exposições: 1a. Exposição Virtual de Art Collage do Grupo Entre Aspas; Mercado criativo – Feira Cultural; Art Collage – Pluralidades – Grupo Entre Aspas (2018); Exposição Individual Frangere (fragmento) Art Collage (2017); entre outras.



Exterminados? Cobaias inconsciente?

Técnica: art collage.

Dimensões: 33 x 24 cm.

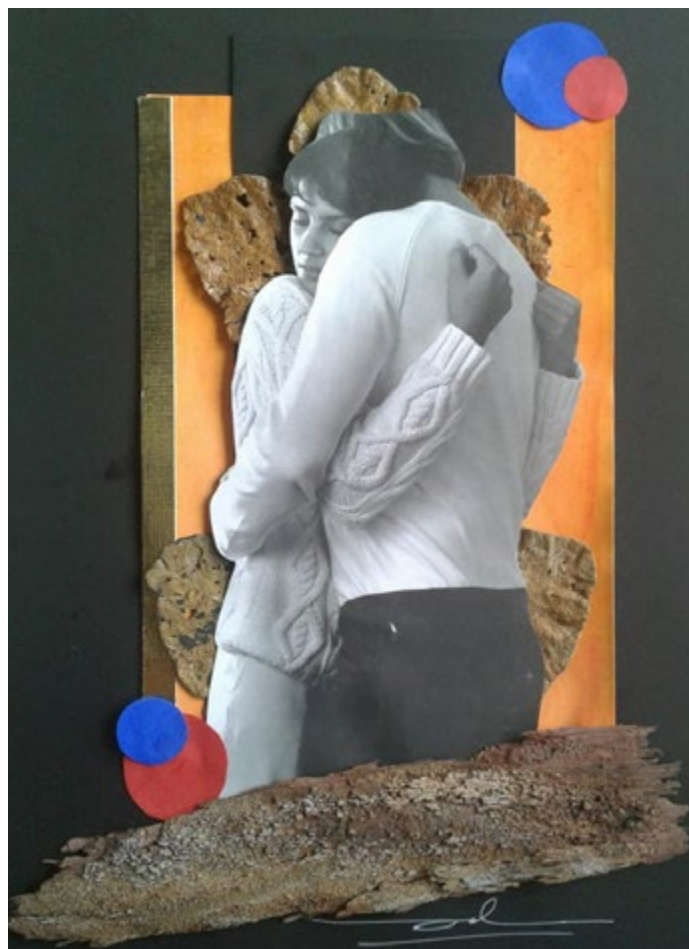
Reflete sobre as dúvidas, especulações e teorias a volta da pandemia que vivemos. O que é verdade?

O que existe por trás das notícias que chegam à grande massa?



Seja Gentil - Fique em casa
Técnica: art collage.
Dimensões: 43 x 31 cm.

Mostra que o isolamento social é um ato de amor ao próximo e a si próprio, além de ser a nossa melhor e única opção de evitar o contágio da Covid-19.



Meu lar é teu abraço
Técnica: art collage.
Dimensões: 50 x 34,5 cm.

Declara a importância dos afetos e a falta que faz de se ter perto aqueles que amamos; consciência adquirida ou percebida claramente por meio do isolamento social.



PSYCHOHELLDER

Psychohelder, sou professor de Arte formado pelo IFCE. Atualmente, sou professor substituto da rede municipal de Fortaleza e estudante do curso de Letras - Inglês pela UFC.



Sem título

Técnica: pintura e ilustração digital.

Dimensões: 5000 x 3000 pixels.



Sem título

Técnica: pintura e ilustração digital.
Dimensões: 5000 x 3000 pixels.



Sem título

Técnica: pintura e ilustração digital.

Dimensões: 5000 x 3000 pixels.

São trabalhos os quais procuro desvencilhar das trivialidades da vida e das obrigações. Busco nestas obras explorar minha capacidade criativa e

ter uma pequena liberdade de viajar e entender que a vida é mais do que pagar boletos e ter hora marcada para tudo.

VITÓRIA SCHAUAMANN



Vitória Schaumann, autodidata, estuda ilustração e pintura com aquarela há seis anos. Iniciou as experimentações com óleo há pouco mais de um ano. Sua produção é provocada, principalmente, pelo mundo natural, as formas e cores e aparente caos da natureza, que sempre usa como referência e como inspiração. A fusão dessas imagens com o mundo imaginário e onírico, sonhos e pesadelos representa grande parte do seu trabalho atual e do lugar onde se sente livre e confortável para se expressar como pintora.



Confinado

Técnica: óleo sobre papel.

Dimensões: 25 x 35 cm.

A pintura foi feita durante o período de quarentena, na sexta-feira de páscoa, um feriado em que todos falavam sobre o renascimento, o retorno da vida, da saúde e da fertilidade. A essa altura, o isolamento social já durava mais de um mês. As incertezas e os

medos sobre o futuro da sociedade e da progressão da doença provocaram essa nova sensação de, não apenas estar confinada, mas também passar a desconhecer o mundo lá fora e também o rosto da vida para onde iremos retornar ou renascer.

MARLLUS LUSTOSA



Marllus Lustosa, Mestre em Políticas Públicas pela UFC e Bacharel em Ciência da Computação pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. É analista de Tecnologia da Informação na UFC e professor no Centro Universitário Unifanor. É artista digital, utilizando técnicas computacionais de Inteligência Artificial (IA) para compor suas obras, por meio de transferência de estilo neural na geração de ilustrações artísticas, baseadas em diferentes traços e estilos de arte. Além disso, faz o resgate de patrimônio material com aprendizado de máquina, como colorização e melhoramento de imagens, vídeos e áudios históricos, bem como sumarização e classificação automática de textos, separação de fontes de áudio e transcrição autônoma.



Um galo no jardim de Monet
Técnica: arte digital (ilustração).
Dimensões: 1856 x 2688 pixels.



Gato na noite de Van Gogh
Técnica: arte digital (ilustração).
Dimensões: 2700 x 2100 pixels.

Como seriam as obras dos artistas Chico da Silva, Aldemir Martins e Raimundo Cella, sob a ótica de Pablo Picasso, Claude Monet ou Van Gogh? Essa coleção de ilustrações utiliza a Inteligência Artificial (IA) na proposta de um método no entendimento

de como esses conceitos poderiam se convergir, além de trazer à tona a reflexão sobre o uso da IA como ferramenta de compreensão da habilidade de criação de experiências visuais únicas, por meio da formalização de uma interação complexa entre

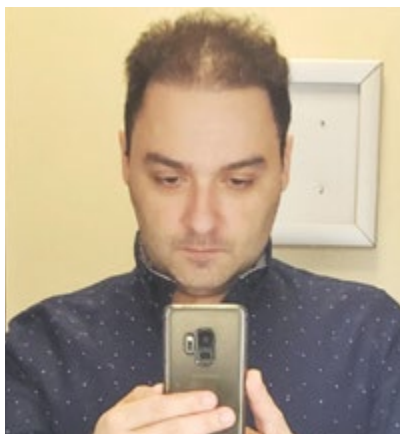


Cabeça de homem sob Picasso
Técnica: arte digital (ilustração).
Dimensões: 2832 x 2688 pixels.

o conteúdo e o estilo de um artista. Este trabalho traz à tona o conceito de 'Redes Adversárias Generativas (GAN)', o qual é atrelado a um campo na área da Ciência da Computação, chamado de

Redes Neurais Profundas (Deep Learning). Atualmente, as GANs são consideradas uma vanguarda na arte contemporânea.

NILFÁCIO PRADO BEZERRA



Nilfácio Prado Bezerra, 38 anos, tem formação em Medicina pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Atualmente, é anesthesiologista no Instituto Dr. José Frota (IJF) e um entusiasta da fotografia.



A óptica do vazio

Técnica: fotografia.

Dimensões: 3599 x 2688 pixels.

Numa manhã cedo do já iniciado isolamento social, cumprindo com minhas obrigações (uma anestesia em um parto cesáreo), defronto-me com a avenida Santos Dummont, que outrora estaria cheia e caótica, quase que absolutamente vazia e passo a observá-la de uma forma incomum

às diversas linhas paralelas que nela se encontram: a ciclofaixa, a rede de fiação dos postes e a própria pista de rolamento. Ambas as linhas paralelas que rumam para imagem do céu cheio de nuvens onde lá se entrecruzam (no infinito).



A clemente dos céus

Técnica: fotografia.

Dimensões: 3805 x 2894 pixels.

Cumprindo, sempre que possível, a tarefa de ficar em casa em um dia no qual, normalmente, eu trabalharia o dia todo, deparo-me com o pôr do sol de uma das janelas da minha residência. Vejo um turbilhão de tonse cores e a dinâmica das

nuvens no céu formando uma figura feminina, de ,com um terço nas mãos e uma pomba da paz tocando, abençoando essa oração por cima de nossa cidade nesses tempos.



A batalha solitária
Técnica: fotografia.
Dimensões: 3878 x 2909 pixels.

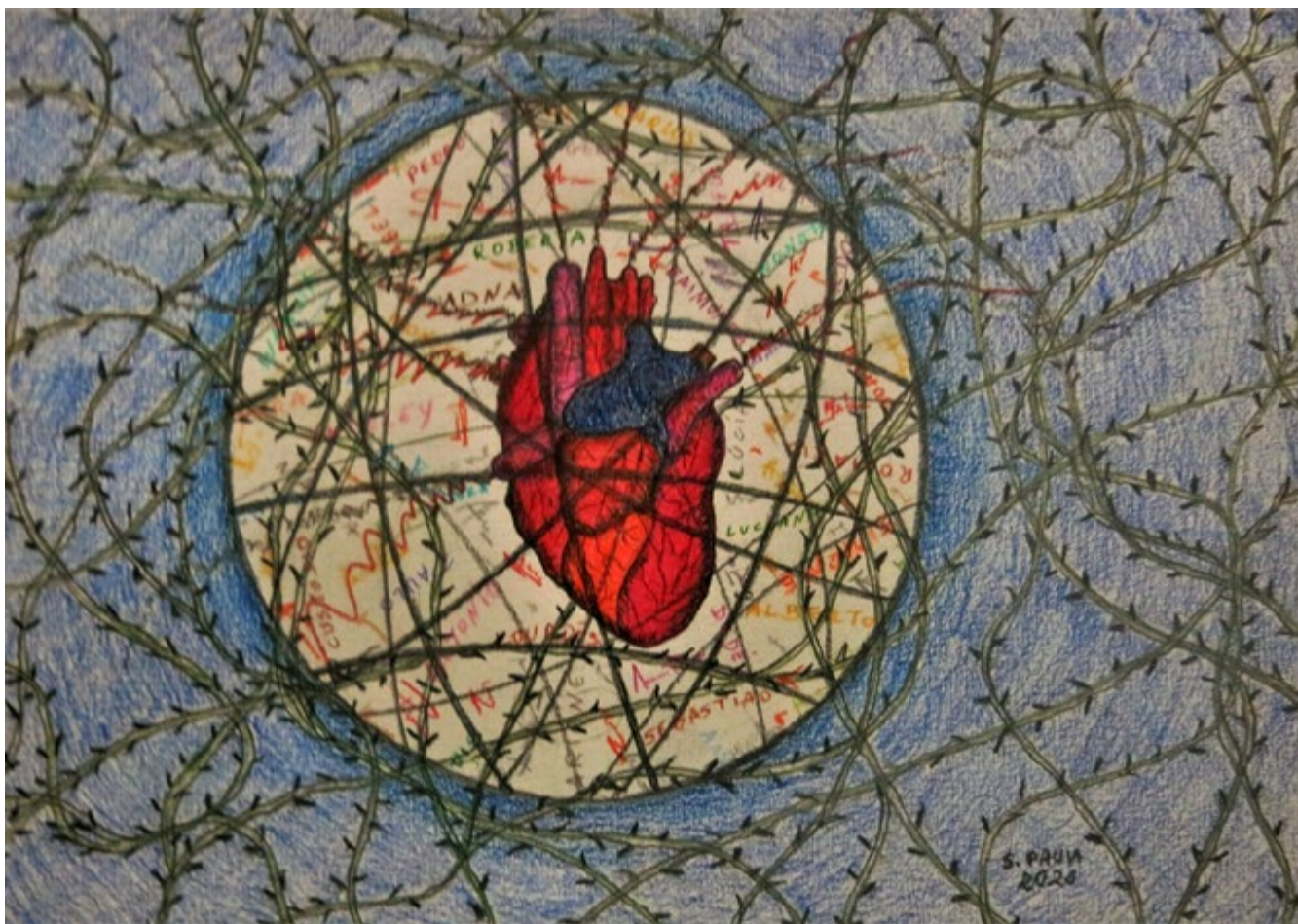
Exercendo nosso ofício de médicos durante a quarentena, vamos intervir, cirurgicamente, de urgência, em uma senhora idosa que, de tanto tossir, caiu da própria altura e fraturou o colo do fêmur. Antes da cirurgia, recebemos a notícia da forte suspeita (confirmada a posteriori) que a

paciente se encontra em plena infecção pelo novo corona vírus. Seguimos à risca o protocolo para manejo do paciente. Contudo, isso não impede uma batalha pessoal e interna entre a vontade de cumprir nossos deveres e a natureza humana de autopreservação.

SEBASTIÃO DE PAULA



Sebastião de Paula é Licenciado em Música pela Universidade Estadual do Ceará, em 1988. Especialização em Arte e Educação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, em 2004. Mestre em Educação na Universidade Estadual do Ceará, em 2009. Doutor em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais, em 2014. Estudou xilogravura e gravura em metal com Eduardo Eloy no Museu da Universidade Federal do Ceará em 1990/91. Workshops de gravura em metal com Artur Luiz Piza em 1991 e Carlos Martins em 1992, xilogravura com Francorli em 1992, na Oficina do MAUC. Workshop de desenho com Carlos Fajardo na Secretaria de Cultura do Estado do Ceará. Expôs, coletivamente, em várias cidades brasileiras: Fortaleza, Recife, São Luís, Rio de Janeiro, Penápolis, São José dos Campos, Araraquara, São Paulo, Curitiba, no exterior em Países como: Argentina, Portugal, Espanha, França, Alemanha, Romênia, Bulgária, Eslovênia, República da Macedônia, República da Moldova Estados Unidos e Japão. Individualmente, sete vezes no Brasil e uma na França: sala especial na 5.ª. Mondial de L'estampe Et de La Gravure Originale Triennale de Chamalières. Obteve onze premiações, duas na França, uma no Pará, uma em São Paulo e sete em Fortaleza, divididas em uma na área da escultura; uma na área da pintura e nove na área da gravura. Possui obras em coleções públicas e particulares em várias cidades do Brasil; no exterior: França, Japão, Ucrânia Argentina, Espanha Alemanha.



Sem título

Técnica: desenho.

Dimensões: 21 x 29 cm.



Utopia

Técnica: desenho.

Dimensões: 21 x 29 cm.



Sem título

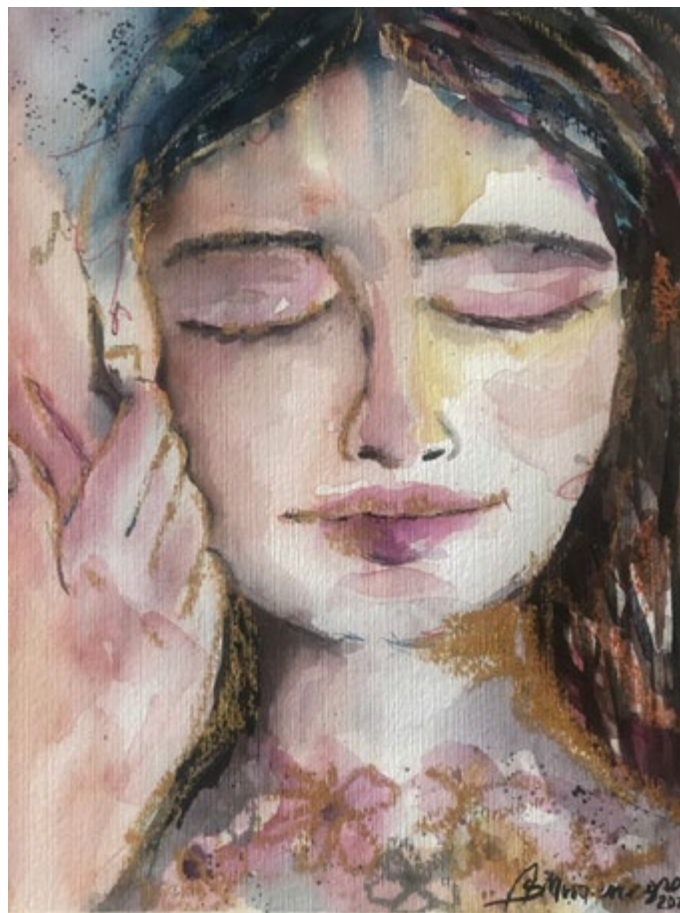
Técnica: desenho.

Dimensões: 21 x 29 cm.

SANDRA MONTENEGRO



Sandra Montenegro iniciou sua formação artística aos 9 anos de idade e estudou com João Maria Siqueira, Descarte Gadelha, Mariza Viana, Válber Benevides entre outros. Em 1994 estudou gravura no ateliê do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará com Eduardo Eloy, Carlos Martins e Francorli. Faz parte do Coletivo In-Grafika com mais 4 artistas cearenses. Formada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará e com Pós-Graduação em Gestão de Pessoas e Psicologia Organizacional do Trabalho levou as duas profissões até 2017. Expôs em salões, coletivas e individuais dentro e fora do Brasil. Em destaque: Exposição Individual "O Lugar do Olhar" – Universidade Autónoma de Lisboa (Portugal – 2017); 68º Salão de Abril Sequestrado – Fortaleza; CowParade – arte urbana 12ª Edição Fortaleza (2018); XVII Concurso Internacional de Gravura em Pequenos Formatos de Ostrów -Polônia (2019); Adjetivo Feminino – 2ªedição – MAUC (2020).



A paz que vem de dentro da alma

Técnica: aquarela, pastel oleoso e lápis aquarelado sobre papel.

Dimensões: 29 x 39 cm.

Nesses tempos em que tudo está tão instável, quando o medo do desconhecido, um desconhecido que nos amedronta, é um sentimento diário constante, há de termos algo para nos dar

uma sustentação emocional. As três obras representam, dessa forma, essa busca de um conforto interior. Questões vitais se apresentam, questionamentos sobre o que você valoriza na



Ouvindo o próprio silêncio

Técnica: aquarela, pastel oleoso e lápis aquarelado sobre papel.

Dimensões: 29 x 39 cm.

vida, como despende seu tempo, quais são as suas crenças. É um momento de reflexão. As mulheres aqui retratadas, duas de olhos fechados numa atitude contemplativa mostram essa viagem

dentro de si mesmas. Talvez se alimentando para se fortalecer diante do que, exteriormente, se apresenta tão aterrorizante. A terceira mulher já de olhos abertos, com o rosto coberto por flores,



Permanece a fé e a esperança

Técnica: "aquarela e lápis aquarelado sobre papel Fabriano"

Dimensões: 21 x 30 cm.

uma referência à máscara de proteção, já fortalecida e consciente da luta a travar diante do inimigo interno e externo. Que aproveitemos esse tempo de quarentena, apesar de tantas incertezas

e fragilidades, para darmos valor ao que realmente importa como seres humanos. A arte permite essa viagem interior quando o mundo não basta.

DIAS BRASIL



Dias Brasil enveredou-se nas artes visuais pelo universo da imagem, estudou fotografia e cinema na Casa Amarela (UFC – 1984), sendo aluno de Eusélio Oliveira. Paralelamente, realiza suas primeiras experiências nas artes plásticas, exercitando o desenho e a pintura. Durante as décadas de 1990 e 2010, Dias Brasil dedica-se a outras atividades profissionais, mas, sempre com o olhar apurado, enxerga o mundo por um viés artístico. Em 2011, estuda desenho acadêmico e pintura sob a orientação de William Barreto e Anquises Queiróz. Realiza, também, experimentações, desconstruindo as imagens, com manchas, volumes e composições plásticas, além de travar contatos com outros artistas e visitar ateliês e exposições. A partir de então, passa a dedicar-se profissionalmente ao ‘metier’ das artes plásticas e visuais, montando ateliê e dando continuidade a suas pesquisas pictóricas. Formou-se em Desenho e Pintura pelo Núcleo de Pós-Graduação e Educação da Universidade de Fortaleza, UNIFOR (extensão – 2014), com o professor Edu Oliveira, aprimorando seus conhecimentos. Faz oficina de escultura no MIS (Museu de imagem e som) participa do workshop “Pensamento criativo e conceitualização”, com o professor Charles Watson (Escola de Artes Visuais do Parque Lage) Rio de Janeiro, na Galeria Multiarte (2015), no Museu da Fotografia, faz várias oficinas, em destaque, fotografia estendida, com Maíra Ortins (2019). No Museu da Arte Cearense (Dragão do Mar) faz oficina de estudos em arte contemporânea, com a artista mineira radicada no Rio de Janeiro Adriana Maciel (2019). Aprimora seus conhecimentos em Character Desing e Pintura Digital na Art & Cia (2018/2019). Intensificando sua participação no circuito de arte e fazendo parte, com frequência, de exposições coletivas e individuais. Trabalha com: desenhos, pintura, escultura, mosaico, fotografia, vídeos, porcelana, murais e arte digital.



Série Mulier (Melancólica 1)

Técnica: pintura digital.

Dimensões: 60 x 45 cm.

Acordei hoje com uma tremenda melancolia, por mais que eu tentasse, eu não conseguia, por mais que eu me mexesse, eu me sentia estática, um

caos interior sem precedentes, um mergulho em águas profundas, sem oxigênio, um voo de águia, sem asas, querendo pisar brasas, vontade de



Série Mulier (Melancólica 2)

Técnica: pintura digital.

Dimensões: 60 x 45 cm.

cortar a própria carne, entre uma garrafa de vinho e um gole de conhaque, beirando a insanidade; mas de repente, um sopro em meu ser fez-me

despertar daquele insólito momento inebriante; em uma fração de segundos, passou um filme em minha mente, de quanto eu amei de quantos



Série Mulier (Melancólica 3)

Técnica: pintura digital.

Dimensões: 60 x 45 cm.

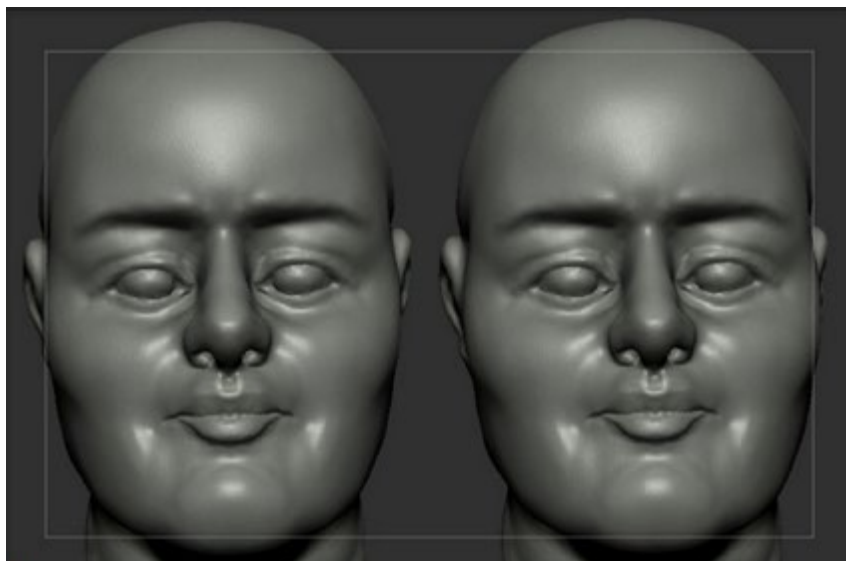
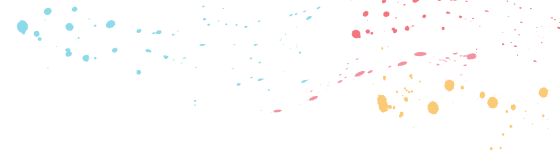
momentos bons a minha vida se fez e se faz, do quanto eu beijei e abracei, chega a ser meio louco, do perfume da orquídea ao cheiro do mar, do mel,

da castanha de caju, e da tangerina. Ai, que saudade da minha terra, mergulhada em folhas secas e momentos poéticos...

ISPAÍDE IDILÉCIO



Ispaíde Idilécio é graduado em licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal do Ceará. Ministrou oficina de Escultura de Artes Visuais, no Sobrado Dr. José Lourenço, 2016. Participou de inúmeros treinamentos complementares: Curso de curta duração em Cinema e Animação pelo Núcleo de Animação Cearense, NACE; Extensão universitária em Fotografia e Cinema e Animação, pela Universidade Federal do Ceará. Foi monitor no Laboratório Lartec – IFCE; bolsista PIBIC-CNPQ com pesquisa em Artes Visuais, objeto de estudo escultura em Argila; bolsista no grupo de pesquisa ARTEUM (IFCE), com modelagem digital 3D, escultura em argila.



Musa

Técnica: escultura digital.
Dimensões: 768 x 507 pixels.



Velho Guerreiro

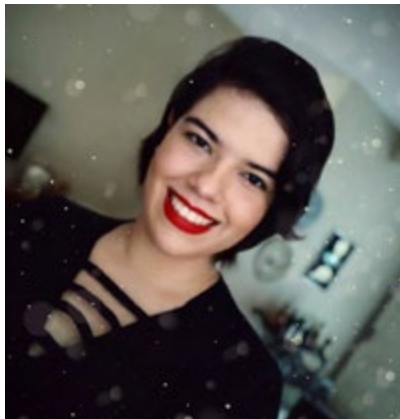
Técnica: escultura digital.
Dimensões: 768 x 507 pixels.

No paradigma cultural em que vivemos no século XXI, sempre indagamos: qual é a funcionalidade da escultura na sociedade? " Percebemos uma concretude que transcende além da universalidade da arte clássica adentramos no universo da arte digital

que nos propõe constituir outra estética mais próxima com o mundo real, sobre o qual vivemos; assim, faço a composição da modelagem de uma cabeça da musa presente em todos os momentos que nos eleva para outro estado de espírito da própria arte.



CARINA DIAS



Carina Dias é natural de Fortaleza – Ceará. Artista amadora e autodidata, tem as Artes como grandes paixões, bússolas e motores de vida. Experimenta técnicas como pintura acrílica; aquarela; óleo sobre tela; grafite; artes digitais, etc. Atualmente, estuda Direito na Universidade Federal do Ceará (UFC) e cursa Psicanálise pela Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR).



Epsilon de Escorpião
Técnica: acrílica sobre tela.
Dimensões: 50 X 60 cm.



Nova Era

Técnica: acrílica sobre tela.

Dimensões: 50 X 60 cm.

A coletânea, de pintura acrílica sobre tela (50 X 60 cm), tem alma e corpo cearenses. Como o Sol, o farol da Terra da Luz não é ofuscado nem mesmo em tempos nublados, pois seus feixes possuem iluminação própria. *Epsilon* de

Escorpião (1 - 21.03.2020) mostra sua magnitude orquestrada à grande Cruzeiro do Sul, persistindo em seu velejo mesmo com sopros desfavoráveis; *Nova Era* (2 - 07.04.2020) é a segura chegada à terra firme e aos tempos esperançosos de



Braveza das Cores

Técnica: acrílica sobre tela.

Dimensões: 50 X 60 cm.

regeneração; *Braveza das Cores* (3 - 11.04.2020) carrega a valentia dos desbravadores combinada à beleza dos corajosos, abrindo caminhos ocultos e prestigiando o explosivo nascimento das cores.

Tudo passa. Não percamos a vida pelo medo da morte. Morremos cem vezes, mas renascemos cento e uma. O pôr do Sol traz a noite, mas também anuncia o raiar de um novo dia.

CECÍLIA BICHUCHER



Cecília Castellini Bichucher, Nascida em São Paulo, bacharel em Artes Plásticas, com especialização em pintura, pela Parsons School of Design – Nova York (1985 a 1989). Licenciatura em Artes Plásticas (1986 a 1989) no Bank Street College. Reside em Fortaleza há muitos anos e, atualmente, integra o coletivo de amigos Grupo Oicos. Participou de, aproximadamente, 37 salões e exposições coletivas; entre as quais, destacamos as mais recentes: Monolitos – Instituto do Museu Jaguaribano – Aracati (2020); Bienal Internacional de Grabado y Arte Impreso en Pequeño Formato – Argentina (2019); Adjetivo Feminino – Centro Cultura Belchior – Fortaleza (2019); Migrações – Galeria Pé Palito – Brasília (2018).



Vento, ventania

Técnica: linoleogravura.

Dimensões: 78 x 58 cm.



A visita inesperada

Técnica: linoleogravura.

Dimensões: 78 x 58 cm.

Usando matrizes em Linóleo de outros autores, recombinei-as e criei gravuras que possibilitam a retomada da tradição compartilhada do ato de contar histórias. Sou orquestradora de imagens, mas não sua narradora. As Fábulas, lugares das

trocas privadas, não estão explícitas, escritas, apenas sugeridas pelas imagens e pelos títulos da obra. Convido o espectador a se tornar o agente e preencher o silêncio com narrativas pessoais. Livro rolo, com impressão de uma



O dia que o mundo parou

Técnica: gravura.

Dimensões: 5 m x 40 cm.

gravura contínua que sofre pequenas variações com o desenrolar do papel. Há sutilezas entre as pequenas diferenças e a imensidão da gravura. O espectador como agente passa a desenrolar o

tempo a procurar as lacunas que não surgirão. A gravura aparenta não ter emenda, um fluxo contínuo de tempo, o tempo em que o mundo mudou e nos obrigou a parar.

#EU



#EU, João Pedro de Oliveira Duarte, nascido em Fortaleza/CE, residente no bairro Sapiranga; e Hugo Vieira Castelo Branco, residente no bairro Jardim das Oliveiras, formam uma dupla que no meio artístico chamam de coletivo. Oriundos da pichação brasileira na adolescência, voltam às ruas em 2017, já na fase adulta com intervenções urbanas buscando uma comunicação diferente do xarpi, letreiro e tag. As frases têm intenção de deixar uma reflexão para sociedade ao notar aquelas palavras seja onde for. Atualmente, eles fazem a pichação na sua pura essência, usando spray, stencil, lambes, stickers e graffiti com técnicas mais complexas, evitando causar dano material a alguém, buscando lugares alheios ou abandonados pela cidade para intervir.



Eu quero viver!
Técnica: graffiti.
Dimensões: indefinido.



De amor eu não morro
Técnica: graffiti.
Dimensões: indefinido.

Diante dos acontecimentos durante a pandemia do Covid-19 e com diálogos diários, nasceram pensamentos que representam o desejo de todos

que, de alguma forma, sentem saudade da vida, dos lugares, amigos e amores, havendo, também, uma preocupação com o que vai ser depois disso



Não tem nosso futuro!

Técnica: graffiti.

Dimensões: indefinido

tudo quando vem o pedido para que não se mate o futuro. São gritos diretos escritos em um muro

limpo em meio ao vazio urbano. O isolamento não é fácil, mas sabemos que é a melhor saída.

RONALDO VIEIRA



Francisco Ronaldo Ramos Vieira, fortalezense, é graduado em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará-IFCE e atualmente é aluno do Programa de Pós-graduação no Mestrado Profissional em Artes pela mesma instituição de Ensino. Participou de Exposições de Arte em Fortaleza. Participa da Escola Arte Livre - EAL (Arteterapia) um Projeto de Extensão da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará e atua profissionalmente como artista visual e arte-educador.



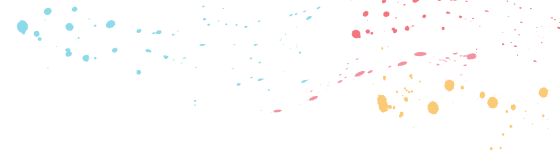
Jangadeiro da Vila do Mar
Técnica: aquarela sobre papel.
Dimensões: 42 x 29,7 cm.



Galo Campina

Técnica: aquarela sobre papel.

Dimensões: 15 x 21 cm.



Jangadeiro da Vila do Mar. O Jangadeiro é uma figura típica do litoral nordestino. Além de marcar a orla da capital cearense seja como trabalhador ou como cartão postal da cidade, o jangadeiro fez e continua fazendo história nos mares cearenses. Na arte, o pintor Raimundo Cela nunca poupou esforços para retratar a vida e a luta desse guerreiro do mar. Na História Oficial do Estado do Ceará, o jangadeiro Francisco José do Nascimento ou Chico da Matilde, como era conhecido popularmente foi eternizado como o Dragão do Mar no processo de Abolição da Escravatura Cearense. A partir da imagem simbólica desse

personagem da cultura popular, busquei explorar plasticamente por meio da técnica da aquarela um recorte da vida de um jangadeiro ambientado na Vila do Mar no bairro do Pirambu. *Galo Campina.* O galo campina é um pássaro típico do nordeste brasileiro e, por esse motivo, estamos regional e afetivamente ligados. Essa ave esteve presente em minha infância quando vivia no interior de Ocara no Ceará. Hoje, atuando como artista visual, a imagem desse pássaro se reverbera nos meus trabalhos em aquarela como um resgate de minhas memórias e, também, pela riqueza plástica que ela permite explorar.



COLAGISTA MAYA



Colagista manual desde 2019, sob o tema de família, sonhos, negritudes, relações interracialis e branquitudes.



Sabe aquela saudade?
 Técnica: colagem.
 Dimensões: 21 x 29,7 cm.



Sabe aquele futuro?
Técnica: colagem.
Dimensões: 21 x 29,7 cm.

São três colagens manuais sem uso de cola, sendo os recortes de revistas organizados e, por fim, escaneados. Todas elas foram criadas em 2020,

nesse período de quarentena, por diálogos de isolamento comigo, com pessoas próximas e com memórias por meio através de frases curtas,



Sabe aquela falta?
Técnica: colagem.
Dimensões: 21 x 29,7 cm.

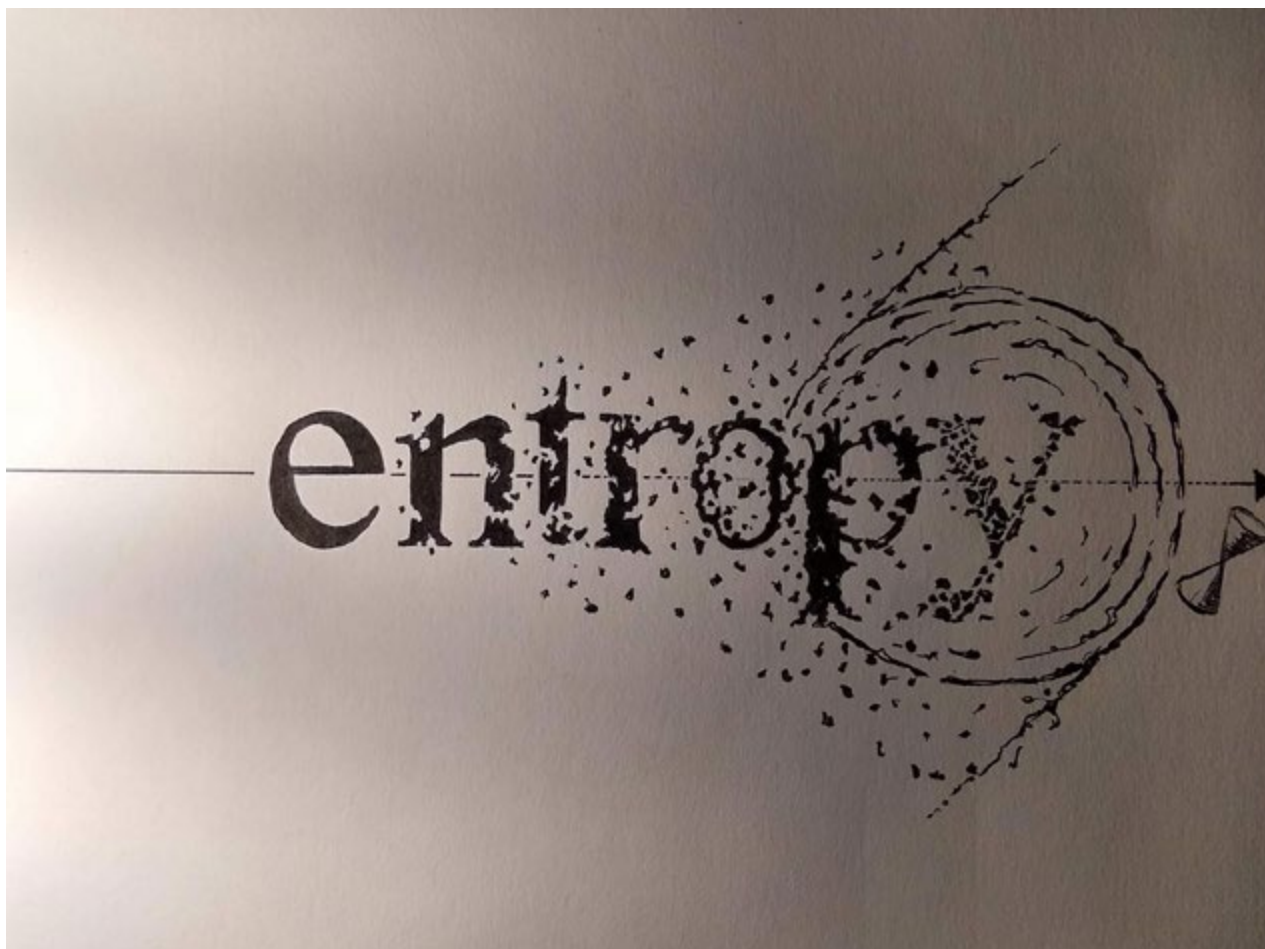
pensamentos e questões identificados em revistas:
a) "Sabe aquela saudade?", como "cena" de conselhos, casa de interior e família; b) "Sabe

aquele futuro?", como "foto" do montante de incertezas de hoje para depois; c) "Sabe aquela falta?", como "imagem" da falta de olhares comuns.

VICTOR SANTOS



Victor Santos, físico de formação, pesquisador FUNCAP, ex-professor da Universidade Federal do Ceará, artista nas horas vagas.



Entropia

Técnica: nanquim sobre papel.

Dimensões: 19,7 x 14,8 cm.

O acaso, às vezes, faz que as estrelas, no final de sua vida, encarem-no com olhos profundos, como buracos negros. Não deixam sair nada, nem mesmo informação.



Simetria

Técnica: nanquim sobre papel.

Dimensões: 29,7 x 21,0 cm.

Em sua jornada à perfeição e simetria da esfera, a dança dos buracos negros emite uma sinfonia

que pode ser ouvida apenas pelos ouvidos mais sensíveis conhecidos, a luz.



Equilíbrio

Técnica: nanquim sobre papel.

Dimensões: 19,7 x 14,8 cm.

Entre o caos e a perfeita simetria, é possível encontrar um equilíbrio, mesmo que efêmero.

ANDRÉA DALL'OLIO



Andréa Dall'ólio possui graduação em Arquitetura e Urbanista pela UFC; pós-graduação em Iluminação e Design de Interiores - INBEC; Mestrado em Ciências da Cidade pela UNIFOR. Curadoria e expografia de 17 edições da exposição Novos Olhares para Monalisa, 02 edições da exposição Adjetivo Feminino, 01 edição da exposição Arte Por Elas, 01 edição da exposição de lançamento da 6... Edição da Revista Arte, 01 edição da exposição Interseção - Arte, Arquitetura e UFC, 01 edição da exposição O Monstro que Nasce Quando o Amor Acaba. Totalizando 23 exposições.



Cirrus

Técnica: óleo sobre tela.

Dimensões: 50 x 70 cm.

A perspectiva para o horizonte, vontade de expandir, de ir, de circular, faz-me olhar para o céu e vejo o passar das nuvens comuns, altas, que vêm e vão, cumprindo a sua existência. Observá-las me traz a esperança de tempos bons, de dias soalheiros. Moro em um prédio, em andar

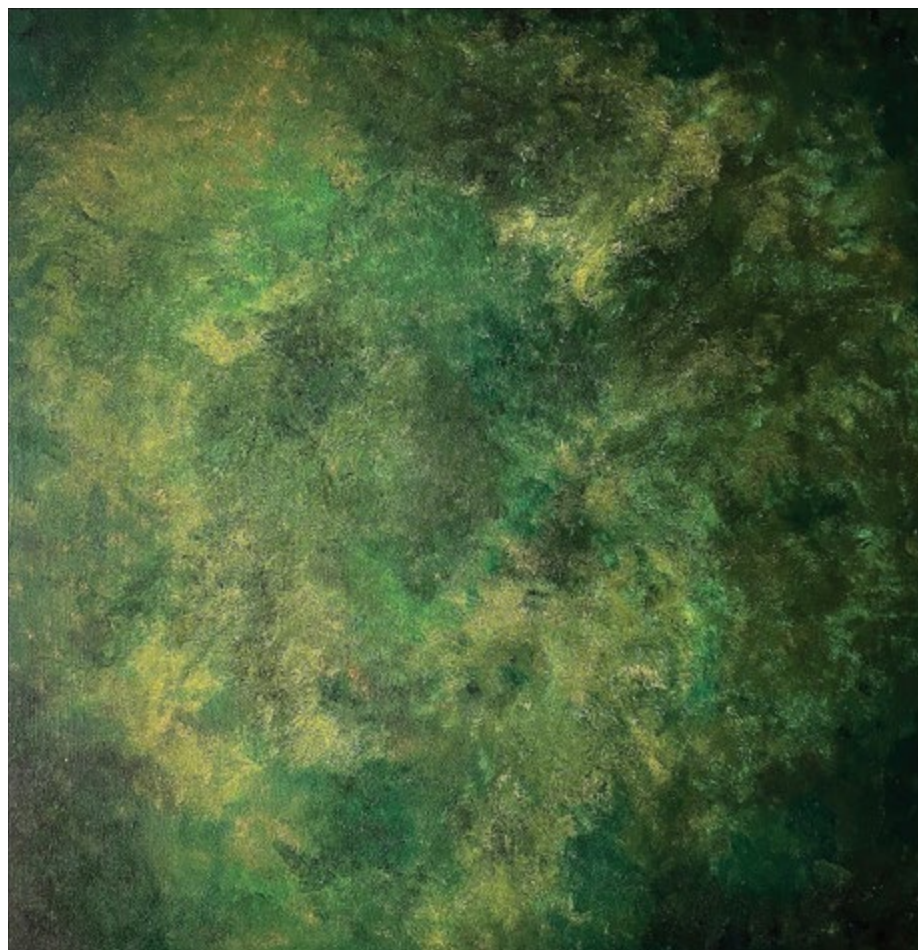


Cumulus

Técnica: óleo sobre tela.

Dimensões: 60 x 80 cm.

alto, e essa é a minha visão cotidiana, da janela e quarentena. E essa paisagem me traz a sensação que me conecta com o exterior, durante a de liberdade.



Mata dos Tabuleiros

Técnica: óleo sobre tela.

Dimensões: 60 x 80 cm.

Verdes e dourados que transbordam pelas molduras de concreto trazem perspectivas que me atraem, me fazem pensar e refletir. Uma mata

que abriga, relembra a vida, liberdade e deixa mistérios. Move-se com o vento e renova o ar, produz oxigênio.

MIN SEVERO



Min Severo é graduanda de Letras Espanhol na UFC. Nunca estudou, tecnicamente, fotografia; afirma que sabe como manusear uma câmera profissional e que a maioria das coisas que aprendeu sobre cor, luz, perspectiva etc foi por meio de pessoas completamente aleatórias na internet, que compartilham conhecimento de forma livre.



Enjaulados

Técnica: fotografia.

Dimensões: 2300 x 2793 cm.

De dentro dos muros de nossas casas, podemos nos sentir na pele de um outro ser que, às vezes, é mantido em cativeiro. Nós, pelo menos, temos um motivo plausível para tal situação, mas não há justificativa para privá-los de sua liberdade de voar.

Da minha janela, escuto o canto feliz dos pássaros que estão livres para ocupar o espaço que já era seu antes de o humano chegar, e, para mim, está sendo o melhor jeito de começar e terminar esses dias.

ALISSON MARLEY



Alisson Marley, desenhista desde os 10 anos de idade, é apaixonado por arte visual, fotografia e artes plásticas. Com experiência em apresentações artísticas, construção de cenários para exposições de arte, além de um amor pela música erudita, teve a oportunidade de tocar no Theatro José de Alencar, em 2018, junto ao Grupo de Ensino Coletivo de Cordas da UFC, do curso de Música do ICA. Apresentou-se com Cosplays (2014, 2016 e 2017), em desfiles e eventos do gênero. Todavia, a maior paixão é pela fotografia. Atualmente, participa do projeto “Imagens que despertam aromas, sabores, memórias e sensação.es gustativas a partir de preparações gastronômicas”, promovido pela Secult UFC e o Bacharelado em Gastronomia UFC, com o viés da fotografia gastronômica.



O sabor das memórias

Técnica: fotografia.

Dimensões: 919 x 613 pixels.



O sabor das memórias
Técnica: fotografia.
Dimensões: 1078 x 720 pixels.





O sabor das memórias

Técnica: fotografia.

Dimensões: 871 x 581 pixels.

A Gastronomia, além de ciência e cultura, também se manifesta no âmbito da arte. Pela fotografia, podemos transmitir emoções, trazendo memórias

e sabores por meio das imagens. O ato de comer começa com o olhar, e é pelo olhar da arte que novas sensações podem ser descobertas.

REGINA CAMPOS



Regina Campos é bancária da Caixa Econômica, canta o popular, estuda canto erudito, e nas horas vagas pinta, escreve, lê e faz artesanato.



Papoula
Técnica: óleo sobre tela
Dimensões: 18 x 24 cm.



Caixinhas de madeira
Técnica: pintura sobre madeira.
Dimensões: 16 x 16 x 5,5 cm.



Jarro com flores

Técnica: pintura em gesso.

Dimensões: 36 x 23 cm.

Há um mês e meio nos enclausuramos. Como me reinventar? Como entender que precisaria dar uma pausa? Eu que sempre fora dinâmica e ansiosa. Para vencer a ansiedade, só a arte, a

leitura e os trabalhos domésticos. O que me rendeu, até o momento, duas crônicas, uma pintura em tela, decoração em caixinhas de madeira e pintura em peças de gesso.

LIEZIO GOMES



Liezio Gomes é fotógrafo e produtor cultural, com olhar especial para a natureza urbana. Já participou de exposições no 4 ManiFesta! Festival das Artes(2013) no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e Theatro José de Alencar,(2018), Galeria Ramos Cotoco. Tem vários registros de espetáculos das artes cênicas em Fortaleza.



Natureza bela

Técnica: fotografia.

Dimensões: 3984 x 2656 pixels.

Flores: mostram uma beleza natural, que pode ser encontrada em áreas urbanas, muitas vezes, expressam sentimento de amor, quando ofertadas a quem se ama.

NEREIDA DUSTEN



Nereida Dusten, artista plástica formada na Universidade Autónoma da Baja California, em Tijuana, México, expôs seu trabalho no México, nos Estados Unidos, na Espanha e no Brasil. Fez um intercâmbio estudantil na Universidade de Castilla La Mancha, em Cuenca – Espanha, onde trabalhou na área de gestão cultural, realizando a coordenação de diferentes eventos culturais. Foi, por um ano, bolsista da MakingUCLM, revista espanhola de cultura, na área de escrita e fotografia. No México, participou de oficinas de criação artística apoiadas pela FONCA; trabalhou na área de curadoria e como professora de artes no Centro Estadual de Artes de Rosarito. Reside, há dois anos, em Fortaleza, Brasil.



Esquemas para descubrir el nuevo universo

Técnica: colagem.

Dimensões: 22,2 x 15,5 cm.

A partir da colagem, crio imagens que contrastam diferentes realidades e tempos. A imagem representada é retirada da sua fala e da matéria original, dando, assim, um novo discurso ao integrar-

se a outras situações. No caso, os personagens se encontram em uma época de isolamento social, o que os leva a ser tirados do seu cotidiano, sendo obrigados a adentrar nos seus próprios pensamentos



Esquemas para descubrir el nuevo universo

Técnica: colagem.

Dimensões: 22,2 x 15,5 cm.

e na busca de um novo cotidiano agora, que experimentam, pela primeira vez, uma leitura diferente do mundo que conheciam. A realidade tem sido descontextualizada, as pessoas estão-se

obrigando a criar novas rotinas, descobrir o que antes era desconhecido em uma vida quase automática e dirigida pelo mundo exterior. O que o ser humano é capaz de descobrir quando se



Esquemas para descubrir el nuevo universo

Técnica: colagem.

Dimensões: 22,2 x 15,5 cm.

encontra só? Esta série de colagens expõe os espaços alternos que cada personagem tenta descobrir na privacidade dos seus pensamentos. A fuga e a descoberta de novos mundos.

NZJINHA



Nzinha (Davi Morais), de 14 anos, desenhou sua primeira obra aos 13 anos de idade. Mudou-se recentemente para Fortaleza e tem grande paixão por animações, seus traços têm grande influência de seu desenho animado favorito, Steven Universe. Ele faz curso técnico em Segurança do trabalho na instituição EEEP Joaquim Nogueira. Suas obras retratam bastante de sua visão de mundo.



Medo exposto

Técnica: desenho digital.

Dimensões: 1350 x 1080 pixels.

Estarmos sozinhos em tempo de pandemia é assustador, e devemos estar conscientes da gravidade

da situação mas ainda assim nos cercamos de esperança para passarmos pelo problema.



Mudança dolorida

Técnica: desenho digital.

Dimensões: 1350 x 1080 pixels.

O isolamento social traz consequências tais como a tristeza e o sentimento de solidão. E, apesar dos nossos medos e inseguranças, é

necessário contarmos com toda a companhia, apoio e suporte possível.



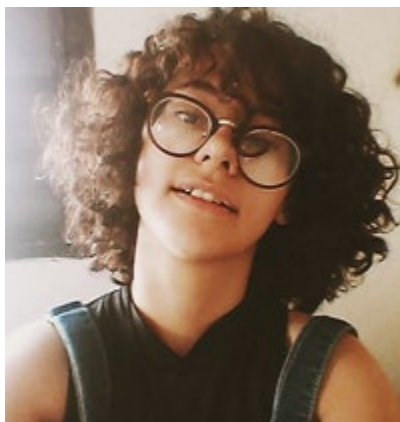
Solidão profunda

Técnica: desenho digital.

Dimensões: 1080 x 1350 pixels.

Durante o distanciamento social, são visíveis na internet várias pessoas reportando sentirem baixa autoestima e desejando mudar, drasticamente, o jeito que se veem e suas aparências.

CAROLINE DINIZ



Caroline Diniz é artista independente que vive no Sertão Central do Ceará e busca respirar e capturar a poesia no cotidiano por meio da escrita e da fotografia. Recentemente, lançou seu primeiro livro de poesias, Madalena.



Miudezas

Técnica: fotografia.

Dimensões: 480 x 480 pixels.

O isolamento social tem-nos proporcionado estar em contato com os nossos lares, na fotografia, sendo representados pelo próprio corpo e pelo mamão repartido, visto que o momento é de permanência, tendemos a olhar ao que nos rodeia, desde os objetos do cotidiano até o nosso próprio corpo. Além disso, o momento de medo e risco geral têm contribuído para que eu pensasse sobre as ordens estabelecidas em nossa sociedade, em que existe uma clara separação e hierarquização

do ser humano e dos outros seres do planeta. Na fotografia, busco mostrar a similaridade das formas do corpo humano e do mamão que somos partes de um mesmo planeta, tendo apenas formas e experiências divergentes. Sendo assim, creio que essa epifania surge de um profundo processo de autoconhecimento e aceitação de minha miudeza diante da grandiosidade da natureza, que advém, justamente, de sua diversidade.

ÚRSULA NÓBREGA



Úrsula Nóbrega é cearense, nascida na cidade de Mauriti. Cursou Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará. Atualmente, está como servidora pública do município de Sobral. Cursa mestrado em Ciências Geográficas pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e possui pós-graduação em gestão ambiental. As artes são uma paixão desde a infância. A maioria dos trabalhos desenvolvidos são realizados utilizando giz pastel e nanquim.



Rotina sem horas

Técnica: giz pastel sobre papel sulfite.

Dimensões: 21 cm x 27,94 cm.

A obra retrata a figura de uma pessoa deitada com os olhos abertos, porém sonolentos referindo-se ao estado da maioria das pessoas atualmente.

Temos tempo para relaxar, estamos em casa, mas o medo nos rodeia, e o ócio nos desmonta em uma rotina sem horas.



Encarar-se
Técnica: giz pastel sobre papel sulfite.
Dimensões: 27,94 x 40 cm.

A obra retrata a figura de um homem de olhos baixos, sem expressão. A figura enigmática representa o interior de muitas pessoas; por quanto tempo só

olhamos para fora com medo do que podemos encontrar lá dentro. Essa pode retratar a razão de o confinamento ser, para muitos, um grande tormento.



Papel

Técnica: nanquim sobre papel com edição digital. Dimensões: 59,4 x 84,1 cm.

A obra retrata a figura de uma pessoa com máscara, segurando um rolo de papel. Em tempos da Covid-19, o Brasil segue dividido. Vivemos uma crise política e humanitária. Ficarão nas nossas

piores memórias os meses que nem mesmo uma pandemia nos uniu? Não posso responder, sigo sem saber como será o amanhã, com um papel que se esgota.

SAMARA FERNANDES



Samara Fernandes, psicóloga formada pela UFC-Sobral (2016), atua no sistema socioeducativo cearense (2017); estuda temas como psicologia, socioeducação brasileira/cearense, juventudes, vulnerabilidades sociais e psicanálise. Escreve poemas e textos no blog desde 2012, apaixonada pelos não ditos e teimosa em dizê-los por meio de diversas linguagens.



#quarentenamood
Técnica: desenho.
Dimensões: 21 x 15 cm.

“Essa ilustração faz parte das minhas criações derivadas do texto #quarentenamood, publicado originalmente, no meu blog (<http://oquenaodito.blogspot.com>) e no meu Instagram (@samara.psi). Deixo-o como extensão do que desejo a todos nós “Se pudesse, deixaria sugestões de como não enlouquecer em casa, de como curtir esse momento tendo com ele um olhar mais positivo, mas a casa e o lar de alguém são tão particulares, que não me arrisco a generalizar.

Por aqui, tento produzir algo que me apazigue; e por trabalhar em um serviço considerado especial, não parei de trabalhar presencialmente. Por aqui, tento cuidar de mim e dos meus amores (marido e filho de um ano e dois meses), e isso tem preenchido meu tempo, às vezes, quando assisto a vídeos do youtube e tiro algumas linhas da cabeça como essas aqui. Olhe em volta e veja o que pode ser feito do seu lado da tela. #stayhome #quarenteam”.

ALYSSON LEMOS



Alysson Lemos é artista e pesquisador, Mestre em Artes pela Universidade Federal do Ceará. Integrante do Grupo As 10 Graças de Palhaçaria e Cocriador do projeto Narrativas Possíveis. Autor do livro Os Bufões Estão de Volta. Desenvolve uma pesquisa multilinguagem, tendo a bufonaria como principal campo de experimentação. Participação em eventos como Mostra Sesc Cariri (2017) Bienal Internacional do Livro do Ceará (2018), Imaginários Urbanos: Festival de Performance (2019), Mostra Entre Performances, Centro Cultural Dragão do Mar (2019), Exposição Coletiva Mapas de um Mundo Ausente Mauc/ UFC (2019); Seminário de Pesquisa em Andamento Escola de Comunicação e Artes USP (2019); Festival Concreto (2019); Mostra Sesc Sertão Central (2020). Idealizador da performance e catálogo Fôlego, contemplado pelo VII Edital das Artes na categoria artes visuais (2018). Professor da Academia do Riso: escola de iniciação em Palhaçaria. Oficinas ministradas na Convenção Cearense Circo, Malabarismo e Artes de Rua, Seminário de Pesquisa em Andamento na Escola de Comunicação e Artes da USP/ SP, Escola de Circo da Vila das Artes, Tutoria no Laboratório de Criação CCBJ linguagem Circo, Coordenando o Ateliê de Criação em Circo CCBJ: invenção em palhaçaria(s).



Cotidiano-19

Técnica: fotografia.

Dimensões: 6000 x 4000 pixels.



Cotidiano-19

Técnica: fotografia.

Dimensões: 6000 x 4000 pixels.



Cotidiano-19

Técnica: fotografia.

Dimensões: 6000 x 4000 pixels.

Um cotidiano aparentemente normalizado diante da reorganização repentina e forçada do tempo, algo sempre a nos puxar, insistindo em nos lembrar do peso quarentenescos pandemizado de nossos

dias. As imagens aqui dispostas exploram a banalidade de ações aparentemente comuns sob a ótica da ameaça viral.

MARIA BARROS



Maria Barros é estudante de Ciências Atuariais na Universidade Federal do Ceará. Além disso, pinta e escreve desde muito pequena, como tentativa de equilibrar sua afeição por números e todas as outras formas de se fazer ciência em relação à subjetividade do pensamento artístico. Enxerga no Impressionismo e no Pós-modernismo sua principal fonte de identificação.



A Quarentena

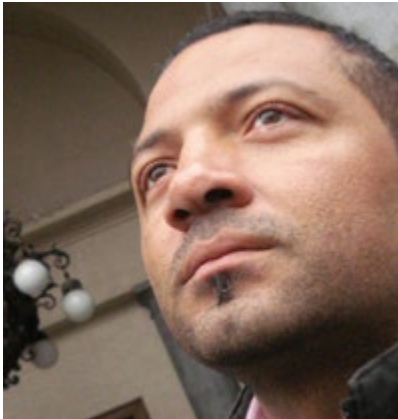
Técnica: nanquim e guache sobre papel.

Dimensões: 148 x 210 mm.

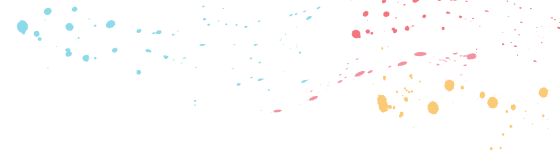
A desproporcionalidade anatômica da personagem, como a cabeça em relação ao restante do corpo, traduz o peso de suportar os pensamentos quando restam poucas válvulas de escape. A nitidez dos traços na parte superior da pintura, que vai se perdendo conforme chega-se à parte inferior (vista no corpo da personagem e também na corrente), simboliza o fator temporário da presente situação,

indicando que seu fim está a caminho. Os muros simbolizam o isolamento social não desejado. A âncora, que também se torna chifres, indicam a demonologia da entidade em questão, em que, também, se tem referência ao peso e à permanência da angústia. A corrente remete à sensação de aprisionamento, mesmo que necessária.

MARCOS MARTINS



Marcos Martins nasceu em Fortaleza, CE. Artista visual e arquiteto, mestre e doutor em Poéticas Visuais (ECA/USP) e professor de Artes na Universidade Federal do Espírito Santo. Aborda, em suas pesquisas artísticas, a reflexão sobre a inserção do corpo no espaço público por meio das transformações e tensões presentes nas paisagens construídas (ou desfeitas) nas grandes cidades, atuando nos processos dialógicos entre a espacialidade e o corpo, por meio das performances, intervenções urbanas, instalações e seus estreitamentos com a Arquitetura e o Design.



Elmo

Técnica: foto-performance.
Dimensões: 90 x 60 cm.

Elmo. Um corpo asséptico e vestido de luz, camufla-se no campo das arquiteturas. Um canto do mundo de poucos metros quadrados, lugar íntimo desvelado e estático que conversa com a solidão. Vestindo-se de mobílias, fez-se casa - uma meta-casa de sutis diálogos cotidianos, explorados com seu corpo-performer nos espaços de silêncio. *Bestial*. Emanam



Bestial

Técnica: foto-performance.
Dimensões: 90 x 60 cm.

desses desejos dos quais não se falam e são despertados na escuridão dos sonhos e pesadelos. Ali habitam com maestria o interior humano, performando suas (ir)realidades enquanto dormem (ou não), onde se deliciam no Banquete de Platão e do esquecimento.



ZÉ MARIA



Zé Maria é autodidata nas áreas de pintura e escultura.



Sereia plantando bananeira

Técnica: escultura.

Dimensões: 190 cm.

Sereia plantando bananeira, feita em fibra de vidro medindo 190 cm. Pintada com tinta sintética. Obra foi executada em um momento de explosão ou inspiração

causada por momentos de confinamento físico e mental. Uma forma de liberdade neste momento foi encontrada na liberdade que tem as baleias.



Sem título

Técnica: pintura sobre parede.

Dimensões: indefinido.

Pintura no muro durante a quarentena, faltou tela; então, tive que usar a imaginação, pois já estava entrada em neura, daí resolvi pintar no muro da

minha casa mesmo; apliquei sobre a arte pronta uma imagem recortada e uma gaiola.



Sem título

Técnica: pintura sobre eucatex.

Dimensões: indefinido.

Araras pintadas sobre eucatex, também por falta de material usei o que dispunha no momento.

ISAAC FURTADO



Artista plástico e médico formado pela Universidade Federal do Ceará. Desde 1988, participa de exposições artísticas, entre as quais, destacamos: 2019 – Exposição BELEZA IMORTAL, retrospectiva de 41 anos de arte. CDMax Café, Fortaleza, CE. – Exposição Circunflexos. Exposição Circunspectos no Centro Cultural BELCHIOR. Fortaleza, CE. 2018 – Exposição coletiva: Novos Olhares para a Monalisa, parte da coleção VERIDIANA BRASILEIRO. Museu do Ceará, Fortaleza, CE. 2017 – Exposição Individual – QR Portrait. Brava Wine. Fortaleza, CE.



Janelas discretas

Técnica: aquarela sobre papel.

Dimensões: 21 x 21 cm.

Em 2015, iniciei uma série Art for Fleas - #artforfleas , já fiz mais de 600 miniaturas em aquarelas, com a média de 22/22mm. Aqui, cada janela de 28/24 mm tem uma história, um artista pintando, uma mulher regando uma planta, um gato, um casal dançando,

um cachorro, uma mãe brincando com o seu filho, a Monalisa, uma criança que perdeu o balão, um músico tocando violão, um pássaro que fugiu da gaiola, o balão do menino e uma família orando.



Janelas de fé

Técnica: técnica mista sobre papel reciclado. Dimensões: 20 x 20 cm.

Iniciei a série #janelasdiscretas após a pandemia de COVID19, mostrando janelas diversas, algumas habitadas, mas sabendo que dentro estão cheias

de pessoas acordadas, dormindo, pensando em como e quando tudo isso vai acabar. No centro, a igreja simbolizando a Fé.



Janelas diferentes

Técnica mista sobre papel reciclado.
Dimensões: 20 x 20 cm.

Iniciei a série #janelasdiscretas após a pandemia de COVID19, mostrando janelas diversas, algumas habitadas, mas sabendo que dentro estão cheias

de pessoas acordadas, dormindo, pensando em como e quando tudo isso vai acabar.

MARIANA MORAES



Mariana Moraes sempre amou arte e desenha desde pequena, porém foi somente em 2019 que deu início às pinturas para poder retratar o que observava, sentia e vivia em relação ao mundo. Encontrou-se desde o primeiro contato com a pintura em telas e segue de forma experimental, permitindo-se errar, evoluir de forma orgânica e descobrir-se aos poucos como pintora.



Aquela sensação de quando a boca fica muda, mas os olhos escutam e o sorrisos transmitem o que internamente os corações fazem e sentem
Técnica: acrílica sobre tela.
Dimensões: 50 x 70 cm.

É sobre a força do olhar que nos conecta e vale muito mais que palavras, os olhos conversam entre si e transbordam tudo o que o coração sente e todas as vivências e sentimentos compartilhados. Embora não tenha sido a ideia de inspiração da obra, assemelha-

se às cenas infelizmente vistas de forma tão comum nos dias de hoje, de familiares se encontrando por meio de vidros, sem poderem se comunicar verbalmente, mas resignificando a comunicação com olhos que tudo dizem.



Vinho branco

Técnica: acrílica sobre tela.

Dimensões: 30 x 40 cm.

É uma análise sobre quem nos rodeia e em quais circunstâncias entram em nossas vidas, reflete os oportunismos constantes numa

sociedade devoradora e os abismos da confiabilidade nela tão rotineiros.



Poço raso sem fundo, mais conhecido como Mundo

Técnica: acrílica sobre tela.

Dimensões: 9 x 12 cm (cada tela).

É sobre o ser humano no mundo e as mazelas que provoca, seu enorme ego, suas enormes falhas e sua constante ignorância que deterioram tudo à sua volta, inclusive a si mesmo.

ROBERTO VIEIRA



Roberto Vieira é professor efetivo do Departamento de Arquitetura e Urbanismo e Design desde 2014. Desenvolve projetos de pesquisa e extensão com foco em Fabricação Digital e Design Computacional. Participou das últimas duas edições da Exposição NossArte do MAUC com desenhos, fotografias e uma escultura. Participou de exposições em salões de fotografia e bienais brasileiras de fotografia.



Banco sem amores

Técnica: fotografia.

Dimensões: 3216 x 2136 pixels.



Sem medo

Técnica: fotografia.

Dimensões: 3216 x 2136 pixels.

Durante o período de isolamento, iniciamos, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo e Design, o trabalho de produção de máscaras Face Shields para profissionais de saúde. Durante esse

trabalho diário, fiz registros do Departamento sem atividades. São detalhes e marcas deixadas por pessoas que convivem nesse espaço, agora vazio. Ao longo dos dias fui expandindo os registros para



Universidade indefinida

Técnica: fotografia.

Dimensões: 3216 x 2136 pixels.

o percurso até o local de almoço e caminho de casa para a Universidade. O ensaio é uma reflexão sobre a vocação de produção de conhecimento da

Universidade e uma homenagem aos que fazem esse espaço: professores, técnicos e estudantes. Sem as pessoas, é apenas um espaço vazio.

MEL ANDRADE



Mel Andrade, artista visual. Mestranda em Artes pelo PPG em Arte da UFC e Licenciada em Artes Visuais pelo IFCE. Pesquisa casa e suas relações com memória, afetividade, cartografia e ancestralidade por meio de ações performativas.



Monotemática

Técnica: arte digital.

Dimensões: 300 x 300 pixels.

Estar em casa, viver a casa, como viver junto, ficar em casa, não sair de casa, quem casa quer casa, a casa é sua, casa da mãe Joana, no dia em que eu saí de casa, casa de bamba, casa de papelão, casa grande e senzala, deixa eu dormir na sua casa. A apresentação desse trabalho foi a partir da criação de uma playlist no Spotify que tivesse a palavra "casa" no título e que a canção trouxesse em suas

letras situações e questões sobre "casa". Tornou-se uma playlist eclética e com uma pluralidade de interpretações do que é casa. A apresentação se dá a partir de imagem de QR Code (em anexo), bem como a divulgação da playlist a partir do texto de legenda da imagem: Buscar playlist Casa, de Mel Andrade, no Spotify.

SILVANO TOMAZ



Silvano Tomaz, nascido em Fortaleza-CE – Brasil, é Bacharel em Artes Visuais – FGF – Faculdade Integrada da Grande Fortaleza - e tem especialização em Metodologia do Ensino de Artes pela UECE. Durante os anos de 1990, estudou xilogravura com Eduardo Eloy e desenho, pintura, com Jane Lane, no Centro Cultural Dragão do Mar. Seus trabalhos são caracterizados por um estilo marcante, abstrato com cores variadas e texturas com signos, simbolizando traços deformados aleatórios, e, muitas vezes, feitos em grandes formatos. Tudo é codificado por meio daquilo que busca para representar o passado ou presente, algo que, geralmente, está relacionado com um estilo chamado “Novo Simbolismo contemporâneo”. Em 1994, iniciou a carreira artística participando do Salão dos Novos, pela Fundação Cultural de Fortaleza. Destaque para algumas exposições importantes: Olhar Investigativo – Espaço Cultural North Shopping Fortaleza e Panorâmica Gráfica – 25 anos de atividade MAUC - Museu de Arte da UFC (2019); Miniprint Internacional Uruguai, Miniprint Laguna Piva Argentina e Bienal Internacional OSTEN do desenho – República da Macedônia (2017); Identidade aos 20 – Espaço Cultural do CREA – Fortaleza (2014), entre outras.

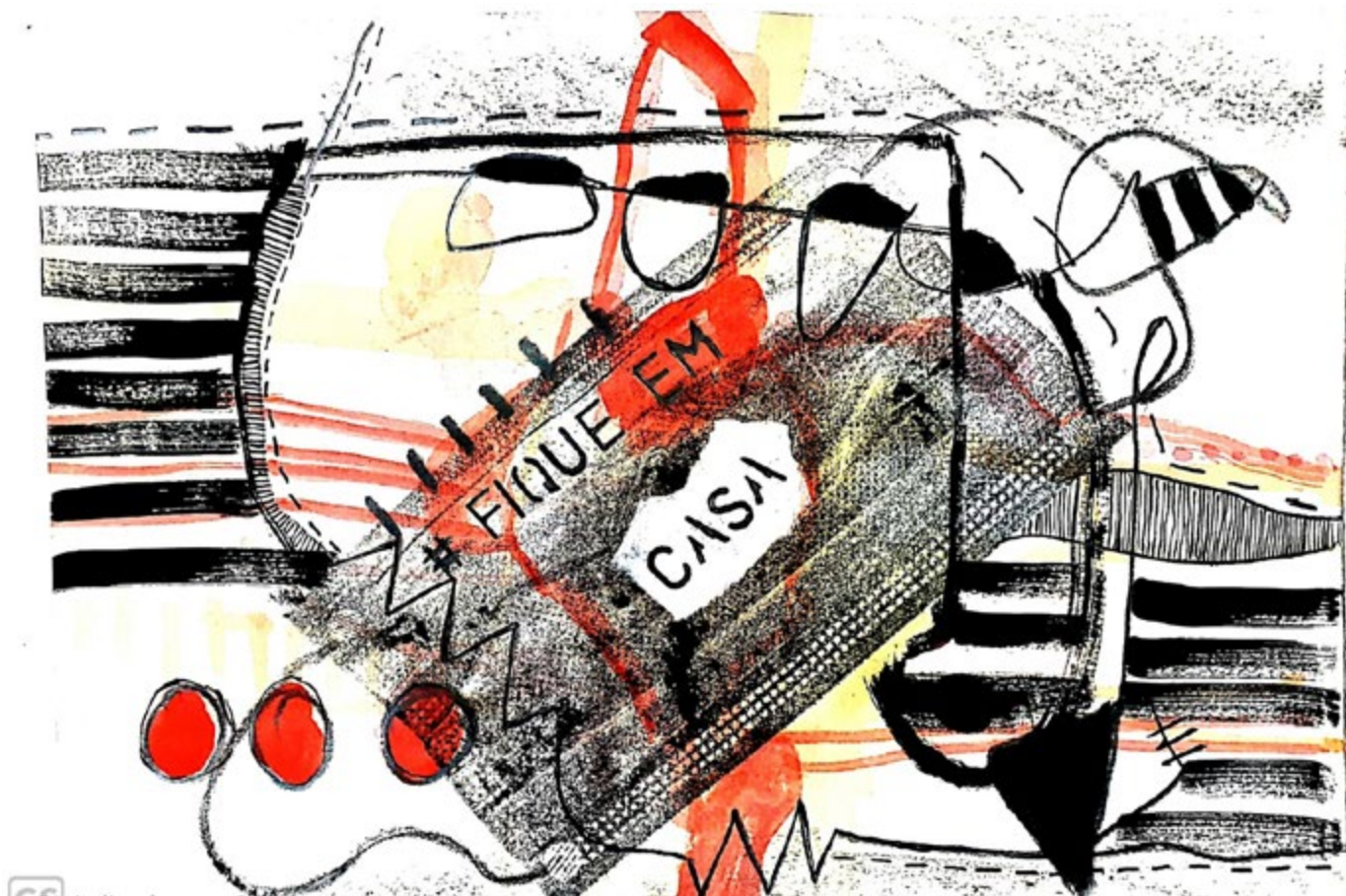


Isolamento social
Técnica: Gravura expandida.
Dimensões: 20 x 30 cm.



Use máscara
Técnica: Gravura expandida.
Dimensões: 20 x 30 cm.

Os referidos trabalhos fazem referência aos dias atuais, que estamos vivenciando com a nossa preocupação com o covid19 . As máscaras que estão impressas em cada um trabalho, são máscaras que



Fique em casa

Técnica: Gravura expandida.

Dimensões: 20 x 30 cm.

eu usei em algumas saídas minhas para resolver problemas burocráticos: ir ao BANCO, supermercado e aos correios. Então, após o uso, utilizei-as, intintando e imprimindo na prensa de xilogravura,

dando significado e referências a cada uma máscara com trabalho e dando nomes a elas, no objetivo de me comunicar e, ao mesmo tempo, levando mensagem de forma visual no combate à pandemia.

JEFFERSON SOUZA



Jefferson Souza cursa Design na UFC. Natural de Fortaleza, sempre foi apaixonado pelas Artes e, principalmente, as gráficas; vejo como é impactante as coisas conseguirem ser ressignificadas a ponto de mexer com as outras pessoas. O artista sente que esta é uma espécie de meta na minha vida, mexer com as pessoas com o trabalho que elas fazem; porém, sem a sensação de prendê-las em seu pensamento, mas deixando aberta a porta da imaginação.



The hand

Técnica: Manipulação digital de imagem.

Dimensões: 1080 x 1350 pixels.



Utilizando-se do Surrealismo, vemos uma mão saindo de um buraco em meio a uma Avenida, algo inusitado quanto à situação; porém, conhecido em relação aos elementos (objeto/ imagens) utilizados em cena. Essa relação do conhecido com o desconhecido causa um certo temor e aflição, misturando o real ao irreal e

proporcionando uma única sensação de forma diferente em cada pessoa que contempla. Para mim, é aí onde mora a Arte, a abertura que se dá ao observador de ter as suas próprias conclusões, a liberdade de ser livre, utilizando-se da liberdade de criar de alguém. Para você, o que ela significa? <https://www.instagram.com/p/CAYoCQBI99O/>.

ANA MENEZES



Ana Menezes, tem 17 anos e faz curso de design gráfico. Pretende seguir carreira no ramo das artes, devido ao fascínio pelos desenhos e, especialmente, pela arte de criar animações. Antes mesmo de essa quarentena começar, ela já se sentia presa a um cotidiano chato, ao fato de que existem tantos locais belos no mundo, e ela ainda não pode alcançá-los. Pela arte sempre estar a seu lado, ela se deixou emergir em mundos fascinantes, fazendo-lhe criar afeição por personagens, que, apesar de fictícios, representam os desejos, os sentimentos e as experiências de pessoas reais. E, dessa forma, pretende fazer que as pessoas vejam suas criações e se sintam fascinadas. Ela deseja que o espectador também possa integrar como parte desse mundo de fantasias, principalmente nesta época em que ninguém pode sair de casa.



Visita a uma amiga

Técnica: arte digital.

Dimensões: 1080 x 1080 pixels.

Todos foram feitos de forma digital utilizando o programa clip studio paint e a mesa wacom intuos CTL4100. O primeiro (Visita à uma amiga - 1080x1080pixels, feito em 18/04/2020) representa o cotidiano tranquilo de duas personagens minhas em uma floricultura; o segundo (Defensora da Mata - 800x1000pixels, feito em 19/04/2020) é uma

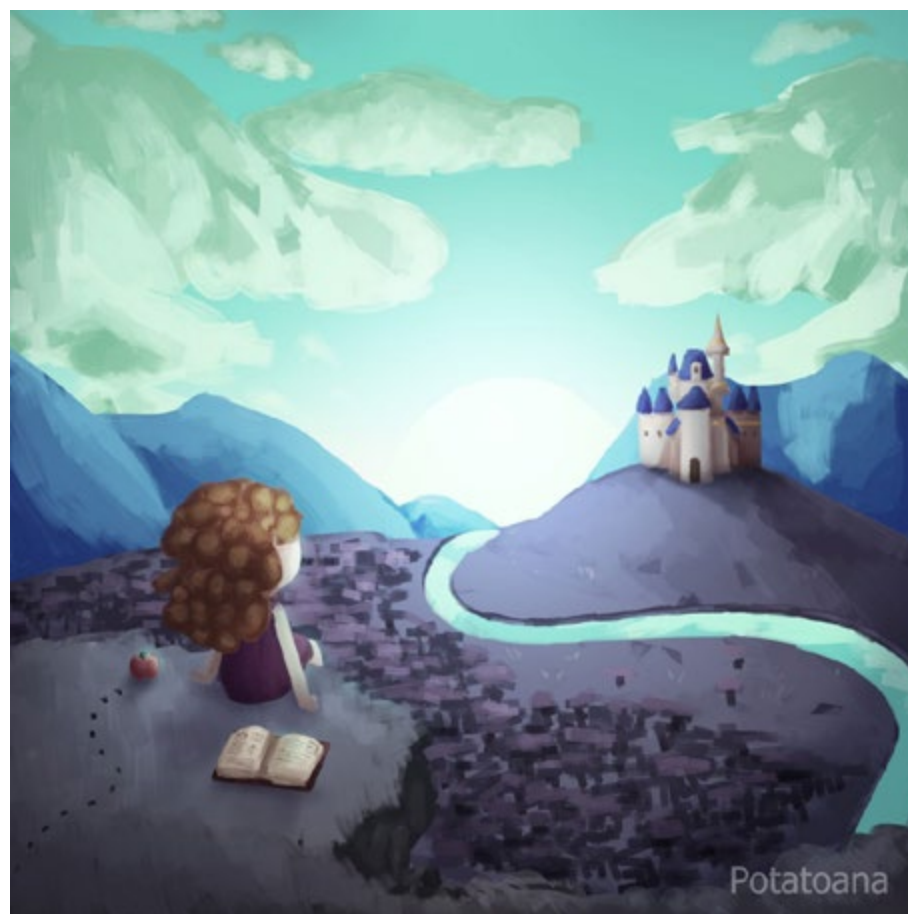
representação de uma das figuras do folclore brasileiro, a Caipora, sua beleza e determinação em proteger a natureza; e o terceiro (Fantasia - 1080x1080pixels, feito em 20/04/2020) representa a nossa vontade de viajar e conhecer locais novos e belos, demonstrando uma paisagem focada em um castelo arrodado por montanhas, florestas e rio.



Defensora da Mata

Técnica: arte digital.

Dimensões: 800 x 1000 pixels.

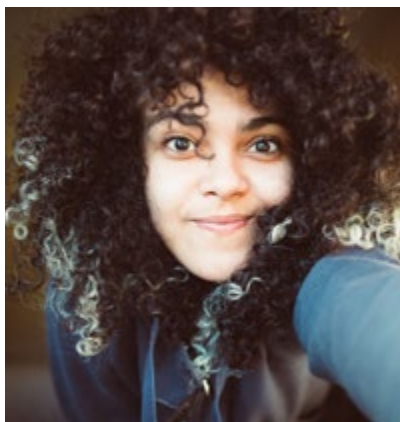


Fantasia

Técnica: arte digital.

Dimensões: 1080 x 1080 pixels.

LARISSA BEZERRA



Larissa Bezerra é formada em Artes Visuais pelo IFCE, fez mestrado e doutorado em Educação pela UFC, e suas áreas de pesquisa são em Arte Educação. É fotógrafa profissional há mais de 7 anos. Já participou de cursos de fotografia e cinema na Casa Amarela - UFC, no CCBJ e no Instituto Português de Fotografia, em Portugal. Trabalha em projetos de extensão universitária e de assistência social com teatro, cinema, desenho, fotografia e Artes Visuais. Possui experiência em docência do ensino superior nas áreas de educação e arte-educação, na UFC e na FAMETRO. Ganhou uma bolsa de estudos para estudar arte durante seis meses no College of the Rockies, no Canadá. Na fotografia, realiza trabalhos *freelance* nas áreas da fotografia de família, fotografia de parto, eventos sociais e fotografia de viagem, fornecendo, assim, material fotográfico não só para seus clientes, mas para livros, revistas e banco de imagens online. Acredita na arte como uma experiência educativa e formadora para todos e todas e defende a discussão sobre a importância da arte dentro e fora das escolas.



O invisível visível

Técnica: fotomontagem (Aquarela sobreposta em fotografia).

Dimensões: 6156 x 4160 pixels.

Trancados dentro de casa, cultivamos o medo de um inimigo invisível mas que está mais presente e palpável do que qualquer ameaça que já tenhamos

vivenciado até hoje. A fotografia é uma tentativa de expressar aquilo que sentimos e lutar contra algo que não podemos enxergar.



Mandala Sou

Técnica: fotomontagem (Desenho sobreposto em fotografia).

Dimensões: 735 x 729 pixels.

A mandala nos faz olhar para dentro de nós e enxergar dimensões que o racional não é capaz de alcançar. Ela nos desvela e nos mostra camadas do nosso ser, o que nem sempre estamos prontos para

encarar. A mandala é uma representação visual de quem somos, do que sentimos e de como pensamos. Ela é uma representação imagética da nossa alma.



O que vai ficar marcado

Técnica: fotoperformance (registro fotográfico feito por uma escaneadora).

Dimensões: 2101 x 2996 pixels.

Cada pessoa vai passar por essa experiência que estamos vivenciando hoje, de forma diferente. As marcas, que cada um irá carregar após esse período de distanciamento social serão únicas. Solidão, dor,

fé. Sentimentos, incertezas, dúvidas, medos, como isso tudo se mostra dentro de nós? Essa obra tenta representar as marcas que ficarão nas nossas almas ou memórias depois que tudo isso passar.

KAROL



KAROL tem 20 anos e é estudante de História na UFC. A arte figura como parte importante da sua vida e não assume o caráter profissional por escolha: ela prefere ter liberdade sobre suas criações. Tem experiência com guache e, recentemente, tem experimentado as técnicas de colagem e modelagem.



Ato institucional 5

Técnica: colagem.

Dimensões: 15 x 16 cm.

A obra propõe uma reflexão sobre o uso contemporâneo da memória ligada à ditadura civil-militar de 1964. Ao retratar os cemitérios clandestinos, em que os corpos eram descartados, os métodos de tortura, como choques elétricos, e filhos dos torturados, que, por vezes, eram torturados ou assistiam à tortura de seus pais, a obra ressalta o papel da História ao fazer uma conexão entre o passado e o presente, indagando ao espectador “o



Sem título

Técnica: guache sobre papel.

Dimensões: 8 x 14 cm.

que você lembrou de esquecer?” e “o que você esqueceu de lembrar?”, assim questionando a que rumo nos levam as atuais comemorações à ocorrência desse evento histórico. *Sem título*. A obra retrata os efeitos que a quarentena pode ter sobre o estado mental das pessoas. Os tons escuros retratam que a personagem tem sentimentos sombrios, enquanto o escurecimento das cores demonstra a intensificação progressiva desses sentimentos.

MARIA EUDA



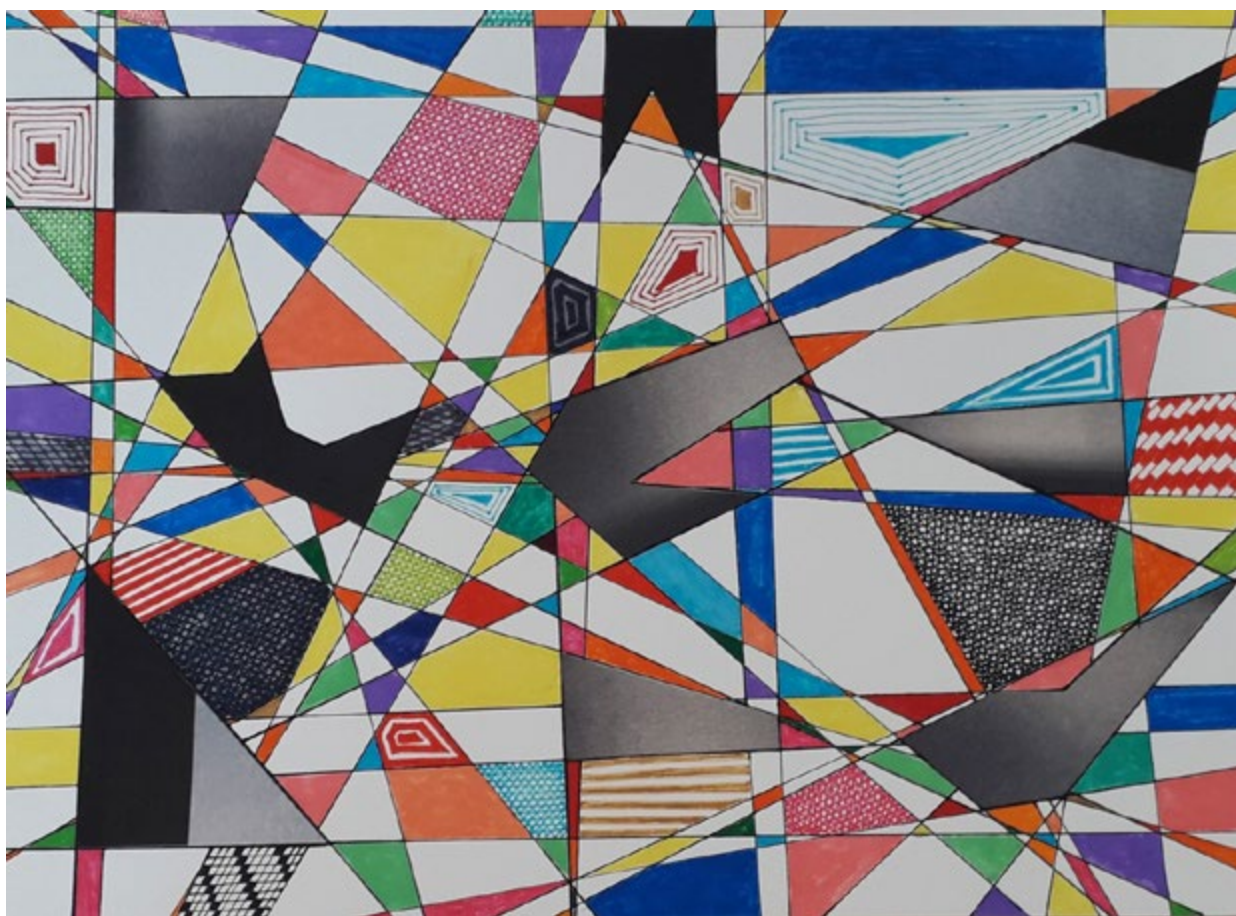
Maria Euda é Licenciada em Desenho e Plástica pela UFGO, Pós Graduada em Planejamento Educacional e Arteterapia. Professora aposentada da rede Municipal de Fortaleza e Estadual. Atualmente ministra aulas na Faculdade PLUS e atendo com Arteterapeuta.



Nexo e Respeito I

Técnica: mista (colagem e desenho).

Dimensões: 21 cm x 29,8 cm.



Nexo e Respeito II

Técnica: mista (colagem e desenho).

Dimensões: 21 cm x 29,8 cm.

Nexo e Respeito I, II e III, são poéticas visuais estruturadas com pequenos recortes lineares de retalhos de papéis coloridos ou imagens de revistas que são colados e contornados com traços que se alongam e se cruzam, respeitando

cada forma recortada anteriormente. Com o cruzar das linhas, novas figuras vão surgindo, para, logo em seguida, serem coloridas. No passo a passo da minha criação, vou compreendendo o caminho das linhas, suas interrupções, seus obstáculos,



Nexo e Respeito III

Técnica: mista (colagem e desenho).

Dimensões: 21 cm x 29,8 cm.

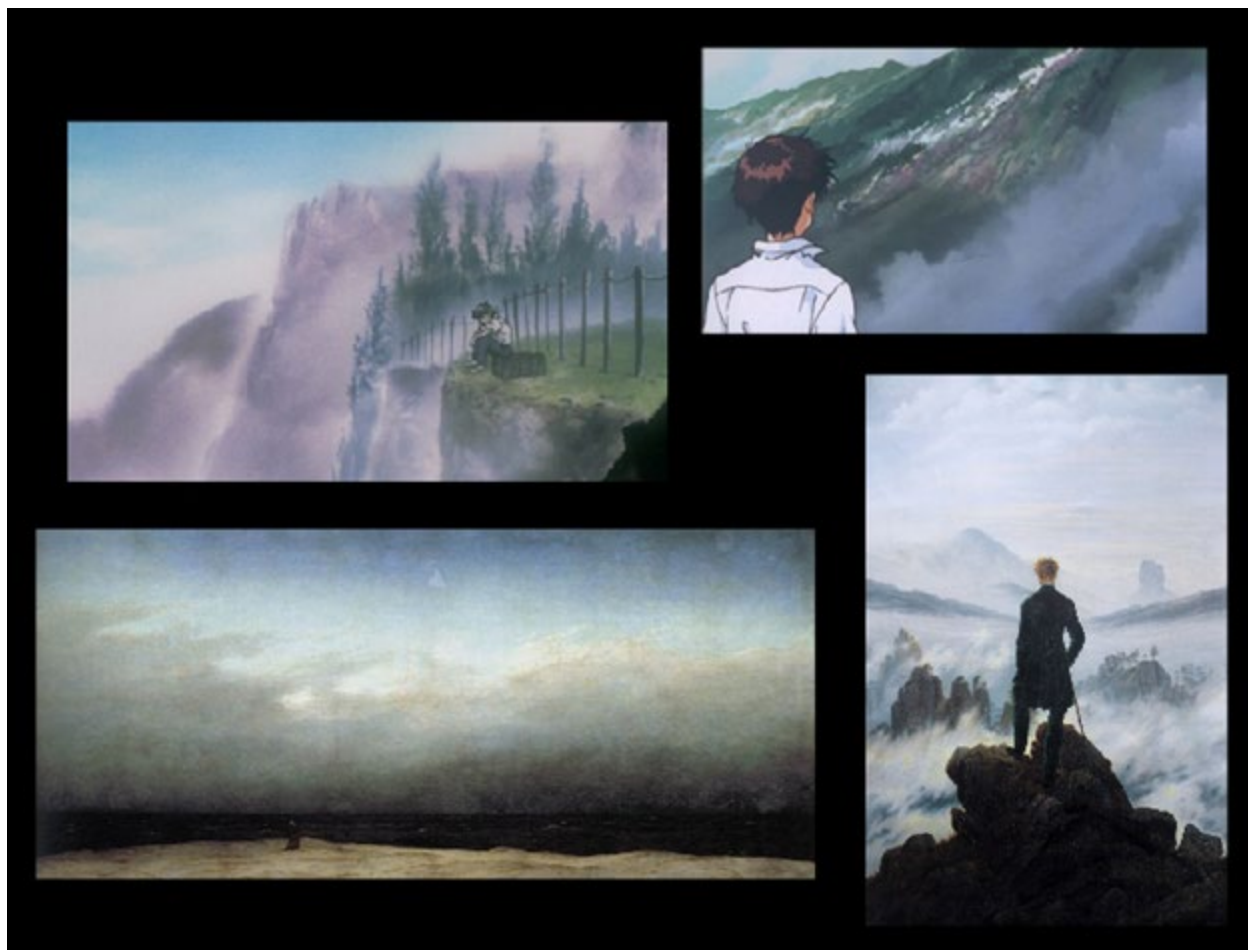
respeitando tudo o que está sendo composto, e as escolhas serão trabalhadas de forma direta e imediata, tudo o que deve ser preenchido pela cor. Nexo e Respeito vem sendo desenvolvido nesse tempo de isolamento, e assim vou exercitando a

paciência, a percepção visual, a integração e o respeito, levando-me à depuração e síntese entre as linhas, a forma e as cores. A proposta é nos conectarmos com equilíbrio, harmonia e respeito.

KELVI DACOSTA



Kelvi Dacosta, 20 anos, é estudante de Artes Visuais pelo Instituto Federal do Ceará e voluntário no Museu de Arte da UFC; morador do interior da cidade de Aquiraz, ainda não consegue se ver como artista, de fato, acredita estar mais inclinado à pesquisa e à docência; porém, isso não o impede de experimentar as possibilidades de produções artísticas que o mundo acadêmico lhe proporciona.



Atlas mnemosyne: solidão
Fotomontagem.
Dimensões: 744 x 562 pixels.

Atlas mnemosyne: solidão e observador. É impossível desvincular a vida de um artista à sua produção. Acredito que cada situação potencializa a criação

de algo. As experiências trágicas vividas tanto pelo pintor Romântico Caspar David Friedrich quanto pelo animador/ diretor japonês Hideaki Anno são



Atlas mnemosyne: observador
Fotomontagem.
Dimensões: 749 x 525 pixels.

expressas diretamente nas suas produções. A melancolia, a solidão, a composição imagética e até

a paleta de cores se aproximam bastante, mesmo as produções com tanto séculos de diferença.





Atlas mnemosyne: a natureza e o homem
Fotomontagem.
Dimensões: 746 x 580 pixels.

Nesse a Atlas, busco trazer essa aproximação estética presente em ambas as obras na hora de retratar a harmonia presente entre o homem, em

uma forma singela e diminuta, perante a vastidão da natureza ao seu redor.

MARCOS PINTO



Marcos José Pinto nasceu em dezembro de 1974, na cidade de Amontada, no Ceará. Desde aos 8 anos de idade, desenhava em tudo o que era possível, uma vez que seu pai, José Adão Pinto, o incentivou a fazer um curso de desenho e pintura; assim, adquiriu novas técnicas, criando seu próprio estilo, com base em cenários naturais e transformando-as em belas obras realistas. Participou de várias exposições coletivas e individuais na cidade de São Paulo, como na FinArte, Malli Villas Bôas, Associação Paulista de Belas Artes, Memorial da América Latina, entre outras.



Cavalo

Técnica: óleo sobre tela.

Dimensões: 70 x 100 cm.

Retrata a realidade do povo de maneira concreta, com pinceladas livres, o que resulta em uma representação nítida da realidade que nos cerca. "O Cavalo" OST 70x100, não se inspira em sonhos ou evocações históricas imaginárias, e, sim em

uma fonte de inspiração que é a própria realidade, sendo dócil e delicado, dono de uma beleza incomparável e um ponto de equilíbrio surpreendente, assim é o perfil retratado do cavalo, demonstrando sua elegância.

NICK



Nick iniciou sua vida artística em 1999 como grafiteiro do movimento *hip hop* no estado de Ceará. Teve participação em exposições no Centro Dragão do Mar (2004), na Unifor Plástica (2009), no MAUC UFC (2012), no Sobrado José Lourenço (2017), além de outras exposições e murais pintados pela cidade de Fortaleza. É educador social, ensina técnicas de grafite e desenho, principalmente em ONGs.



Azul

Técnica: pintura.

Dimensões: 26,5 x 30,5 cm.

O trabalho é um conjunto de três pinturas denominadas: "azul, amarelo e vermelho". Trata-se de um estudo de cores e formas realizado com base

no grafite de letreiro em 3D. As letras do grafite 3D lembram o abstracionismo geométrico. Dessa forma, as pinturas são uma fragmentação de partes



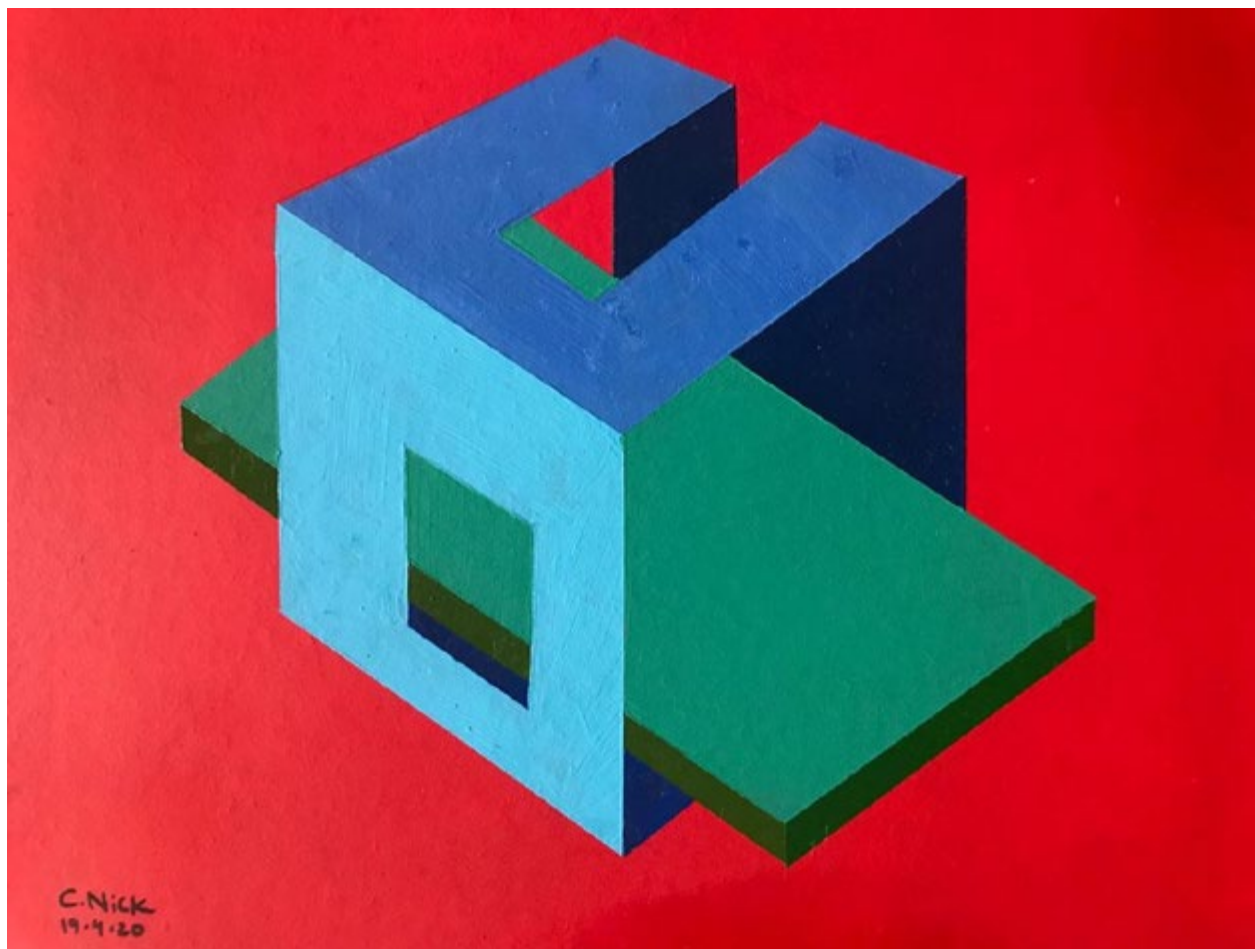
Amarelo

Técnica: pintura.

Dimensões: 26,5 x 30,5 cm.

das letras de grafismo. Para além da arte urbana, as pinturas têm influência dos artistas Piet Mondrian, Kandinsky e Paul Klee. As pinturas também fazem

parte do processo de criação de murais de graffiti com letras em 3D. As formas gráficas simétricas presentes na pintura lembram a forma cúbica. As



Vermelho

Técnica: pintura.

Dimensões: 26,5 x 30,5 cm.

cores primárias amarela, azul e vermelha dominam quase todo o trabalho. No centro da tela, as formas

cúbicas são pintadas com as cores primárias, análogas e complementares.

ALICE DOTE



Alice Dote é pesquisadora e artista visual, mestranda em Sociologia pelo PPGS/UFC e cocriadora do coletivo Narrativas Possíveis (@narrativaspossiveis), com pesquisa e atuação em cidade, imagem e artes urbanas desde o início de 2017. Como práticas artísticas, tem experimentado os atravessamentos entre o caminhar como prática estética, o desenho, as artes urbanas, entre outras, principalmente em relação às suas vivências no cotidiano da cidade de Fortaleza.



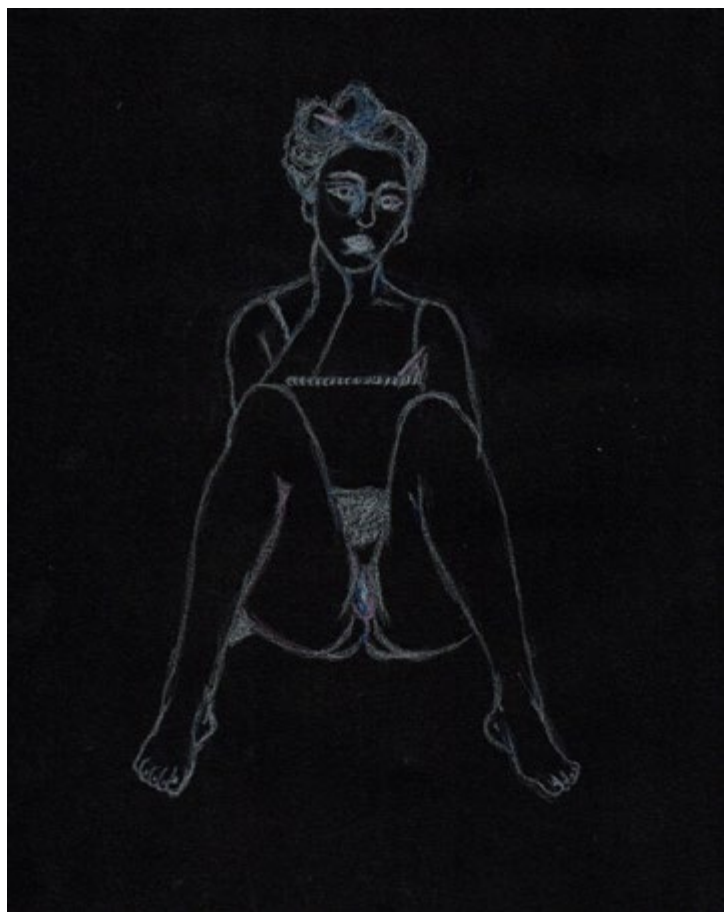
Não ando muito afeita a cores

Técnica: lápis de cor sobre papel.

Dimensões: 14,8 x 21 cm.

Demorar o olhar-se, descobrir com a mão, tentar variações dos gestos. Acostumo-me a ficar sem roupa pela casa, abandonando, por vezes, qualquer tentativa de produzir efeitos de normalidade no

cotidiano. São mínimas ou maiores as desestabilizações que percorrem essa porosidade dentro-fora. Há dias em que há tempo, e retenho-me em frente ao espelho, pousando o olhar em



Hoje faz exatamente um mês
Técnica: lápis de cor sobre papel.
Dimensões: 21 x 29,7 cm.

cada bocado de pele por vez, obrigando a olhar-me mais que fortuitamente. Noutros dias, fotografo-me e demoro-me em imagens de imagens. Desenho-me não para comigo me parecer, mas

para me descobrir - tento, aos poucos, desautomatizar os movimentos do corpo, o olhar, a mão que me risca. Suprimo pedaços, outros implanto, como quer uma imagem do pensamento.



E se

Técnica: lápis de cor sobre papel.

Dimensões: 14,8 x 21 cm.

Ausente no corpo material, realizada no corpo imaginado mas não menos real. Presença-ausência.

Torno-me outra: não reconheço a fisionomia dessas linhas, mas ali me conheço um outro mais.

GUSTAVO DIÓGENES



Gustavo Diógenes Furtado Leite é bacharel em Publicidade e Propaganda pela FIC, Pós- Graduado em Design Gráfico pela FA7. Atualmente, cursa licenciatura em Artes Visuais pelo IFCE. Curso de serigrafia na produção da gravura de forma integrada pela Escola de artes e ofícios Tomaz Pompeu Sobrinho. Participou de inúmeras exposições coletivas: Coletiva – Monolitos – Museu Jaguaribano – Aracatí (2020); 70° Salão de Abril “Meninos e Revólveres (2019); Coletiva – II Mostra YBY de cerâmica – Vestigium Art Gallery – IBEU ; Coletiva – I Exposição Com Figura – Galeria Leonilson, Porto Iracema das Artes (2018).



Fogo doce

Técnica: óleo em madeira.

Dimensões: 90 x 21cm

O tríptico “fogo doce” é o nome que dá o seu título que se refere ao cair do dia ou ao amanhecer em paisagens de memória. Em sua nomenclatura, o doce se refere à luz melancólica do sol em ambos os intervalos de tempo (amanhecer, anoitecer) dessas paisagens. Pinte algumas paisagens por auxílio da memória durante o período de isolamento

em que visitar esse lugares e momentos se fez necessário. O lusco-fusco, nome utilizado para denominar um instante fugidio em que não há clara definição se é dia ou se é noite tem ligação estreita com o tempo em que não sabemos definir quando estamos em isolamento.



FÁTIMA GOMES



Fátima Gomes é desenhista, pintora e arte-educadora. Graduada em Licenciatura em Artes visuais pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará- IFCE, já participou das exposições coletivas: Quatro estações – Mauc (2019); Multiplicidades – Centro cultural Belchior e Salão sequestrado – DB Galeria (2018); Guerreiras ou artistas? – Centro Cultural dos Correios-Fortaleza e Marias – Espaço cultural North shopping – Fortaleza (2017).



Casulo I

Técnica: nanquim sobre canson.
Dimensões: 0,15 x 0,21 cm.



Casulo III

Técnica: nanquim sobre canson.
Dimensões: 0,15 x 0,21 cm.

Casulos são envoltórios capazes de proteger e abrigar diferentes seres. É nesse lugar de abrigo que o silêncio nos permite refletir e escolher o que, de fato, é essencial à nossa existência. É tempo de se

recolher, habitar o casulo/Eu e buscar reconectar-se consigo mesmo e tentar transformar-se; transmutar seu Eu, pois o momento nos implora mudanças.

VITÓRIA MARQUES



Maria Vitória de Albuquerque Marques, nascida em 02/05/1946, no município de Natal – RN, formada em Medicina Veterinária (UECE – Universidade Federal do Ceará) em 1969 e em Artes Visuais pela Faculdade Integrada da Grande Fortaleza em 2004. Participou de inúmeros cursos e workshops: Workshop de Gravura em Metal com Ana Letícia, (2001); Curso de Colografia com Eduardo Eloy. Dragão do Mar (2003); Curso de Litografia com Míriam Tolpolar. Escola de Artes e Ofícios (2018); Gravura no acervo da Casa do Museu da Gravura (2016); Curso de Litografia com Hélio Soares e Eduardo Robledo (México). Universidade de Pernambuco (2018); Linguagem de Expressão Individual com Rubens Grilo. Dragão do Mar (2019); Gravura na coleção CCBP – Embaixada do Brasil no Peru.



Desenlace 1

Técnica: linoleogravura.
Dimensões: 50 x 32 cm.



Desenlace 2

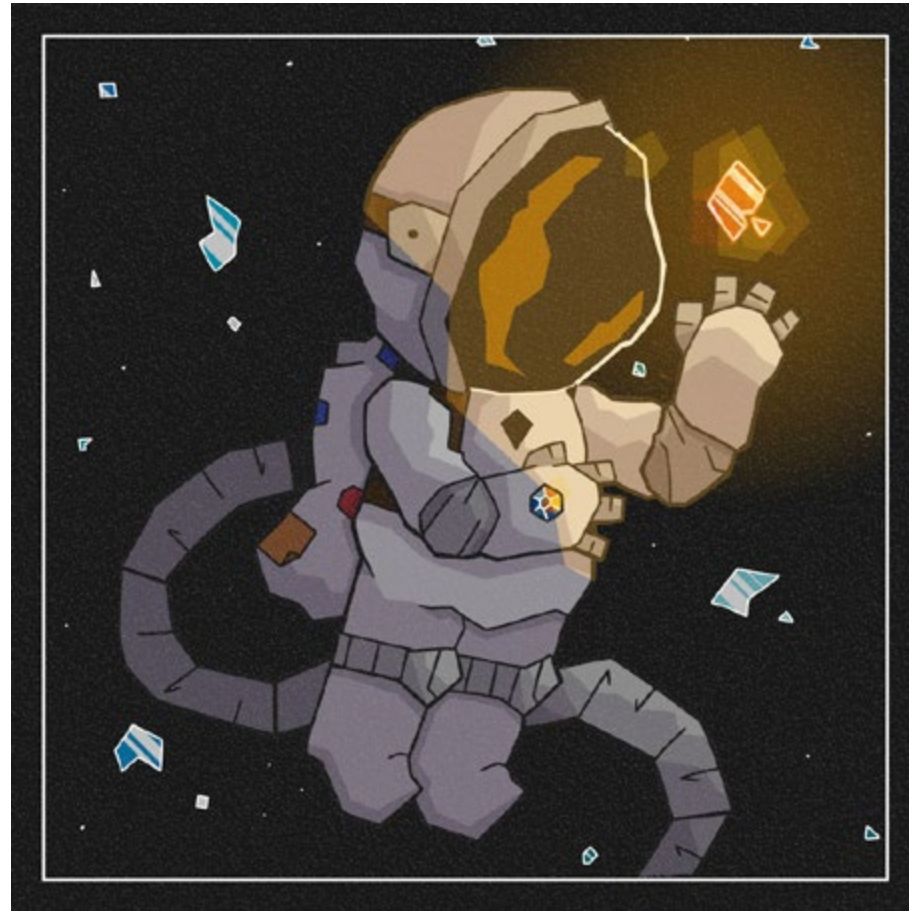
Técnica: linoleogravura.
Dimensões: 50 x 32 cm.

O Convívio Social, atingido pelo inimigo pânico, solidão e CRUZES.
COVID-19, vê laços transformados em NÓS de

FLAMEL



Flamel, (Mateus Paulino), tem 18 anos e cursa o primeiro semestre de Design na UFC. Atualmente, faz desenhos digitais (focadas em design de personagens) para a internet como hobby, mas planeja tornar profissão, sendo ilustrador. Nascido e criado em Maracanaú, sempre foi fascinado por todo tipo de arte, em especial as visuais. Gosta de incentivar todos os tipos de artistas da forma que pode.



Em busca de solitude
Técnica: arte digital.
Dimensões: 21 x 21 cm.

A arte foi feita com a intenção de trazer uma reflexão sobre a atual situação mundial, em que muitos estão vagando em um universo de solidão. Nesse momento, é ideal que busquem solitude, que

encontrem o complemento da alma em si mesmos, para que, assim, façam com que essa situação triste seja combustível para a sua evolução como ser.

LUBIANA GERMANA



Lubiana Germana Linhares Aguiar, é graduanda em Artes Visuais pelo Instituto Federal do Ceará, com experiência em Consultoria e Design de Moda e Artes Visuais. Já atuou como desenhista e assessora de moda de empresas tais como Água de Coco, D'metal e outras empresas de Fortaleza, bem como participou da Feira das Profissões no IFCE e exposições de arte no SENAC e MAUC. Atualmente é um dos artistas que integra o projeto Fortaleza Ilustra da Fundação Demócrito Rocha.



Vida

Técnica: escultura.


Dimensões: 19 x 17 cm.



Saudade, teu nome é desejo

Técnica: pintura.

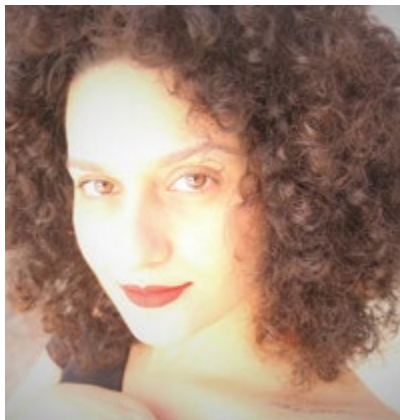
Dimensões: 78,5 x 36,5 cm.



Vida. Logo no início da quarentena, este trabalho surgiu do desejo de fazer algo em conjunto com a minha filha de 8 anos. Nós elaboramos um cronograma de tarefas a serem feitas diariamente e, nessa lista, havia a criação de alguma coisa, em especial, com a diferenciação nos materiais. Essa árvore seria apenas parte de uma maquete que criaríamos, mas, ao final da concretização da árvore, percebi como ela pertencia à nova narrativa trazida pela pandemia. Não fomos mais atrás de terminar a maquete e partimos para novos projetos. Mas esse trabalho me ensinou muito, pois, para elaborá-lo, fui atrás de referências nas árvores vistas pela janela, que me trouxeram as

lembranças das árvores canafístulas do nosso quintal, lá no meu sertão dos Inhamuns. Aquelas árvores, com mais de 100 anos, refletem, ainda hoje, a força da história de minha família e, com essas lembranças, vi-me inspirada a instalar a nossa árvore produzida em cima de pedras. Elas retratam a força da vida sobre a adversidade. *Saudade, teu nome é desejo.* A saudade e o desejo dentro de um ser. Essa é a função de uma expressão de sentimentos que hoje me acompanham. Senti a necessidade de expurgar esse sentimento para quem sabe. Dando forma e nomeando os meus medos, consegui seguir, ir adiante

ELAINA FORTE



Elaina Forte, bacharela em Direito pela Universidade Federal do Ceará e mestranda em Direito na mesma instituição. É também servidora pública da UFC e advogada. No meio das artes, tem atuado com projetos autorais no campo da fotografia, com um projeto atual em andamento de narrativas visuais sobre mulheres em diferentes contextos. Realizou cursos livres de fotografia na cidade e, atualmente, integra o coletivo fotográfico Sol para mulheres, que desenvolve estudos e produção fotográfica na cidade de Fortaleza, organizado pela Imagem Brasil Galeria.



Trabalho emocional

Técnica: fotografia com sobreposição, recortada.

Dimensões: 744 x 544 pixels.

O objetivo da imagem é refletir sobre os impactos que a pandemia do novo coronavírus tem gerado nas mulheres no que se refere ao trabalho doméstico. A pandemia escancarou a carga mental

a que muitas mulheres são submetidas nesse período, como uma reflexão que passa pela ética do cuidado e pela divisão sexual do trabalho.



Fragile

Técnica: fotografia.

Dimensões: 853 x 1280 pixels

A imagem reflete sobre a quantidade de feminicídios crescentes nesse período, desvelando as violências de gênero e mostrando que ficar em casa nem sempre é estar protegido.



Sangramos

Técnica: fotografia.

Dimensões: 905 x 758 pixels.

Diria que é uma foto metonímica. Reflete a fragilidade a que estão submetidos os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres diante da crise sanitária atual. Dificuldades de acesso a

contraceptivos, acompanhamento pré-natal, dentre outros. De acordo com informações oficiais publicadas pela ONU mulheres, os referidos direitos têm tido seu acesso obstaculizado.

CAROLINA NANAN



Carolina Nanan é professora de Filosofia e Sociologia na Universidade Vale do Acaraú - CE e de Filosofia na Universidade Aberta do Brasil (UAB) da UFC. Atua, também, como professora de alemão em escolas de idiomas tais como Wizard e Poliglota, bem como nos colégios Nossa Senhora das Graças e Santo Inácio. Toca flauta desde criança, assim como gosta muito de ler e escrever. O desenho também sempre foi uma atividade prazerosa para ela. Em 2018, através de sua irmã, teve o primeiro contato com a pintura e, em seguida, teve aulas com o artista Valber Benevides. Desde então, considera-se pintora amadora.



(Pan) demônio
Técnica: acrílica sobre tela.
Dimensões: 40 x 30 cm.

A primeira pintura pretende mostrar que esses tempos de Covid favorecem o retorno do pensamento místico, da crença em profecias e maldições. Daí a

ideia de um demônio trazendo consigo o vírus. Acrescento ainda o fato de que fui inspirada também pelo pintor medieval Hieronymus Bosch.



Nova rotina

Técnica: acrílica sobre tela.

Dimensões: 40 x 30 cm.

A segunda pintura é a releitura de Harmonia em Vermelho de Henri Matisse. Uma dona de casa se ocupa de seus afazeres domésticos enquanto pode observar-se entre a mobília da casa, "sinais"

da atual pandemia. Minha intenção é mostrar o quanto mudou nossa vida diária e o quanto é importante a participação de cada um e de todos no combate ao vírus.



À espreita

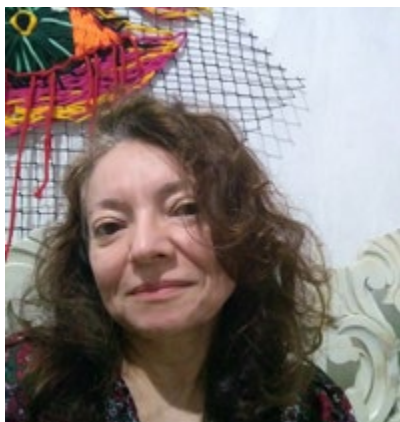
Técnica: acrílica sobre tela.

Dimensões: 35 x 25 cm.

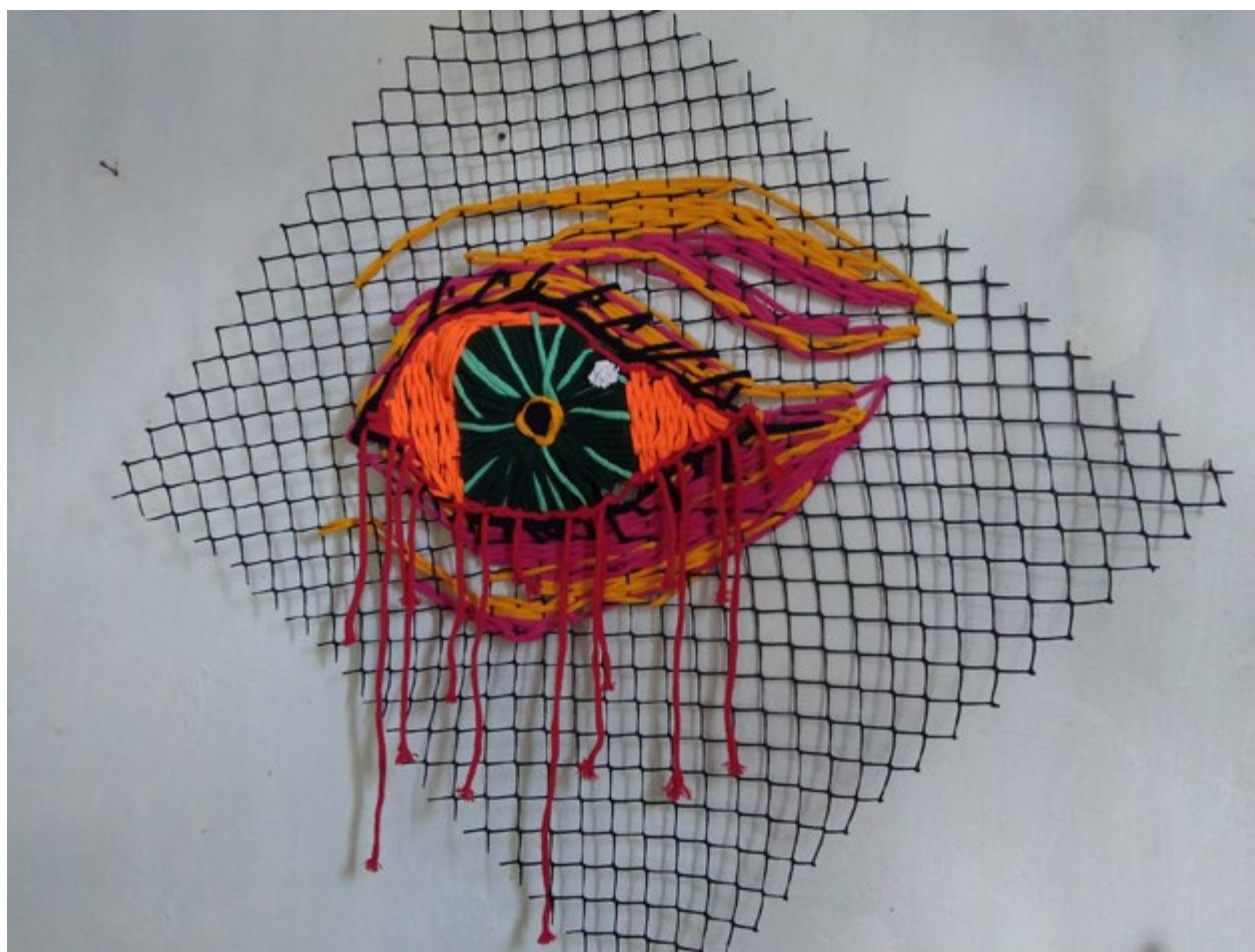
Essa é uma releitura do famosíssimo Quarto em Arles de Vincent Van Gogh. Pretendo mostrar nessa pintura – de forma bem-humorada – que

o vírus está por perto, à espreita, e que é importante que fiquemos em casa, talvez no quarto lendo um bom livro...

EXPEDITA RICARTE



Expedita Ricarte é graduada em filosofia. Professora, faz parte do grupo Iluminuras- UFC, participou de exposições coletivas com o grupo: Cordisburgo-MG; Instituto Histórico e Geográfico do RJ; Bienal Internacional do Livro Centro de Eventos Ceará; Casa Juvenal Galeno; Shopping Benfica; Museu de Arte da UFC MAUC. Exposições Individuais: Projet Patch outubro 2018 Madrid, novembro 2018 Barcelona, março 2019 Salon de L' Aiguille en Fête Paris e em Meulan en Yvelines; A Docência nos Fios da Memória RJ; Casa Bendita Fortaleza 2019; Bordados Poéticos de Paraty 2019; Flipoços 2020.



Espreita

Técnica: técnica mista.


Dimensões: 68 x 75 cm.



Nossa dualidade e nossas contradições

Técnica: colagem.

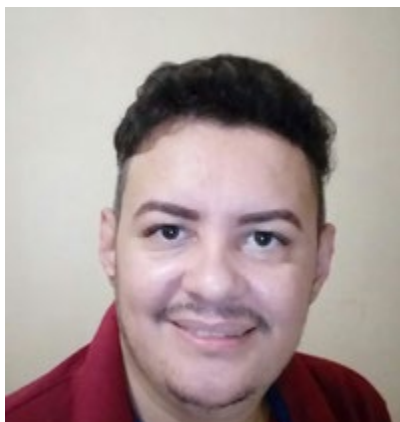
Dimensões: 30 x 41 cm.



Espreita. O que tudo vê, o que tudo sente, o que tudo diz. Observamos tudo de longe entre as frestas. Sangramos, olhamo-nos a distância. É a saudade dos familiares, amigos, de tudo e de todos que amamos. Cores vivas é dor e também alegria por saber que todos estão bem. Amamo-nos e o

amor se traduz no distanciamento. *Nossa dualidade e nossas contradições.* Isolar-se, distanciar-se fosse um ato egoísta. E o é. E o é por amor. Todos estamos dançando a mesma música, mas cada um em um compasso, ritmos diferentes, propósitos diferentes formando uma grande Orquestra da Vida.”

RUY RELBQUY



Ruy Relbquy da Silva Ribeiro, artista plástico autodidata, nasceu na cidade de Iguatu e, atualmente, reside no município de Quixelô. Começou a desenhar quando passava por um problema de saúde, encontrando na arte uma ajuda para se recuperar. Aos poucos, foi desenvolvendo seus traços em papel e, logo depois, em telas. Com pintura regionalista enquadrada no estilo Naif, o artista produz, em suas paisagens, temas do sertão nordestino, como a vegetação, a seca e o cotidiano das pessoas; sua grande fonte de inspiração. Sendo contemplado no projeto Teia de Cultura, em 2009, expôs em algumas cidades, como Quixelô, Iguatu e Acopiara. No ano de 2016, participou do II ENCLICE: Encontro de Literatura e Cultura Cearense da Universidade Estadual do Ceará no campus Iguatu-CE. Em setembro de 2017, participou da 1ª Bienal Internacional de Artes Naif - Socorro - SP, expondo uma de suas obras, onde recebeu menção honrosa. Ainda em dezembro do mesmo ano, suas obras ilustraram o catálogo da programação cultural da SECULT - CE. No ano de 2018, foi selecionado com duas obras para a Bienal Naifs do Brasil 2018, no SESC de Piracicaba - SP. Destacamos a participação do artista nas seguintes exposições: Exposição Meu Caju Cajueiro do Museu do Caju - CE; Exposição Novos Olhares Para A Monalisa E O Regionalismo / Casa Da Cultura - Sobral, CE (2020); II ENANCO - Goiânia - (GO), II FIAN (Festival Internacional de Artes Naifs) Guarabira (PB), Bienal Internacional de arte NAIF -Socorro (SP), Mostra Nacional De Arte Naif 2019 No Estado De São Paulo, I Mostra Naif Flip - Paraty - RJ (2019).



Bem vindo a Quixelô
Técnica: óleo sobre tela.
Dimensões: 50 x 50 cm.

“Bem Vindo a Quixelô” é uma obra a qual mostra a cidade a partir da pista Iguatu-Quixelô (uma de suas vias de acesso) . A pintura foi feita por meio de uma fotografia, onde houve um recorte para que a imagem se encaixasse em uma tela quadrada. Esta

é uma pequena homenagem à cidade à qual pertencço. Quixelô e o seu município são um grande celeiro de arte e cultura, que se manifesta das mais variadas formas, como a pintura, a poesia, o artesanato a música, as festas folclóricas etc.

AMANDA AGUIAR



Amanda Aguiar, Cineasta, Fotógrafa e Designer independente. Estudante de Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Ceará.



Ciclo da Mente Agonia: Reclusão

Técnica: fotografia.

Dimensões: 3706 x 2471 pixels.



Ciclo da Mente Agonia: Ascensão

Técnica: fotografia.

Dimensões: 3454 x 2303 pixels.



Ciclo da Mente Agonia: Ação

Técnica: fotografia.

Dimensões: x 2312 pixels.

Ansiedade, fruto danoso do capitalismo, um mal irremediável. Enquanto lutamos para não cairmos em tentação e permanecermos fortes, o mundo

gira lento lá fora pedindo calma, a mente gira aqui dentro hiperativa, tentando buscar o equilíbrio.

SARAH RABELO



Sarah Rabelo é estudante de psicologia na Universidade Federal do Ceará e artista no tempo livre.



“Ontem, no entanto, perdi durante horas e horas minha montagem humana”

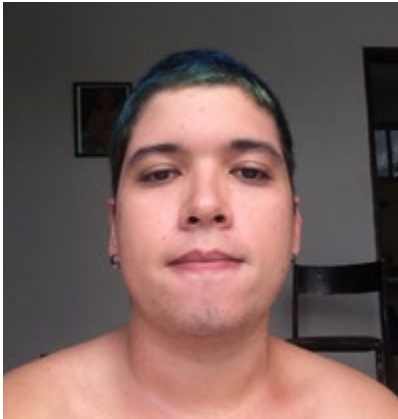
Técnica: arte digital.

Dimensões: 21,21 x 29,67 cm.

Essa obra se baseia em um trecho do livro “A Paixão Segundo G.H” de Clarice Lispector. A quarentena é um período solitário, cansativo e, às vezes, um tanto desorientador, e, nesses momentos, a arte pode se apresentar como um alento. As palavras de GH nunca deixaram de ecoar em mim desde que as li pela primeira vez, em 2017, agora assumem novas formas e significados nesta quarentena. Se eu fosse

escritora, talvez conseguisse encontrar palavras para explicar o significado e o impacto que esse texto tem em mim, mas não sou. Então, aqui está: esse é um desenho feito por uma jovem estudante de psicologia após quase um mês em quarentena, tentando transformar em imagem aquilo que sente ao ler Clarice Lispector.

IURY FIGUEIREDO



Iury Figueiredo é jornalista, formado pela Universidade Federal do Ceará, e artista visual, com atuação nas áreas de fotografia, audiovisual, ilustração e design gráfico. Trabalhou por dois anos no Jornal O Povo, atuando principalmente na área de jornalismo cultura, no Caderno Vida&Arte. Mais recentemente, trabalhou na Bienal Internacional do Livro do Ceará e faz parte do projeto Periferia em Pauta, uma agência de comunicação no bairro Curió.



Traços sobre a quarentena - 1
Técnica: Ilustração digital.
Dimensões: 1024 x 204 pixels.

Traços sobre a quarentena surge a partir de inquietações minhas tanto sobre este período quanto sobre o que acontecerá após a pandemia. Como a maior parte do meu trabalho artístico visual foi com a fotografia e, para mim, esta é uma arte que



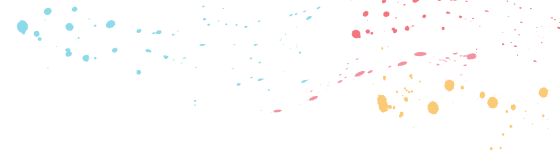
Traços sobre a quarentena - 2
Técnica: Ilustração digital
Dimensões: 1080 x 1080 pixels.

tem como uma das bases o encontro, a quarentena me colocou em uma necessidade de produzir outras imagens, agora com ilustração, e refletir sobre esses contatos durante a pós-pandemia.

SÉRGIO SANTOS



Sérgio Santos Marques é artista plástico. Tem formação em Design no Instituto Dragão do Mar (2003), é graduado em Teologia pela FATECE - Faculdade Teológica do Ceará (2009), com Especialização em Metodologias do Ensino de Artes pela UECE (2013). Participou das seguintes exposições: Conexões - Galeria Vicente Leite, CE - (2015); Branas Egípcias, Marinas Park Hotel (2016), Uma só linha, assem. Legislativa de Sta. Catarina, SC (2017); Paisagens de Juberlano - Livraria Lamarca (2019). Recebeu os Prêmios: Estandarte O Povo - Carnaval Icarai Club (1982/1983/1985 e 1986); Destaque - Carnaval de Rua de Fortaleza (2004); Vencedor do 1.º Salão Municipal de Artesanato Ceará (2005).



O Observatório de bolhas de sabão, de forma simples e sumária, mostra para os nossos olhos uma visualização completa dos fenômenos que ocorrem em uma bolha. Demonstra que tem tudo a ver, a inevitável comparação entre o Universo e as bolhas de sabão. O Observatório é, antes de tudo, um material didático, que traz a reflexão para um plano lúdico, que sente, antes de racionalizar, as grandes teses da Cosmologia. Sendo um material de baixo custo, supera do ponto de vista conceitual, o problema do acesso à observação direta, por meio de caros telescópios. Viabiliza uma representação simbólica do fenômeno, que propicia a formação de uma linguagem que alcança, cognitivamente, o debate cosmológico. O Projeto Pedagógico consiste, basicamente, na

leitura de uma imagem do esvaecer de uma bolha de sabão. A observação natural da bolha solta ao vento não permite uma observação conclusiva. A captura da película por uma haste linear permite uma observação controlada, mais longa (até 15 mim), levando a compreensão inteira dos fenômenos hidrodinâmico das bolhas. O Projeto é um material didático dirigido a todos os públicos em todas as idades e etapas do desenvolvimento cognitivo e emocional. Para a criança, como entretenimento; para adultos, como Ferramenta Conceitual; na família, como um intermediador na rotina cognitiva da criança; na Escola, como ferramenta pedagógica introdutória aos grandes temas da Cosmologia. <https://www.youtube.com/watch?v=HSax.7TheZs&t=9s>.



WAGNER CHACON



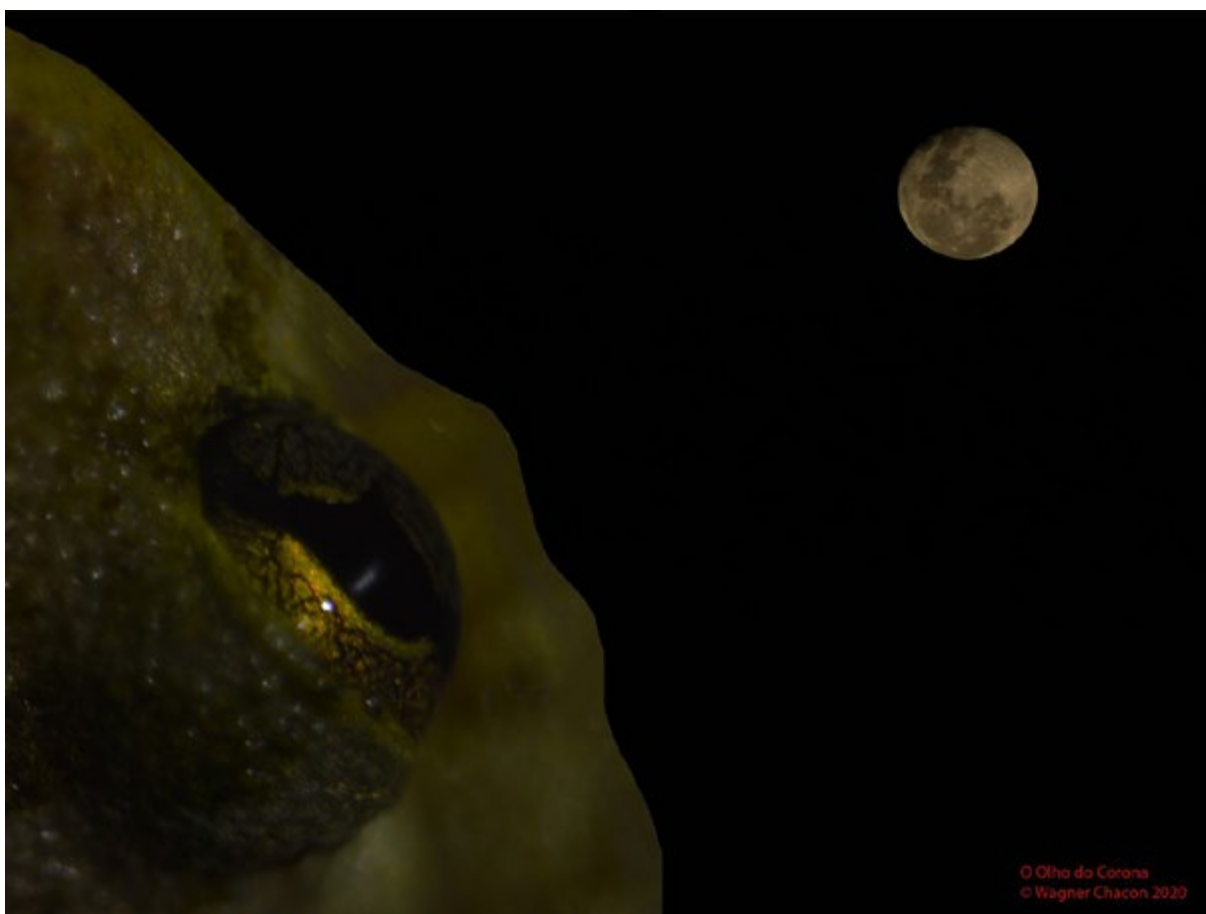
Wagner Chacon é fotógrafo amador. Professor Doutor do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará, onde ministra as disciplinas: Tecnologias da Informação I; Teorias da Informação e da Comunicação; e Informação e Sociedade. Membro do Corpo Freudiano – Seção de Fortaleza.



Pink Moon

Técnica: fotografia digital.


Dimensões: 5669 x 3780 pixels.



O Olho do Corona

Técnica: montagem fotográfica digital.

Dimensões: 4338 x 3293 pixels.



O conjunto de imagens aborda a subversão do ordenamento de padrões de relacionamentos pela assunção do coronavírus, algo de dimensão material ínfima, que está a ameaçar grandes estruturas e a forçar novos agenciamentos do olhar, dos espaços e das formas de neles vivermos. A imagem O Olho do Corona é constituída pelos elementos presentes em duas fotografias feitas e montadas no período da quarentena: a mesma imagem da Pink Moon, combinada com a imagem de uma rã de bananeira que, em um dia de chuva torrencial, estabeleceu-se

na parede da sala da casa onde moro. Não é a singela e inofensiva rã da fotografia original que compõe o clima da imagem montada, mas apenas o seu olho e o olhar evidenciados, considerando a inversão das grandezas originais de cada uma das imagens formadoras da composição como sugestiva de algo estranho e inquietante. A montagem foi composta ao som da música instrumental Koyaanisqatsi, de Phillip Glass, sugerindo, assim, como o filme de título homônimo, uma vida fora de contexto e/ou fora de controle.

FABRICIO MAIA



Fabricio Maia já trabalhou com criança e adolescentes na prefeitura, dando oficinas de arte-educação; também fez parte do grupo Grafite Cidade, que esteve em exposição no BNB, assim como fez obras para integrar a coleção e a exposição Novos Olhares para Monalisa, atualmente no Museu da Indústria. Fabrício é artista desde seus 8 anos de idade.



Os 12

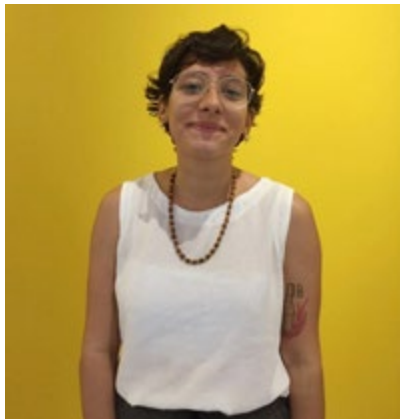
Técnica: acrílica sobre tela.

Dimensões: 120 x 80 cm.

Essa obra tem um sentimento de pureza e verdade, ela faz parte de uma revelação que eu tive olhando a foto de um pregado. Estão nessa imagem a filha e outras crianças. Essa pintura fala sobre o hoje, pois temos que ter uma esperança em Deus porque não sabemos o dia de amanhã. Ela revela que só com fé podemos superar o que estamos vivendo.

A imagem fala dos 123 apóstolos sendo crianças e mostra que podemos olhar que o amanhã vai ser melhor, e que o espírito santo vai nos guardar de tudo o que está acontecendo. Sei que nem todo o mundo acredita em divindade, mas essa obra fala da igualdade também, porque somos todos iguais..

BIANCA AMARANTE



Bianca Amarante é educadora museal, historiadora e fotógrafa, atualmente mestranda em História Social (PPGH-UFC). Teve a fotografia como primeiro contato pessoal com a arte, e começou a bordar como forma de extravasar a ansiedade cotidiana, desde então integra o bordado a outras técnicas, como a aquarela.



“Cuidar daquilo que eu admiro”

Técnica: bordado e aquarela mista.

Dimensões: 30 cm (diâmetro).

Cuidar de um jardim, mesmo que seja um jardim pequeno, exige atenção, dedicação e paciência. Cada planta necessita de diferentes quantidades de sol e água, possui tamanhos diferentes e, às vezes, não pode ocupar qualquer espaço. É comum admirarmos mais aos outros do que a nós

mesmos, e, em um momento como este precisamos ainda mais reconhecer nossos pequenos esforços diários. Ser gentil consigo mesmo é um exercício cotidiano, e difícil, tal qual cuidar de um jardim. Cuidar de si é uma constante.

RENAN VIEIRA



Renan Vieira, é estudante de Hotelaria (IFCE) e Gestão de Políticas Públicas (UFC). Utiliza fotografia e pintura como expressão artística.



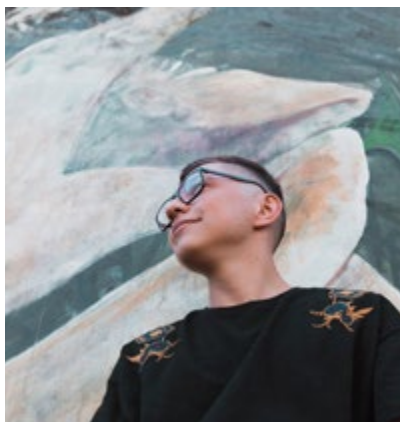
Messias

Técnica: pintura em aquarela, guache, nanquim e marcador em papel.
Dimensões: 21 x 29,7 cm.

A segunda ilustração, de fato, que fiz e a primeira que publico. Afinal, é também por uma boa causa. Durante essa quarentena foquei em praticar o

desenho e a pintura para não ficar ansioso com a situação em que estamos e “de quebra”, ainda foquei minha frustração naquilo que mais merece.

FILIPE ALVES



Filipe Alves é artista visual e formando em Licenciatura pela URCA. Pesquisador e sonhador, alçou seus voos como membro da ONG Fundação Casa Grande, em Nova Olinda-CE. Acredita no potencial da cultura local e da ancestralidade do povo indígena Kariri. Filipe trabalha com diversas linguagens como: pintura, desenho, fotografia, escultura, HQ, gravura, instalação e performance. Realizou três exposições, sendo duas coletivas e uma individual, durante os anos de 2015 e 2019, com exposição internacional em dois dos maiores festivais de HQ de Portugal AMADORA-BD Festival Internacional de BD de Beja. Além disso, o artista já trabalhou como diretor da Galeria de Arte Luiz Gastão Bittencourt em Nova Olinda- CE (de 2015 a 2019), Diretor do Memorial do Homem Kariri (durante os anos de 2015 e 2016), diretor da Gibiteca da Fundação Casa Grande de (2012 a 2019) e Casa Grande Editora. Nas artes, procura mergulhar na imensidão dos territórios e traduzir uma fruição de cultura para ressignificá-la e se inspirar em suas belezas e valores, criando obras que potencializam um mergulho ao sertão profundo, uma catarse de afeto e valorização do seu espaço territorial. Ele se inspira na alegria e na cor luz dos meninos e meninas da Casa Grande, na costura e nos moldes de Espedito Seleiro, nos aviões de Françulir e em todo o imaginário popular que abriga um mundo de encanto e vida chamado Cariri.



ISO-LAMENTO

Técnica: fotografia / fotoperformance.

Dimensões: 90 x 60 cm.

A fotoperformance ISO-LAMENTO é um trabalho desenvolvido durante o período de pandemia do COVID-19, nela o artista se isola com uma fita zebraada, presente em cenários de isolamento em todo o mundo, uma reflexão para ficarmos em casa

e um sinal de alerta para o perigo que nos cerca. A palavra ISO-LAMENTO traz uma junção entre "ISO" (no sentido de velocidade e sensibilidade da luz) e "LAMENTO" (lamentar-se pelas mortes e pelo isolamento do mundo).

SOCORRO SILVEIRA



Socorro Silveira, nascida em Quixadá e residente em Fortaleza, é Designer de Interiores e Artista Plástica. Socorro encontrou sua inspiração nas suas origens no Sertão Central, desde material utilizado à paleta de cores. A artista trabalha com a transformação de resíduos sólidos em arte e design. A sustentabilidade é temática central de suas obras e razão pela qual tem desenvolvido técnicas para uso de material biodegradável na arte. Socorro ficou entre as finalistas de prêmio de Design na Alemanha em 2014, venceu o concurso nacional Benchmark das Artes na categoria sustentabilidade em São Paulo em 2017 e teve obra selecionada para o Salão de Abril de Fortaleza em 2018.



A luta

Técnica: colagem (objetos).

Dimensões: 60 x 80 x 08 cm.

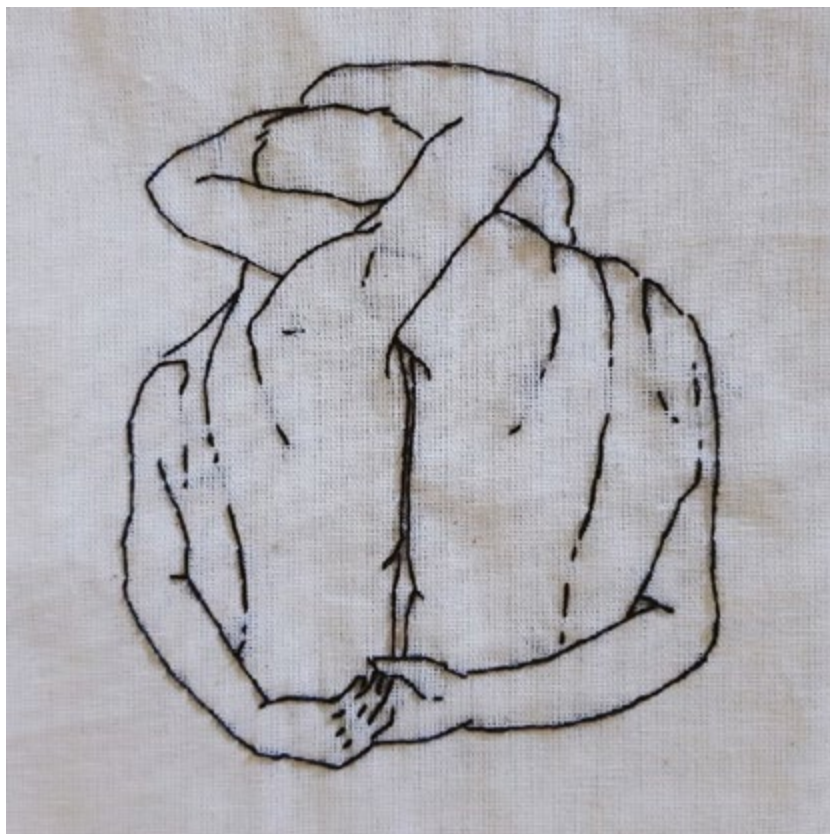
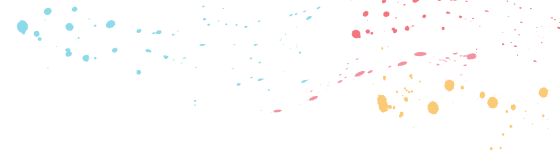
O fundo escuro representa o momento atual em que perdemos o rumo; pontos vermelhos mostram a presença e a agressividade do vírus; no breu, a ciência não acha resposta e, de tubos de ensaios, saem instruções para a sobrevivência da humanidade, que

juntos com a fé representada pela cruz, parece funcionar. As chaves mostram o isolamento social, no centro, mãos atadas, mas trabalhando por um mundo melhor. A obra está envolvida por cordas que mostram a condição igual entre os povos na luta pela vida.

ADRIANA GOMES



Adriana Gomes é graduada em Design-Moda e mestranda em Artes pela Universidade Federal do Ceará. Faz uso de diferentes técnicas, principalmente desenho e bordado, para levar adiante uma investigação acerca de si mesma e das relações sociais, perpassando pensamentos, sentimentos e banalidades cotidianas.



Distanciamento

Técnica: bordado.

Dimensões: 14,8 x 21 cm.



Desconectar é inviável

Técnica: bordado.

Dimensões: 14,8 x 21 cm.

As obras buscam refletir sobre a situação de distanciamento que temos vivenciado nos últimos dias, trazendo o abraço como símbolo dos afetos (im)possíveis durante o isolamento.

Refletindo sobre como a nossa existência podem dar considerada como uma série de acúmulos de sentimentos e como esses acúmulos podem um possível conforto nesse momento.



AIMÊ FRAGA



Aimê Fraga é uma pintora fortalezense de 19 anos, autodidata, especialista em aquarela. Ela descobriu o seu talento com o pincel em 2017 e, desde então, vem colorindo o mundo com suas flores e retratos.



Tempos de isolamento
Técnica: aquarela.
Dimensões: 15,6 x 24 cm.

A obra representa a luta contra o tempo enfrentada pelas pessoas para protegerem a si e a natureza do COVID19 durante o isolamento, lembrando que,

apesar do quão difícil e inevitável pareça, não se pode parar de lutar contra o vírus.

ADRIELLY RODRIGUES



Adrielly Rodrigues é graduanda do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará - UFC e bolsista do Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC.



Ausência

Técnica: pintura em guache.
Dimensões: 21 x 29,7 cm.

Ausência. Foi inspirada a partir do cenário atual que estamos vivendo, em que se tem muitas mortes em massa, e na música "Naquela mesa" de Sérgio Bittencourt que foi feita em homenagem ao seu pai, Jacob do Bandolim. A pintura busca expressar a dor da perda, da ausência e da saudade de pessoas



Autorretrato "Eu interior"

Técnica: pintura em guache
Dimensões: 21 x 29,7 cm.

queridas que partiram em meio aos tempos de covid-19. *Autorretrato "Eu interior"*. Busca expressar o sentimento e os pensamentos de um futuro incerto e o caos em meio aos tempos de covid-19, representado pelo fundo preto e a esperança de escrever um futuro melhor, representado pelos olhos de fundo branco.

WENDY CASTELO



Wendy Castelo é Artista visual, professora e produtora/diretora artística. Graduanda no Curso de Licenciatura em Artes Visuais (IFCE) e integrante do grupo “Sol para Mulheres” de fotógrafas/artistas visuais da Imagem Brasil Galeria, transita pela multidisciplinaridade das áreas artísticas em suas obras, traduzindo sentimentos e reflexões pessoais e cotidianas.



Partes inexploradas do que agora sou

Técnica: óleo sobre tela.

Dimensão: 29,7 cm x 42 cm.

Sentada na sala de jantar, a observar minha casa, no ócio da criatividade, percebi muitas formas que não conhecia, construídas por sombras projetadas pela luz. É essa tentativa de explorar o inexplorável que faz a produção artística continuar, mesmo em meio à solidão que vivemos, afeta o olhar e instiga a nos reinventarmos. A forma como aprendemos a lidar com a vida, as pessoas e os desafios da realidade

não funcionam mais. É momento de adaptação, de enxergar novas possibilidades dentro de cada metro quadrado habitado. “Partes inexploradas do que agora sou” fala sobre isso, por meio das formas que foram criadas a partir das sombras antes escondidas e que só agora me permiti enxergar. Formas traduzidas, geometricamente, com cores neutras que refletem o início de um novo momento.

THAMI - THAMYRUS



Thami - Thamyрус é graduanda no Curso de Sistemas e Mídias Digitais da UFC. Apaixonada pelas áreas de design, ilustração e educação, faz obras tanto tradicionais quanto digitais. Entretanto, seu foco são as obras digitais, sempre buscando trazer a sensação do tradicional nelas.



O isolamento

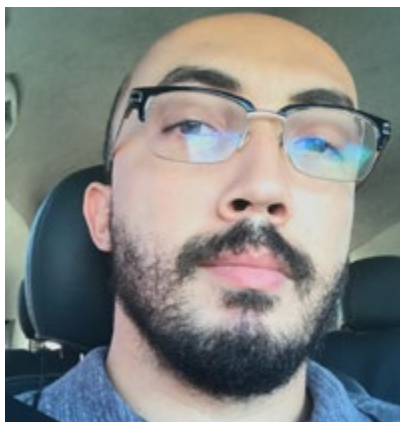
Técnica: pintura digital.

Dimensões: 141,11cm x 141,11 cm.

A obra surgiu a partir do isolamento e como, às vezes, isso pode nos deixar com a sensação de viver dentro de uma bolha/globo. Apesar disso, o otimismo é retratado na pintura, pois, mesmo em uma bolha, conseguimos manter laços com outras

pessoas e nos esquecer dos problemas por alguns momentos. Isso é representado pelas preocupações em formato de livros na estante e pela garota distraída falando com uma amiga ao telefone.

ALDÍRIO RIBEIRO



Aldório Ribeiro tem formação em Ensino Superior – Licenciatura em Artes Visuais pelo IFCE. Participou de inúmeros cursos de formação: Desenho Tradicional com Alex Oliver – Alex Oliver Studio; Pintura Digital com Tyson Murphy/ Blizzard Entertainment; Pintura Digital com Diego Maia – Art & Cia; Escultura Tradicional com Jordy Schell – Art & Cia; Desenho com Glenn Vilppu – Art & Cia; Criação de Personagens (Zbrush) – Art & Cia; Conservação e Restauro – EAOTPS. Participou das exposições coletivas: “Açõ.es, Palavras e Obras” no XXV Confaeb em Fortaleza (2015); “Integrarte”, Academia Cearense de Letras – Ceará (2016); Galeria de artistas plásticos que expõem no Paço Municipal de Fortaleza (2018); “Monólitos – Processos Gráficos”, no Museu Jaguaribano – Aracati (2020).



Afeto

Técnica: acrílica sobre tela.

Dimensões: 50 x 40 cm.

“Afeto” remete a uma mistura de elementos como um mosaico, destacando a integração de diferentes formas de carinho e cuidado que se entrelaçam entre pessoas e animais, o que acaba sendo ainda mais necessário nesses tempos de isolamento. Ainda que

divididos em inúmeros espaços, existe a ligação entre os elementos. O teor lúdico dá as mãos às cores e ao próprio traço, criando uma sintonia também entre infância e memória.




Sem título

Técnica: acrílica sobre tela.

Dimensões: 50 x 40 cm.

Tem como referência maior o isolamento. As figuras circulares representam os ciclos da vida com diferentes situações (pontuadas pelas cores

diversas). A figura maior representa uma divindade fragmentada, simbolizando as diferentes crenças do mundo. Apesar de estar ali, estabelecendo um



elo, seu toque não encosta nos que clamam. Mas, faminta. A proteção não impede o luto e a tristeza, nutre de luz a proteção contra o meio externo que mas, também, não os aparta da esperança, abriga figuras agressivas e uma enorme boca simbolizada pela luz das velas.

BEATRICE MELO



Beatrice Melo, cearense, designer e figurinista, mestre em Moda Sustentável, pesquisadora no centro KASA Sustainability em Tóquio e cofundadora do Instituto Felipe Martins de Melo em Fortaleza. Doutoranda em Estudos Globais na Sophia University (上智大学) com foco nas dimensões da sustentabilidade e relações da economia política nas redes de produção de moda.



Intervalo

Técnica: fotografia.

Dimensões: 26 x 39 cm .

Saitama, 29 de Março de 2020. O Japão se preparava, cuidadosamente, para receber o mundo no verão de 2020. Anos de planos foram cancelados, e a sugestão de ficarmos em casa concretizou-se naquele dia, com eficácia, em

virtude do tempo frio. Pela manhã, a intensa neve caiu sobre a região em plena primavera, como há décadas não havia acontecido. As flores de cerejeira haviam acabado de desabrochar e tão logo sentiram suas efêmeras vidas - que podem



2020
Técnica: fotografia.
Dimensões: 39 x 26 cm.

durar o breve período de uma semana - serem encurtadas. No dia seguinte, o sol voltou a raiar. A rotina voltou ao normal. Todas as pétalas estavam ao chão. Quando vamos compreender que não temos controle sobre os seres vivos? A beleza

deste inusitado momento não passa de uma ilusão. A compreensão da abundância disponível para uma parcela da sociedade e da falta de acesso ao mínimo para a grande maioria permitem-nos a visualização das fragilidades do mundo.



Efêmera

Técnica: fotografia.

Dimensões: 26 x 39 cm.

Tantos gritos não conseguem ser escutados. A natureza e os seres humanos são considerados descartáveis, substituíveis. A consciência desta realidade junto aos ensinamentos da Terra e da sabedoria existente em diferentes vivências em

comunidade e em sua relação com o meio ambiente nos fortalecem para união e ação em prol da vida. A luta diária por justiça social e ambiental toma diversas formas. O aparente silêncio não deve ser ignorado. *Beatrice Melo.*

LINCO VASCONCELOS



Linco Vasconcelos nasceu em Fortaleza, nordeste brasileiro, dois meses depois de eclodir o Golpe Militar de 1964. Na infância, já demonstrava interesse por arte e política, embora, seus pais fizessem parte do grande número de brasileiros excluídos das instituições de formação de saber. Linco representa a diferença, em uma concepção filosófica, dentro de seu contexto sociocultural. Percebe-se, em seu trabalho, uma preocupação com a injustiça social do povo nordestino e o processo de desertificação do solo. Sua obra apresenta singularidade, beleza, identidade e destreza (adquirida no longo período que trabalhava como operário da construção civil ao lado de seu pai). Linco Vasconcelos é autodidata e, atualmente, está dividido entre a pintura e a escultura, pela qual tem grande fascínio. Sua obra faz parte de acervos de instituições importantes como a Caixa Econômica Federal, extintos Banco Comercial do Ceará (BANCESA) e Teleceará, Banco Mundial e alguns pequenos colecionadores. Uma arte que rompeu fronteiras e ganhou algumas homenagens e premiações. Com sua pintura, Linco foi homenageado na XII UNIFOR Plástica, Honra ao Mérito no VIII Salão dos Novos, 2º lugar no II Salão de Artes Plásticas do Sesi – RN e o 4º lugar na I Jornada de Arte em comemoração à Semana do Exército.



Vaqueiro do Ceará 1
Técnica: óleo sobre tela.
Dimensões: 50 x 60 cm.

As pinturas selecionadas para essa mostra de arte virtual fazem parte de uma longa série sobre a paisagem e cultura do Ceará, estudos produzidos desde os anos 1990 e revitalizados por inúmeros trabalhos atuais - desenhos, gravuras, aquarelas e

pinturas a óleo -, que ilustram e retratam a diversidade de nossa cultura. Na condição de artista visual cearense, busco, por meio da arte, uma valorização de nossa rica cultura, muitas vezes, esquecida ou pouco reconhecida. Nas



Vaqueiro do Ceará 2

Técnica: óleo sobre tela.

Dimensões: 30 x 40 cm.

referidas obras, em especial, a figura do vaqueiro surge para representar a bravura do homem sertanejo, os saberes e fazeres de tradição e os modos típicos da vida no sertão. A sua indumentária composta por couro (chapéu, gibão, perneira,

aventail, luvas) tem características muito próprias, confeccionada geralmente por ele, fato que inspirou, inclusive os cangaceiros no sertão. A pega de boi no mato, tema dessa série, é uma prática recorrente na caatinga nordestina e se



Vaqueiro do Ceará 3

Técnica: óleo sobre tela.

Dimensões: 40 x 50 cm.

caracteriza de um modo geral, pela atuação do vaqueiro na derrubada do gado, que existe desde meados do século XIX e, na contemporaneidade, está ameaçada de extinção na maior parte do sertão nordestino. É importante frisar que a pega

de boi e a vaquejada são atividades distintas apesar de, muitas vezes, confundirem-se para o público. A sensibilidade artística busca, de forma poética, retratar a saga e a bravura desse lendário guerreiro do sertão cearense.

BRUNO MENEZES



Bruno Menezes desenha desde a infância, mas, somente aos 24 anos, conheceu a pintura a óleo. Há 11 anos, vem desenhando e pintando diversos estilos, desde o realista até o Cartoon. Ele considera ser essencial para a formação artística passar por todos os estilos a fim de enriquecer suas técnicas e desenvolver seu próprio estilo. Atualmente, ele se identifica mais com o desenho cartunizado, mas consegue desenvolver obras mais complexas se assim desejar.



Arte x COVID-19

Técnica: desenho com caneta, caneta pincel e lápis de cor.

Dimensões: 42 x 29 cm.

Esta obra foi elaborada no mês de abril de 2020, com o objetivo de trazer à reflexão sobre as mudanças sociais causadas pela pandemia, em que o mundo não será mais o mesmo, e nós teremos

que nos reinventar, como artistas, para superarmos as dificuldades que virão pela frente. "A arte é uma arma poderosa contra as adversidades".

FÁ CARVALHO



Fá Carvalho, Fátima Carvalho, natural de FORTALEZA-CE, artista Naif em bordado. Participou, por duas vezes, do FIAN-Festival Internacional de Arte Naif. Atualmente, faz parte do Grupo Iluminuras – extensão da UFC (bordados e literatura).



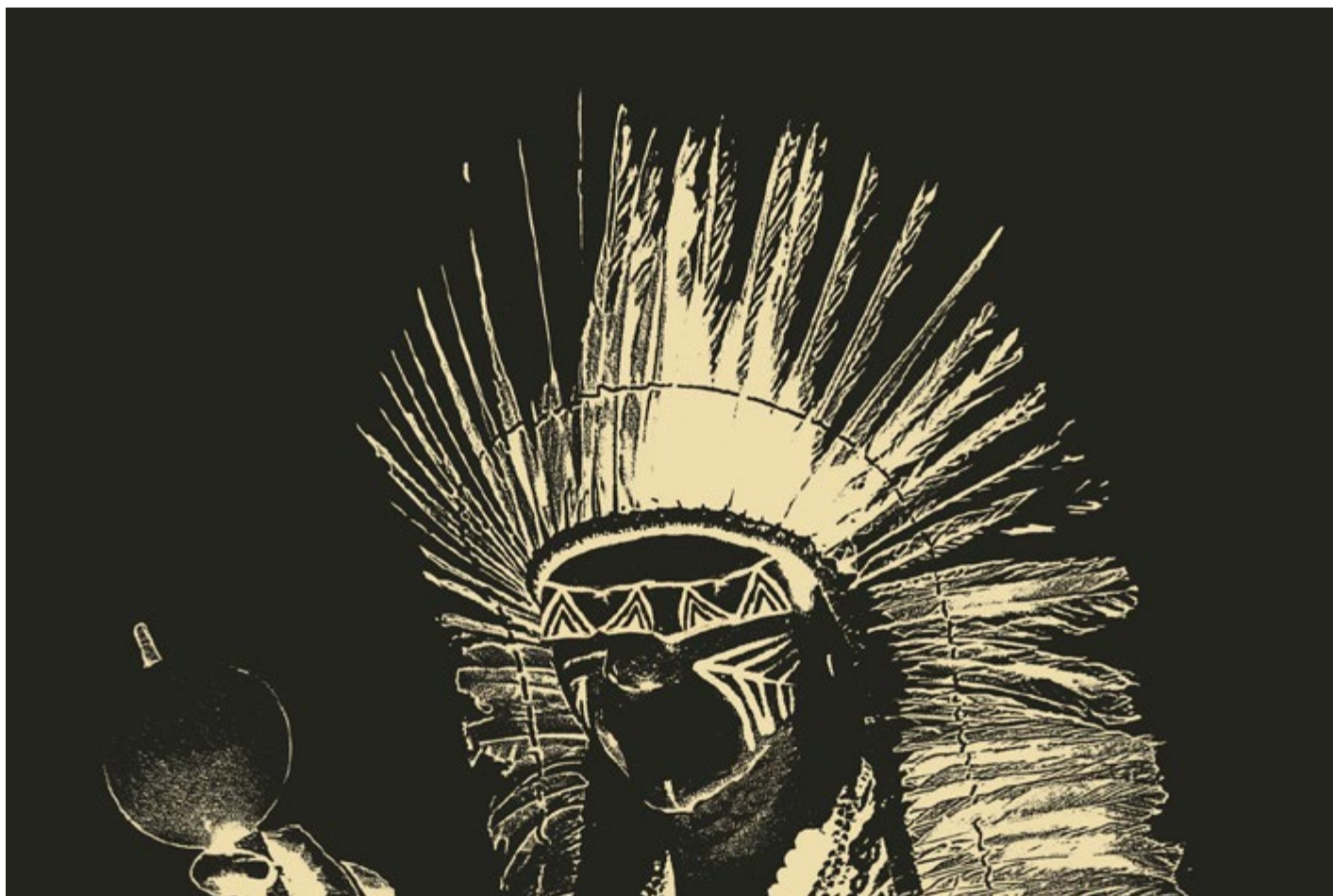
Um grito em tempo de coronavírus
Técnica: bordado sobre tecido.
Dimensões: 35 cm (diâmetro).

A humanidade, de repente, foi tragada por um vírus, e ainda não se tem conhecimento de como nos livrar do covid-19. Por isso, a humanidade grita.

IAGO BARRETO SOARES



Iago Barreto Soares, Fotógrafo, indigenista, professor, atua desde 2014 junto aos povos indígenas do Ceará com assessoria de comunicação, registros e produção cultural.



Tundá

Técnica: fotografia/Ilustração digital.

Dimensões: não informada.



Tundá

Técnica: fotografia/Ilustração digital.

Dimensões: não informada.



Tundá

Técnica: fotografia/Ilustração digital.

Dimensões: não informada.

Tundá é um trabalho feito por meio de fotografia e ilustração digital sobre caminhos possíveis das várias espiritualidades indígenas e como se pode começar um pensamento iconográfico sobre a

relação dos povos nativos com uma razão metafísica, a espiritualidade pessoal de cada indígena nos diversos povos.

LYZ VEDRA & VALÉRIA FREIRE



Lyz Vedra, artista-pesquisadora, performer, bailarina, pintora, desenhista, interessada pelo corpo em performatividade, seja para pesquisa acadêmica, seja para a cena, vem desenvolvendo trabalhos artísticos partindo do corpo para pensar a própria existência em relação constante com o mundo. Atualmente, estudante do Bacharelado em Dança da UFC e desenvolve pesquisas dentro do contexto corpo-arte-natureza por meio de uma perspectiva somático-ecológica.



Valéria Freire, artista-pesquisadora, vegana, ativista pelo direito dos animais, iniciou suas investigações recentemente, buscando imergir dentro dos universos da fotografia, do desenho e da dança, investigando processos autobiográficos acerca de temas relacionados à existência, envolvendo assuntos como ufologia, astrologia, corpo e paisagem.



Terra-Tato

Técnica: fotografia.

Dimensões: 4128 X 3096 pixels.



Terra-Tato

Técnica: fotografia.

Dimensões: 4128 X 3096 pixels.

A obra é uma série de registros fotográficos feitos durante o processo de criação da videoarte "Experimento Para Habitar a Terra", no âmbito do isolamento social referente ao Covid19 durante a pandemia. O experimento faz parte de uma ampla

pesquisa que se relaciona com os parâmetros "corpo-arte-natureza", que tenta investigar as interações existentes na rede conectiva que sustenta a vida. Em constante contato com a ancestralidade e partindo de uma perspectiva



Terra-Tato

Técnica: fotografia.

Dimensões: 4128 X 3096 pixels.

somático-ecológica tenta pensar, na ação, o coexistir. Durante esse processo de criação, surge a tríade de fotografias intituladas "Terra-Tato", propondo uma reflexão acerca da relação que

estabelecemos com a terra, com o que é orgânico, com o planeta, com as marcas da nossa ancestralidade e, sobretudo, com o que promove a vida.

DANIEL SENA



Daniel Sena é graduando em Agronomia na Universidade Federal do Ceará. Apreciador das ciências humanas. Autodidata em desenho (por hora, um simples amador). Nasceu em São Paulo – SP (Distrito de Pirituba) em 1997. De 2006 a 2008, viveu em Franco da Rocha – SP, onde participou de uma exposição de desenhos do Parque Estadual do Juqueri representando sua escola na época (EMEB. Donald Savazoni). Aos 10 anos de idade, mudou-se junto da família para o Nordeste do Brasil, para a cidade de Jucás-CE. Ao final do ensino médio, em 2015, participou de uma exposição da CREDE 16 no município de Iguatu, representando sua escola EEM Luíza Távora com a temática “O quinze” de Rachel de Queiroz. Em 2017, mudou-se para Fortaleza para cursar Agronomia na Universidade Federal do Ceará, mas nunca deixou as artes a ainda está a escrever sua história...



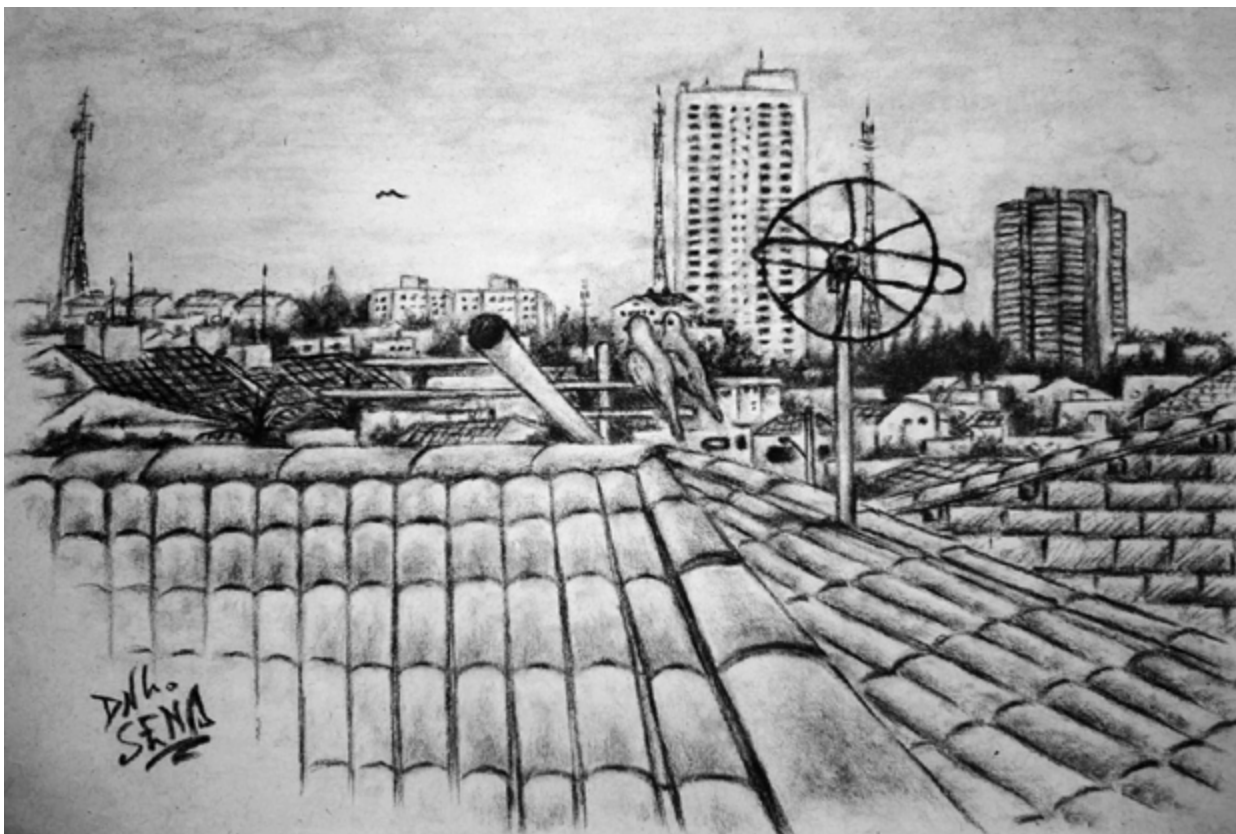
Vista dum janela - (Série Vulgares testemunhas)

Técnica: desenho.

Dimensões: 1650 x 1100 pixels.

Nesse nosso moderno estilo de vida, somos bombardeados com informações e afazeres. Na correria do dia a dia, acabamos apáticos, deixando de lado a apreciação do "simples" (em todas as suas formas e diversidades); presos num quotidiano

anestesiante e sufocante. E veio a crise... Apesar do sofrimento Muitos de nós estão a reparar em coisas que sequer notariam antes: valores como amizade, solidariedade, família, saúde, cultura e, portanto, as artes. Não seria essa uma das importantes lições



Vista duma janela - (Série Vulgares testemunhas)

Técnica: desenho.

Dimensões: 1650 x 1100 pixels.

que situações assim nos ensinam? Em tempos de temor, de incertezas quanto ao futuro, a arte é uma ótima fonte de força e expressividade. A mera contemplação das formas e cores do espaço físico a nossa volta é perfeitamente uma forma de

inspiração. Os "clássicos" cair da chuva, nascer do sol, as interações entre os seres vivos; "exposições" sempre estão em exibição na paisagem que nos cerca. E que cenário! Inspirado nele, fiz estas três obras. Escolhi três figuras e as apresentei como



Vista dum janela - (Série Vulgares testemunhas)

Técnica: desenho.

Dimensões: 1650 x 1100 pixels.

sendo as “vulgares testemunhas” de um quotidiano indiferente. As obras em si são um mero registo daquilo que sempre estava exposto à vista, mas, de

certo modo, oculto a minha percepção. Somente nesses dias de isolamento, pude-os notar e observar...

CIDINHA FONSECA



Cidinha Fonseca é formada em Artes Visuais pelo IFCE e utiliza as técnicas de aquarela sobre papel , acrílica sobre papel e sobre tela. Suas obras versam sobre a natureza, figuras humanas em que predominam o feminino. Além de artista visual, Cidinha também é poetisa, tendo publicado dois livros: 'Em Silêncio' (em parceria com a poetisa Marisa Biasoli) e 'Síntese de Mim ' (com textos e ilustrações da artista). Participou de exposições coletivas: Salão de Abril, Espaço Cultural dos Correios, Espaço Cultural North Shopping e Mauc.



Releitura do 'Grito' de Edvard Munch

Técnica: aquarela.

Dimensões: 30 x 40 cm.



Somos UM

Técnica: aquarela.

Dimensões: 40 x 30 cm.

A chegada de COVID19 extinguiu as fronteiras, não mais gregos ou troianos, mas humanos em busca da cura para todos, e, até que chegue a cura, a vacina, nossos escudos são "isolamento", "mascara" e

"orações", para afastar esse inimigo insidioso, invisível e comum a todos, além de cruel que nem sepultar com dignidade nossos mortos podemos.



LARA DIAS



Lara Dias é nascida e criada em Fortaleza e aluna de Design na UFC. Abandonou o curso de Contabilidade no terceiro semestre porque precisava de um curso em que pudesse se expressar. Recém-ingressa no curso de Design e, mesmo com pouco mais de um mês de aulas, Lara sente muitas saudades do seu curso. Adepta do Bordado, adora todo tipo de trabalho manual.



1500-2020
Técnica: bordado.
Dimensões: 15 x 20 cm.



1500-2020

Técnica: bordado.

Dimensões: 15 x 20 cm.

De um lado, 1500 com a caravela dos colonizadores trazendo doenças que mataram milhares de índios. Do outro, 2020 e um avião com os que vieram

trazendo o covid-19. Nas comunidades onde as casas são aglomeradas umas sobre as outras, o poder de propagação do vírus é maior. Assim, as



1500-2020

Técnica: bordado.

Dimensões: 15 x 20 cm.

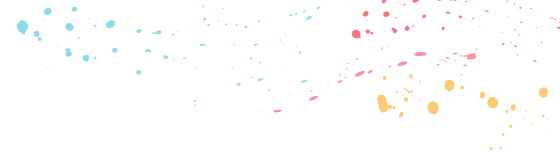
classes mais baixas seguem sofrendo mais. 1500 e 2020 ligados pelas mortes. Em nenhum momento,

a obra busca apontar culpados pela doença, mas, sim, levantar reflexões sobre suas consequências.

VITOR SANTOS



Vitor Santos é estudante de História na Universidade Estadual e sempre teve muita aptidão e gosto pelo mundo artístico e de como tudo poderia ser feito. O artista usa a aquarela para tentar liberar o máximo de carga vivente absorvida no período e tem um fascínio imenso por museus e de todo peso que ele pode carregar historicamente. Integra o Núcleo Educativo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará.



Pierrot azul

Técnica: aquarela.

Dimensões: 10 x 10 cm.



A máscara fofa

Técnica: aquarela.

Dimensões: 8 x 10 cm.

A sociedade busca no mercado faces que, às vezes, não podem ser adquiridas por alguns. Olha, não é tão assustador como você esperava mostrar seu lado mais natural e confortável, os olhares à

sua volta podem ser de admiração, espanto ou dúvida, apenas se sinta o mais confortável possível; você tem seu próprio tempo, viva-o.



ANETE MENDONÇA



Anete Mendonça é educadora, artista plástica, pós-graduada em MBA história da Arte e Arteterapia em formação. É Conselheira Titular do Conselho Estadual das Políticas Culturais do Estado do Ceará no segmento de Artes Visuais. Orientadora de desenho e pintura para iniciantes. Participou do curso Criação Plástica Bidimensional no MAM – Salvador-BA, curso de desenho e pintura em tela na UNIFOR, curso de desenho da Profª Olga Cortez das Belas Artes de Buenos Aires no MAM, IX Salão Mãos que Moldam, Mãos que Pintam, Mãos que Criam, na UNI 7. É Autora do projeto “Mãos que fazem mãos que colhem” para trabalho voluntário com crianças e adolescentes do Instituto Melvin onde foi professora de desenho e pintura com realização de exposição. Atualmente em participação da 15º Exposição da coleção de releituras “Novos olhares para Monalisa” entre o Pop e o Contemporâneo no Museu da Indústria, e os “Novos olhares para a Monalisa e o regionalismo” na Casa de Cultura de Sobral. Na Exposição Coletiva “Adjetivo feminino” no MAUC- UFC, Arte por Elas – SESC Centro. Monalisa por Elas – Shopping Benfica e Centro cultural M. Dias Branco na Fábrica de Fortaleza – Euzébio.



Serenidade, um olhar para o interior

Técnica: pintura à Óleo.

Dimensões: 50 x 40 cm.

Aprendendo a não andar ansiosos por nossas vidas e não se inquietar com o dia de amanhã, pois, por meio da serenidade, podemos desenhar a travessia para sair do caos.



Confinamento

Técnica: desenho em nankim.

Dimensões: 40 x 33 cm.

A pandemia e seus desertos, levando os rastros de solidão sob o olhar constante do perigo.



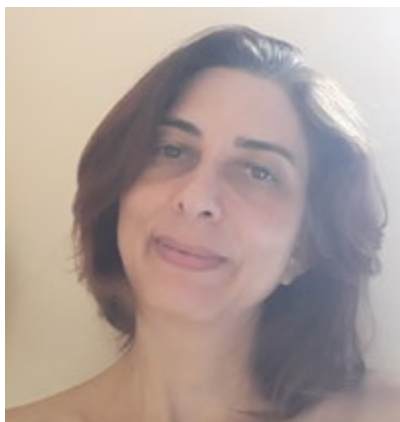
Casulo

Técnica: acrílica sobre papel kraft.

Dimensões: 50 x 33 cm.

Fazendo um paralelo com a situação atual, eu vejo assim como um casulo, que aproveita o processo que temos a capacidade de nos reinventarmos para se transformar em algo muito melhor.

NÁGILA TAHIM



Nágila Tahim, é formada em Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Ceará – IFCE, em 2019. Participou do I Salão de Artes Visuais do IFCE 2017 e de projetos de Arte Urbana (Reitoria IFCE – 2018 e Vila das Cores 2019). Exercita as experimentações em aquarela e fotografia.



Divagações, ou a luta entre a luz e a sombra

Técnica: aquarela e Lápis de Cor.

Dimensões: 21 x 29,7 cm.

A Arte nos salva em qualquer tempo. E, na quarentena, faço divagações com linhas e formas, enquanto ocorre a luta interna entre a luz e a sombra. Sombras que já existiam podem tornar-se maiores em um tempo de incertezas. Por enquanto resiste à luz, na luta diária.

TALITA KÉSSIA



Talita Késsia trabalha com o corpo-sentimento. Estudou Publicidade e Propaganda (UFC), Design de Comunicação na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e estuda Design (UFC). Paralelamente, buscou no bordado um refúgio e encontrou um novo meio de se expressar, trabalhando, atualmente, com bordado e encadernação, criando produtos, e como facilitadora. Além disso, põe as suas inquietações, dores e alegrias em desenhos, pinturas e bordados, tangenciados por textos que dizem o que as imagens não puderam. Dentro do seu imaginário, o corpo e o mar fazem-se presentes e funcionam como cura. Já expôs na “I Língua de Eros” II Colóquio Língua de Eros, Departamento de Pós-Graduação em Letras – UFC, 2019) e na “Nosso Fruto” (“Ladies, Wine and Design”/ Ceará Design Week – 2019), na Galeria Brasil.



Dança

Técnica: fotografia.

Dimensões: indefinida.



Dança

Técnica: fotografia.

Dimensões: indefinida.

Apesar de não ter a fotografia como principal técnica utilizada, é por meio dela que mantenho registros dos elementos que mais me afetam, e o céu é um deles. Nesse período de isolamento, a visão se volta

mais ainda aos detalhes que me cercam e o que me traz a cura. Como os olhos não enxergam o mar, o céu é o destino de um espírito que sente dor e procura refúgio. Na série de fotos, a noite era de lua



Dança

Técnica: fotografia.

Dimensões: indefinida.

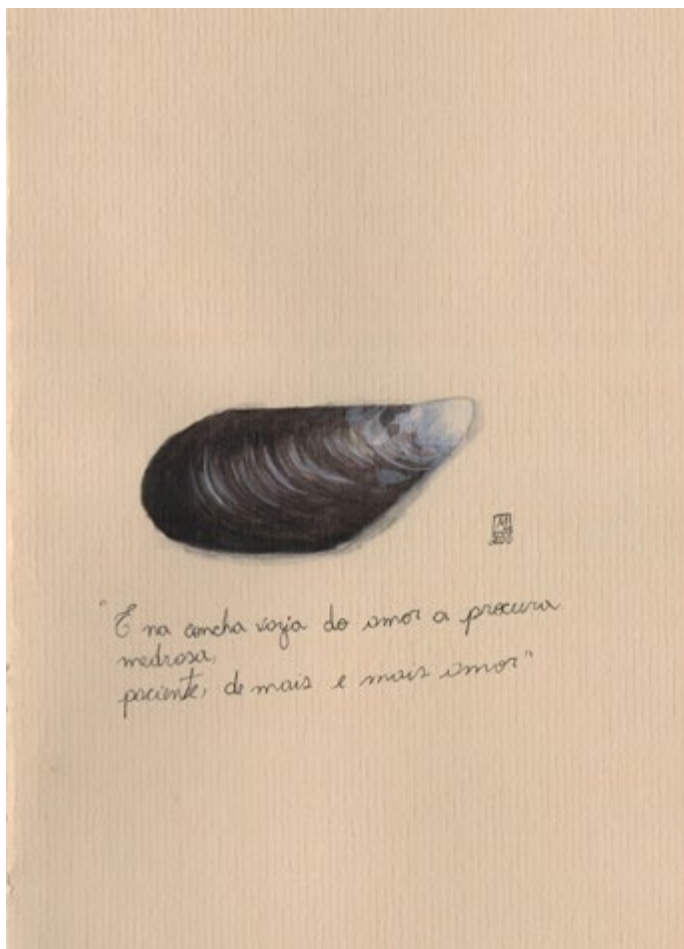
cheia e, com um tripé montado no jardim de casa e voltado à sua luz, ela me chamou para movimentar o corpo e sentir o seu poder. Desse modo,

atravessada, surgiram essas fotos que registram um dos poucos momentos de calma aqui do lado de dentro.

MAYARA FREITAS



Mayara Freitas é formada em Psicologia. Desenha e pinta desde tanto tempo que não lembra como começou. Precisa pintar para respirar.



Concha vazia

Técnica: aquarela.

Dimensões: 20 x 15 cm.



Reparação

Técnica: aquarela.

Dimensões: 20 x 15 cm.

Inspirado no poema de Adília Lopes, uma tentativa de de recriar laços diante do cansaço que as

rupturas podem causar. Ao mesmo tempo, a ruptura é a possibilidade de criação.

HIRLAN MOURA



Hirlan Moura é natural de Fortaleza; é artista urbano, ilustrador, pintor, oficinairo e artesão, traz, desde a infância, o gosto por desenhos e pinturas. Em 2010, participou da Oficina de Pintura em Tela no Centro Juvenil Dom Bosco (CJDB). Seu primeiro contato com Grafite foi em 2011, ano em que entra para Crew ADR – Arte de Rua. Em 2012, começa um trabalho solo e, a por meio de estudos, desenvolve um personagem apelidado por Anunnaki, uma mistura de seres místicos, animais, máquinas e mulambos. Sua abordagem caminha em diálogo com meios urbanos, usando de inspiração para seus trabalhos temáticas como: traços de civilizações antigas, simbologia, astronomia, natureza, matemática, religião e cultura regional nordestina. No ano de 2016, foi premiado com uma bolsa integral para estudar na Escola de Artes, Quadrinhos e Ilustrações DANIEL BRANDÃO. Possui passagens também pela Escola Porto Iracema das Artes e, em 2014, participou do Curta Metragem Além da Cor, junto ao Grupo HUMANOS PRODUÇÕES, como personagem principal de uma história que retrata a Arte Urbana e o PIXO, abordando desde o desenvolvimento de uma pintura em técnicas de grafite aos questionamentos sobre a discriminação enfrentada por essa técnica. Com participações em grandes festivais de Arte Urbana, como: Encontro de Arte Urbana Cores da Vila, Maranhão; Residência Artística INarteurbana, Rio Grande do Norte; Exposição Coletiva INarteurbana Galeria Newton Navarro (Funcarte), Rio Grande do Norte (2019); Bahia de Todas as Cores/ BTC Graffiti Festival, Bahia; MALOCA DRAGÃO Festival de Artes Integradas do Ceará; Original Grafite Espírito Santo Origrafes, Espírito Santo; Exposição SOBREPOSIÇÃO abertura do ano expositivo Galeria de Arte Vicente Leite, Ceará (2018); entre outros eventos.



Caça ao caçador

Técnica: desenho.

Dimensões: 42 x 29,7 cm.

“Seguiremos resistindo a tudo e todos, em meio a temores, aflições e incertezas, a ameaça junto ao medo do novo desconhecido, que nos faz blindar mente e corpo, faz nascer soldados contra um gigante quase invisível, porém tão forte. Seria esse o grande teste? Parar um mundo por isso? E o Covid parou, parou o mundo, fez recuar, recusar seguir morrendo. Entre tantos que se foram, ainda há quem,

em seus maiores delírios, equiparou a uma simples e passageira gripezinha. Viver em estado de uma guerra que não traz lucro fez parar a máquina, faz o mundo acordar para realidade, sair da matriz e entender que o dinheiro não traz à vida quem morreu. Precisamos compreender que somente juntos podemos fazer da caça o caçador, parar a reação em cadeia. É simples. Nossas armas são outras!

ED FERRERA



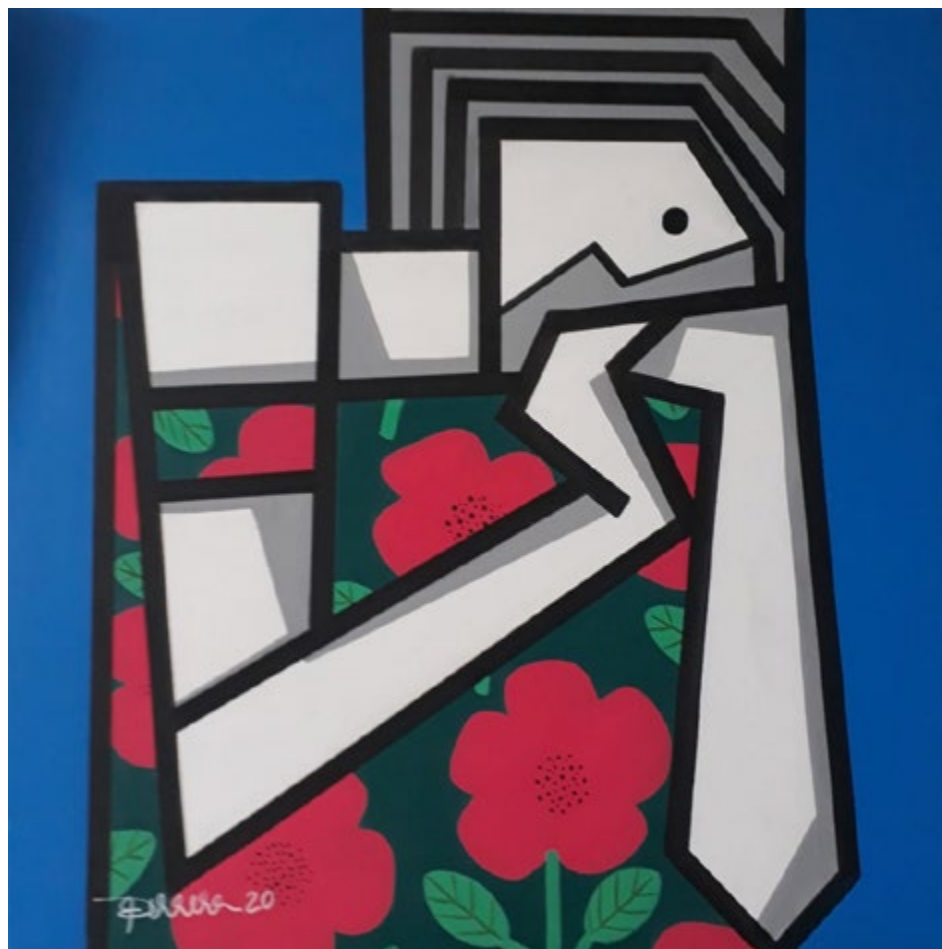
Ed Ferrera é artista visual e idealizador da Norte Bienal de Arte – iniciativa que busca o amplo desenvolvimento e difusão das artes visuais produzidas no interior do Ceará. Vive e trabalha em Sobral, como artista, produtor e educador cultural.



Lavadeiras de quarentena
Técnica: mista sobre tela.
Dimensões: 75 x 75 cm.



Lavadeiras de quarentena
Técnica: mista sobre tela.
Dimensões: 75 x 75 cm.



Lavadeiras de quarentena
Técnica: mista sobre tela.
Dimensões: 75 x 75 cm.

As obras fazem parte de uma proposta/pesquisa do artista sobre o universo poético do tema lavadeira a partir da figura de sua mãe. O trabalho, mais que

uma fala é uma forma que o artista encontrou de trabalhar a narrativa do retrato e fazer da produção, uma homenagem à sua mãe.



MARIA HELENA PINHEIRO CARDOSO

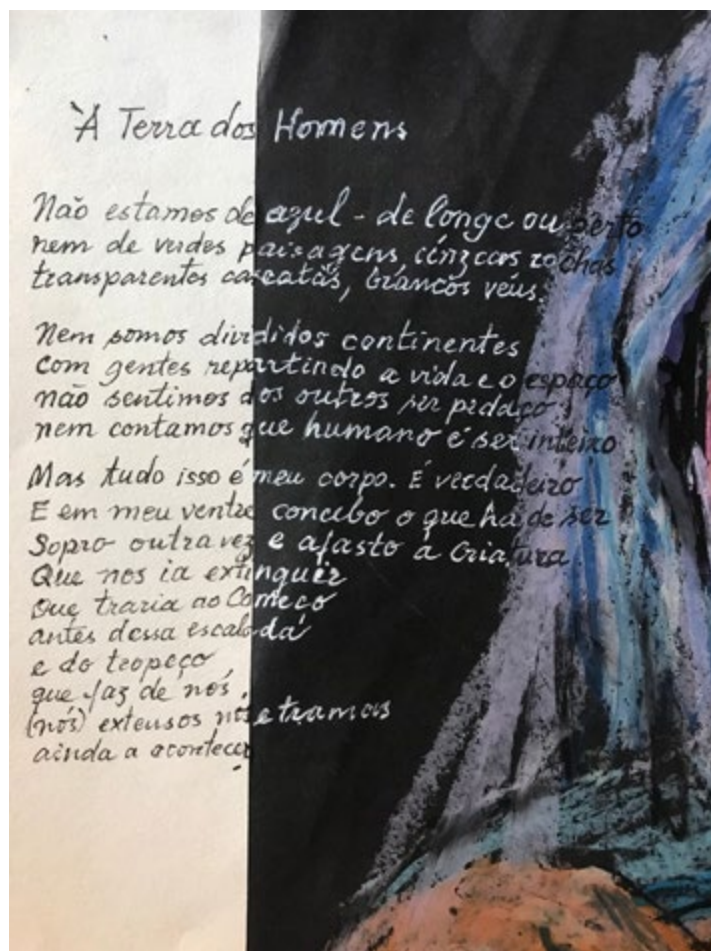
Maria Helena Pinheiro Cardoso nasceu em Barbalha, Ceará, em 1952. É médica e psicanalista, musicista, artista plástica, atriz, escritora de poesias, cordéis e contos. Publicou dois livros de poesias: *Desconcertos Poéticos em Três Movimentos* (Prêmio Estado do Ceará em 1985) e *Cântico de Oleiro* (Prêmio da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, em 2004). Obteve prêmios em concursos de poesia do Centro Médico Cearense e Ideal Clube de Fortaleza. Tem uma vasta produção literária, tendo sido premiada em 1989 com a Menção Honrosa pela Presidência da Sociedade Cearense de Psiquiatria, Sociedade Cearense de Psiquiatria. Participação no jogral “Padaria Espiritual” durante a Bienal Internacional do livro do Ceará, 2012. Projeto *Tessituras da Primeira Infância – Palestra sobre “Gravidez e psicanálise”*: IPREDE – Canal Pi, 2015. Participação do Projeto *Leituras na Praça* 2018 e 2019 – *A Mulher no Reino da Oralidade*, Jorge Luis Borges. Assistente de cenografia da *Opera Atelier Artists* em (2019).



Sem título

Técnica: indefinida.


Dimensões: não informada.



Sem título

Técnica: indefinida.

Dimensões: não informada.



O trabalho de desenho com oil pastel em papéis superpostos: folha de três “canson” branco e folha “decor” preta, onde eu busquei representar a aproximação do Homem, da Terra (Mãe-Terra, conceito alegórico, mítico, telúrico e religioso). Nesse quadro, a Mulher, de olhos baixos e véu, sustém o globo terrestre à sua frente e junto a seu corpo (seios e ventre), com a mão direita sobre essa “protuberância” e a esquerda, em concha, retira da terra pequenos grumos + ou - na forma do vírus corona e sopra neles para apartá-los. Junto à figura, em poema (talvez) que pensei

puddesse traduzir a voz em pensamento dessa entidade e que diz que este é o 2º sopro (o 1º foi do pai criador) e este 2º, materno e aliviador, destina-se a suspender a extinção dos homens: apesar de terem, os humanos, degradado o solo e ambientes e corrompido a sua interação de repartir, viver com e para os outros ele, Mãe, vai poupá-los pois acredita que possam mudar e evoluir, além de - como se fosse uma confiança - dizer que os homens e sua terra são também o corpo dele, a Mãe. Parte dele e a mutualidade são propostas de recomeço.

PEDRO EYMAR



Pedro Eymar Barbosa Costa é nascido na cidade de Crateús. Inicia sua formação artística no Curso de Desenho sob a direção de Jean Pierre Chabloz no Conservatório de Música Alberto Nepomuceno, em 1964. Tem formação em Arquitetura e Urbanismo pela UFC e especialização em Conservação e Restauração em Bens Culturais pelo Cecor/EBA/UFMG. Participou das seguintes exposições: Trabalhos dos Alunos do Curso de Desenho de J.P.Chabloz-1965 (Prêmio Universidade Federal do Ceará); Inauguração Galeria Di Caura (1965); Salão Universitário Nordestino de Artes Plásticas MEC - FUNARTE - UFBA - 1977 (Prêmio Manoel Inácio de Mendonça Filho); II Salão Nacional Universitário de Artes Plásticas INAP- FUNARTE - UFPB (1977); I Salão Universitário Cearense de Artes Plásticas Mec - Funarte - UFC - 1978 (Prêmio Especial); Anima - Pinturas - Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará . Fortaleza (1992); Universos Paralelos - Desenhos e Pinturas. Ibeu - CE - ArtGallery (1994); Interseção - Arte, Arquitetura e UFC, Mauc (2020).



Paisagem primeira

Técnica: carvão sobre papel canson.

Dimensões: 42 x 59,4 cm.



Paisagem segunda

Técnica: carvão sobre papel canson.

Dimensões: 42 x 59,4 cm.

...todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas, verdadeiramente, uma paisagem.(...)E, mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem, pode

ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem!"(Fernando Pessoa). Na realidade ou nos sonhos, as paisagens são cenários construídos por nossos desejos,



Paisagem terceira

Técnica: carvão sobre papel canson.

Dimensões: 42 x 59,4 cm.

nossos temores, nossas memórias, nossas emoções, que nos levam para uma variedade sem fim de estados de alma. Configurar esses estados

e recriá-los sobre um papel, é um desafio para a imaginação. E nada como o gesto e o carvão para fazê-los visíveis.

DESCARTES GADELHA



Descartes Gadelha, nascido em Fortaleza, no dia 18 de julho de 1943, é considerado um artista expressionista. Artista de interpretação, sua temática aborda com lirismo os principais traços do comportamento de personagens de vivência mais sofrida, além dos perfis sociais em que se inspirou durante sua trajetória artística. Observador do cotidiano, optando por personagens populares do Nordeste, o artista representa, claramente, a pretensão do MAUC de alcançar o universal pelo regional. O artista cresce próximo ao porto da praia Formosa, tornando -se um apaixonado por jangadas. Autodidata, torna-se pintor, escultor e músico, iniciando-se na pintura em 1962, orientado por Zenon Barreto. Sua primeira exposição foi no MAUC, em 1963, na coletiva "A paisagem cearense". No mesmo ano, participou da coletiva "Pintores do Nordeste", na inauguração do Museu de Arte Popular na Bahia. Ficou em primeiro lugar no Salão de Abril em 1964 e 1965, em Fortaleza. Em 1967, recebe Menção Honrosa no 1º Salão Nacional de Artes Plásticas do Ceará. Em 1971, realiza individual de inauguração da Galeria Portinari, em Fortaleza e em 1999, na reinauguração do Museu de Arte da UFC, entre outras exposições realizadas. Tem uma produção e atuação intensa no cenário artístico cearense.



SE FORA DO FAKE NEWS NÃO HÁ VERDADE,
O CORONA CONSAGRADO TRAZ ILUMINAÇÃO E,
FORA DESSA VERDADE É QUE MORA A SALVAÇÃO.
O SANTO CORONA UNE TODAS AS NAÇÕES
E OS ÁIS OU GEMIDOS SOAM EM BOA AFINAÇÃO.
NÃO PRECISA TEMPERO, PÃO-DE-MIA OU PANDEMIA, TUDO
ALIMENTA A INTERNACIONAL COMUNHÃO,
MAS CUIDADO, NÃO FALEM EM POLÍTICA,
TEM MUITA MACUMBA DA GENTE ENVOLVIDA
MAS CONFIE NO SÃO CORONA, VIROS SÉRIO E CONTRITO
CRIADO POR DEUS PRA DEIXAR O MUNDO UNIDO. CORONA 2020
desastres Gafelha

Série Corona

Técnica: desenho.

Dimensões: não informada.



Francisco Gabetta
CORONA 2020

Série Corona
Técnica: desenho.
Dimensões: não informada.

EU SOU AQUELE PIERROT QUE TE ABRAÇOU
E TE BEIJOU MEU AMOR.
NA MESMA MÁSCARA NEGRA QUE ESCONDE
TEU ROSTO EU QUERO MATAR A
SAUDADE ...³⁷

OBS.: TRECHO DA CANÇÃO MÁSCARA NEGRA
AUTORIA DE ZÉ KETE PEREIRA MATOS



CUIDADO! ÊLE NÃO QUER MATAR A
SAUDADE. ELE QUER MESMO
E MATAR VOCÊ!
ENTÃO USE A MÁSCARA!

f. Gabella
CORONA-2020

Série Corona
Técnica: desenho.
Dimensões: não informada.



APESAR DE EU TER CRIADO O FAKE NEWS
AQUI NO MEU GLORIOSO INFERNO,
NÃO O UTILIZO MAIS.
DOEI O FAKE NEWS AOS BRASILEIROS.
É A CARIDADE QUE MAIS ME ORGULHA,
POIS FAÇO MILHÕES DE BRASILEIROS
MUITO FELIZES.

Série Corona

Técnica: desenho.

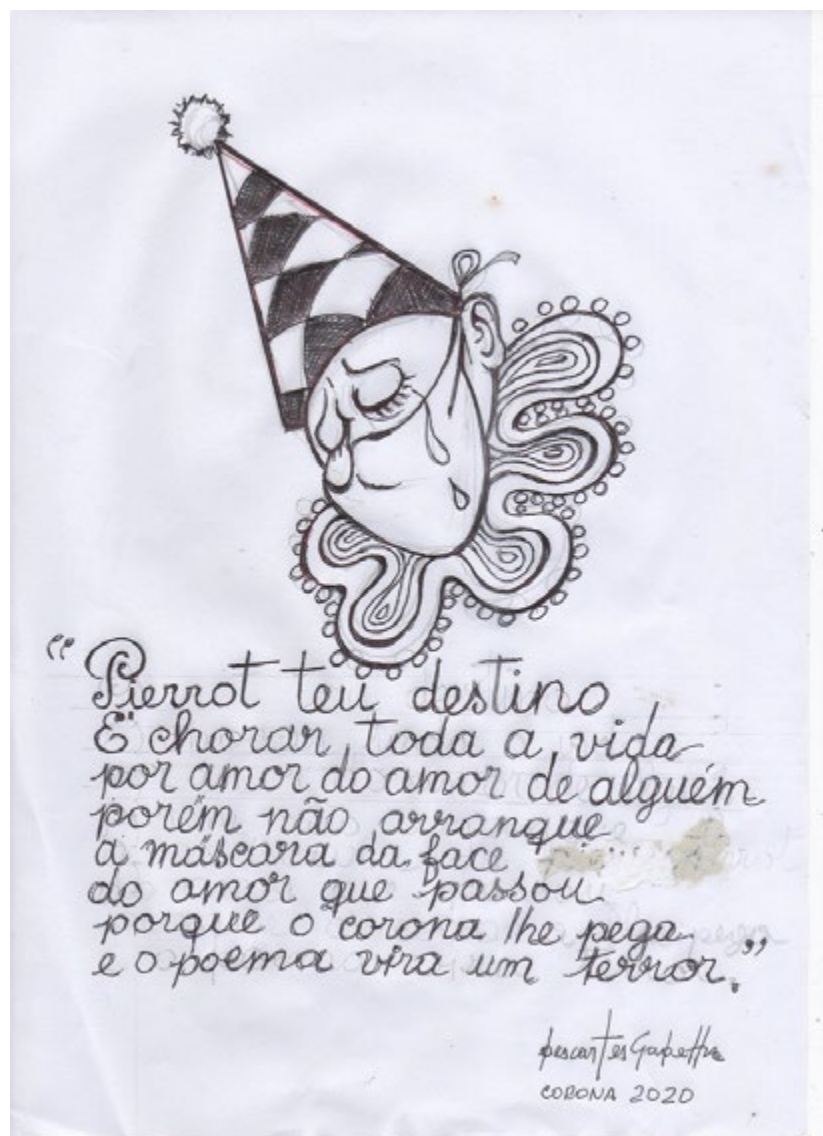
Dimensões: não informada.



Série Corona
Técnica: desenho.
Dimensões: não informada.



Série Corona
Técnica: desenho.
Dimensões: não informada.



Série Corona

Técnica: desenho.

Dimensões: não informada.

ANCHIETA DE CARVALHO



Artista Invisual, Anchieta de Carvalho, José de Anchieta Arruda de Carvalho, nasceu em Fortaleza e tem 53 anos. O mais velho de cinco irmãos, pai da encantadora Maria Izabel, trabalhou 25 anos como supervisor de vendas em uma distribuidora de carnes. Quando foi acometido de um choque térmico e perdeu a visão, conheceu A SAC. É uma pessoa cristã que está a servir, vive em busca do conhecimento, gosta muito de música, e da natureza, é um atleta de alta performance, pratica ciclismo, artes marciais, musculação, danças e natação. Campeão das piscinas, Norte e Nordeste, com 24 medalhas de ouro, já conquistadas em diversas modalidades. Iniciou no projeto Cores da Alma em 07 de agosto de 2018, é um aluno esforçado, disciplinado e assíduo. Seu sonho é ser reconhecido no esporte e nas artes.



Olho

Técnica: mista (desenho com caneta colorida sobre papel parede colado em cd reciclado).
Dimensões: 12 x 12 cm .

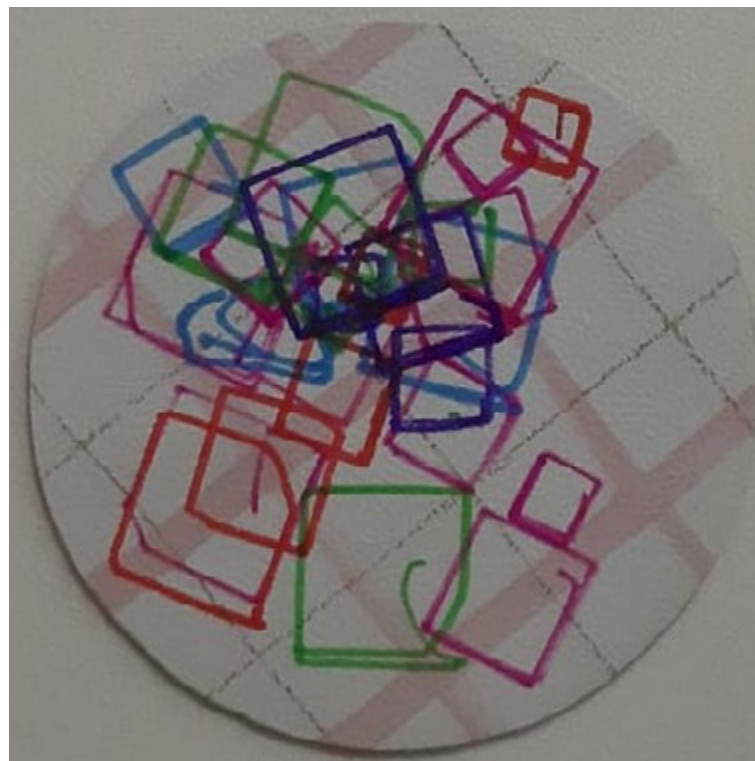
Por que o olho? Tive um choque térmico em meus olhos, não perdi a visão imediatamente, tive um deslocamento de retina e uma degeneração, e, assim, fui perdendo a visão gradativamente, o que representou para mim um choque. Não só um choque térmico, mas também um choque emocional, por ter perdido a visão. E isso fez que eu transportasse para a tela. Passei a desenhar um olho; um olho de maneira diferente, quase igual a um peixe, e o peixe nada, para mostrar como é ruim perder a visão. O raio que fica no meio do olho, é

mostrado que é um choque, é um choque de todas as maneiras, física, psicológica e espiritual. Abalou e abala, ainda hoje, qualquer pessoa, que seja visual. É, subitamente, você perder o melhor sentido que existe, que é o da visão; por isso, esse olho branco, sem a pupila, a menina dos olhos, simboliza esse choque! Após fazer o treinamento ninjitsu acionou em mim o sexto sentido, a glândula pineal, que é o terceiro olho. O olho místico! Assim descrevo minha obra.

ANDRIOLA



Artista Invisual, Andriola, Luiza Leite Andriola nasceu em Mauriti e tem 57 anos. Casada, tem um casal de filhos e três netos. Já nasceu sem enxergar, sua mãe só percebeu, próximo de 1 ano de idade. Veio para Fortaleza, aos 14 anos de idade, quando conheceu A SAC. Estudou até o ensino fundamental, depois voltou para sua cidade natal. Aos 40 anos de idade, retorna a Fortaleza e ao Instituto, onde fez um curso de massagem. Iniciou no curso Cores da alma em 7 de agosto de 2018. É uma pessoa alegre, de grande coração, e muito entusiasmada; seu sonho, viver e ser feliz.



Quadrados

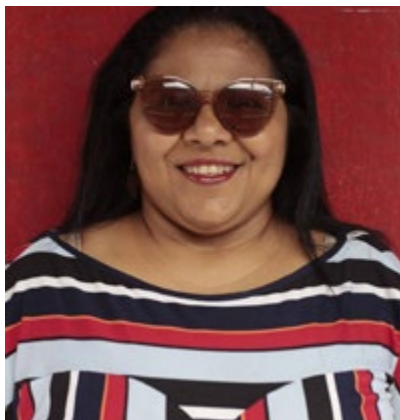
Técnica: mista (desenho com caneta colorida sobre papel parede colado em cd reciclado).

Dimensões: 12 x 12 cm .

A geometria está presente na vida cotidiana de todo cidadão. A todo momento estamos utilizando conhecimentos geométricos em nossos afazeres. O estudo da geometria é indispensável para o pleno desenvolvimento do ser humano, pois ajuda, na compreensão do mundo, desenvolve o raciocínio lógico e proporciona um melhor entendimento de

outras áreas do conhecimento, devido à grande importância que a geometria assume no cotidiano do indivíduo. E é nesse cotidiano que vivo, que trago essa geometria para meu trabalho, onde traduzo uma janela, uma cadeira, uma porta, uma mesa e tantos outros elementos.

ARIEL



Artista Invisual, Ariel, Adriana Vasconcelos Loiola nasceu em Fortaleza e tem 45 anos. Quando criança, gostava de criar histórias com desenhos. Tem vários sobrinhos que desenham muito bem. Quando adulta, foi trabalhar na Casa Freitas; lá, fazia cartazes e outras coisas. Teve um problema com a saúde e, ao perder a visão, conheceu A SAC. Lá, participa de todas as atividades que a convidam. É alegre, desenrolada e tem um autoastral nas nuvens. Mora em Fortaleza com três irmãos. Iniciou no curso Cores da Alma em 7 de agosto de 2018. Tem guardado, em sua mente, muitas lembranças de arte, uma delas é o quadro da Mona Lisa, de Leonardo da Vinci. Acha esse quadro top. Gosta de aprender e diz que tem coisas que a gente acha que não pode fazer, e, se você bem pensar melhor, consegue fazer coisas que nem imagina, e, às vezes, no escuro, você consegue fazer algo até melhor que na claridade. Seu sonho, eu quero, eu posso eu consigo!



Figuras

Técnica: mista (desenho com caneta colorida sobre papel parede colado em cd reciclado).

Dimensões: 12 x 12 cm .

Os rostos que desenho em meus trabalhos, eu trago da minha infância, Quando criança, tinha medo de Papai Noel, sonhava com monstros e, na época, desenhava esses monstros, e isso me prejudicava de alguma forma. Quando comecei a

desenhar nesse projeto, iniciei com esses monstros do passado, mas agora estou em outro momento, mesmo porque não sou mais a mesma, porque estou sempre evoluindo, e, se existem a bela e a fera, por que não fazer um desenho assim?

KIKO



Artista Invisual, Kiko, Francisco Targino da Silva nasceu no Crato e tem 49 anos. Filho de agricultores, aos 9 anos, já trabalhava na roça, em uma época em que ainda não se falava muito em proteção ambiental. Seu genitor era de vanguarda, ou seja, estava à frente de seu tempo. Passava os ensinamentos aos seus filhos que não deveria fazer queimadas, e, ao derrubar uma árvore, você deveria plantar outras cinco. Aos 18 anos, seus pais se separaram e teve que vir com sua mãe para Fortaleza e logo terminou o ensino médio e foi trabalhar. Conheceu uma moça chamada Cristiane, com quem está casado até os dias atuais. Trabalhou com venda de automóveis, teve empresa própria. Um dia, foi dormir e acordou com fortes dores na cabeça. Ao amanhecer, já estava sem enxergar, foi ao hospital, fez cirurgia, tiraram o Glioma, e foram colocadas duas placas de titânio em seu crânio. O médico disse para ele que era um milagre estar vivo. Com tudo isso, sua esposa grávida, perdeu o bebê, logo depois, sua mãe falece. Os que diziam ser seus amigos se afastaram, mas os amigos de verdade são os que ficaram. Conheceu A SAC por meio de amigos da igreja. E passou a enxergar um novo horizonte, embora sem ver. É um homem sábio e de grande garra, participa de muitas atividades no Instituto, no projeto Cores da Alma, iniciou em 7 de agosto de 2018 e é um aluno assíduo e um dos mais esforçados, e o futuro o espera!



FLORESTA

Técnica: mista (desenho com caneta colorida sobre papel parede colado em cd reciclado).

Dimensões: 12 x 12 cm .

Por que, à luz de um sol de primavera
Uma floresta morta? Um passarinho
Cruzou, fugindo-a, o seio que lhe dera
Abrigo e pouso e que lhe guarda o ninho.

Nem vale, agora, a mesma vida, que era
Como a doçura quente de um carinho,
E onde flores abriram, vai a fera
— Vidrado o olhar — lá vai pelo caminho.

Ah! quanto dói o vê-la, aqui, Setembro,
Inda banhada pela mesma vida!
Floresta morta a mesma cousa lembro;

Sob outro céu assim, que pouco importa,
Abrigo à fera, mas, da ave fugida,
Há no meu peito uma floresta morta.

Pedro Kilkerry (1885 / 1917)
Santo Antônio de Jesus - Bahia - Brasil

MARCO SOARES



Artista Invisual, Marco Soares, Marco Antônio Soares Moreira nasceu em São Paulo e tem 59 anos. Tem dois irmãos, pai de Leonardo, avô de Lívia; estudou, prestou vestibular para Direito, ingressou na universidade, mas não concluiu. Fez vários cursos técnicos e trabalhou em várias atividades, trabalhou também com artesanato. Quando perdeu a visão, conheceu A SAC. Lá participou de várias atividades; entre elas, massoterapia. Atualmente participa do projeto Cores da Alma, desde 7 de agosto de 2018; homem de grande personalidade, acredita muito em si. Paulista de nascimento, mora em Fortaleza há mais de 20 anos..



Barcos

Técnica: mista (desenho com caneta colorida sobre papel parede colado em cd reciclado).

Dimensões: 12 x 12 cm .

Meu trabalho traz um resgate muito forte de minha infância, quando minha mãe viajava para Pernambuco, sua terra natal; de lá, trazia belas jangadas em miniaturas e presenteava-me. Em minhas férias, eu estava sempre em Santos; lá,

ficava observando, o movimento dos barcos a velas e navios. Também tive um caiaque, com o qual estava sempre em contato com estas embarcações. Gosto de navegar, e as velas que pinto levam-me a lugares nunca navegados.

SANT'ANA




Artista Invisual, Sant'Ana, Ana Lúcia Santana, nasceu em Amontada e tem 57 anos. Caçula de oito irmãos, mãe de duas belas filhas, Izabelle e Isadora, veio para Fortaleza com os pais aos 5 anos de idade. Filha de pais guerreiros, sua mãe costureira, criou os oito filhos com a costura. Quando adulta, foi trabalhar em São Paulo. Cinco anos se passaram, quando retorna à terra alencarina, trabalhou em empresa familiar, no ramo de supermercados. Ao sair, trabalhou em outras atividades profissionais. Seu sonho era ser assistente social, mas a vida a levou para outros caminhos. Ao perder a visão, conheceu A SAC. É uma pessoa positiva, de grande potencial e sensibilidade artística, participa de várias atividades, como artes plásticas, cênicas, música, entre outras. Iniciou no projeto Cores da Alma em 7 de agosto de 2018. Gosta muito de viajar e dançar, seu maior sonho: ver suas filhas, felizes e realizadas na vida.



Espiral


Técnica: mista (desenho com caneta colorida sobre papel parede colado em cd reciclado).

Dimensões: 12 x 12 cm .



A espiral é a essência do mistério da vida. Assim como se centra, ela também para, se encontra, se retorce e, então, desce e sobe novamente em graciosas curvas. O tempo se retorce em torno de si mesmo, trazendo os ecos e as vibrações enquanto os caminhos vivos da espiral passam próximos um do outro. A vida corre por estradas sinuosas, os seres se encontram em

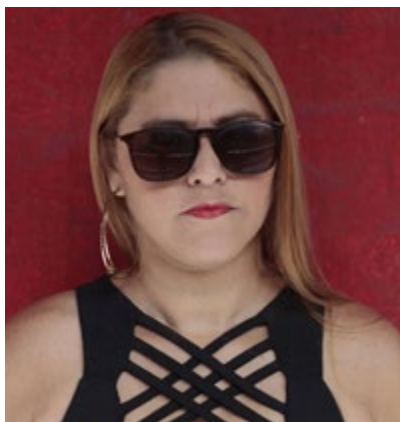
determinados pontos de suas caminhadas, se entrelaçam, se afastam, partem, retornam às origens. O ponto de partida também é o ponto de chegada, trazendo-nos a questão do retornar sempre, reencontrar-se e se renovar. As espirais também circulam dentro de nós, a energia circula em espiral, é onde a matéria e o espírito mais perfeitamente se



encontram, e o tempo, por ele mesmo, não existe. Os nativos lembram as diversidades da vida e os caminhos e não compreendem o mundo de forma linear, seguindo em frente em uma única direção como se a vida fosse uma linha reta, traçada entre um ponto de início e um de término. O destino é sempre ir além. O grande desafio de todo ser, por natureza, um

guerreiro, trilhando as estradas das espirais da vida; é essa busca, é o retorno, é a partida, é caminhar em círculos, ciclos assim como caminha a natureza, pois somos parte dela. É fazer girar a roda do tempo, não nos prendendo em nenhum ponto em específico, porque, assim, podemos vislumbrar os mais diversos pontos que compõem a espiral.

SOUZA ANA



Artista Invisual, Souza Ana, Ana Paula Gomes Costa Sousa, nasceu em Fortaleza e tem 39 anos. Artista Invisual. Filha do meio de uma família de três irmãos e mãe de João Marcelo. Iniciou faculdade, mas não concluiu. Trabalhou como professora em várias escolas e, ao perder a visão, conheceu A SAC. Achava que não conseguiria fazer mais nada, mas descobriu, que, com força de vontade, poderia fazer tudo. No instituto, participa de várias atividades. Gosta de fazer amigos. Iniciou no curso Cores da Alma em 07 de agosto de 2018. No início achava que não tinha nada a ver fazer esse curso, porque cego não podia desenhar, mas hoje, seu pensamento é outro, e está evoluindo muito. Seu sonho é fazer tudo o que puder.




Borboletas

Técnica: mista (desenho com caneta colorida sobre papel parede colado em cd reciclado).

Dimensões: 12 x 12 cm.

Há muito tempo, nasceu uma pequena lagarta, que, com alguma dificuldade, rastejava no solo de um lugar para o outro. Até que um dia, cansada de rastejar, ela decidiu subir em uma árvore. Mas não em qualquer árvore. Ela escolheu subir em uma de

tronco e folhas bem grandes, sob a qual ela havia brincado, crescido e vivido durante anos. A lagarta subia e escorregava e não saía do canto, mesmo assim, ela não desistia. Passo a passo, pouco a pouco, ela conseguiu subir. Ela chegou a um galho



do qual conseguia ver todo o vale. A vista era maravilhosa. Lá de cima, ela conseguia ver os outros animais e admirar o céu azul. Naquele galho, a lagarta respirava luz. Ela ficou imóvel, observando o mundo à sua volta e sentiu que a vida era muito bela para ser perdida e não se transformar. Ela estava cansada e, ao mesmo tempo, grata pela sua vida como lagarta. Mas sabia que havia chegado o momento de se transformar em outro ser. A lagarta dormiu, e um casulo formou - se à sua volta. Quando acordou, sentiu-se presa a uma armadura, na qual não conseguia mexer-se. Com muito esforço, conseguiu romper o casulo e viu que lindas asas azuis surgiram em suas costas. A borboleta azul desceu da árvore, usando suas

pequenas patas, mesmo agora, tendo asas para voar. A borboleta que acreditava continuar ser uma lagarta, não entendia por que sua vida tinha-se complicado tanto. Cansada de carregar o peso de suas asas, decidiu voltar ao galho no qual tinha passado por aquela transformação. Chorou, achando que não iria conseguir. Quando uma linda borboleta aparece e pergunta, por que choras? Não consigo voar, sou uma lagarta! Então a borboleta branca disse, para que pernas, se você tem asas para voar! Então a borboleta azul olhou para si e disse: agora eu sou uma borboleta. Olhou para o horizonte e voou lindamente! "O melhor presente que podemos dar ao mundo é nossa própria transformação".

Convocatória

EXPOSIÇÃO VIRTUAL – ARTE EM TEMPOS DE COVID-19

*“É necessário se espantar, se indignar e se contagiar,
só assim é possível mudar a realidade.”*

Nise da Silveira

Caro(a) artista,

O Museu de Arte da UFC – MAUC suspendeu, temporariamente, suas atividades presenciais devido às orientações de isolamento em decorrência da pandemia do COVID-19, mas a sua equipe continua trabalhando remotamente e encontrando caminhos para divulgar as suas exposições e os artistas. Temos percebido, nas redes sociais, que muitos (as) artistas já estão refletindo sobre o isolamento social e os efeitos da pandemia em seus trabalhos, e acreditamos que essas imagens possam inspirar a nossa sociedade a atravessar este momento tão difícil por meio do **Movimento Diário de ARTE EM TEMPOS DE COVID-19**.

Neste sentido, o Museu de Arte da UFC se uniu ao Projeto de Extensão Escola Arte Livre (FAMED/UFC E ARTES/IFCE) e à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Unichristus e lança esta convocatória para a primeira exposição totalmente virtual do Mauc, aos artistas cearenses ou residentes no Ceará e que estão registrando este momento pandêmico por meio da arte.

Diante de todo o exposto acima e seguindo o lema do Mestre Ferreira, *“a arte existe porque a vida não basta”*, você, artista cearense ou residente no Ceará, gostaria de participar do movimento **ARTE EM TEMPOS DE COVID-19**?

1. DOS OBJETIVOS

- 1.1 Promover a valorização diária da arte e dos artistas cearenses ou residentes no Ceará;
- 1.2 Disponibilizar nas redes sociais do Mauc, um conteúdo diário sobre os artistas participantes, uma minibiografia e a sua produção artística contemporânea;
- 1.3 Manter atualizado o público que usufrui dos serviços prestados pelo Mauc (físico e virtual) sobre o cenário



artístico em tempos de pandemia;

- 1.4 Manter a saúde mental dos artistas e da sociedade;
- 1.5 Contribuir para a documentação do tempo presente, com a coleta e sistematização da produção artística contemporânea cearense por meio das mídias digitais.

2. DOS PARTICIPANTES

- 2.1 Esta convocatória se destina aos artistas, cearenses ou residentes no Ceará, e que produziram conteúdos artísticos a partir de 15/03/2020, período que iniciamos a quarentena no estado e confirmação dos primeiros casos;
- 2.2 Incluem-se nesta convocatória: pintores(as); gravadores(as); desenhistas; escultores(as); fotógrafos(as); ilustradores(as); artistas digitais; bordadeiras (os); chargistas; perfomers.

3. DAS INSCRIÇÕES

- 3.1 As inscrições ocorrerão entre os dias 09 e 25 de abril de 2020;
- 3.2 Todas as inscrições ocorrerão, exclusivamente, via e-mail. Não serão aceitas inscrições via aplicativos (Whatsapp, Instagram, Facebook).
- 3.3 Para realizar sua inscrição, envie um e-mail para mauc.inscricoes@gmail.com. No campo assunto do e-mail insira: **Inscrição - [SEU NOME] - Exposição Arte em Tempos de COVID19**;
- 3.4 Devem constar no e-mail as seguintes informações:
 - a. **sobre as obras**: informar título, técnica, dimensões (se imagem) e duração (se for vídeo), ano e um pequeno texto ou reflexão sobre a obra;
 - b. **sobre a(o) artista**: nome artístico e perfil no Instagram (será marcado na postagem), fotografia atualizada e minicurrículo;
 - c. **declaração e Autorização**: Declaro para os devidos fins que encaminho todo o material solicitado na convocatória **Exposição Arte em Tempos de COVID19** e autorizo o uso das imagens nos canais de comunicação do Museu de Arte da UFC e a inserção da(s) minha(s) obra(s) e informações a ela(s) associada(s) na Coleção Digital "Arte em Tempos de COVID-19/MAUC/UFC. Declaro ainda que sou cearense e/ou residente no Estado



do Ceará.”

- 3.5 **As informações do item 3.4 deverão constar no corpo do e-mail ou anexadas em formato Word;**
- 3.6 **Utilize o check-list** em anexo nesta convocatória para fazer sua inscrição.

4. DO ENVIO DOS ARQUIVOS DE IMAGEM E VÍDEO

- 4.1 Todas as imagens deverão ser enviadas no **formato digital (JPEG ou PNG)** e em alta resolução para garantir a qualidade da postagem e visualização;
- 4.2 Em caso de **vídeo**, deverá ser exclusivamente no **formato MP4**. O artista poderá optar por gravar o vídeo em uma das proporções de tela a seguir: **vídeo vertical** (proporção da tela 9:16 para melhor visualização no Instagram) OU **vídeo horizontal** (proporção da tela 16:9 para melhor visualização no Youtube). O vídeo deverá ter no máximo 10 minutos de duração (capacidade máxima do IGTV do Instagram). É importante que o vídeo possua boa qualidade de imagem e de som. O conteúdo deve respeitar o exposto nos itens 5.1 e 5.3 deste edital;
- 4.3 O quantitativo de obras se limitará a 3 **obras por artista;**
- 4.4 O artista que desejar enviar obras em mais de um formato deverá respeitar o limite de três obras, devendo escolher dentro deste quantitativo quantas serão de imagem e quantas serão de vídeo;
- 4.5 **O Mauc se reserva no direito de não publicar a imagem ou o vídeo caso estes não estejam em boa qualidade, ficando a critério do artista efetuar o reenvio.**

OBSERVAÇÃO: Instruções para a filmagem (performances)

- a. gravar com o celular em pé (melhor qualidade para o IGTV) ou deitado (melhor qualidade para o Youtube);
- b. estar em um ambiente o mais silencioso possível (evitar ruídos externos);
- c. durar no máximo 10 minutos;
- d. não usar filtro do Instagram (interfere na qualidade para o IGTV).



5. DOS PRÉ-REQUISITOS

- 5.1 **A obra deverá ter sido produzida a partir de 15/03/2020**, período que iniciamos a quarentena no Ceará e confirmação dos primeiros casos;
- 5.2 As **categorias / técnicas** aceitas serão: **pintura, desenho, gravura, bordado, escultura, fotografia, colagem, arte digital e performances**;
- 5.3 **Conteúdos que incitem violência, preconceito, racismo, pornografia ou que desrespeite a imagem de pessoas e instituições não serão aceitos para integrar o projeto e serão excluídos.**

6. DA SELEÇÃO

- 6.1 6.1 Serão selecionadas **30 inscrições**, seguindo a ordem de recebimento no e-mail do Mauc, número que poderá ser ampliado, a critério da organização;
- 6.2 6.2 **A confirmação ocorrerá através do envio de e-mail ao participante informando o seu número de inscrição com a previsão de data da postagem.**

7. DO PERÍODO DA EXPOSIÇÃO

- 7.1 O projeto prevê o período de **1 mês** para ser realizado: **de 15 de abril a 15 de maio**, podendo ser prorrogado em caso em extensão do período de quarentena ou a critério da organização.

8. DO LOCAL DA EXPOSIÇÃO

- 8.1 **A exposição terá caráter exclusivamente virtual e os conteúdos serão disponibilizados nas redes sociais - Facebook e Instagram - do Mauc (@museudeartedaufc);**
- 8.2 O projeto prevê a disponibilização de todo o conteúdo no site e no Flickr do museu, a organização de um catálogo virtual e a elaboração de um vídeo institucional para o canal do Youtube.

9. Disposições Gerais

- 9.1 Após o fim da pandemia, este conteúdo ficará disponível permanentemente nos canais de comunicação do Museu de Arte da UFC (Instagram, Facebook, Site, Flickr e Youtube) e integrará uma Coleção Digital denominada **ARTE EM TEMPOS DE COVID-19/MAUC/UFC**, que poderá ser acessada por interessados, pesquisadores(as) e sociedade em geral;
- 9.2 Ao aderir a esta Convocatória, o(a) artista declara ciência de que a sua participação no projeto Arte em Tempos de COVID-19 não implicará em qualquer ônus à Universidade Federal do Ceará e ao seu Museu de Arte;
- 9.3 Todas as dúvidas poderão ser esclarecidas através do e-mail: mauc.inscricoes@gmail.com;
- 9.4 Os casos omissos e eventuais pendências serão analisados pela diretoria do museu.

Fortaleza, 09 de Abril de 2020.

Graciele Karine Siqueira

Diretora do Museu de Arte da UFC

ANEXO - CHECK-LIST PARA INSCRIÇÃO

| | |
|--|--|
| | <p>VERIFIQUE ANTES SE SUA OBRA ATENDE A ESTES CRITÉRIOS:</p> <p>Técnicas aceitas: pintura, desenho, gravura, bordado, escultura, fotografia, colagem, arte digital e performances.</p> <p>Minha obra não possui conteúdo que incita violência, preconceito, racismo, pornografia ou que desrespeite a imagem de pessoas e instituições.</p> |
| | <p>E-mail para envio: mauc.inscricoes@gmail.com</p> |
| | <p>Título do e-mail: Inscrição - [SEU NOME] - Exposição Arte em Tempos de COVID19.</p> |
| | <p>Quantidade de obras: limitado a 3 por artista</p> |
| | <p>Descrição das obras: informar título, técnica, dimensões (se imagem) e duração (se for vídeo), ano e um pequeno texto ou reflexão sobre a obra.</p> |
| | <p>Sobre o artista: Inserir o nome artístico e perfil no Instagram (será marcado na postagem), fotografia atualizada e mini-currículo.</p> |
| | <p>Declaração e Autorização: Inserir no corpo do e-mail</p> <p>"Declaro para os devidos fins que encaminho todo o material solicitado na convocatória Exposição Arte em Tempos de COVID19 e autorizo o uso das imagens nos canais de comunicação do Museu de Arte da UFC e a inserção da(s) minha(s) obra(s) e informações a ela(s) associada(s) na Coleção Digital "Arte em Tempos de COVID-19/MAUC/UFC. Declaro ainda que sou cearense e/ou residente no Estado do Ceará."</p> |
| | <p>Formato dos arquivos: se de imagem JPEG ou PNG; se vídeo MP4 duração de até 10 minutos.</p> |
| | <p>Anexe os arquivos ao e-mail</p> |
| | <p>Envie</p> |

**IMPRESSÕES E COMENTÁRIOS:
ARTISTAS PARTICIPANTES DA EXPOSIÇÃO
ARTE EM TEMPOS DE COVID-19**



Adrielly Rodrigues

Primeiramente gostaria de agradecer ao Museu de Arte da UFC - Mauc pela oportunidade em participar da primeira exposição virtual Arte em Tempos de covid-19 e de parabenizar pela excelente iniciativa e pelo impacto que teve nas artes durante esse período de pandemia, possibilitando que os artistas cearenses e residentes no Ceará pudessem expor e levar a arte pra vida de muitas pessoas.

A exposição foi a primeira em que tive a oportunidade de participar; então, foi algo muito significativo e gratificante em ter podido externar os meus pensamentos e sentimentos por meio da arte durante esse período de isolamento social e de colaborar com que as pessoas pudessem refletir sobre questões que as afligem durante esse período de pandemia, como no caso das perdas que tivemos de amigos e familiares, além das dúvidas de como será o futuro após esse período que foram questões trabalhadas em duas obras de minha autoria, "Ausência" e o autorretrato "Eu interior".

Aldírio Ribeiro


A oportunidade do MAUC veio como uma janela aberta diante de um cenário abafado. Ainda que as dores e as dificuldades viessem, minha arte surgiu como terapia e refrigério para mim. Foi gratificante poder compartilhar da minha interpretação do momento atual com outras pessoas e entender, mais ainda, que não estamos sozinhos.

Alisson Alcântara

A mostra foi um evento muito especial. Ver uma obra minha publicada pelo museu foi maravilhoso. Apesar de toda a situação da quarentena, o contato com a arte e, além disso, o reconhecimento pelas obras fizeram-me sentir grato e encorajado a continuar produzindo e utilizando minhas expressões para sobreviver a tempos sombrios e, espero, inspirar as pessoas ao meu redor. Minha sincera gratidão pela oportunidade, foi uma honra.

Alysson Lemos

A violência da quarentena enquanto reorganização repentina e forçada do cotidiano desorganiza a nossa ideia de normalidade e, quando amenizada, acaba fortalecendo um falso efeito de rotina contra a estranheza espalhada pela ameaça viral. O universo bruscamente usurpou as dimensões ilimitadas da esperança. (passagem de Biblioteca de Babel – Jorge Luís Borges). A frase soa cotidianamente alertando que os dias não estão normais apesar do seu curso banal de ações, mesmo em seu fluxo de continuidade algo nos lembra o trágico e a promessa de um futuro pós-pandêmico como continuidade no ato da existência. Esta série de imagens é desdobramento de um cotidiano ilusoriamente normal, fragmentos de uma rotina falsamente vivida como se tudo e algo fizesse algum sentido. Respirar em sua fonte de vitalidade e banalidade se torna matéria de urgência; parar, observar, criar o ato criativo por meio de processos artísticos tem alimentado os sentidos de uma imaginação para o que possa vir, intervir durante um momento de isolamento social; é operar um recorte dentro



do que seja considerado normal. A arte, também tão vital e tão banal, assim como a respiração, ganha novos contornos e sobrevive, movimenta-se e desdobra-se em matéria poética para nos lembrar, continuamos vivos.

Andréa Dall'Olio

A exposição virtual Arte em Tempos de COVID-19 do MAUC surge em momento em que a fruição da arte encontra-se impedida de ser feita presencialmente, e, por meio dessa mostra, as artes visuais do Ceará alcançaram novos territórios. Uma ação de suma importância para que os artistas mostrem a sua produção por meio da reflexão do seu contexto durante o isolamento social e para o público que pode encantar-se com multiplicidade de imagens de obras artísticas.

Apresento, na mostra virtual, três obras que surgem da minha elucubração durante o período de quarentena. As obras Cirrus e Cumulus refletem a perspectiva para o horizonte, vontade de expandir, de ir, de circular faz-me olhar para o céu e ver o passar das nuvens comuns, altas, que vêm e vão cumprindo a sua existência. Observá-las traz-me a esperança de tempos bons, de dias soalheiros. Moro em um prédio, em andar alto, e essa é a minha visão cotidiana, da janela e que me conecta com o exterior durante a quarentena. Essa paisagem me traz a sensação de liberdade.

A obra Mata dos Tabuleiros traduz os verdes e dourados que transbordam pelas molduras de concreto, trazem perspectivas que me atraem, me fazem pensar e refletir. Uma mata que abriga, relembra a vida, liberdade e deixa mistérios. Move-se com o vento e renova o ar, produz oxigênio. E fica registrado o meu agradecimento a toda equipe do MAUC que, com muito esmero, realizou uma

mostra que ficará para a história das artes visuais do Ceará e que será referência de ação de difusão da arte em períodos de adversidades.

Bianca Amarante

Foi extremamente gratificante participar da exposição virtual "Arte em Tempos de Covid-19" e muito importante para mim ter um bordado produzido nesses tempos difíceis, fazendo parte de uma ação no Museu de Arte da UFC. Tenho imenso carinho por esse museu, por ser um lugar de afeto e carinho para mim, e o retorno do público também foi muito gratificante! Espero poder participar como artista, mas, principalmente, como público, de muitos outros desses momentos promovidos por um dos melhores museus do Estado do Ceará. Obrigada a todas e todos pela oportunidade! Vida longa ao Museu de Arte da UFC!

Carina Dias

A Exposição Virtual Arte em Tempos de Covid-19, promovida pelo MAUC, foi uma experiência única de interação, aprendizagem e evolução. Fiquei muito feliz em poder desenvolver minhas potencialidades pessoais, ao mesmo tempo em que colaborei com essa iniciativa social, artística e cultural. Todas as etapas da exposição têm sido uma chama colorida e luminosa em meio ao caos dos últimos momentos.

Carlos Kelvi

A arte sempre esteve presente na história humana

como um dispositivo que nos permite acessar uma gama de Informações; entre elas, as expressões de cada trabalho. Uma exposição completamente virtual, acessível à grande parcela do público e com uma temática tão rica e diversa, com certeza tem muito a agregar, tanto aos espectadores e artistas, quanto à história do museu. A Exposição Arte em Tempos de COVID-19 proposta pelo MAUC foi algo completamente inovador para o período que estamos atravessando, mostrando que o papel de um museu vai muito além do espaço físico e de coisas antigas. Trata-se das vivências, dos olhares, da adaptação e, é claro, de informação. É enriquecedor o fato de um museu de arte inovar nos seus meios expositivos quando a situação social destoa do ideal, pois disponibilizar conhecimento sobre a cultura, a política e a pesquisa é um das funções básicas dessas entidades. Outro fator importante foi a visibilidade dada aos artistas e pesquisadores cearenses que participaram da exposição, sendo possível notar a diversidade de linguagens na arte contemporânea do Ceará.

Carolina Nanan

Arte em Tempos de COVID-19 foi a primeira exposição da qual participei, o que a tornou para mim ainda mais interessante e especial. Fico muito honrada que ela tenha sido organizada pelo Mauc e que tenha tratado de um tema tão relevante nesses nossos tempos sombrios. Penso que essa tenha sido uma forma inteligente de unir o talento, a criatividade e a sensibilidade dos artistas contra a dor, a incerteza e o medo atuais.

Cecilia Bichucher

Atravessamos diversos desafios durante esta época de pandemia e isolamento social. Acreditávamos que estaríamos radicalmente sozinhos e sem contato um com os outros. O MAUC entendeu, desde cedo, que havia uma porta aberta: o mundo virtual. Ao disponibilizar sua plataforma em aplicativo para a exposição, o museu apoiou a potência dos artistas visuais, demonstrando, de uma maneira eficiente, que era possível continuar a divulgar arte estando fechado fisicamente.

A exposição ARTE EM TEMPOS DE COVID-19, possibilitou o pensar a pandemia e o fazer arte em isolamento; ao mesmo tempo em que deu voz à reflexão do artista que pode dialogar com o público do MAUC e com os colegas de ofício.

Acabei sentindo-se prestigiada e reconfortada, sabendo que um equipamento tão importante para a cultura do nosso estado optou por não se silenciar. O trabalho se tornou infinito enquanto continua ecoando pelo universo virtual.

Cidinha Fonseca

Foi de grande importância para mim participar desta Exposição que o MAUC realizou neste tempo de pandemia, mostrando a importância da arte em todas as suas formas na vida de todos, foi uma espécie de fôlego, de respiro nesse tempo nebuloso que ainda paira sobre nossas cabeças. Parabênz de pé com efusivas palmas o MAUC por tamanha generosidade em abrir suas portas para talentos consagrados ou não, fazendo todos visíveis mostrando valores intangíveis nas obras expostas. Terminou com um poema.

Intempéries

Sim a gente espera que o tempo mude.
Que o límpido azul tome o céu ora nebuloso..
Mesmo na certeza de estarmos juntos embora distantes,
há um sentimento de solidão no ar, nas coisas, nos jardins,
no universo..
Não dá pra disfarçar às intempéries deste tempo,
nem com óculos, capa ou guarda-chuva ...
Ele vai além.

Cidinha Fonseca - Tempos de Pandemia - Junho 2020

Daniel Sena

É impressionante como o contato com a arte muda nossa perspectiva. Ter participado da exposição virtual do Museu de Arte da UFC foi uma experiência muito prazerosa para mim. Desde produzir minha própria a observar as demais obras em exposição que abordavam diversas técnicas e estilos (identifiquei-me com várias delas).

Mais uma vez, grato pela oportunidade e pela boa vontade dos organizadores do evento. Espero evoluir e poder contribuir muito mais, juntamente com os demais artistas em nosso meio. Obrigado a todos.

Diana Teles

As inquietações que transporto para o papel por meio de formas, traços e cores são relatos e histórias da minha vida pessoal. Sobretudo, uma expressão de gratidão por tudo o que a arte me proporciona todos os dias. Compartilhar das

minhas emoções e ainda tocar as pessoas de alguma forma em um período tão difícil, como o que estamos vivendo, transforma a experiência de participar desta exposição em algo ainda mais singular. Dividir os afetos e recebê-los de volta significa que não estamos sozinhos e que juntos podemos ressignificar qualquer situação em algo potente, benevolente e genuíno. Fazer isso junto ao MAUC foi um presente imensurável! Ter feito parte do Núcleo Educativo desse Museu me trouxe um imenso aprendizado, que foi arrematado pela minha participação na "Arte em tempos de Covid-19". Porém, desejo que seja mais uma de tantas outras parcerias futuras. Gratidão a toda a equipe do museu e parabéns por mais uma vez ser agente catalisador das vozes de tantos artistas incríveis, do passado e do hoje. Deixo aqui os meus sentimentos por todos os que padeceram e padecem com a covid-19, ao mesmo tempo em que saúdo os sobreviventes pela dádiva de receberem uma segunda existência em uma mesma vida.

Elaina Forte

A proposta do MAUC em realizar uma exposição virtual revela um compromisso com o cenário cultural local, promovendo artistas e diferentes artes em um momento tão atípico. Participar da primeira exposição virtual do MAUC, portanto, foi bastante animador e um incentivo à nossa produção artística, a fim de ressignificar as nossas relações com o tempo e com os outros sujeitos.

Fabrcio Maia

Sobre a minha participao na exposio foi uma realizao de um sonho em estar no museu da UFC ,e participando de uma exposio nos dias em que estamos vivendo foi ainda mais gratificante. Pôr lembrar sempre que precisamos ter a fé e acreditar. Pois vocs sabem que, quando a sua fé vence essas provaes, ela produz perseverana.

Fátima Gomes

A exposio Arte em Tempos de Covid-19 foi uma excelente oportunidade para que eu pudesse mostrar para outras pessoas o que estava sentindo naquele momento e tentar suscitar algum tipo de reflexo, afinal, é uma responsabilidade do artista refletir os tempos e provocar algum tipo de questionamento nas pessoas.

Grata ao Museu de Arte da UFC e a toda a equipe que organizou essa exposio maravilhosa.

Obrigada a todos!

Filipe Alves

Participar da exposio Arte em Tempos de COVID-19 foi um momento marcante de minha produo artstica em tempos de pandemia e isolamento social. Sou do Cariri, uma regio do Cear, interior do nordeste brasileiro. Criar por aqui é sempre um desafio durante esse perodo em meio ao caos da sade pblica e mental, pois os nossos pensamentos esto corrompidos; decidi deixar uma mensagem atemporal por meio de uma obra que dialoga sobre as reflexes positivas e negativas que um isolamento

gera em meio a uma sociedade cultural, destacando que, nesse momento, politicamente, o nosso pas se encontra doente diante de uma necropolítica que vem contaminando-nos desde muito tempo. Perceber instituies que abraam a arte e os artistas nesse momento como o MAUC é de uma imensa alegria, e esse é o papel da arte: comunicar em todos os estados de tempo e espaos a exposio realizada traz um verdadeiro relicrio de pensamentos, afetos, afinidades, certezas, incertezas e ativismo, apresentando diversos artistas e prticas de que saem de suas casas para o mundo em disseminao online.

Francisco Ivo


Sabe aquela criana que sempre olhou para uma vitrine, entrou diversas vezes sozinho nessa loja de belas imagens, olhava tudo e nunca pôde ganhar ou levar nada? Essa criana existiu e é exatamente esse homem que vos escreve.

O MAUC sempre esteve em meu caminho entre a escola e minha casa, lá pelos anos de 1960.

Tempos depois, ganhei esse presente na forma digital, jamais imaginada, com a exposio Arte em Tempos de COVID-19.

Gerson Ipirajá

A arte tem um poder incrível. A iniciativa do Mauc em realizar a mostra Arte em Tempos de Covid foi um momento singular em tempos tão difíceis, além de reunir em torno do espao virtual do nosso tão prestigiado Museu Artistas de geraes diversas, também serviu como parâmetros para vermos que a arte em solo cearense não



para de nos presentear com novos e talentosos criadores, eu particularmente fiquei muito empolgado em participar deste momento, torcendo para que a Ciência encontre uma solução para o que nos amedronta e vibrando com o poder da arte em unir pessoas e transformar realidades. A arte tem o poder do sonho e este é a mola da vida.

Haila Krulicoski

Participar da primeira exposição online do Mauc foi incrível! Sentir que há espaço para artistas iniciantes como eu nesses lugares me inspira muito, além de acreditar que é possível criar alternativas para a valorização da arte durante o período de isolamento social, em que respiramos conteúdos digitais cotidianamente. Agradeço a oportunidade e sigo emocionada por poder contribuir com o que faço em tempos difíceis <3.

Isaac Furtado

Toda forma de arte vale a pena! A pandemia nos impediu de ir ao Museu, por outro lado, muitas coisas mudaram, reinventando a maneira de fazer arte, não apenas os grandes artistas estavam nas paredes do museu. Participei de vários desafios, MOMA, MASP (no qual fui classificado duas vezes) e do MAUC. Pintei mais de 50 trabalhos em um período de 100 dias, vivenciei a arte na sua plenitude. Espero que continuem a incentivar os artistas da maneira democrática como foi feito. Obrigado pela oportunidade!

Iury Figueiredo

O outro sempre foi combustível para o meu trabalho. O ponto de partida da minha criação é o contato com o outro, o encontro. Eu que produzo, ele que é personagem da obra, e o outro que vê o meu trabalho. Esse encontro pela arte me parecia completamente negado quando a quarentena começou. A exposição do MAUC me trouxe uma outra forma de realizar esse contato, e isso é extremamente potente. Obrigado!

João Miguel Lima

Arte que move e conecta em tempos difíceis

Existe uma excitação na experiência de participar de uma exposição, em afirmar um trabalho artístico e compartilhá-lo publicamente. Senti essa sensação nos últimos anos em exposições coletivas e, abstraindo as fronteiras do espaço físico e da materialidade, tive a sensação novamente com a exposição virtual "Arte em Tempos de COVID-19". Não é o espaço em si, mas o que esse encontro faz vibrar no corpo de quem propõe um trabalho e também de quem o visita. A vontade de se aproximar, de se conectar, de forjar conexões é força movente.

Em fevereiro de 2020, semanas antes da confirmação da pandemia no Ceará, eu já experimentava algumas palavras e frases datilografadas em papel, criando composições com bordados coloridos. Durante o isolamento, esse gesto seguiu, trazendo declarações minhas, de amigos e de familiares. Eram saudades, desejos, delírios, devaneios, que tomavam forma na linha, com as mãos. Lançados ao

mundo pelas redes sociais, esses bordados encontraram eco em pessoas além do meu círculo social: amigos saudosos, familiares preocupados e casais separados interagiam com as imagens-frases, enviavam-nas para alguém, tentavam recriar a costumeira proximidade, criavam conexões. Como um modo de atravessar tempos difíceis, pessoas foram “tocadas”, e, assim, eu também me senti “tocado” nessas conexões. Do mesmo modo é que uma exposição virtual, se por um lado perde paredes e o encontro presencial, não deixa de “tocar” as pessoas. Paradoxalmente, nunca desejamos tanto materializar o sentido figurativo desse verbo, e essa é a grande potência.

João Vilnei

Fazer arte durante a pandemia é o mesmo que fazer arte em qualquer outro momento?

Muito daquilo que vi, nas várias experiências de exposições virtuais realizadas nestes tempos de pandemia, foi, na verdade, a apresentação digital de obras físicas, um modo para contornar a impossibilidade de visualização dos trabalhos em seus espaços expositivos. Essa constatação abre espaço para uma discussão que não sou capaz de desenvolver agora, nestas 400 palavras de espaço que tenho, mas que deixo aqui, como questionamento e título: “Fazer arte durante a pandemia é o mesmo que fazer arte em qualquer outro momento?” No final, quem faz é quem sabe, e cada um sabe de si.

Com isso dito, posso passar para a minha produção. Em “Is the artist present?”, desdubro um trabalho apresentado pela primeira vez em Berlim, em 2013, “The artist isn’t present”, que nasceu como uma paródia da exposição

e filme da artista Marina Abramovic, “The artist is present”. Gravado em 2010, o filme acompanha a montagem da primeira grande retrospectiva da artista no MoMa-NY. Entre os vários trabalhos antigos apresentados, havia um único inédito, exatamente aquele que dava nome à exposição: sentada, silenciosamente, em um banco de madeira, tendo, à sua frente, uma cadeira vazia, a artista esperava que as pessoas que visitavam a exposição se colocassem naquele lugar para a olhar de frente, nos olhos. A performance durou três meses, 8 horas por dia, tempo suficiente para mais de 1000 pessoas sentarem-se à frente da artista.

A primeira versão parodiada consistia em um cartaz que era apresentado nos eventos nos quais, por algum motivo, eu, o artista, não pudesse estar presente.

Na última versão, apresentada na “Exposição Arte em tempos de COVID-19” do MAUC-UFC, o que começou como uma afirmação, para depois se transformar em negação, era agora uma pergunta: “o artista está presente?”. Para conseguir uma resposta, o público deveria invocar-me, ainda que remotamente, a partir de uma videochamada via Skype. Para isso, era preciso ter uma conta no software e adicionar o perfil “joaovilnei”. De casa, em Fortaleza, eu atenderia, se estivesse presente.

Fiquei toda a exposição à espera das ligações e sempre avisava, nas reuniões de que participava, que havia a possibilidade de ser chamado para outra chamada, por causa da performance. Recebi pouquíssimos contatos, especialmente de amigos que conheciam o trabalho e quiseram participar. Além das ligações, recebi algumas mensagens perguntando do que aquilo se tratava e o que as pessoas que participavam deveriam fazer. A experiência foi rica e muito divertida. Várias-palavras-com-hífens-contam-come-uma-palavra-Esta-é-a-última-das-400-palavras.



Larissa Bezerra

Ponte entre almas

Participar dessa proposta em um momento tão complicado e complexo, como o que estamos vivendo, é uma forma de emergir do mar intenso de realidade e apenas respirar um pouco. Quando vi a convocatória da exposição Arte em Tempos de COVID-19, lançada nas redes sociais do Museu de Arte da UFC, senti um misto de chamado, abraço e desafio. Ao ler a proposta da convocatória, deparei-me intimamente com uma questão muito profunda: O que você está sentindo diante de tudo o que está acontecendo? Falar sobre o que estamos sentindo pode ser difícil, ainda mais quando estamos vivendo um momento de isolamento social e pandemia mundial, em que o presente e o futuro ficam ainda mais incertos. Mas a proposta de criar algo artístico que pudesse expressar, comunicar ou representar os nossos sentimentos, pensamentos e experiências foi um desafio que me colocou de frente comigo mesma. Na tentativa de entender o que eu estava sentindo, por meio da prática artística, eu fui capaz de me encontrar com as minhas identidades de artista/professora/pesquisadora (IRWIN, 2013). Acredito que essas identidades não existem sozinhas, elas coexistem entre si. Quando me vejo como artista, preciso da prática de pesquisa para criar algo (nada se cria do nada), ao mesmo tempo em que, a minha obra vai ensinar algo a alguém, colocando-me no papel de educador por meio da arte. Nessa ocasião, senti que o fazer artístico me ajudou a: não só entender melhor o que eu estava pensando e sentindo, mas a acessar reflexões mais profundas do que

as que eu estava sendo capaz de ter. A arte tem esse poder de chegar até recantos do nosso ser que não são apenas racionais (DUARTE Jr, 1991). Seja por meio da criação ou da fruição, ela nos leva a pensar e refletir de forma diferente da que estamos acostumados. Quando eu estava criando as obras “O que vai ficar marcado”, “O invisível visível” e a “Mandala Sou”, eu estava tentando materializar os meus sentimentos e receios em algo que pudesse ressoar e tocar as outras pessoas de alguma forma. Era uma ponte entre sentimentos, entre essências, entre almas.

REFERÊNCIAS

- DUARTE. J.J.F. Porque Arte-Educação?- 6 ed.Campinas: Papirus, 1991
- IRWIN, Rita; SPRINGGAY, Stephanie. A/r/tografia como forma de Pesquisa Baseada na Prática. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Org). Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013. p. 137-154.

Laura Figueiredo

Quero parabenizar a diretora do Mauc, Graciele Siqueira e toda sua equipe!! Foi um evento inédito, muito bem elaborado, marcante e com obras belíssimas!!

Foi um enorme prazer participar desse seleto grupo de artistas que fizeram parte dessa brilhante ideia. Considero a Exposição Arte em tempos de COVID-19(virtual) um grande marco na história do MAUC. Vivemos novos tempos!

Liezio Gomes

Minha experiência na participação da exposição virtual foi gratificante, inesquecível tendo em vista o momento atípico que estamos vivendo, uma pandemia, que nos obriga a ficar em casa na medida do possível. Nesse cenário, expressamos nossos sentimentos por meio das artes na esperança de dias melhores.

Lucas Araújo

A exposição Arte em Tempos de COVID-19 foi uma oportunidade de, em/com e pela arte, partilharmos e reconhecermos a importância de nossas humanidades, de nossas subjetividades, de nossas existências diante de um momento em que a natureza nos quer outro, nos quer juntos, nos quer capaz de entendê-la, vivenciá-la e senti-la não mais somente como um recurso de sobrevivência, mas, para além. Ela quer que a compreendamos enquanto parte que se encarna, de fato, a nossa condição de ser. Nesse sentido, a exposição nos permitiu a pausa para tatear, ainda que virtualmente, o pluriverso que nos faz e nos realiza também enquanto natureza. De modo que, nessa encruzilhada, embebida por sentimentos vários, encontramos nossa fragilidade, nossa solidão, nossa solitude, nossa incompreensão, mas também encontramos o outro que nos completa, que nos afeta, que nos faz falta, que nos faz festa. Pelas obras apresentadas, descobrimos o quão somos potentes, o quão nossas cores, nossas linhas, nossos traços, nossos versos também desalinham e conversam com um futuro que, contrariando sua condição temporal, já está dado, é presente. De forma que, nesta lógica

ilógica, nossa pele também grita para que nos desvistamos dessa “roupa que não nos serve mais”, como afirmou o nosso saudoso Belchior, no seu álbum Alucinação, lançado em 1976, ou seja, precisamos ficar desnudo desse passado, presentificado por uma vida narcisista, que opera a favor da destruição de nossas territorialidades existenciais. Assim, o estímulo proposto pela exposição, foi um caminho-convite à reinvenção do corpo nosso de cada dia para que enxergássemos pela poética da arte, VIA LIKE, VIA ARTE, VIA MAUC nossa responsabilidade e compromisso com a esperança, mesmo que diante desse momento de pandemia e de pandemônios, alimentando, assim, uma possibilidade de vivermos dias melhores, longe da dicotomia que separa sociedade e natureza.

Marcos Martins

Entre-Lugares

Corpos insulares de experiências soníferas em tempos de isolamento social. Imagens oníricas de dispersões entre corpos, que alteram a percepção do espaço e do tempo, arquitetando novos territórios e narrativas no habitar contemporâneo que se debruça nas janelas da mente. Fecho os olhos no anseio de ver mais e melhor, recapitulo em pensamentos os lugares por onde andei em sonhos e pesadelos, “Elmo” e “Bestial” são fotoperformances que falam dessas vivências solitárias, e que falam dessas materializações em experiências oníricas de luz e sombra, de medo e angústia. Lugares íntimos desvelados e estáticos que se anunciam com a solidão, em que meu corpo-performer parece tentar refazer as (ir) realidades enquanto durmo (ou não).



Marcos Pinto

Fico muitíssimo grato e, para mim, foi de suma importância compartilhar esse momento junto a outros artistas, e, claro, o MUSEU DE ARTE MAUC está de parabéns pela iniciativa que, com certeza, fluíram bons resultados para todos, inclusive para quem visitou.

Maria Euda

A posição do artista é humilde. Ele é, essencialmente, um canal.

A afirmativa de Piet Mondrian enuncia, com propriedade e lucidez, a importância da exposição “Arte em tempos de COVID-19” para nós.

Ao convocar artistas das mais diversas áreas, o MAUC revelou a nobreza de ser um canal aberto, por meio do qual, pudemos expressar, com liberdade e criatividade, todas as expectativas e anseios deste momento de crise.

Para mim, fazer parte desse projeto foi uma experiência inédita, dialética e democrática.

Os trabalhos que integraram a exposição fazem parte de uma pesquisa em permanente desenvolvimento, que foi aprimorada nesse período de isolamento social. Mostrá-los nutriu meu ser, fortaleceu a vontade de continuar a experimentar novas técnicas e expandiu a ideia de conexão e respeito no campo da arteterapia.

Mariana Moraes

Participar dessa exposição foi uma experiência que vou levar comigo para sempre, é muito raro vermos tamanha oportunidade, e foi muito especial essa oportunidade de ter vindo do MAUC que eu costumo frequentar e sigo amando acompanhar. Mesmo que virtualmente, amei fazer parte e amei conhecer o trabalho de tantos artistas. Só tenho a agradecer por poder participar e parabenizar por essa iniciativa que me motivou a seguir criando e que, com certeza, foi muito importante para tantos outros artistas também.

Mario Sanders

Participar de qualquer evento no MAUC, como artista ou como expectador, é sempre uma experiência enriquecedora, pois tenho um carinho enorme por esse espaço, tanto físico (pois adoro visitar) como conceitual, pois sei bem da seriedade da proposta artística do Museu com a comunidade artística e de forma gera.

Minha participação na exposição virtual COVID-19 foi, de fato, uma interação entre a fome e a vontade de comer, pois já estava eu produzindo uma série com esse questionamento atual.

Agradeço a lembrança, o convite e fico lisonjeado, em mais um momento, ter participado de um evento capitaneado pela competente equipe do MAUC, nesse espaço de atmosfera, mesmo virtual, tão maravilhoso.

Marllus

Muito obrigado por aceitar fazer parte da família MAUC. Gostaria de dizer que o MAUC foi o primeiro lugar, com grande relevância, a que apresentei minha arte. Apesar de a minha produção ser bastante recente, espero contribuir muito mais com obras em exposições que venham acontecer nesse museu. A arte salva, a arte avassala, a arte suspira por alguém que consiga enxergá-la e dar-lhe significados, os mais diversos possíveis. Um abraço!

Mayara Freitas


A experiência de participar da exposição foi muito gratificante, sendo esta a primeira de que participo de fato. Antes, os desenhos moravam apenas nos cadernos e circulavam entre as mãos dos amigos. Fiquei feliz de ver as obras sendo vistas por outras pessoas e mobilizando reflexões. Uma das coisas que considero mais valiosa é esse espaço de criação entre o espectador e a obra, pois vejo-o como um infinito de novas possibilidades: são novos universos que se criam. Além disso, faço minhas as palavras de Sophia de Mello B. Andersen em 1964, que permanecem muito atuais neste tempo difíceis: “Mesmo que fale somente de pedras ou de brisas, a obra do artista vem sempre dizer-nos isto: Que não somos apenas animais acossados na luta pela sobrevivência, mas que somos, por direito natural, herdeiros da liberdade e da dignidade do ser.” É uma das coisas que venho pensando e um dos candeeiros que trazem luz em tempos difíceis. Precisamos nos lembrar de quem somos, como nos construímos, de nossa potência criativa, de nossa humanidade em face da desumanização, e a arte é um dos caminhos possíveis para isso. Deixo meu agradecimento à equipe do Mauc

Muris

Acredito que só tenho a agradecer por ter participado da Exposição Arte em Tempos de COVID-19, pois, em 2020, com toda essa nova situação de pandemia por que passamos, esse projeto foi um dos frutos bons que podemos tirar de toda essa situação, porque, além de poder ter uma oportunidade de expor minha arte para vários tipos de público, também pude conhecer a inúmeros artistas novos do Ceará. Acredito que criar uma conexão entre os novos artistas e o público, em meio ao caos que estávamos e ainda estamos vivendo, foi um ótimo projeto, pois nos trouxe tanto um respiro quanto uma reflexão, sendo muito bom receber um conteúdo nas redes sociais sobre arte, no qual a arte era o foco em meio ao caos das notícias ruins. A arte também foi uma forma de escape da realidade para nós artistas e uma nova forma de ver esta situação de pandemia, mesmo que por poucos segundos. Muito obrigada à equipe do MAUC por lançar esse projeto; acho que vocês, junto a nós artistas, conseguimos, de certa forma, não só levar a arte para mais pessoas, mas me atrevo a dizer que talvez tenhamos modificado o mundo de alguém. “A arte não vai mudar o mundo, mas se a arte mudar nossa maneira de ver o mundo, ela poderá nos ajudar a mudar o mundo”. (Curador do Pará, Paulo Herkenhoff).

Nágila Tahim

Quando veio o tempo da perplexidade, o mundo a se fechar, o corpo estremecer e a rotina chacoalhar, onde se segurar? “Vai até tua arte, volta aos teus desenhos, exercita a tua pintura. Te apazigua através dela. Ergue-te e olha os



movimentos". Arte em Tempos de Covid-19. A luta entre a luz e a sombra não deixa de ser também luta externa: ignorância versus conhecimento, sensatez versus absurdo. A Arte pulsou em todos os lugares, em todas as formas reais e virtuais.

Tanto amor e orgulho pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Tão honrada de estar no Museu de Arte da UFC - MAUC, em sua primeira exposição virtual, junto de amigos, conhecidos, admirados e novos.

Nick

Participar da Exposição Arte em tempos de COVID-19 foi uma experiência empolgante, pois me trouxe a oportunidade de mostrar um pouco do processo de produção da arte urbana, o grafite 3D, para muitas pessoas que sequer param para olhar os detalhes do grafite na rua. Foi também um momento oportuno para apresentar um pouco da minha arte para além da rua. Sobretudo, foi um respiro de possibilidades da arte!

Nilfácio

Gostaria de agradecer a oportunidade do MAUC, o qual cedeu seu espaço para que pudéssemos mostrar nossa visão particular de mundo, principalmente nesses tempos de pandemia. Cada imagem tenta personificar os sentimentos que permeiam o ser humano com algumas ações que visaram contribuir, positivamente, para esta fase repentina e estranha. Espero que, de alguma forma, possa ter ajudado a suportar momentos de temores e incertezas

Mais uma vez, muito obrigado.

Regina Campos

Agradeço a iniciativa do MAUC em gerar um museu virtual, pois, só assim, eu pude participar de exposição. De forma despreocupada, por não ser artista plástica, e mais pela ocupação durante o confinamento, busquei desenvolver habilidades e foram passíveis de apresentação.

Ronaldo Vieira

Quero, inicialmente, externar meu agradecimento a todos integrantes da equipe de planejamento, organização e execução da exposição Arte em Tempos de Covid-19 pela oportunidade de apresentar as minhas obras ao público virtual.

A crise sanitária que estamos vivendo revelou a fragilidade, sobretudo, nos sistemas de saúde e na falta de estratégias políticas para lidar com essa problemática em muitos países do mundo.

Em meio a esse cenário, a arte tem-se mostrado, mais do que nunca, como uma importante ferramenta de produção de cultura, de sentido e de promoção da saúde mental.

Em tempos em que são evidenciadas várias crises nas mais diversas esferas da vida humana, sejam estas de natureza econômica, sanitária, social ou política, por exemplo, estas, por sua vez, refletem diretamente no estado de saúde dos indivíduos, em que estes podem-se apresentar vulneráveis ao adoecimento e a muitos tipos de fragilidades emocionais.

Em meio à infestação da covid-19 e suas consequências danosas ao organismo, a perda dos vínculos familiares e profissionais, do convívio e do isolamento social, das perdas humanas, do medo face ao contágio iminente do

vírus e as mudanças na rotina das pessoas acarretaram um aumento exponencial nos casos de ansiedade, depressão, entre outros transtornos mentais.

Na linha de cuidados possíveis no momento de crise da doença, a arte, em suas múltiplas linguagens criou inúmeras possibilidades expressivas de ressignificação do sofrimento, da angústia, da depressão, da ansiedade e do isolamento, propiciando uma aproximação consigo mesmo e com os outros, mesmo de forma virtual por intermédio das redes sociais atribuindo um sentido à vida de forma artística e criativa.

Nessa perspectiva, a iniciativa do Mauc cumpriu com o seu papel social e cultural, socializando a arte e promovendo os artistas que, por meio dessa exposição, puderam, no seu estilo pessoal de expressão e suporte material, apresentar um recorte de suas vivências em face da pandemia do coronavírus.

Sandra Montenegro

No momento em que fomos obrigados a suspender a vida, em que houve um desabamento da máquina que movia o mundo, em que as dores nos deixaram sem ação e perspectivas, outras lógicas foram surgindo. Aprender a transferir nossas atividades e ações para um modelo virtual foi essencial. ARTE EM TEMPOS DE COVID-19, promovida pelo MAUC, foi a oportunidade para encarar essas barreiras como impulsos para disseminação da arte de modo virtual; arte essa tão importante em nossas vidas.

Sebastião de Paula


A arte e seu tempo.

O homem tem-se expressado por intermédio da arte desde a pré-história, inicialmente, com seus desenhos e pinturas, posteriormente, com escultura, gravura, literatura, fotografia, cinema e tantas outras manifestações que compõem o universo artístico da contemporaneidade.

Durante toda essa trajetória, as produções artísticas transformaram-se, seus resultados estéticos sofreram influências do contexto em que foram realizadas, variando de acordo com as condições geográficas, sociais, econômicas, políticas e materiais. A constatação dessas modificações nas obras de arte, tanto nos aspectos técnicos quanto conceituais, refletindo as diferentes situações que assolam a humanidade em diferentes épocas, seja por catástrofes naturais, guerras entre outros males, pode ser observada nas diversas fontes que tratam sobre história da arte – livros, filmes, vídeos ou visualizando obras em museus, centros culturais e galerias.

Na atualidade, vivenciamos mais uma pandemia que assombra a população; porém, dessa vez, ocorre de forma tão ampla, atingindo quase todos os continentes; um dos motivos desse alastramento tão rápido é – o mundo globalizado – pois, além do advento das redes sociais que possibilitam a comunicação em tempo real, hoje existem facilidades de viajar para qualquer lugar, seja a negócios, a trabalho, seja de férias.

É indiscutível que todos nós sofremos com o impacto dessa pandemia; entretanto, no que se refere aos artistas, certamente, essa comoção ressoa de uma forma amplificada, pois, uma parcela deles tem refletido essa



catástrofe em suas obras, seja de forma consciente, seja inconsciente, de maneira mais explícita ou de modo mais sutil.

Os três desenhos que apresento nessa exposição do MAUC-UFC denominada “Arte em Tempos de COVID-19”, suas temáticas não remetem diretamente a pandemia; contudo, percebe-se uma forte carga de angústia motivada pelos acontecimentos em que vivemos; entre eles, essa pestilência.

Desde sua inauguração, o MAUC-UFC destacou-se na realização de eventos com a participação de público; em razão da pandemia, faz a primeira exposição de forma online, possibilitando, dessa forma, que artistas continuem mostrando sua produção, e o museu se mantenha em atividade no circuito da arte, proporcionando acesso virtual a qualquer pessoa em diferentes lugares, amenizando, de certa forma, as graves consequências de um isolamento social. Torcemos para que esse quadro atual se modifique o mais rápido possível, para que possamos voltar a fruir obras de arte na forma presencial e podermos festejar a vida junto com todos os amigos.

Fortaleza, 26/06/2020

Sebastião de Paula / Artista e professor de arte.

Sol Oliveira

Foi com imensa alegria que recebi a confirmação de minha participação na exposição Arte em tempos de COVID-19. O MAUC sempre foi uma referência para mim que tenho um estudo permanente da arte, e fazer parte de seu acervo é de grande honra e orgulho para mim. Reforçou em mim a ideia de que meu caminho é a arte e que minha

expressão está sendo entendida e recebida.

Parabenizo e reforço a gratidão pelo projeto e espero que nossa relação se estreite cada vez mais. Esse espaço aberto aos artistas de se mostrarem e mostrarem sua arte é de suma importância cultural, pois reconhece os talentos locais e eleva a arte cearense.

Grato a toda equipe do MAUC.

Até a próxima!

Thami - Thamyris

Como aluna da UFC foi uma honra imensa participar da Exposição Arte em Tempos de COVID-19 do MAUC. Sou grata por ter participado do processo e também por ter tido a oportunidade de conhecer tantos conterrâneos com trabalhos excelentes. Uma das primeiras coisas que farei pós-pandemia será visitar o museu. Espero que vocês continuem com esse trabalho singular e maravilhoso de vocês.

Victor Santos

O dramaturgo Albert Camus dizia que “sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe a sociedade, por mais perfeita que seja não passa de uma selva”. Sendo estes tempos árdios, em que a cultura ainda é tratada com um certo desdém, como uma futilidade, ainda agravado pela nova realidade que a pandemia trouxe, iniciativas como a do MAUC são revigorantes para a alma. Sinto-me privilegiado de poder contribuir, ainda que de forma bastante modesta, com isso.

Vitória Marques

O Artista cristaliza, em sua criação uma realidade social como diz Benedito Nunes em seu livro Filosofia da Arte.

Cristalizei então meu processo criativo, DESENLACE I e DESENLACE II, permitindo aos leitores que observam as Obras, adentrarem e vivenciarem os símbolos das perdas dos irmãos e irmãs no tempo da Covid-19.

Entre ELES, está a notável incentivadora das ARTES no Ceará: BIA PERLINGEIRO, que comandava os Grupos de Estudos Multiarte, nos quais tive privilégio de participar. Gratidão.

Wagner Chacon

UMA IMAGEM NÃO É UMA IMAGEM.

Todos nós “pintamos”, de forma peculiar, com tintas, luzes, ou sons, “imagens” não terminadas nos imaginários de nossos expectadores. Eles podem permanecer a imaginá-las de maneiras singulares, diferentes daquelas que nós, enquanto criadores originais, pensamos compô-las. Assim, afetamos seus imaginários, em grande parte, sem consciência de como o fizemos e do que fizemos. Atravessando-os, com uma alquimia de nossos afetos, os transformamos em coautores de obras intermináveis. Assim continuamos a fazer e, assim, continuamos a fazer... Assim continuam a fazer conosco e, assim, continuam a fazer conosco...

Uma imagem não é uma imagem.

Uma fotografia revela uma cena natural efêmera, capturada, paradoxalmente, ao som de I Can't Go Home Again, pelo trompete de Chat Baker. Uma montagem fotográfica ao


som de Koyaanisqatsi, de Philip Glass, sinalizando o estranho de uma vida fora de controle. Este texto, composto ao som de Shine On You Crazy Diamond, de Pink Floyd, como uma explosão de passados possíveis a buscarem sentidos.

Uma quarentena. O confinamento, paradoxalmente, uma oportunidade de vivências de experiências múltiplas e contundentes em espaços domésticos antes inexplorados ou esquecidos. A desestabilização como convite ao apuramento da percepção e à reinvenção. De quais raios de luz desses diamantes loucos as lentes singulares conseguirão imaginar sentidos? As imagens já não me pertencem com exclusividade, pois fui por elas atravessado. As imagens e este texto são um convite à continuidade à imaginação e sua transmissão transformadas por quem se permitir ser atravessado por alguma obra de arte.

Fortaleza, 25 de junho de 2020

Wendy Castelo

Os últimos tempos não têm sido fáceis e comuns, tudo o que é diferente nos assusta e causa estranheza no início, e nessa perspectiva, acredito que a arte começa a desempenhar um papel de porto seguro, algo para nos agarrarmos, que acalenta, traz esperança, renova as energias, promove conexões, transborda emoções e nos faz sentir vivos e pulsantes. A proposta do MAUC de resgatar a sua essência de um museu de arte e adaptar para essa nova realidade atual foi de suma importância e relevância, não só para os artistas inquietos e sedentos do contato que um museu traz da sua obra para com o público, mais também foi relevante para o expectador, trazendo um novo olhar, uma nova experiência de proximidade com a arte, ampliando esses horizontes e



até atingindo uma maior coletividade que talvez o espaço físico não alcançaria. Acredito que esse feito provocou boas mudanças a todos os envolvidos, desde da parte interna, técnica e organizacional, até a externa, os apreciadores virtuais. No que diz respeito aos artistas expositores, no qual me incluo, foi o suficiente para acender uma fagulha de entusiasmo e esperança para continuarmos escrevendo nossa trajetória. Agradecemos por isso!

**ARTE E EDUCAÇÃO MUSEAL:
DEPOIMENTOS DE EDUCADORAS(ES)
QUE ATUARAM NA EXPOSIÇÃO ARTE EM
TEMPOS DE COVID-19**



Adrielly de Fátima Rodrigues Lima

Estudante do curso de Biblioteconomia/UFC – Bolsista PIBI
do Núcleo Educativo do Mauc (Prointer/Proplad)

Durante o período da Exposição Arte em tempos de COVID-19, realizei pequenos vídeos sobre alguns artistas que participaram da exposição, entre eles estão: Cláudio Rodrigues, Laura Figueirêdo, João Miguel Lima, Coletivo #EU, Samara Fernandes, Maria Euda, Sarah Rabelo, Aldírio Ribeiro e Mayara Freitas. Antes de gravar cada vídeo, sempre lia as informações que se encontravam nas postagens do Instagram do Museu de Arte da UFC – MAUC e procurava encontrar outras informações complementares no Instagram dos artistas ou em outros meios quando eram mencionados na postagem, como o Blog Não dito da psicóloga e artista Samara Fernandes.

A partir disso, construía um texto sempre me apresentando inicialmente, logo em seguida apresentava o(a) artista e suas obras, explicando o que significava e o que os levava a criar, e por fim, convidava todos os que estavam assistindo, a conhecerem as obras e acompanharem a exposição virtual. Após postar os vídeos, os artistas eram os primeiros a repostarem em seus stories no Instagram e agradecer pela mediação sobre as obras, sempre deixando uma mensagem de carinho, como “Me sinto muito honrada pelas suas palavras, obrigada mesmo!”(Samara Fernandes), “Adrielly, acabei de ver todos os stories! Adorei as tuas palavras” (João Miguel Lima), “Vaaaaleu! Obrigado por cada palavra” (Coletivo #EU) e “Deu certo, muito obrigada pela atenção e profissionalismo. Espero te ver quando retornar as visitas ao MAUC” (Maria Euda).

Além disso, outras pessoas passaram a conhecer a exposição a partir das repostagens dos vídeos nos stories

dos artistas, como no caso da Eliana Coelho que disse: “Descobri que está tendo essa exposição hoje. Tou seguindo os artistas tudim, porque sou dessas. Rsr” Ademais, também recebi elogios de amigos e dicas de como melhorar os vídeos, que é algo interessante, pois isso acaba ajudando a melhorar a partir da opinião de outras pessoas e uma forma de saber que tem pessoas acompanhando e prestando atenção no que é falado nos vídeos.

Contudo, acredito que fazer as mediações no formato virtual tenha sido uma experiência muito boa e enriquecedora, em que pude me desafiar, pois não estava acostumada a fazer vídeos mostrando a minha imagem, então tive que me adaptar e procurar melhorar a cada vídeo que fazia. Conforme o tempo foi passando, fui me sentindo mais segura para gravar os vídeos. No começo, era um pouco complicado, pois acabava errando e tinha que refazer várias vezes até chegar a um resultado legal. Porém, hoje consigo fazer de forma mais rápida e mais segura, sem ficar muito ansiosa ou nervosa como no início.

Por fim, acredito que a Exposição Arte em tempos de COVID-19 tenha sido uma experiência nova para todos os que fazem parte de alguma forma do MAUC, pois não esperávamos passar por uma pandemia; então, tivemos que nos adaptar para continuar nossas atividades e continuar levando a arte para a vida das pessoas, servindo de alento durante esse período de isolamento social. Acredito que essa exposição tenha sido uma ótima iniciativa, além de nos propiciar a conhecer vários artistas que moram e que nasceram aqui no Ceará, além de nos propiciar a interagir com eles e receber mensagens de agradecimento que, de alguma forma, isso acaba nos incentivando a continuar querendo levar a arte para as pessoas.

Andressa Chaves de Oliveira

Estudante do curso de Design da UFC - Bolsista Arte do Laboratório de Práticas Experimentais em Arte e Educação Museal do Mauc - PPCA/Secult-Arte

Minha experiência nessa exposição virtual, de início, foi hesitante por não ter muita proximidade em exposição nas redes sociais e por não me considerar comunicativa e com boa oratória, mas acabei surpreendendo-me com o feedback de amigos e conhecidos que acharam a iniciativa legal, elogiaram e foram até o perfil do MAUC seguir e acompanhar. Além disso, alguns artistas também se mostraram bastante felizes com a mediação e agradeceram pelo ato de divulgação para suas obras. De maneira geral, as mediações virtuais me fizeram sentir mais confiante para mediar (ainda que precise de mais treino, para mediações presenciais), e foi uma ótima forma de divulgar a arte nesses tempos sombrios, dando oportunidades para artistas iniciantes. Esse tipo de iniciativa é muito positivo para artistas em crescimento já que ser artista no Brasil é uma tarefa muito difícil, ainda mais ser artista cearense!

Caroline do Socorro da Silva Gomes

Estudante do curso de História da UECE - Integrante do Programa de Voluntariado do Mauc

Chamo-me Caroline Gomes, curso História na Universidade Estadual do Ceará e faço parte do Núcleo Educativo do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. Nos últimos meses, com o surgimento da pandemia de novo coronavírus, foi necessário o fechamento do Mauc; porém, os trabalhos continuaram, normalmente, com a nova exposição ofertada pelo Museu de maneira virtual na sua conta oficial no Instagram. Foi indicado, em uma reunião do

Núcleo Educativo, um novo estilo de mediação para tornar a exposição ainda mais próxima dos seguidores do museu assim como ocorre presencialmente.

A convite do coordenador do Núcleo Educativo, Saulo Moreno, iniciei no projeto de mediação virtual por meio dos stories no Instagram. Saulo e alguns voluntários já tinham gravado alguns vídeos e os tomei por base para começar. Utilizei como referência para formular a fala nas mediações o texto que o próprio museu disponibiliza na publicação, pois facilita na formulação de uma ideia geral na hora de apresentar as obras. Todavia, não deixei de colocar as minhas perspectivas em torno dos artistas na hora de apresentar pequenas reflexões e instigações sempre nos finais dos vídeos, para, assim, não ser apenas algo apresentado e, sim, uma grande troca com os seguidores.

A mediação virtual acarretou uma grande mudança na forma de me expressar e aprender sobre determinados conteúdos. Hoje sinto que estou mais confortável e segura para falar em público ou em vídeo. Busquei nas gravações conhecer um pouco mais de cada artista e assim ocorreram interações surpreendentes quando apresentei as obras deles, alguns respondiam, de forma carinhosa, outros parabenizaram a iniciativa do Museu e até amizades nasceram a partir dessa exposição.

Compartilhar os vídeos com meus amigos na minha conta do Instagram foi incrível, devido ao imenso apoio que recebi por mensagens, elogios e admirações, isso me fez sentir que o trabalho que foi pensando em conjunto no Núcleo Educativo estava surtindo um efeito ainda maior que nós imaginamos.

Para alguns pode até ser simplório o conteúdo das mediações virtuais, mas para mim foi um marco na minha vida pessoal e acadêmica. Em meio a uma pandemia eu me senti competente, engajada e feliz por estar fazendo parte de uma

Exposição que trouxe arte, vivência e experiências surpreendentes em meio a um ano tão cheio de incertezas e medos.

Clotilde Mariana Campos Santos

Estudante do curso de História da UFC - Bolsista PIBI do Núcleo Educativo do Mauc (Prointer/Proplad)

Chamo-me Clotilde Campos, sou aluna do Curso de História e educadora no Museu de Arte da UFC. Entre os meses de abril e junho, o Mauc promoveu uma exposição virtual, "Arte em Tempos de Covid-19", com a finalidade de promover a arte nesse período de isolamento.

A experiência de apresentar a exposição virtualmente, por meio dos stories do Instagram, foi um desafio, mas também, um convite para voltar um pouco à realidade, tirar o pijama, soltar o cabelo e preparar-me para, indiretamente, encontrar o público do Museu.

Minha primeira participação foi na inauguração da exposição, no dia 15 de abril, dia Mundial da Arte, apresentando a obra de Gerson Ipirajá, um artista muito querido e admirado. Felizmente todos os fatores desse primeiro momento foram favoráveis para equilibrar as emoções da primeira vez diante da câmera. Mas, ainda assim, esse novo formato de mediação foi um desafio para mim, e o processo de adaptação foi um pouco doloroso.

O início do processo é mais habitual, observar a obra, conhecer os artistas e preparar um roteiro; o grande desafio mesmo era gravar. O nervosismo e a insegurança demandavam várias tentativas, que, às vezes, começavam pela tarde e entravam na noite, até, finalmente, a gravação sair direitinha. Esse processo foi, também, um momento de me olhar, ouvir minha voz e observar-me mais do que de costume, o que foi positivo e negativo em partes. Com o passar das semanas, já estava familiarizada e lidando melhor

com essa nova experiência, descobrindo novos lugares para gravar, compartilhando efeitos e dicas de gravação com as outras bolsistas, trocando ideias sobre as obras, recebendo o apoio dos amigos e o feedback dos artistas, sempre muito agradecidos, e, principalmente, aprendendo com as reflexões que cada artista trazia, em sua obra, para além dos traços, das técnicas e dos materiais empregados.

A artista Carolina Dias trouxe a seguinte afirmativa "Como o sol, o farol da terra da luz não é ofuscado nem mesmo em tempos nublados, pois seus feixes possuem iluminação própria." Por meio da exposição "Arte em tempos de covid-19", pude conhecer vários feixes de luz dessa terra e suas produções. Nesse momento em que vemos a importância da arte em nossas vidas, é muito gratificante ver a força desse movimento dentro do estado, mesmo que a distância, mesmo que, por meio das telas, a Arte nos aproxima e nos apresenta uma nova forma de olhar para a realidade, sendo um meio de comunicação, de denúncias, de afeto e revolta.

Eliel Vitor de Freitas Santos

Estudante do curso de História da UECE - Integrante do Programa de Voluntariado/LAPEArte do Núcleo Educativo do Mauc

Vemos o quão importante é o papel do museu para a sociedade. O Mauc, com o projeto de dá oportunidade a grandes artistas cearenses de expor, explanar como é essencial mostrar e incentivar a produzir arte ainda mais em tempo como o que vivemos hoje. Tive a honra de fazer a mediação de grandes mentes, podendo observar as diferentes formas de pensar e agir neste período de quarentena e, assim, deparando-me com cada beleza vinda da singularidade. Além disso, pude ter o prazer de expor e mostrar, também, a minha própria singularidade e espero

que possa ter despertado algum pensamento ou reflexão com minhas ilustrações, como várias obras fizeram comigo. O Mauc é, sem dúvidas, um museu onde todos podem-se sentir acolhidos, onde surgem diversas reflexões e onde ainda vão surgir muitos momentos memoráveis.

Isaac Sharon Martins Cardoso

Estudante do curso de História da UFC - Bolsista BIA do Núcleo Educativo do Mauc (PRAE)

O processo de divulgação de obras e artistas durante a pandemia se mostrou eficaz por trazer a arte em tempos tão caóticos e fez com que percebessem que estavam rodeados, mesmo que, em rede social, por pessoas com visões únicas e perspectivas brilhantes. Foi justamente isso que percebi ao compartilhar meu vídeo nas redes sociais, recebi comentários de pessoas que não sabiam da iniciativa e adoraram. Pessoas que, por muitas vezes, não têm um contato direto com movimentos artísticos e outras que viram uma oportunidade e incentivo de divulgar o seu trabalho e a sua paixão em uma instituição de força artística, e perceberam, também, que é totalmente aberta ao público, algo que é difícil, hoje, seja no campo físico, seja no virtual. Falar sobre o trabalho de um artista, pensar sobre é sempre um caminho de descobertas, uma relação de aprendizado com quem estuda sobre de quem escuta, aprendendo da mesma forma.

Natyelle Martins da Silva

Estudante do curso de Letras/Libras da UFC - Bolsista PIBI do Núcleo Educativo do Mauc (Prointer/Proplad)

Eu sou Natyelle Martins, estudante do Curso de letras Libras. Participar como “mediadora” das obras na

exposição virtual foi uma tarefa completamente nova e de início extremamente desafiador por ser um novo cenário para o tipo de atividade e, também, por não ser atuante nas redes sociais; porém, foi uma experiência incrível que o Mauc, com sua capacidade, de reinventar proporcionou para toda a sua equipe e para as/os artistas participantes.

Percebo que o contrário de uma mediação em um espaço físico, real, em que é possível um contato direto com o público, a mediação virtual conseguiu atingir pessoas que, no seu cotidiano, não iriam à exposição presencial, visto que aconteceram interações de interesse nos dias em que o vídeo, convidando a conhecer as obras, era postado. Então, acredito que ultrapassamos um limite com essa ação, embora a interação mais aprofundada não tenha acontecido.

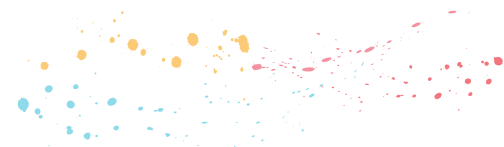
A rotina para gravar as chamadas, por mais simples que era, precisava de uma organização, de concentração e estudo para conhecer a obra e também a/o artista, e ajudou a manter um pouco da normalidade mesmo que em um outro formato neste período de isolamento, realmente uma tarefa de nos reinventar.


Raissa Freitas Alves

Estudante do curso de História da UFC - Bolsista PIBI do Núcleo Educativo do Mauc (Prointer/Proplad)

Durante os meses de abril, maio e junho, enquanto cumpríamos o isolamento social por causa da pandemia de Covid-19, fui responsável por mediar algumas das obras expostas no perfil do Mauc no Instagram. Inicialmente, a ideia foi percebida como um desafio e uma nova oportunidade dentro do conjunto de experiências que me formam enquanto mediadora em constante aprendizagem.

Um desafio, porque não estava habituada a falar em público por meio de vídeo nos stories, e, para a mediação





presencial, é preciso preparar-se para entender do que se trata a(s) obra(s) de que se vai falar. E é muito interessante perceber como nos entrosamos com as pinturas, os desenhos, bordados, as performances que iríamos apresentar, nos conectamos com as expressões ali postas para passá-las ao público. É um exercício muito engrandecedor perceber essa ligação que criamos com as obras antes de comunicá-las.

Também tive a oportunidade de interagir com alguns dos artistas, os quais mediei as obras, como o caso da Tatiana Tavares, a primeira artista a qual mediei no perfil do Mauc, Estêvão Lima, José Lucas Araújo, Úrsula Nóbrega, Anete Mendonça e Bianca Amarantes, minha colega do NEMauc, esses alguns dos quais responderam e repostaram os meus stories que os mencionava. Todos foram muito educados e se mostraram felizes pela atenção que o Mauc teve para recebê-los em suas dependências virtuais.

Mas a mediação não se deu apenas nos momentos de gravar os stories, mas em todo o conjunto. Está ativamente participando das redes sociais do museu, prestigiando cada artista lançado no dia, interagindo com os posts e com os comentários deixados, compartilhando e divulgando os artistas e suas obras, tudo isso formou a mediação virtual que empreendemos durante o isolamento, e a formação contínua de leituras dos artistas da longa duração que compõem o Mauc, e com os colegas por meio das webreuniões também ocorreram durante todos os meses de afastamento presencial do museu.

Tudo isso foi importante para tornar a experiência inusitada e diferenciada mais aconchegante, por mais que houvesse quintas-feiras em que a ansiedade estivesse em alta e fosse preciso um pouco mais de concentração e temperança para gravar. Mas, mesmo nesses momentos, pude contar com o apoio da equipe do Núcleo Educativo, especialmente da Clotilde, Adrielly e Saulo, nosso coordenador. Sempre solícitos, foram algumas das pessoas com quem mais


desabafei nos instantes mais difíceis.

Thainá da Silva Mota

Estudante do curso de História da UFC - Bolsista PIBI do Núcleo Educativo do Mauc (Printer/Proplad)

Em meio à pandemia do Covid-19, a arte tem sido refúgio e abrigo, mas, ainda assim, é instrumento de crítica e reflexão. Sob nossos olhares, apresentamos e representamos a vida a partir do movimento, da estética e da beleza com a qual experimentamos o mundo no qual estamos inseridos e que também nos rodeia. A exposição “Arte em Tempos de Covid-19”, que se configurou remotamente pelas plataformas digitais, permitiu, mais uma vez, que a relação entre o público e o Museu fosse garantida e, mais do que isso, fosse ressignificada por meio de novas espacialidades e novos formatos. Dessa relação, nossa atuação remota optou pela coletividade, incorporando a ação educativa mediada pelo Núcleo Educativo do Museu de Arte da UFC, construindo sentidos e outros saberes em prol desse desafio, que é ser e estar como arte-educador(a) no momento delicado no qual ainda nos encontramos.

Reunindo trabalhos de artistas que têm sua história ligada ao Ceará (nascidos ou residentes no estado), a exposição virtual apresentou ao público uma diversidade de técnicas, cores, projetos, ideias, formas e afetividades, conseguindo um amplo alcance nessa realização. Na minha experiência pessoal, conheci e reconheci artistas iniciantes e também aqueles que já tinham uma longa trajetória artística. Entre eles, tive o prazer de me permitir vivenciar o reencontro com Descartes Gadelha, patrono de uma das salas do Mauc, e lhe (re)apresentar ao público, agora de modo virtual. Também pude dialogar com a arte de outro



grande artista, o professor Pedro Eymar que foi ex-diretor da casa e que representa para o Museu história e experiência.

Nossa metodologia compreendeu a ação educativa como reflexiva, capaz de trazer discussões importantes para os debates que se propunham, tanto no meio artístico, como relacionados a temporalidades, pertencimentos, identidades e enfrentamento à pandemia a partir de variadas perspectivas dos sujeitos que atuaram direta ou indiretamente. Dito isto, também vale aqui destacar a importância que o papel do Museu assumiu ao trabalhar junto à comunidade com a divulgação dos trabalhos dos artistas participantes, dando visibilidade maior às suas produções de forma sensível e profissional.

A ação educativa de mediar virtualmente a exposição também significou a busca de novas abordagens e de novos diálogos acessíveis com a arte, partindo do estímulo ao público de registrar sua interação, por meio dos comentários ou das outras formas de compartilhamento, pelas redes sociais (Instagram e Facebook) da instituição. Dessa experiência, acredito que o Museu se prepara

para experiências futuras e se reatualiza, mantendo a preocupação com a garantia do direito à arte.

É válido, também, pontuar que “Arte em Tempos de COVID-19” surgiu em um contexto de emergência, em que o mundo partilhou a incerteza e o medo inerente à condição humana. Policiando uma possível romantização da pandemia, a exposição nos trouxe uma mobilização artística diferente, aflorada pela situação de isolamento, que definiu a exteriorização de temáticas antes pouco pensadas durante a apreciação cotidiana..

Foi percebendo a transversalidade e a interdisciplinaridade da exposição que a atividade representou para mim um “mar” de possibilidades formativas, por meio das trocas de saberes e dos usos da arte. No mais, lembro também a função social da arte de despertar beleza e também estranheza a nós. “Arte em Tempos de COVID-19” trouxe reflexões caras a nós, desde nossa forma de nos perceber e agir no mundo até nossa relação com o espaço e com o outro, em tom poético e materializado.



MAUC 60 ANOS



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ**
SECRETARIA DE CULTURA ARTÍSTICA



ISBN: 978-65-89839-06-4

td



9 786589 839064